

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL  
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS PROFISSIONAIS E PROCESSOS  
SOCIOPOLÍTICOS NAS MÍDIAS E NA COMUNICAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES

CIRO AUGUSTO FRANCISCONI GÖTZ

**NARRADORES DE FUTEBOL, DOS DESBRAVADORES AOS  
CONTEMPORÂNEOS**

Estilo e técnica da locução no rádio porto-alegrense (de 1931 a 2015)

Porto Alegre

2015

CIRO AUGUSTO FRANCISCONI GÖTZ

**NARRADORES DE FUTEBOL, DOS DESBRAVADORES AOS  
CONTEMPORÂNEOS**

Estilo e técnica da locução no rádio porto-alegrense (de 1931 a 2015)

Dissertação apresentada como requisito para  
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de  
Pós-Graduação da Faculdade de  
Comunicação Social da Pontifícia  
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Doris Fagundes Haussen**

Porto Alegre

2015

CIRO AUGUSTO FRANCISCONI GÖTZ

**NARRADORES DE FUTEBOL, DOS DESBRAVADORES AOS  
CONTEMPORÂNEOS**

Estilo e técnica da locução no rádio porto-alegrense (de 1931 a 2015)

Dissertação apresentada como requisito para  
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de  
Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação  
Social da Pontifícia Universidade Católica do  
Rio Grande do Sul.

Aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA:

---

Profª Drª Doris Fagundes Haussen – PUCRS

---

Prof. Dr. Luciano Klöckner – PUCRS

---

Prof. Dr. Sergio Francisco Endler – UNISINOS

Porto Alegre

2015

## AGRADECIMENTOS

Quando ouvi uma transmissão de futebol no rádio pela primeira vez, em 1993, com 11 anos, não imaginei que poderia crescer tanto como pessoa, ao ponto de escrever uma dissertação de mestrado sobre o assunto. Devo essa paixão pelo rádio ao meu pai Lucio, que ligou, certa vez, o nosso pequeno *Mitsubishi*, presente da avó Isis, na Rádio Guaíba. Foi como mágica. Minha vida mudou completamente e nunca me esquecerei dos primeiros gols narrados por Haroldo de Souza que ouvi e vibrei. Daquele momento em diante, decidi: queria me tornar narrador de futebol.

Considero-me realizado, pois, além de me formar jornalista pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, com muito orgulho, consegui concretizar outro de meus grandes desejos: trabalhar na própria Guaíba. No dia 28 de dezembro de 2009, fui contratado por Luiz Carlos Reche e atuei ao lado de ídolos da minha infância. Percebi que demorou algum tempo para a “ficha cair”. E, nessa caminhada, uma das pessoas que me deu mais apoio para essa realização profissional, foi a minha querida avó Isis (in memoriam). Sem ela, esse sonho nunca teria se tornado realidade. Também não esquecerei de um dos momentos que mais me marcou, quando narrei futebol na cabine Pedro Carneiro Pereira, no Estádio Olímpico, em 2012.

Gostaria de agradecer a todos os meus familiares, em especial aos meus pais Lucio e Tânia e minha irmã Bianca, que fizeram de tudo para que eu pudesse crescer profissionalmente e academicamente, e María Laura Viera Grau, que surgiu na minha vida, no momento certo.

Quero agradecer também a algumas pessoas muito especiais que acreditaram e foram fundamentais para a minha trajetória na pós-graduação. Primeiramente, professora Doris Fagundes Haussen, que, com sua exigência, experiência e amizade, me conduziu a um caminho evolutivo intelectual muito significativo. Obrigado pela sua atenção e compreensão. Obrigado, professor Juremir Machado da Silva, por ter sido uma das pessoas que abriu as portas e me recepcionou com extrema gentileza na Famecos. E, ainda, um abraço fraterno para a querida Lúcia Beatriz Stasiak, que foi uma das pessoas que mais confiou e percebeu o meu interesse em retornar aos estudos. Sem você, Lúcia, nada teria acontecido. Também há outra pessoa a quem dedico este trabalho: Jorge Baltar. Foi Baltar o primeiro profissional que acreditou no meu potencial como narrador de futebol, na Rádio Progresso, em 2007. A todos os envolvidos diretos ou não nesta vitória: muito obrigado!

*“Deus não joga, mas fiscaliza”.*  
(Jorge Alberto Beck Mendes Ribeiro, 1958)

## RESUMO

*Narradores de futebol, dos desbravadores aos contemporâneos: estilo e técnica da locução no rádio porto-alegrense (de 1931 a 2015)* é um trabalho que resgata parte da história da narração, organizada em três períodos: *Desbravador* (1931 a 1958), *Paradigmático* (1958 a 1984) e *Contemporâneo* (1984 a 2015). Buscou-se compreender o passado para entender o presente e projetar reflexões sobre o futuro da narração. Objetivou-se analisar quais fatores influenciaram na evolução da narrativa de futebol e descrever a evolução do estilo e da técnica desses profissionais, com o apoio dos autores Carlos Schinner (2004) e Cyro César (2009), e da capacidade retórica de narradores, conforme Luciano Klöckner (2011) e Daniel Prietto Castillo (1989;1994). Conclui-se que não existe em Porto Alegre uma escola de narração definida. Esta, na verdade, apresenta uma série de ramificações, com estilos dos mais conservadores aos mais liberais na forma de se narrar futebol.

**Palavras-chave:** Comunicação, Rádio, Narração, Futebol, História.

## ABSTRACT

*Narradores de futebol, dos desbravadores aos contemporâneos: estilo e técnica da locução no rádio porto-alegrense (de 1931 a 2015)* is a work that rescues part of the history of football narration. It is organized in three periods: *Pioneer (1931 to 1958)*, *Paradigmatic (1958 to 1984)* and *Contemporary (1984 to 2015)*. It is sought to comprehend the past so to understand the present and to project discussions on the future of narration. Therefore, it is aimed to analyze which factors influenced on the evolution of the narrative of soccer and to describe the narrators' evolution of style and techniques by Carlos Schinner (2004) and Cyro César (2009) and rhetorical ability, by Luciano Klöckner (2011) and Daniel Prietto Castillo (1989;1994). It is concluded that it does not exist one defined school of narration in Porto Alegre. Actually, it presents a number of ramifications of styles, from the most conservative to the most liberal in the way of narrating football.

**Keywords:** Communication, Radio, Narration, Soccer, History.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Ernani Ruschel.....	55
<b>Figura 2</b> – Speaker nº1.....	57
<b>Figura 3</b> – Cândido Norberto no Centenário.....	61
<b>Figura 4</b> – Rádio Guaíba na Copa do Chile.....	86
<b>Figura 5</b> – Mendes Ribeiro na Gaúcha.....	86
<b>Figura 6</b> – Coluna de Mendes Ribeiro – Final da Copa do Mundo de 94.....	88
<b>Figura 7</b> – Radio Wells.....	89
<b>Figura 8</b> – Milton Jung na Guaíba em 1996.....	94
<b>Figura 9</b> – Despedida do Olímpico.....	95
<b>Figura 10</b> – Pedro Pereira e a excursão do Grêmio.....	100
<b>Figura 11</b> – Pedro Carneiro nos anos 1970.....	103
<b>Figura 12</b> – Armindo Antônio Ranzolin (1983).....	110
<b>Figura 13</b> – Haroldo de Souza (1989).....	117
<b>Figura 14</b> – Equipe da Rádio Guaíba na Copa de 1994.....	118
<b>Figura 15</b> – Samuel de Souza Santos (1983).....	124
<b>Figura 16</b> – Santos em ação pela Rádio Galera WEB.....	126
<b>Figura 17</b> – Reforço de luxo para a Guaíba.....	150
<b>Figura 18</b> – Marco Antônio Pereira (1990).....	154
<b>Figura 19</b> – Equipe da BAND (1996).....	159
<b>Figura 20</b> – Mário Lima (2011).....	162
<b>Figura 21</b> – Zé Aldo chega à BAND.....	164
<b>Figura 22</b> – Flávio Dal Pizzol (1996).....	170
<b>Figura 23</b> – Orestes narra pela Guaíba em 1996.....	172

<b>Figura 24</b> – Orestes de Andrade (2010).....	174
<b>Figura 25</b> – Equipe da Gaúcha em 1996.....	179
<b>Figura 26</b> – Equipe da Rádio Gaúcha em 2010.....	181
<b>Figura 27</b> – Marco Antônio Pereira e Pedro Ernesto (2014).....	182
<b>Figura 28</b> – Equipe de Esportes da Rádio Guaíba (1999).....	185
<b>Figura 29</b> – Daniel Oliveira (2015).....	189
<b>Figura 30</b> – André Silva (2013).....	192
<b>Figura 31</b> – Angelo Afonso (2015).....	196
<b>Figura 32</b> – Equipe de narradores da Rádio Grenal.....	200

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>1 A NARRAÇÃO DE FUTEBOL COMO EXPRESSÃO LINGUÍSTICA</b> .....	<b>22</b>
1.1 Daniel Castillo: Retórica e manipulação massiva .....	23
1.2 Luciano Klöckner: Análise Retórica .....	29
1.3 Carlos Fernando Schinner: técnicas fundamentais de narração .....	33
1.4 Rádio: mensagens e linguagens .....	36
1.4.1 Os tipos de vozes .....	37
1.4.2 Elementos e recursos .....	39
1.5 Narração de futebol no rádio porto-alegrense: esquema de análise .....	40
<b>2 OS NARRADORES DESBRAVADORES</b> .....	<b>43</b>
2.1 Válvulas, rádio e futebol em Porto Alegre .....	45
2.2 Ernani Ruschel: Speaker nº1 .....	50
2.3 Cândido Norberto: a primeira transmissão internacional .....	58
<b>3 OS NARRADORES PARADIGMÁTICOS</b> .....	<b>69</b>
3.1 A chegada da TV e a nova fase do rádio .....	74
3.2 Rádio Guaíba e a Rede da Legalidade .....	78
3.3 Mendes Ribeiro: “Deus não joga, mas fiscaliza” .....	82
3.4 Milton Ferretti Jung: Gol, gol, gol – bola no fundo do poço! .....	88
3.5 Pedro Carneiro Pereira: o narrador que virou mito .....	96
3.6 Armindo Antônio Ranzolin: o comandante .....	106
3.7 Haroldo de Souza: Adivinhe! – As bandeiras estão tremulando, tremulando! ...	111
3.8 Samuel de Souza Santos: a tradição do AM na internet .....	121

<b>4 OS NARRADORES CONTEMPORÂNEOS.....</b>	<b>130</b>
4.1 O rádio, a internet e o futebol.....	133
4.1.1 O rádio no caminho da digitalização .....	142
4.2 Marco Antônio Pereira: vibração e descontração.....	149
4.3 Mário Lima: o amigo da galera! .....	156
4.4 José Aldo Pinheiro: o catedrático .....	163
4.5 Orestes de Andrade: o Galo Missioneiro.....	169
4.6 Pedro Ernesto Denardin: “É demais!” .....	175
4.7 Daniel Oliveira: Precisão, emoção e criatividade .....	183
4.8 André Silva: o narrador repórter .....	190
4.9 Angelo Afonso: o futuro da narração esportiva .....	195
<b>5 ESTILOS E TÉCNICAS DA LOCUÇÃO DE FUTEBOL NO RÁDIO PORTO-ALEGRENSE .....</b>	<b>203</b>
5.1 Narradores Desbravadores .....	203
5.1.1 Ernani Ruschel .....	204
5.1.2 Cândido Norberto .....	204
5.1.2.1 1949: Grêmio 3 x 1 El Salvador.....	205
5.2 Narradores Paradigmáticos.....	207
5.2.1 Mendes Ribeiro.....	208
5.2.1.1 1958: Brasil 5 x 2 França.....	208
5.2.2 Milton Ferretti Jung.....	213
5.2.2.1 1969: Vasco da Gama 1 x 2 Santos.....	214
5.2.2.2 1986: Brasil 3 x 0 Irlanda do Norte .....	216
5.2.3 Pedro Carneiro Pereira.....	218
5.2.3.1 1966: Brasil 1 x 3 Portugal .....	219
5.2.4 Armindo Antônio Ranzolin .....	223
5.2.4.1 1975: Internacional 1 x 0 Cruzeiro.....	223

5.2.4.2 1981: São Paulo 0 x 1 Grêmio .....	225
5.2.5 Haroldo de Souza.....	228
5.2.5.1 1976: Internacional 2 x 1 Atlético-MG.....	228
5.2.5.2 2010: Internacional 0 x 2 Mazembe .....	230
5.2.5.3 2015: Internacional 1 x 0 Joinville .....	232
5.2.6 Samuel de Souza Santos .....	234
5.2.6.1 1983: Bolívar 1 x 2 Grêmio.....	234
5.2.6.2 2015: Internacional 2 x 1 Grêmio .....	236
5.3 Narradores Contemporâneos .....	237
5.3.1 Marco Antônio Pereira.....	238
5.3.1.1 1990: Brasil 0 x 1 Argentina .....	238
5.3.1.2 2014: Alemanha 1 x 0 Argentina .....	240
5.3.2 Mário Lima.....	242
5.3.2.1 2011: Internacional 2 x 3 Grêmio .....	243
5.3.2.2 2015: Internacional 2 x 1 Corinthians .....	244
5.3.3 José Aldo Pinheiro .....	246
5.3.3.1 1994: Flamengo 1 x 2 Internacional .....	247
5.3.3.2 2015: Brasil 3 x 1 Venezuela.....	249
5.3.4 Orestes de Andrade .....	250
5.3.4.1 1995: Olimpia 0 x 3 Grêmio.....	251
5.3.4.2 2015: Brasil 3 x 1 Venezuela.....	252
5.3.5 Pedro Ernesto Denardin .....	254
5.3.5.1 2002: Grêmio 3 x 2 Oriente Petrolero.....	255
5.3.5.2 2006: São Paulo 1 x 2 Internacional.....	256
5.3.5.3 2015: Grêmio 1 x 0 Santos.....	257
5.3.6 Daniel Oliveira .....	258
5.3.6.1 2006: Internacional 1 x 0 Barcelona .....	258

5.3.6.2 2015: Grêmio 1 x 0 Santos.....	260
5.3.7 André Silva .....	261
5.3.7.1 2015: Ituano 1 x 2 Internacional.....	261
5.3.7.2 2015: Cruzeiro 0 x 0 Grêmio .....	263
5.3.8 Angelo Afonso .....	264
5.3.8.1 2015: Atlético-MG 2 x 1 Internacional.....	265
5.4 Síntese da retoricidade e estilos de narração de futebol no rádio de Porto Alegre.....	267
5.4.1 Narradores Desbravadores (1931 a 1958).....	267
5.4.2 Narradores Paradigmáticos (1958 a 1984).....	267
5.4.3 Narradores Contemporâneos (1984 a 2015).....	271
5.5 Árvore de referências da narração de futebol no rádio de Porto Alegre.....	277
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>278</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>283</b>
<b>ANEXO (CD) .....</b>	<b>295</b>

## INTRODUÇÃO

A década de 1920 marca o início da história do rádio no Brasil, com a fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, por Roquette Pinto<sup>1</sup>. Em Porto Alegre, a trajetória inicial do meio de comunicação se deu em 1924, com a criação da Rádio Sociedade Rio-Grandense<sup>2</sup>. Nesse período, no âmbito do futebol, já havia uma rivalidade estabelecida entre Internacional e Grêmio<sup>3</sup>. No Brasil todo, o *desporto*<sup>4</sup> criado pelos ingleses se tornava cada vez mais popular. A Seleção Brasileira, por sua vez, já havia conquistado títulos importantes como a Copa América, o torneio de seleções mais antigo do mundo<sup>5</sup>, em 1919 e 1922. Porém, somente após a realização da Copa do Mundo, disputada no Uruguai, em 1930<sup>6</sup>, que aconteceu a primeira experiência de uma emissora de rádio com o futebol. No dia 19 de julho de 1931, Nicolau Tuma narrou o primeiro jogo da história do rádio brasileiro, pela Rádio Educadora Paulista<sup>7</sup>: Combinados de São Paulo contra Paraná. Não demorou para que o mesmo acontecesse no Rio Grande do Sul. No mês de novembro de 1931, Ernani Ruschel narrou, no Estádio da Baixada<sup>8</sup>, bairro Moinhos de Vento, em Porto

---

<sup>1</sup> MOREIRA, Sonia Virgínia. O Rádio no Brasil. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991; César, Cyro. Como falar no rádio: Prática de locução AM e FM. São Paulo. Summus, 2009.

<sup>2</sup> FERRARETTO, Luiz Artur. Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40): dos pioneiros às emissoras comerciais. Canoas. ULBRA, 2002.

<sup>3</sup> Em 1923 e 1924 o Campeonato Gaúcho de futebol não foi realizado, em função da Revolução de 1923. Porém, Grêmio e Internacional disputaram diversos duelos por diferentes torneios, como a Taça Metropolitana, e se enfrentaram diversas vezes, desde 1909 (ano de fundação do Sport Club Internacional). Até 1924, o Grêmio havia conquistado o “Gauchão” em 1921 e 1922. Já o Internacional foi campeão estadual pela primeira vez em 1927, três anos após a criação da Rádio Sociedade Gaúcha. O Campeonato Gaúcho começou a ser disputado em 1919 e o primeiro campeão do Rio Grande do Sul foi o Brasil de Pelotas. Mais informações nos sites: [www.gremio.net](http://www.gremio.net), [www.internacional.com.br](http://www.internacional.com.br) e [www.fgf.com.br](http://www.fgf.com.br).

<sup>4</sup> A palavra *desporto* aqui quer se referir à antiga CBD (Confederação Brasileira de Desportos), fundada em 1914, que organizava todas as modalidades esportivas no país. Com a criação da CBF (Confederação Brasileira de Futebol), em 1979, o futebol passou a ser controlado por uma organização específica.

<sup>5</sup> Ver: <http://www.conmebol.com/pt-br/copa-america-2015-pt>. Foi a primeira Copa do Mundo da história do futebol.

<sup>6</sup> Os Uruguaios foram os responsáveis pela organização do primeiro campeonato mundial de seleções, em 1930. Na grande final, o Uruguai derrotou a Argentina por 4 a 2, no Estádio Centenário, em Montevideu, construído especificamente para a competição. A Seleção Brasileira, entre 13 participantes, terminou na sexta colocação. Mais detalhes acessar: [www.fifa.com](http://www.fifa.com).

<sup>7</sup> SOARES, Edileuza. A bola no ar. São Paulo, Summus, 1994.

<sup>8</sup> “O clube adquiriu seu primeiro campo, a Baixada dos Moinhos de Vento, em 1904. O estádio seria utilizado nos 50 anos seguintes, passando por várias transformações na sua estrutura, agregando pavilhões e arquibancadas, conforme a torcida aumentava e o time ganhava fama nacional e internacional”. Trecho extraído de: <http://www.gremio.net/page/view.aspx?i=historia&language=0>.

Alegre, a partida entre Grêmio e Seleção do Paraná. A irradiação<sup>9</sup> da vitória gremista, por 3 a 1, significou o início de uma prática que nunca mais cessou. Foi a partir desse episódio histórico que o rádio porto-alegrense se tornou testemunha, mediador e transmissor das vitórias da Seleção Brasileira de futebol<sup>10</sup> e da trajetória de conquistas<sup>11</sup> regionais, nacionais e internacionais da dupla Grêmio e Internacional, ao longo dos anos seguintes. Por outro lado, para os ouvintes, o ato de acompanhar o futebol pelo rádio se popularizou e se modificou, conforme o contexto histórico e a evolução da tecnologia. *Narradores de Futebol, dos desbravadores aos contemporâneos: estilo e técnica da locução no rádio porto-alegrense (de 1931 a 2015)* busca recuperar parte dessa história.

É de fundamental importância ressaltar que o resgate histórico proposto visa compreender o passado também como novidade. Este trabalho parte do pressuposto de que é impossível ignorar a relação direta que há entre passado, presente e futuro. Essa relação aconteceu, acontece neste momento e ocorrerá ainda. E para compreender os processos comunicacionais e tecnológicos de 1931 a 2015, é imprescindível levar em conta: o que já foi pensado, o que já foi produzido e o que foi dito. Conforme Marialva Carlos Barbosa (2009, p. 13), “falar em comunicação e história é se referir a dois pressupostos fundamentais que norteiam tanto o ato comunicacional como o ato histórico: narrativa e tempo”. A autora afirma que estudar história não significa apenas explicar sob quais os formatos de análise de que serão abordados, ou, no caso da comunicação, destacar apenas particularidades temporais. A autora propõe a junção, a interdisciplinaridade, o uso conjunto, isto é:

Ainda que a história tenha formulado seu campo de atuação visando o passado, definindo-se muitas vezes como “a ciência dos homens no tempo” – se quisermos aqui nos apropriar da expressão clássica de Marc Bloch –, enquanto a comunicação se refere às relações que envolvem ações presentes, ambas dizem respeito às relações humanas, seja nas sociedades presentes seja passadas. Significa ir em busca da nossa humanidade pelo ato narrativo. O que se faz em comunicação é colocar em evidência os processos comunicacionais numa época comum, o presente vivido, para

---

<sup>9</sup> FERRARETTO, Luiz Artur. Rádio e Capitalismo no Rio Grande do Sul: as emissoras comerciais e suas estratégias de programação na segunda metade do século 20. Canoas, ULBRA, 2007.

<sup>10</sup> A Seleção Brasileira conquistou 5 títulos de Copa do Mundo: 1958 (Suécia), 1962 (Chile), 1970 (México), 1994 (Estados Unidos) e 2002 (Japão e Coreia do Sul).

<sup>11</sup> Dos títulos mais importantes, o Internacional conquistou a Libertadores duas vezes (2006 e 2010), um Mundial de Clubes da FIFA (2006), duas Recopas Sul-Americanas (2007 e 2011), uma Copa Sul-Americana (2008), 3 títulos do Campeonato Brasileiro (1975, 1976 e 1979) e uma Copa do Brasil (1992). O Grêmio também conquistou duas Libertadores (1983 e 1995) e um Mundial Interclubes (1983). Venceu a Recopa Sul-Americana em 1996, dois títulos do Campeonato Brasileiro (1981 e 1996) e quatro Copas do Brasil (1989, 1994, 1997 e 2001).

tentar não apenas explicar essas narrativas, mas compreender as ações desses homens do presente. Ações que só se constituem pelo ato narrativo. (BARBOSA, 2009, p. 13).

É o que este trabalho realiza, isto é, contextualiza acontecimentos passados através de ampla investigação e da descrição de fatos históricos conforme narrativas, documentos, gols, trechos de jogos irradiados, entrevistas, estudos, relacionando essas marcas ao presente. Marc Bloch (1965), autor citado por Barbosa (2009, p. 13), ressalta que pensar em “ciência dos homens” é vago. Não é possível imaginar qualquer ciência sem levar em consideração o tempo. A novidade não necessariamente condiz a alguma coisa recente ou que ainda surgirá. Marialva Barbosa utiliza o termo “momento singular”, que, segundo ela, significa o alargamento do presente. O passado pode ser refeito no presente, assim como o presente no passado e, enquanto isso, o futuro já está ocorrendo. É possível que não se saiba aonde pode-se chegar, como no caso das tecnologias. No passado, sempre houve uma ideia ou projeção de futuro confirmadas ou não. Marialva Barbosa (2009) explica:

Estamos, então, diante da primeira aproximação. São atos comunicacionais do passado que a história procura interpretar, sempre a partir do presente, envolta em outros atos comunicacionais que do presente reconstróem o passado. Se não fosse a ação humana, não haveria possibilidade de encontrarmos as marcas significativas do passado. (BARBOSA, 2009, p. 14).

A história, segundo Marialva Barbosa, está sempre sendo reescrita e, inegavelmente, houve fatores históricos e haverá outros que se destacarão. Esses fatores são regimes de historicidade ou assinaturas da existência humana. Barbosa (2009, p. 18) define historicidade: “é a forma como nos compreendemos humanos na dimensão tempo/espaço e que também se transforma na história”. Na narrativa, o ser humano encontrou diversas possibilidades de construir sua história. Porém, a narrativa, conforme explica, é mais do que um complexo problema de discussão linguística. A narrativa é uma forma de unir passado, presente e futuro, sem generalizar ou destacar apenas o ato de um narrador. A narrativa possibilita uma conexão histórica, através do tempo.

O ato narrativo é a trama que construímos nas múltiplas ações textuais. É a construção de qualquer história que para ser inteligível deve ter começo, meio e fim. O que dá inteligibilidade às histórias que contamos é o fato de estarem organizadas numa trama que torna possível ao outro seguir a história. E isso ocorre invariavelmente nos processos comunicacionais, sejam aqueles que se referem ao nosso aqui e agora (o objeto da comunicação), sejam aqueles

que se referem a um tempo que designamos como passado (a trama da história) (BARBOSA, 2009, p. 19).

Resgatar o passado na sua totalidade é impossível. A história pode ser alterada através de algum vestígio que se torne novidade. O ano de 1931 foi um marco inicial para a narração de futebol em Porto Alegre, quando Ernani Ruschel transmitiu um duelo pela primeira vez. O que importa, segundo Marialva Barbosa, é como a narrativa foi e será reconstruída, através de marcos históricos. A autora chama isso de rupturas, e explica:

[...] seguindo a linearidade dos tempos, essa história precisa percorrer momentos particulares, qualificados como “início incipiente”, desenvolvimento “particular”, construções de um novo tempo governado pela lógica da tecnicidade, implantação de uma imprensa de massa, e assim por diante [...] (BARBOSA, 2009, p. 25).

Segundo Barbosa, (2009, p. 24), o presente pode re-narrar o passado. No caso da comunicação, precisa ser pensada conforme seus diferentes aspectos, atores e ações. Contar a história dos narradores de Porto Alegre, portanto, não é apenas dividir períodos e citar nomes que surgiram ao longo das últimas décadas. Como já explicado, as temporalidades e rupturas são processos naturais de um complexo histórico e o papel dos estudos de comunicação, em diálogo com a história, precisa focar nas práticas que transformam vidas.

Existe um considerável número de obras<sup>12</sup> sobre a narração de futebol no rádio de Porto Alegre, principalmente no meio acadêmico, de onde foram consultadas uma série de teses, dissertações e monografias, explorando variadas temáticas. No que

---

<sup>12</sup> Dos trabalhos consultados: Thiago Xavier Ribeiro (2001) conta parte da história do rádio no Brasil, do Rio Grande do Sul e compara os estilos e as técnicas dos narradores Haroldo de Souza, Pedro Ernesto Denardin e Daniel Oliveira. Haroldo de Souza e Pedro Ernesto também são temas semelhantes das pesquisas realizadas por Gilson Pinto Alves (2009) e Poliana Patrícia Glienke (2012). Foram encontrados ainda mais dois trabalhos que realizam análises de discurso mais específicos da locução de Pedro Ernesto. O discurso de abertura de jornada esportiva de Denardin foi trabalhado pelo autor Samuel Estevão Pretto dos Santos (2008). Por sua vez, Pedro Henrique Pavan (2011) optou por estudar a identidade cultural gaúcha na voz desse locutor. Eduardo Erdmann Valls (2000) realiza um estudo das coberturas de futebol nas décadas de 50, 60, comparando essas décadas com o início dos anos 2000. Ana Paula Soares Lopes da Silveira (2006) analisa a linguagem popular em relação ao rádio e ao futebol. Ricardo Andrade Grecellé (2003) compara as narrações de futebol entre o rádio e a TV, semelhante às propostas de Vanessa Costa Pinto (2008), Agnelo Junchem Filho (2006) e Eduardo Vitelo Pereira (2006). Maurício Ferronato Nardi (2004) analisa a recriação da realidade na narrativa de futebol do rádio. Fabiano Baldasso (2005) busca o entendimento dos processos de transformação da narrativa de futebol no rádio. Fernando Zanuzo (2009) apresenta um trabalho de cunho histórico sobre a função de narrador esportivo e analisa características sobre a locução. Por fim, ainda foi levado em consideração o trabalho de Diogo Proença Rossi (2015), que busca compreender a narração de futebol feita no rádio atualmente, com preocupação em destacar como a transmissão ocorre em Porto Alegre.

diz respeito à contextualização histórica<sup>13</sup> como ferramenta de trabalho para este estudo, existem dois autores a serem destacados. Uma das dissertações mais completas sobre a trajetória do rádio esportivo porto-alegrense foi produzida por Jamile Gamba Dalpiaz (2002). Este estudo se tornou referência para diversos autores, em destaque a Luiz Artur Ferraretto. *O futebol no rádio de Porto Alegre (um resgate histórico: dos anos 30 à atualidade)* descreve e organiza detalhadamente a trajetória do rádio da década de 30 até o início dos anos 2000.

A pretensão, inicialmente, seria de mapear toda a história da narração de futebol no rádio de Porto Alegre. Porém, optou-se por delimitar nomes que, de alguma forma, tiveram e têm expressão histórica, como percebido através do longo resgate bibliográfico citado anteriormente. A história desses narradores é apresentada em três períodos distintos: *Narradores Desbravadores, Paradigmáticos e Contemporâneos*. Se entende que, desta forma linear no tempo, é possível traçar uma linha organizada de uma trajetória evolutiva da narração, levando em conta o panorama histórico de cada período apreciado. Busca-se compreender o passado para entender o presente e projetar reflexões sobre o futuro da narração. Com a intenção de aprofundar o estudo desses três períodos, recorreu-se a um extenso levantamento de fontes primárias, tais como documentos, revistas, jornais, documentos *online*, documentos sonoros (narrações de lances de jogos, de gols, entrevistas e depoimentos), e entrevistas com os narradores escolhidos para este trabalho, dentro das possibilidades. Tem-se, portanto, como objetivo principal, contar parte da história da evolução da narração de futebol no rádio de Porto Alegre, de 1931 a 2015. E para atingir o objetivo desta obra, foram necessários os seguintes passos:

- Mapear os contextos históricos e o desenvolvimento tecnológico das transmissões de futebol no rádio porto-alegrense.

---

<sup>13</sup> Outra obra de contextualização ampla e que será referenciada trata-se de *Uma Voz A Serviço Do Rio Grande: Fragmentos Identitários Do Gaúcho Na Programação da Rádio Guaíba Am de Porto Alegre*, de autoria de Cláudio Costa Mércio (2008). Mércio traz detalhes sobre a Rádio Guaíba com uma visão bastante ampla, sob o viés histórico do rádio gaúcho, desde os anos 20. Há ainda a se destacar uma das mais recentes obras acadêmicas sobre narração de futebol: *A Narração Esportiva (futebol) em Televisão: o caso da RBS TV*. Este trabalho foi produzido por Luis Gustavo Manhago (2011). Apesar do estudo de Manhago possuir foco voltado para a narração pela televisão, em algum momento, também destaca a importância que o rádio teve no desenvolvimento histórico da narração. Um dos locutores de maior destaque na pesquisa em questão é Celestino Valenzuela, locutor que ficou famoso pelo bordão “Quiiii laance!!!”, conforme descreve Manhago (2011, p. 51). *Que Lance!* é, justamente, título de obra lançada pelas autoras Eduarda Streb e Rafaela Meditsch, em 2014, a qual conta a trajetória do narrador que, da rádio Farroupilha em 1958, transferiu-se para a TV Piratini, em 1959.

- Detalhar a trajetória histórica de personagens da narração de futebol do rádio de Porto Alegre

- Descrever a evolução do estilo, da técnica e da capacidade retórica de narradores

Na primeira parte deste trabalho, sob o ponto de vista do estudo da retórica, termo que surgiu através de um texto de mesmo nome, desenvolvido pelo filósofo grego Aristóteles (KLÖCKNER, 2011), Daniel Prietto Castillo (1994 e 1989) e Luciano Klöckner (2011) apresentam um extenso conjunto de classificações, que será utilizado para especificar e compreender a capacidade retórica dos narradores estudados neste trabalho.

Sobre os estilos e técnicas dos locutores selecionados, são apresentadas as classificações propostas por Carlos Fernando Schinner (2004). E já que se trata de um estudo sobre a narração, nada mais correto do que analisar também a principal ferramenta de trabalho dos profissionais da locução: a voz. Condições de ritmo e voz, plasticidade e sonoplastia são observados do autor Cyro César (2009). No tópico 1.5, Narração de Futebol no rádio porto-alegrense: Esquema de Análise, são explicados como os critérios de classificação de retórica, estilos e técnicas, foram empregados no processo de análise dos narradores.

A segunda parte deste trabalho contextualiza de que forma a narração de futebol se estabeleceu em Porto Alegre, entre as décadas de 1920 e 1940, de onde são apresentadas as histórias de Ernani Ruschel, que narrou Grêmio e Seleção do Paraná, em 1931, e Cândido Norberto, sem deixar de citar outros nomes como Farid Germano, que integram o período dos *Narradores Desbravadores*.

Entre os *Narradores Paradigmáticos*, são destacados, na terceira parte, locutores que perpetuaram a narrativa de rádio porto-alegrense entre os períodos que compreendem as décadas de 1950 a 1970, tais como Pedro Carneiro Pereira, Mendes Ribeiro, Armindo Antônio Ranzolin e Haroldo de Souza.

No quarto capítulo, *Narradores Contemporâneos*, este trabalho conta a história de locutores que, dos anos 1980 até a segunda década do Século XXI, estão dando continuidade à trajetória da narrativa de futebol no rádio de Porto Alegre, como Marco Antônio Pereira, Mário Lima, Daniel Oliveira e Angelo Afonso.

O quinto e último capítulo deste trabalho apresenta a avaliação geral da evolução da narração de futebol no rádio de Porto Alegre, da década de 1930 até 2015. Destacam-se, ainda, quais características, estilos, técnicas e estratégias retóricas perpetuaram-se ou não até este momento. Neste capítulo, também são apresentadas as sínteses da retoricidade e estilos da narração de futebol no rádio de Porto Alegre e a *Árvore de Referências*, que se trata de um diagrama que, graficamente, representa as influências entre os locutores dos períodos *Desbravador*, *Paradigmático* e *Contemporâneo*. Do primeiro período, é analisado o jogo Grêmio 3 x 1 Seleção de El Salvador, narrado por Cândido Norberto, em 1949.

No período paradigmático, são avaliados os confrontos narrados por Mendes Ribeiro (Brasil 5 x 2 França, de 1958), Milton Ferretti Jung (Vasco da Gama 1 x 2 Santos, de 1969, e Brasil 3 x 0 Irlanda do Norte, em 1986), Pedro Carneiro Pereira (Brasil 1 x 3 Portugal, de 1966), Armindo Antônio Ranzolin (Internacional 1 x 0 Cruzeiro, em 1975, e São Paulo 0 x 1 Grêmio, de 1981), Haroldo de Souza (Internacional 2 x 1 Atlético Mineiro, de 1976, Internacional 0 x 2 Mazembe, de 2010, e Internacional 1 x 0 Joinville, de 2015) e Samuel de Souza Santos (Bolívar 1 x 2 Grêmio, de 1983, e Internacional 2 x 1 Grêmio, em 2015).

E, por fim, no período contemporâneo, foram estudados os jogos narrados por Marco Antônio Pereira (Brasil 0 x 1 Argentina, de 1990, e Alemanha 1 x 0 Argentina, de 2014), Mário Lima (Internacional 3 x 2 Grêmio, em 2011, e Internacional 2 x 1 Corinthians, de 2015), José Aldo Pinheiro (Flamengo 1 x 2 Internacional, em 1994, e Brasil 3 x 1 Venezuela, 2015), Orestes de Andrade (Olimpia 3 x 0 Grêmio, em 1995, e Brasil 3 x 1 Venezuela, em 2015), Pedro Ernesto Denardin (Grêmio 3 x 2 Oriente Petrolero, 2002, São Paulo 1 x 2 Internacional, 2006, e Grêmio 1 x 0 Santos, em 2015), Daniel Oliveira (Internacional 1 x 0 Barcelona, de 2006, e Grêmio 1 x 0 Santos, em 2015), André Silva (Ituano 1 x 2 Internacional e Cruzeiro 0 x 0 Grêmio, ambos em 2015) e Angelo Afonso (Atlético Mineiro 2 x 1 Internacional, em 2015).

Nas Considerações Finais, quer-se retomar os caminhos percorridos a partir de 1931, de forma que toda a contextualização histórica e a análise teórica propostas contribuam não de forma definitiva, mas possibilitem uma compreensão mais aprofundada entre o passado e o atual momento da narração de futebol no rádio de Porto Alegre.

O interesse por este resgate histórico e de análise da narração de futebol no rádio porto-alegrense, pode-se dizer, surgiu antes mesmo do ingresso deste

proponente no universo da pesquisa científica. A partir da trajetória pessoal como ouvinte de rádio e profissional da área, tendo este<sup>14</sup> atuado como narrador, quer-se compreender a narração de futebol além da perspectiva de experiência individual.

Como já referido, *Narradores de Futebol, dos desbravadores aos contemporâneos: estilo e técnica da locução no rádio porto-alegrense (de 1931 a 2015)* apresenta apenas uma parte da trajetória da narração de futebol no rádio de Porto Alegre. Porém, as intenções deste trabalho foram de apreciar ao máximo tudo aquilo que foi produzido sobre o assunto, de uma forma mais ampla, linear e organizada e que, de alguma forma, se torne útil tanto para a academia, quanto para os leitores interessados em ampliar seus conhecimentos de uma história que começou há 84 anos.

---

<sup>14</sup> Ciro Augusto Francisconi Götz é jornalista formado pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2007). Em 2006, iniciou a carreira radiofônica na Rádio Progresso AM 1530, em São Leopoldo. Atuou, em 2008, na Rádio ABC, de Novo Hamburgo. Em 2009, transferiu-se para a Rádio Guaíba, de Porto Alegre, onde permaneceu até 2013. Nesse mesmo ano, integrou a equipe esportiva da Rádio Grenal, do grupo Pampa de Comunicação. Em março de 2014 ingressou no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como mestrando e bolsista integral, pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul.

## 1 A NARRAÇÃO DE FUTEBOL COMO EXPRESSÃO LINGUÍSTICA

Existem diversas definições para o que significa ser um narrador, ou, como esse profissional deve atuar. Conforme Cyro César (2009), um locutor completo é aquele que não apenas descreve o acontecimento, mas que consegue, ao mesmo tempo, informar, comentar e transmitir emoções aos ouvintes. O narrador, segundo o autor, deve possuir amplos conhecimentos de outros esportes tais como a fórmula 1, basquete ou vôlei, por exemplo. Barbeiro e Rangel (2006) concordam com as colocações de Cyro César e acrescentam que o locutor deve ter a capacidade de criar imagens na mente dos ouvintes. Espetáculo é o termo também utilizado por Edileuza Soares (1994) em sua definição de locução. Segundo a autora, em muitos casos, a narração superaria até mesmo a “realidade de mundo”. As exigências aos narradores de futebol, objetos de estudo deste trabalho, são praticamente as mesmas para os locutores de outras modalidades esportivas, como os autores pesquisados explicam. A diferença está, justamente, nas regras de cada prática esportiva.

Na busca de uma classificação da narração, uma das obras mais consultadas por estudantes, pesquisadores e professores é o livro *A Bola no Ar: O Rádio Esportivo em São Paulo*. Lançado em 1994, trata-se da dissertação de mestrado de Edileuza Soares<sup>15</sup>, na qual a autora conta parte da história da narração esportiva do estado de São Paulo. Além de contextualização histórica e biográfica, o livro apresenta uma divisão de estilos de narração em duas escolas: denotativa e conotativa. Como método de estudo e análise, Edileuza Soares relacionou a narração esportiva, seu objeto, com as definições de conotação e denotação apresentadas por Teixeira Coelho (2001) na obra *Semiótica, Informação e Comunicação*. Denotação e conotação, conforme Teixeira Coelho, podem ser descritos como fenômenos de um signo. Há denotação quando acontece uma significação direta entre signo e seu objeto. Por sua vez, a conotação, segundo o autor, ocorre no instante em que uma série de outros significados juntam-se à relação entre signo e objeto. Quanto ao signo, este se define como aquilo que representa alguma outra coisa. Conforme explica Edileuza Soares (1994), reforçado por Luiz Artur Ferraretto (2014), na escola denotativa, os

---

<sup>15</sup> Existem outros autores que apresentam estudos semelhantes. Além da obra *A Bola, o rádio esportivo em São Paulo*, de Edileuza Soares (1994), já citado, também existe a obra *Manual do Jornalismo Esportivo*, de Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel (2013), que amplia conceitos para as mídias televisiva e escrita, além das radiofônicas.

narradores transmitem os sentidos de forma literal. Já na escola conotativa, o signo pode apresentar leituras de formas diferenciadas, por exemplo, através do uso de metáforas. Em 1974, Maria do Carmo Leite de Oliveira Fernández na obra *Futebol – fenômeno linguístico*, apresenta um estudo que diz respeito ao significado da mensagem – futebol – como a compreensão de outros significados. A autora analisa a linguagem da imprensa escrita, mas leva em conta termos, conforme ela, nomes consagrados pelo rádio e televisão. A obra apresenta uma série de terminologias do futebol em listas comparativas entre denotação e conotação. Luiz Artur Ferraretto (2014), por sua vez, diz que a narrativa esportiva encara o futebol como uma celebração, uma festividade, aos moldes do sentimento dos torcedores. Ferraretto se refere à questão da emoção que, de acordo com Carlos Fernando Schinner (2004, p. 80), “é o combustível mais importante do ser humano, pois funciona como gatilho de todos os sentimentos”.

### 1.1 Daniel Castillo: Retórica e manipulação massiva

Daniel Prietto Castilho (1989, p. 5), em relação ao rádio, manifestou a seguinte hipótese: “o meio imita a gente, e não o inverso”. É dessa forma que o autor inicia a obra *La Expression Verbal en la Radio*. O objetivo, conforme explica Castillo (1989, p. 6), é “chamar atenção sobre velhos e novos recursos expressivos que o rádio não pode prescindir”. Expressão verbal, explica o autor, está relacionada à capacidade do orador de organizar um discurso, organizar sentenças, enfatizar temáticas e dirigir-se ao público. Sobre a narratividade, o autor acrescenta, que está ligada à habilidade de formar e tornar um discurso atrativo. E para funcionar, o discurso necessita apresentar aspectos cotidianos, que tenham relação direta com o público receptor<sup>16</sup>.

Daniel Castillo afirma:

O orador precisa se expressar bem porque quer algo do público. O orador busca conquistar o público em relação a um determinado tema. Busca persuadi-lo com relação a algo. Assim, podemos ampliar um pouco nossa primeira definição: a retórica é a arte de expressar-se bem para persuadir a um público (CASTILLO, 1994, p. 21).

---

<sup>16</sup> As observações formuladas por Castillo (1989) são baseadas, conforme o autor explica, nas teorias de três autores por ele utilizados: o texto de Rudolf Arnheim (1936), *Estética Radiofônica*, de Miquel de Moragas (1976), *Semiótica e Comunicação de Massas*, e o trabalho de Rosa María Alfaro dedicado às distintas audiências de Lima (capital do Peru).

De acordo com o autor, o sentido de uma narrativa possui uma intenção imediata, porém, as mensagens permitem o uso de outras terminologias que podem chegar ao mesmo sentido inicial. Esse é um recurso muito próprio da retórica. Pode-se, por exemplo, iniciar uma sentença através de uma colocação em âmbito universal, para que se chegue a uma individualização. Principalmente no Jornalismo, existe um compromisso básico da informação. Porém, como afirma Castillo, nem sempre a informação está em primeiro lugar. Em alguns momentos nem acontece. No caso das imagens, por exemplo, a retórica de forma alguma objetiva algum sentido. Sempre existe uma relação narrativa de representatividade, de algo que ser dito em relação a outro fato. Geralmente, o que se pretende através da retórica é, simplesmente, influenciar. Dessa maneira, Castillo afirma que o comunicador é um influenciador por natureza. É importante enfatizar, mesmo que o comunicador não tenha a intenção de persuadir, de alguma forma pode estar criando algum tipo de poder de convencimento. O público ouvinte de futebol no rádio geralmente tem suas predileções por emissoras, por narradores, enfim, por profissionais responsáveis pela transmissão de jogos. Conforme Castillo, o público, ao longo do tempo, vai se acostumando com certos formatos, porém segue fiel, pois a capacidade retórica dos locutores lhes proporciona, emotivamente, expectativas de acontecimentos que virão a seguir. E aí está o poder do locutor, de continuar mantendo a atenção desses ouvintes, mesmo que a transmissão seja a mais repetitiva possível. É produzida toda uma forte estrutura narrativa com características padronizadas, onde são os pequenos detalhes bem explorados que poderão fazer toda a diferença numa transmissão. Existe sim o objetivo de informar, mas nada disso sem enfatizar um laço emotivo com os ouvintes. Basicamente, a principal expectativa em torno de uma jornada de futebol pelo rádio centra-se na espera pelo gol. Mas em uma transmissão há muito mais do que simplesmente contar que um gol aconteceu.

Segundo Daniel Castillo, a retórica possibilita ainda o que podemos chamar de teatralização, isto é, o desenvolvimento de personagens. Esses personagens, dependendo do enfoque da mensagem, poderão apresentar variados papéis. Levando em conta essa possibilidade retórica para a transmissão de futebol no rádio, é, de fato, uso frequente dos narradores a criação de figuras de apelo. E conforme Castillo, os atos definem os personagens. Pode ser o “juiz ladrão”, o “artilheiro herói”, o “goleiro frangueiro”, enfim, termos carregados de adjetivos que possuem uma intenção, construir personagens. Os papéis são amplos e os personagens podem encarar

diversos papéis e promover muitas ações. Os personagens podem ser utilizados como modelos, como o autor explica:

E quando o mencionado herói tem uma função ideológico-persuasiva, quando aparece como um modelo de um sistema de vida, tal vitória é uma maneira de fazer vitoriosa aquela ideologia e aquele sistema. Pelo mesmo, a derrota qualifica o antagonista, o define, o apresenta ante o perceptivo de uma determinada forma (CASTILLO, 1994, p. 61).

Para a análise sob o ponto de vista retórico, Daniel Castillo (1989, p. 21 – 35) apresenta uma série de recursos expressivos, de forma a compreender as relações entre rádio e ouvintes. O autor afirma que o uso da retórica na comunicação serve para programar ou elaborar uma mensagem que seja efetiva para persuadir um certo público. A retórica é um ato de interesse. Porém, frisa o autor, que nem sempre a persuasão é organizada através de uma atitude retórica. Castillo propõe que se reflita sobre a retórica de uma forma mais ampla, no sentido de se pensar com uma posição crítica. Diz ele que em sua obra não interessa o especialista, mas “o homem do cotidiano, o que fala do falado, o que diz do dito, o que sabe do sabido” (CASTILLO, 1994, p. 106). A forma como o orador irá expressá-los que chamará ou não a atenção dos ouvintes. Pode-se dizer que, no caso do futebol no rádio, se não houver uma maneira diferente de se chamar a atenção da recepção, não haverá adesão. Existe uma grande dificuldade para isso, principalmente em função do improviso, tão necessário para as transmissões de rádio.

Castillo define o significado de retórica:

[...] a palavra retórica vem de rétor que significa orador, e sabemos também que uma tradução generalizada daquela que é “a arte da oratória”, a arte de se expressar corretamente em público (CASTILLO, 1994, p. 21).

O autor organizou as diferenças entre recursos expressivos em 13 tópicos:

**1 – Universalização:** Conforme explica Castillho, a universalização generaliza e classifica grupos, por exemplo, por sexo, profissão, por localidades, por paixões clubísticas, pela música, entre outros. Busca essa classificação abrigar o maior número de indivíduos possíveis a um só grupo identificado. Em uma jornada esportiva, esse critério é simples de ser observado, no momento que uma transmissão é destinada à torcida do Grêmio ou do Internacional, por exemplo. Muitos narradores de

futebol utilizam em suas transmissões o recurso metafórico “metade do Rio Grande”, com a intenção de manter imparcialidade diante da rivalidade entre colorados e gremistas. A imparcialidade, como exemplificou esse caso, é fundamental nesse critério de universalização, pois, conforme Castillo, a generalização pode ser perigosa, caso apareça com muita frequência ao discriminar alguns grupos em relações a outros.

**2 – Via de exemplo:** Castillo (1989, p. 22) diferencia esse critério do primeiro no sentido de que, se na universalização procede-se de forma dedutiva, a via de exemplo funciona de forma indutiva, isto é, através de exemplos de vida individuais que, dependendo do enfoque, podem generalizar todo um grupo. Um exemplo seria afirmar: “um jogador de futebol fatura muito dinheiro”. Portanto, “os jogadores de futebol devem atuar sempre em alto nível, pois ganham para tanto”. Essa hipótese estaria generalizando toda uma categoria, em função de exemplos pontuais, sem considerar as variadas implicações dessa categoria de trabalho. Castillo explica que exemplos como esse acontecem, pois há uma forte tendência em se generalizar pontualmente. Outras características da via de exemplo estão relacionadas a supervalorizar personagens ou representatividades. Afirmativa bastante comum durante o período de eleições é políticas: “seu voto é tão importante que vale por todos”.

**3 – Tópicos:** São as frases feitas, como classifica Castillo (1989, p. 23), ou frases prontas que circulam constantemente. São os chamados lugares comuns observados tanto socialmente, como midiaticamente. Os ditados populares são exemplos do que o autor chama de tópicos: “Deus ajuda quem cedo madruga”. CASTILLO (1989, p. 23).

**4 – A Redundância:** Castillo afirma que a redundância tem dois lados. Primeiro que implicaria na desqualificação da quantidade de informação. Por outro, é bastante útil para uma compreensão de mensagem, conforme o formato, a intenção, a emissão e a recepção. No rádio a redundância, explica, é constante. No caso do futebol, objeto deste estudo, é amplamente comum.

**5 – Personalização:** É a forma como o orador se dirige aos ouvintes, em particular. Em uma transmissão futebolística pelo rádio, os narradores transmitem em função de públicos específicos, conforme a maneira como se expressam.

**6 – Despersonalização:** É uma fórmula de expressão no rádio sem um sujeito destinatário específico, mas universal. É um discurso justificado para todos.

**7 – Inclusão:** Castillo explica que são as formas como o locutor se envolve em uma ação coletiva ou individual, identificando-se com algum grupo. Na narração de futebol de Porto Alegre, como será ampliado na sequência deste estudo, não há, a exemplo de São Paulo e Belo Horizonte, uma preferência declarada por algum clube. Porém, durante as transmissões, os locutores procuram integrar-se aos ouvintes na questão que envolve todo um sentimento de necessidade da vitória. Também é critério de inclusão identificar-se com a empresa onde se atua profissionalmente, por exemplo, “somos todos membros dessa grande família radialística”. (CASTILLO, 1989, p. 25.)

**8 – A Pergunta:** Útil e ampla no rádio, serve para estabelecer um diálogo que não necessite, especificamente, de uma resposta. Geralmente os locutores utilizam esse recurso para fortalecer um laço e conquistar a fidelidade dos ouvintes.

**9 – Amplificação:** Nas transmissões de futebol, a amplificação é muito comum, principalmente em forma de metáforas. Serve para enfatizar as ações de personagens, fatos ou situações. Exemplos: “Este atacante está voando em campo. O travessão está balançando até agora. A bola entrou como um foguete”.

**10 – Atenuação:** É um mecanismo que também justifica ações, porém, suavizando um ato. No futebol pelo rádio um exemplo poderia ser: “o zagueiro atuou muito seguro na partida passada, mas ainda não passa confiança para a torcida”.

**11 – Divisão:** Com a divisão, segundo explica Castillo, o locutor tem a possibilidade de ampliar o que seria dito em poucas palavras. Serve para sustentar a atenção dos ouvintes. É o que acontece no futebol. Como se trata de um formato descritivo, a narração de futebol precisa ser ampliada para que não haja espaços. A narração, como explicada por Schinner (2004), precisa desenhar na mente dos ouvintes todo um panorama de jogo. E para que isso aconteça, o narrador precisa ter a capacidade e conhecimentos apurados para ampliar o que seria simplesmente óbvio.

**12 – Acumulação de Palavras:** Este critério é, na verdade, uma ampliação da divisão. Consiste em acumular substantivos, adjetivos, qualificações verbais, enfim, para enriquecer sentenças. Na narração de futebol um exemplo pode ser a descrição de um gol. Ao invés de apenas informar que um gol aconteceu, o narrador pode ampliar uma sequência de acontecimentos que fizeram com que o gol acontecesse.

**13 – Figuras Retóricas:** Segundo Daniel Castillo (1989, p. 28), as figuras retóricas são recursos utilizados para realçar e “dar coloridos” ao que será dito. O autor divide as figuras retóricas em oito tipos:

**a) Figura de comparação:** Figura de fácil compreensão que serve para dar maior realce a um sujeito. Exemplo de uma transmissão seria dizer: “o goleiro é uma parede”.

**b) A Metáfora:** Uma das formas mais empregadas para enfatizar e expressar-se de forma singular, poética e criativa. O mesmo exemplo anterior sobre o goleiro que parece uma parede pode ser explicado da seguinte forma: A metáfora parede significa que o goleiro é habilidoso e possui muitos reflexos para defender seu time de gols adversários. A metáfora estabelece reconhecimentos, familiaridade, curiosidade, chama a atenção.

**c) A Sinédoque:** Significa aludir ao todo, mediante a menção de uma parte. É muito comum no rádio. Pode-se dizer em uma transmissão: “os rostos felizes dos torcedores”. Ou também outro exemplo comum em transmissões esportivas: “o meia cobrou a falta e a bola passou raspando a trave esquerda. A torcida tirou essa com os olhos...”.

**d) A Hipérbole:** Linguagem coloquial onde há uma orientação ao exagero. Um dos termos mais comuns no rádio para exemplificar a hipérbole: “a rádio de maior audiência do Rio Grande do Sul...”.

**e) A Antítese:** A antítese é o confronto de personagens, situações, fatos, qualidades ou objetos. Exemplos de uso: Deus x Diabo, bem e mal, tristeza e felicidade, o time da casa e o adversário, Argentina x Brasil, Grêmio x Inter. Possui caráter de “rivalidade” e o conceito de qualidade é subjetivo.

**f) Antonomasia:** É a substituição de um nome próprio por um comum. É o apelido, atributo comum para referir-se a alguém. Serve, geralmente, para generalizar a qualidade ou defeito de alguma pessoa. Segundo Castillo (1989, p. 31), também pode ser utilizado como forma de relação de afeto, admiração, contrariedade. Exemplos são diversos. No futebol são muito comuns os apelidos, por exemplo: o “baixinho” Romário, Gérson, o “Canhotinha de Ouro”...

**g) A Gradação:** Acontece, geralmente, numa sucessão de palavras, como em um relato. Exemplo: O jovem finalmente recebeu uma chance. Saiu do banco, entrou no final do jogo, fez o gol da vitória e foi aos braços da torcida...”.

**h) Hipérbato:** Segundo explica Castillo (1989, p. 32) é uma variação da ordem das palavras. É bastante comum no rádio. Geralmente acontece durante longos discursos improvisados. É bastante frequente, nos casos dos narradores de futebol, a

interrupção de uma sequência lógica. Porém, o discurso é retomado de outras formas sem perder o sentido inicial.

Estas são, portanto, as 13 divisões de recursos expressivos identificados por Daniel Castillo, sendo que, conforme o autor, as figuras retóricas podem se dividir ainda em mais oito diferentes formas. Os detalhes classificatórios de Castillo podem ser entendidos como ferramentas de persuasão que, utilizadas de forma variável, possuem a capacidade de tornar alguma situação atrativa, de causar impacto, ou influência. O uso da retórica pode proporcionar, entre outras situações, por exemplo, laços emotivos ou de fidelidade. As figuras de apelo, dependendo da forma como são utilizadas, definem ou não personagens e histórias que variam, do mais próximo ao mais distante da realidade.

Os narradores selecionados para este estudo têm, em comum, receptores base, que são: ouvintes torcedores gremistas, colorados e, eventualmente, simpatizantes da Seleção Brasileira. No âmbito do rádio de Porto Alegre, é para esses torcedores, fundamentalmente, que são destinadas as mensagens narrativas.

## 1.2 Luciano Klöckner: Análise Retórica

Na obra *Nova Retórica e Rádio Informativo, Estudo das programações das emissoras TSF-Portugal e CBN-Brasil*, o autor Luciano Klöckner (2011) propõe o uso de uma metodologia de análise retórica através do que denomina de grade hierárquica de retoricidade e níveis de argumentação nas mensagens do rádio informativo. Klöckner (2011, p. 29) também apresenta a recuperação da retórica:

Retórica é um texto do filósofo grego Aristóteles, de Estagira. É composto por três livros (I: 1354a - 1377b, II: 1377b - 1403a, III: 1403a - 1420a). Ao que tudo indica, o objetivo de Aristóteles com a Retórica foi oferecer tratamento eminentemente filosófico ao tema em oposição ao tratamento descuidado que retores e sofistas daquele tempo conferiam ao tema. De modo mais específico, muitos acreditam que a reflexão aristotélica foi uma resposta à concepção retórica de Isócrates de Atenas. Ao contrário de Platão, que no diálogo Górgias condena a retórica e no diálogo Fedro subordina a retórica à filosofia, a investigação aristotélica procura conferir autonomia para a técnica retórica, desvinculando-a da vigilância da filosofia (coisa que Platão discordava por considerar a retórica eticamente perigosa). Para Aristóteles, "a retórica é a outra face da dialética; pois ambas se ocupam de questões mais ou menos ligadas ao conhecimento comum e não correspondem a nenhuma ciência em particular, o seu objeto é o verossímil ou o provável, diferenciando-se da demonstração ou analítica, que trata do necessário e do verdadeiro. De fato, as pessoas de alguma maneira participam de uma e de

outra, pois todas elas tentam em certa medida questionar e sustentar um argumento, defender-se ou acusar" (Rhet., I, 1354a).

A grade proposta por Klöckner foi elaborada levando em conta as análises e técnicas de estudo retórico propostos por Leach (2002) e Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996). Se compreende que, para a análise dos narradores que se seguirá neste trabalho, o uso da grade é completamente pertinente, a ponto de trabalhar em conjunto com a classificação de recursos expressivos de Daniel Castillo. Desta forma, este estudo da narração apresenta uma avaliação ainda mais criteriosa e individual em relação aos locutores observados. Conforme explica Klöckner (2011, p. 66), a grade pretende auxiliar na leitura e compreensão das mensagens, permitindo avaliar com mais precisão possível quais as estratégias e níveis de argumentação das mensagens irradiadas. A grade serve perfeitamente como base de análise, no que se refere à locução de futebol no rádio, pois esta carrega uma diversidade de possibilidades de sentidos, sejam eles persuasivos ou não.

Klöckner (2001, p. 67)<sup>17</sup>, conforme base em Leach (p. 296), indica quais são os passos para a construção de uma análise de retoricidade:

- 1- Em primeiro lugar, se deve levar em consideração o contexto.
- 2- Após a identificação contextual, é necessário reconhecer a qual dos três gêneros persuasivos pertence o discurso: **judicial/forense (dos tribunais), deliberativo (arena política), epidéitico/epidíctico (temas contemporâneos)**.
- 3 - Aplicação dos cinco cânones da retórica:
  - a) **Invenção** – que é a origem dos argumentos: *ethos*, a credibilidade do autor, *pathos*, o apelo à emoção, e o *logos* e a lógica dos argumentos.
  - b) **Disposição** – a organização do discurso
  - c) **Estilo** – o modo próprio de apresentar o discurso: metáfora e analogia, metonímia e sinédoque.
  - d) **Memória** – acesso do locutor ao conteúdo da fala.
  - e) **Apresentação** – que explora a relação entre a propagação de um trabalho e o seu conteúdo.

---

<sup>17</sup> As classificações elaboradas por Klöckner foram utilizadas neste estudo na sua forma de escrita integral.

Na sequência da proposta, Klöckner (2011, p. 68 a 69)<sup>18</sup> apresenta um método de análise baseado nas Técnicas Argumentativas de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), e que são os seguintes.

**Argumentos Quase-Lógicos:** Aqueles que se comparam a raciocínios formais, lógicos ou matemáticos, e daí tiram a sua força persuasiva.

**1) Aqueles que apelam às estruturas lógicas:** São comparáveis a raciocínios lógicos, dedutivos, mas por utilizarem uma linguagem comum, ou seja, ordinária, são capazes de gerar várias interpretações, o que não é possível com a linguagem formal, que é unívoca.

**a) Contradição e incompatibilidade:** Quando uma argumentação sustenta duas asserções contrárias e o auditório é levado a escolher uma das duas proposições ou a rejeitar ambas.

**b) Identidade e definição:** A identificação de diversos elementos que são o objeto do discurso, sendo que o procedimento mais comum no caso de identificação completa é o uso das definições.

**c) Reciprocidade:** São aqueles que assimilam dois seres ou duas situações, mostrando que os termos correlativos numa relação devem ser tratados da mesma forma.

**d) Transitividade:** Considerados: um caso específico de identificação, em que acontece uma relação entre um termo e um segundo termo, e uma relação entre um segundo termo e um terceiro, que logo determina que esta relação existe também entre o primeiro e o terceiro; por exemplo:  $A=B$ ,  $B=C$ , logo,  $A=C$ .

**2) Os que apelam às relações matemáticas:** Relação da parte com o todo, do menor com o maior, relação de frequência.

**a) Inclusão, divisão:** Pode apenas mostrar a inclusão das partes num todo ou dividir o todo em suas partes e relacionar as partes daí resultantes.

**b) Comparação:** É quando vários objetos são avaliados, um em relação ao outro. Um dos mais utilizados é o que alega o sacrifício.

---

<sup>18</sup> Da mesma forma, os métodos argumentativos e termos utilizados pelo autor, foram reproduzidos integralmente.

**Argumentos baseados na estrutura do real:** Estabelecem uma ligação entre opiniões estabelecidas acerca dessa estrutura e outras de que se procura convencer o interlocutor.

- 1) Os argumentos que se aplicam a relações de sucessão: Ligam um acontecimento quer às suas causas, quer às suas consequências.
- 2) Os argumentos que usam relações de coexistência entre uma essência e as suas manifestações: Por exemplo, relacionam pessoas a seus atos.

**Argumentos que fundam a estrutura do real:** Quando um caso particular é utilizado, generalizando-se como que indutivamente, para estabelecer aquilo em que se acredita ser uma estrutura do real socialmente construído.

**1) O fundamento pelo caso particular:**

**a) Exemplo:** O que permite uma generalização.

**b) Ilustração:** Serve para tornar um fato presente na consciência.

**c) Modelo/Antimodelo:** Permite a imitação.

**2) Raciocínio por analogia:** Estabelece uma relação de similitude entre duas outras relações que unem duas entidades.

**a) Analogia e a Metáfora:** A analogia não é uma metáfora. A analogia postula que a relação entre A e B é semelhante à relação entre C e D. Por isso, a analogia pode fundar uma metáfora. A metáfora é classicamente definida como um transporte de sentido de uma palavra para outra.

Conforme Klöckner (2011, p. 70), a força dos argumentos define seus respectivos níveis segundo os tipos de escolhas em relação ao objeto argumentativo e ao auditório. No caso da narração de futebol, o auditório seria o público ouvinte, o torcedor de futebol. Por fim, Klöckner propõe uma grade hierárquica de retoricidade e níveis de argumentação, através de três níveis (Fraco, Parcialmente Forte e Forte). Conforme o autor, em cada um dos níveis, duas condições são essenciais (2011, p. 71):

**1 – Fraco:**

a) Quando as fases da análise retórica forem incompletas, ou seja, quando faltarem dados sobre o contexto da notícia; não sendo possível identificar o gênero persuasivo

do discurso e sem a possibilidade de explicitação de um ou mais cânones nas amostras dos programas radiofônicos.

b) Quando as técnicas argumentativas não permitirem a identificação da presença dos seus respectivos tópicos na amostra do programa radiofônico.

## **2 – Parcialmente Forte:**

a) Quando as etapas da análise retórica estão parcialmente completas com a identificação de contexto, gênero do discurso e cânones, mas apresentam-se superficiais e o tema não é abordado em profundidade.

b) Quando pelo menos uma técnica argumentativa estiver presente e identificada, a partir de um ou mais tópicos na amostra do programa radiofônico.

## **3 – Forte:**

a) Quando todas as fases da análise retórica estão presentes em profundidade, isto é, quando há um contexto definido, quando o gênero do discurso está identificado e quando os cinco cânones podem ser explicitados.

b) Quando pelo menos um tópico de cada técnica estiver presente e identificado na amostra do programa radiofônico.

### 1.3 Carlos Fernando Schinner: técnicas fundamentais de narração

O *Manual dos Locutores Esportivos*, de Carlos Fernando Schinner (2004), é a terceira obra levada em consideração neste estudo para critério de análise dos locutores de futebol escolhidos, conforme já descrito. Segundo explica o autor (2004, p. 76), “a transmissão no rádio se resume a uma narração mais descritiva, mostrando aos ouvintes detalhes dos uniformes, dos times, da posição em campo e das jogadas”. Schinner destaca cinco características básicas que um narrador deve dominar:

- 1 - Aprenda a narrar muito bem futebol, com total domínio da modalidade.
- 2 - Esteja sempre preparado para acompanhar outros esportes.
- 3 - Esteja apto a apresentar programas esportivos.
- 4 - Prepare-se para fazer entrevistas, quando necessário.
- 5 - Esteja pronto para fazer comentários, quando solicitado (SCHINNER, 2004, p. 76)

Schinner (2004, p. 78) entende que o narrador moderno precisa apresentar versatilidade. Quanto a isso, o autor formulou cinco componentes:

**1 - Emoção:** é o substantivo mais usado nas transmissões esportivas de qualquer meio de comunicação. Porém, a emoção deve ser controlada diante do microfone. É o narrador que controla as emoções e não o contrário. É preciso demonstrar emoções na medida certa (SCHINNER, 2004, p. 78).

**2 - Cultura e conhecimento:** O conhecimento está relacionado à carga de informações adquiridas sobre assuntos ligados ao trabalho de narração, que podem ser divididas em três segmentos, conforme Schinner (2004): factual (dia-dia), genéricos (informações adquiridas, mas com fatos interligados), e específico (ligado à cobertura proposta). Quanto mais conhecimento adquirido, mais capacidade de discernimento.

**3 - Liderança:** Ter a capacidade de comunicação com a equipe de trabalho, buscando alternativas criativas e inteligentes à conquista de novas perspectivas e metas.

**4 - Carisma, Credibilidade e Ética:** Deve-se conhecer bem as responsabilidades diante de um microfone. Segundo Schinner (2004), o conceito baseia-se na transparência do comunicador diante do seu público, maneira mais eficiente de conquistar a credibilidade. A garantia de carisma pode ser trabalhada ao longo do tempo, com o ganho de experiência, buscando atingir pontos como: eloquência, domínio de microfone, senso de humor, gestual correto e coragem para o novo (SCHINNER, 2004, p. 78).

**5 - Valorização da palavra falada:** Por fim, o narrador esportivo deve ter em mente o foco de sua aproximação com o receptor. Para tanto, deve usar uma linguagem simples, direta, objetiva. Deve-se saber como utilizar figuras de linguagens ou metáforas. Schinner (2004) explica que o narrador deve desenvolver técnicas para estar sempre “em cima do lance”, no tempo presente. Deve ser imparcial e, por fim, efetuar o melhor uso possível da língua portuguesa.

Além dos cinco fatores para a narração, Schinner ainda desenvolveu mais dois critérios a serem destacados neste estudo. O primeiro diz respeito aos formatos de narração. O segundo classifica os tipos de narradores, conforme variados estilos.

A classificação dos tipos de narrações propostas por Schinner (2004) são as seguintes: **ancorada** (onde um locutor apenas conduz a transmissão, geralmente na TV), **pontuada** (o narrador ilustra a transmissão com informações de atletas e seus perfis. Bastante comum em eventos como transmissões de natação), **comentada** (onde o papel do narrador confunde-se com o do comentarista, no caso de

transmissões no formato de TV americano, com dois profissionais escalados) e **radical** (narração pouco estática ou definitiva e que requer emoção. É mais agressiva, voltada para esportes radicais na TV).

Conforme Schinner, a narração esportiva pelo rádio se caracteriza da seguinte forma:

Segue uma linha de narração mais veloz, com bordões e frases repetitivas, e emoção extremada. É a mais conhecida e usada para modalidades como futebol, basquete, boxe, voleibol, corridas, natação, bem como todas as modalidades que exijam vibração. Em tese, a narração vibrante só é possível em esportes de ação e competitivos (SCHINNER, 2004, p. 195).

Quantos às técnicas e estilos, cada locutor tem um modo particular de organizar a transmissão e deve levar em consideração as características estipuladas pelos editoriais dos meios de comunicação. Pode-se afirmar também que o estilo, principalmente, é uma característica pessoal, emocional, além de simplesmente profissional. O narrador, ao longo de sua trajetória, acumula conhecimentos e técnicas e a cria para si um estilo próprio. Os estilos podem ser, conforme Schinner, classificados em dois tipos: **Estilo Livre (ou Carismático)** e **Estilo Orientado (ou DDD)**.

Os narradores do **Estilo Livre** (2004, p. 194), como o próprio termo indica, representam o grupo de locutores que enfatiza a emoção como fator principal de uma transmissão, sob vários aspectos, tais como: simpatia, criatividade e sedução nas palavras. Schinner denomina os narradores livres como mestres de cerimônia, que podem ser amados ou odiados pela audiência.

Já os narradores do **Estilo Orientado** são aqueles que seguem uma cartilha, padrões ou formatos estipulados pela emissora ou pelo departamento de esportes. Conforme Schinner (2004, p. 194), a fórmula de estilo se baseia no sistema DDD, o que significa que a narração, conforme o evento, deve ser discreta, descritiva e dinâmica, técnica, ponderada e com a presença de emoção contextual.

Carlos Schinner (2004) ressalta ainda, no *Manual dos Locutores Esportivos*, que os locutores devem ser o máximo possível organizados em seu ofício. É importante zelar pelos equipamentos, tanto pessoais como os da empresa. A organização material também vale para a organização mental, isto é, nos assuntos que envolvem o raciocínio rápido de uma transmissão esportiva. Além de buscar um grande número de conhecimentos, como já enfatizado anteriormente, Schinner chama

atenção também para questões importantes como a memorização. No futebol, por exemplo, é fundamental que o narrador conheça características como esquemas táticos, disposições e, inclusive, características físicas dos atletas para que a informação irradiada seja a mais precisa possível. É impossível identificar sempre o nome dos jogadores, números e outros detalhes. Mas não importa se o narrador possui características mais próximas do Estilo Livre ou Orientado. É necessário o conhecimento de causa. É com o passar do tempo e com a experiência que o narrador vai explorando potenciais e diferenciais como o improviso, situação em que se exige preparo profissional e emocional do narrador. É com o passar do tempo também que o locutor constrói seu estilo próprio, como no caso dos bordões e dos gritos de gol que, dependendo da audiência, podem ser bem aceitos ou não. Especificamente no caso dos gritos de gol e dos bordões, conforme Schinner (2004), estes dependem da noção de controle das emoções e bom senso.

#### 1.4 Rádio: mensagens e linguagens

Existe mais uma questão de fundamental importância que será abordada para entender-se como falam os narradores de futebol do rádio porto-alegrense: a linguagem radiofônica. A voz nada mais é do que a principal ferramenta dos locutores de futebol. Independente do timbre<sup>19</sup>, do tipo ou do alcance vocal, nada faz sentido sem a voz. Nenhuma análise retórica, de técnicas ou de estilos fará a mínima diferença se a voz não for considerada. Porém, é importante ressaltar que a linguagem radiofônica não é feita apenas da voz dos locutores. Há uma série de outros aspectos que permitem a construção de linguagens e, por consequência, de mensagens. Um tipo de entonação, um ambiente auditivo, um tipo de ruído, são exemplos de fatores que permitem variadas observações. Conforme a autora Júlia Lúcia de Oliveira Albano da Silva (1999, p. 17), “a linguagem radiofônica não é exclusivamente verbal-oral, mas resultado de uma semiose de elementos sonoros”. Cyro César (2009), define a voz da seguinte forma:

---

<sup>19</sup> O timbre da voz humana, conforme explica Cyro César (2009, p. 74), depende das várias cavidades ósseas, nasais, boca, garganta, traqueia, pulmões e laringe, que vibram em ressonância com as pregas vocais. Nos homens, as pregas vibram 125 vezes por segundo. Nas mulheres, 250 vezes por segundo. As pregas dos homens têm mais massa e são menos esticadas do que das mulheres. As cordas mais agudas são mais esticadas e vibram mais do que as graves, o que é uma alusão aos instrumentos de corda como o violão, que possuem uma característica funcional semelhante. O timbre também é conhecido como a qualidade vocal, que varia conforme a constituição anatômica da pessoa.

A voz, no contexto do processo da comunicação humana, é insubstituível. Nenhuma outra forma sonora é comparável a ela, sendo a única com o privilégio de poder unir o texto à emoção. Mas uma voz só emociona se houver sensibilidade por parte do comunicador que, além das palavras, precisa traduzir o que não está escrito nas nuances da sua interpretação. (CÉSAR, 2009, p. 102).

Silva explica que a radiofonia é o resultado de uma multiplicidade de oralidades e vozes:

Dentre as vozes que compõem esse mosaico da radiofonia, a sonoplastia, em colóquio com a voz, constrói o cenário acústico, os personagens e suas ações, inaugurando, portanto, formas de encantar e persuadir seu ouvinte (SILVA, 1999, p. 19).

Há também de enfatizar que a linguagem radiofônica possui uma relação completamente direta com a evolução da tecnologia no rádio. Conforme destaca Ferraretto (2014), a tecnologia disponível é um dos condicionantes básicos no que diz respeito à mensagem.

#### 1.4.1 Os tipos de vozes

Cyro César (2009) afirma que a locução necessita de movimentos articulatórios que apresentem clareza aos ouvintes. Apesar de subjetiva, a voz pode ser avaliada conforme seu grau de agradabilidade. Voz e recursos sonoros são elementos que fazem parte de um jogo ou processo que precisa, necessariamente, ser interpretado e transformado em mensagem compreensível. Silva (1999, p. 41) diz que, “como um ‘meio cego’, o rádio lança signos no éter e luta contra a fugacidade para perpetuar a sua mensagem na memória de seus rádio-ouvintes”. De acordo com César (2009), o locutor, ao interpretar no rádio, deve levar uma série de questões em consideração, começando pela forma como vai empregar a tessitura da voz ao microfone. A tessitura pode ser entendida como o espectro de alcance, que classifica os tipos de vozes em: graves, médias e agudas. Entre essas três classificações, há também o que o autor denomina de extensão vocal, isto é, até onde um locutor pode, de alguma determinada frequência, alcançar variações de tons.

Segundo Cyro César (2009), os tons de voz variam conforme a interpretação do locutor. Os tipos de vozes podem ser:

**Suave:** A impostação ocorre totalmente pelo diafragma e a inflexão da voz se concentra nas regiões mais graves.

**Jovem:** Locução modulada nos registros médio-agudos, com ritmo acelerado e projeção forte, ocasionalmente com inflexão de sorriso.

**Coloquial:** Locução em que o profissional precisa ter a capacidade de interpretar o momento, que pode ter o uso de variadas inflexões, ritmos, projeções, mas tudo de forma natural.

**Voice-over:** Uso de voz em documentários e matérias jornalísticas, conforme o tema.

**Caricata:** É a capacidade de versatilidade muito utilizada no humor, com o uso de imitações.

Quanto à interpretação e à flexibilização, a tessitura durante uma locução pode ser definida, segundo Cyro César (2009):

**Modulação:** Movimento harmônico da fala durante a locução.

**Projeção Sonora:** Se relaciona à quantidade de ar inspirado e expirado durante uma locução, conforme a intensidade de projeção do som. A projeção está ligada diretamente à questão do volume da voz. César (2009) chama atenção para os cuidados necessários com a questão da voz. O excesso de esforço pode ocasionar lesões nas cordas vocais.

**Variação do ritmo:** Na locução de futebol no rádio é fundamental, pois o narrador precisa modular sua voz dependendo, por exemplo, da posição da bola em campo. A variação do ritmo caracteriza o tipo de emoção do instante do acontecimento relatado.

**Inflexão de sorriso:** É a figura de carisma no rádio, porém, é preciso que o locutor tenha bom senso ao utilizar esse recurso.

**Variação Interpretativa dos recursos:** É a variação de todos os recursos anteriores que deverão ser observados pelo locutor. De forma prática, é saber posicionar a voz em diferentes momentos, alegres, tristes, acelerados, noticiosos, mantendo a naturalidade.

**Tempo de emissão:** É a capacidade de encerrar em uma palavra uma sentença de locução longa, naturalmente.

**Articulação:** Tem relação com a capacidade de ser claro ao microfone, articulando bem as palavras.

**Ataque vocal:** Segundo explica César (2009), pode acontecer de três formas: brusco, aspirado ou suave. São formas de locução que têm muito a ver com o tipo de rádio em que se atua. Por exemplo nas rádios jovens, conta o autor, os locutores apresentam um tom de voz mais elevado, mais alegre.

**Ritmo:** É a variação do tipo de locução do momento, que pode ser: lenta, acelerada, muito acelerada e adequada.

**Registro:** Tem a ver com o modo de vibração das cordas vocais.

**Brilho:** Conforme a estrutura das cavidades de ressonância, a voz parece mais ou menos “cheia”.

#### 1.4.2 Elementos e recursos

De acordo com Cyro César (2009, p. 129), “a linguagem do rádio tem suas bases em quatro elementos: a palavra, a música, os efeitos sonoros e o silêncio”. A palavra nada mais é do que o conteúdo oral dos variados tipos de segmentos como entrevistas, comentários, notícias, entre outros. A música diz respeito à sonorização, às trilhas, à harmonia, aos *set lists*, aos efeitos, enfim, a todo tipo de caracterização sonora utilizada no rádio, em harmonia à palavra humana. O silêncio é um dos recursos existentes desde o nascimento do rádio. Conforme uma situação que envolva o silêncio, uma série de análises podem ser feitas diante dessa linguagem. O silêncio pode representar questões muito íntimas ao sentimento, à dúvida ou à reflexão (CÉSAR, 2009, p. 131).

Segundo Ferraretto (2014), todos esses elementos descritos por Cyro César contribuem para a elaboração de mensagens e atuam em formatos isolados, ou combinados. Sobre a mensagem, Ferraretto (2009, p. 35) diz que “se trata da mescla de forma e conteúdo e é o objeto da comunicação”. O conteúdo e a forma são condicionados, segundo o autor, em seis fatores: capacidade auditiva do receptor, linguagem radiofônica, a tecnologia disponível, a fugacidade, os tipos de público e a forma de escuta. Como ressaltou Silva (1999) o rádio é um meio cego, portanto, a capacidade auditiva está muito ligada à codificação da mensagem para o entendimento claro por parte do receptor. A fugacidade, segundo explica Ferraretto (2014), não permitiu que até os anos 1990 os ouvintes pudessem consumir o conteúdo além do momento de sua emissão, o que se modificou com o avanço da tecnologia. Hoje é comum o acesso a conteúdo, por exemplo, através de site das emissoras na

internet. Sobre a audiência, a maneira como o ouvinte se atém ao que acontece no rádio diferencia-se de pessoa para pessoa. Pode o ouvinte, segundo Ferraretto (2014), apenas escutar, sem dar um foco de atenção para o assunto, ou, pelo contrário, prestar atenção, sintonizar diferentes estações, aumentar o volume do rádio.

Ruído, silêncio, locução, não importa, qualquer uma dessas características gera algum tipo de compreensão ao receptor. Qualquer um dos critérios citados, podem ser irradiados com ou sem intenção. No caso do silêncio e do ruído, ambos podem adquirir, de acordo com Silva (1999), um aspecto indesejado no rádio. Por outro lado, também há a possibilidade de caracterizarem-se por efeitos, isto é, de tornarem-se desejáveis. Júlia Silva (1999) diz que tanto o ruído quanto o silêncio, dependendo das combinações, acentuam sugestões sonoras e, por sua vez, mensagens. Geralmente, os ruídos e os efeitos são utilizados para objetivar na mente dos ouvintes características muito próximas do objeto de um acontecimento que está sendo relatado. Nas transmissões de futebol pelo rádio esses tipos de recurso notabilizam-se, pois auxiliam o locutor a construir imagens através da oralidade com mais amplitude de variáveis. Em uma transmissão esportiva não se tem apenas a voz do locutor em ênfase, mas uma série de outros recursos sonoros, como o som ambiental dos estádios. A reação da torcida captada pelos microfones pode passar uma série de significados aos ouvintes, relacionadas, por exemplo, às inquietações, à euforia, à raiva, à presença maciça ou não de torcedores nas arquibancadas. Com a distribuição de microfones ambientes, outros sons podem ser captados durante o jogo, com a intenção de ampliar o poder de contextualização, como os ruídos do apito do árbitro ou dos chutes numa bola. Segundo explica Júlia Silva, o ruído/feito sonoro pode assumir dois tipos de estruturas: “a descritiva e a narrativa, nas quais indistintamente o ruído só se torna manifesto no momento em que se ouve o seu som (uma vez que não podemos ver a sua causa, ou o seu objeto) e por isso torna-se a prova da sua existência e tem função de voz” (SILVA, 1999, p. 76).

### 1.5 Narração de Futebol no rádio porto-alegrense: Esquema de Análise

A análise dos narradores de futebol do rádio de Porto Alegre está organizada da seguinte forma:

**A** – Retórica (Castillo, 1989;1994) e (Klöckner, 2011).

**B** – Estilos e técnicas de narração (Schinner, 2004).

**C** – Tipos de voz e Elementos e Recursos (César, 2009).

**D** - Nas categorias de 1 a 5, as informações foram colhidas através de análise documental, bibliográfica, por audição e por intermédio de entrevistas com fontes. Da categoria 6 a 12, as classificações foram definidas conforme autores.

**E** - Cada narrador passou pelo processo de análise de critérios, com a identificação de atributos, os quais, nem todos se identificam com cada um dos profissionais.

**F** - Dessa forma, se propôs uma investigação ampla e específica de cada um dos narradores, permitindo traçar um perfil fundamentalmente individual.

**G** – O nível de intensidade dos gols estudados são classificados em 3 tipos: Gol (intensidade mínima), Gool (intensidade média) e Gooooool (intensidade ampla).

### **Categorias de Análise da narração de futebol no rádio de Porto Alegre:**

**1- Biografia do narrador:** Histórico e trajetória profissional.

**2 - Inspirações profissionais/Influências pessoais:** Narradores que influenciaram no processo evolutivo de locução.

**3 – Gol:** Intensidade, duração e formato da narração de gol.

**4 - Lances de jogo:** audição, destaque e transcrição de partes de uma ou mais transmissões.

**5 - Abertura e Encerramento de jornada:** Texto de jornada produzido ou improvisado.

**6 – Estilos de narração:** Estilo Livre ou Estilo Orientado (Schinner, 2004): Estilo livre (emoção como fator principal de uma transmissão, sob vários aspectos, tais como: simpatia, criatividade e sedução nas palavras.)

Estilo Orientado (narração, conforme o evento, deve ser discreta, descritiva e dinâmica, técnica, ponderada e com a presença de emoção contextual.)

**7- Tipos de narração (Schinner, 2004):** Ancorada, Pontuada, Comentada ou Radical.

**8 - Tipo de voz, flexibilização e tessitura (César, 2009):** Suave, Jovem, Coloquial, Voice-over, Caricata, Modulação, Projeção Sonora, Variação do ritmo, Inflexão de sorriso, Variação Interpretativa dos recursos, Tempo de emissão, Articulação: Ataque vocal, Ritmo, Registro, Brilho.

**9 - Utilização de recursos expressivos (Castillo, 1989;1994):** Universalização, Via de exemplo, Tópicos, A Redundância, Personalização, Despersonalização, Inclusão, A Pergunta, Amplificação, Atenuação, Divisão, Acumulação de Palavras, Figuras

Retóricas (Figura de comparação, A Metáfora, A Sinédoque, A Hipérbole, A Antítese, Antonomasia, A Gradação, Hipérbato).

**10 - Análise da capacidade Retórica (Klöckner, 2011):** Contexto. Gêneros persuasivos (judicial/forense, deliberativo, epidêitico/epdítico). Aplicação dos cinco cânones da retórica: Invenção, Disposição, Estilo, Memória e Apresentação.

**11 - Análise de Técnicas Argumentativas (Klöckner, 2011):** Argumentos Quase-Lógicos, Argumentos baseados na estrutura do real, Argumentos que fundam a estrutura do real.

**12 - Grade Hierárquica (retoricidade e argumento) (Klöckner, 2011):** Fraco, Parcialmente Forte, Forte.

A partir do capítulo 2 deste estudo, serão contadas as histórias de narradores de futebol *Desbravadores*, *Paradigmáticos* e *Contemporâneos* do rádio porto-alegrense. Após o contexto histórico e biográfico dos narradores, se apresentará no capítulo 5, o perfil de análise individual, conforme os critérios explicitados

## 2 OS NARRADORES DESBRAVADORES

É no ano de 1923 que, conforme Sonia Virginia Moreira (1991), o rádio inicia sua trajetória no Brasil, com a fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Porém, Moreira (1991) indica que houve outros fatos que devem ser destacados em relação ao pioneirismo radiofônico brasileiro. Um deles, segundo a autora, foi o importante marco alcançado em 1922<sup>20</sup>. No mês de setembro daquele ano, ocorria a primeira transmissão de rádio oficial no Brasil, com discurso do então presidente Epitácio Pessoa. Conforme Ferraretto (2002), a demonstração inaugural aconteceu durante a Feira-Exposição Mundial do Centenário da Independência, no dia 7 de setembro de 1922. O autor afirma que a implantação do rádio no Brasil possui também um caráter diretamente ligado à dinâmica do capitalismo e que, buscava, naquele período, expandir mercados. Esse era o interesse da *Westinghouse*, corporação que promoveu a demonstração no Brasil. A Feira-Exposição Mundial do Centenário da Independência foi um evento no qual participaram outras empresas expositoras como a *Western Electric*. O governo brasileiro adquiriu dois transmissores de 500W que, somente em 1923, foram utilizados nas primeiras operações da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada por Roquette Pinto. Portanto, no que diz respeito à tecnologia, define-se, segundo Ferraretto (2002), que o Brasil entrou definitivamente para a era das comunicações eletrônicas.

No início, o rádio era acessível, predominantemente, às classes de alto poder aquisitivo, conforme afirma Moreira (1991). Além disso, como o rádio era uma novidade, estava se criando, segundo Marialva Carlos Barbosa (2013), um “idioma de escuta” na cabeça dos ouvintes. O fato é que a novidade, cada vez mais, chamava a atenção e causava fascínio. No início da década de 1920, espalhou-se rapidamente, através de anúncios e artigos, a “possibilidade de escutar ruídos e sons do novo aparelho”, (BARBOSA, 2013, p. 216). Não se tinha uma ideia clara sobre o que o rádio viria a tornar-se ao longo dos próximos anos. No início dos anos 1920, falava-se em radiotelefonias, isto é, uma nova forma de comunicação por “telefone sem fio”. A ideia de rádio, como é conhecido atualmente, evoluiu no instante que buscou-se

---

<sup>20</sup> Em 6 de abril de 1919, foi fundada o Rádio Clube de Pernambuco, “a primeira entidade a reunir aficionados pelas possibilidades da transmissão de mensagens por ondas eletromagnéticas” (FERRARETTO, 2014).

compartilhar o som como prática comunicacional coletiva. Marialva Carlos Barbosa (2013, p. 218) descreve o processo:

Mas o som que migrava dos espaços públicos para os privados deveria conter as características básicas construídas na longa história das práticas comunicacionais: deveria ser ruidoso, podendo ser escutado de forma coletiva, partilhado, comentado e complementado com a voz do outro. As estratégias da oralidade que permeavam a vida cotidiana quando estivessem reunidas no novo invento o transformaria em rádio. Mas no início os rádios de galena não possuíam características técnicas que permitissem esses usos: o nível de áudio extremamente baixo fazia com que fosse necessário para a escuta o silêncio.

Conforme Ferraretto (2002), com a popularização do rádio no Brasil, durante a década de 1920, outras iniciativas devem ser destacadas. No princípio, a programação do rádio não era popular musicalmente, isto é, os gêneros como o samba, quase não tinham espaço. Predominavam os gêneros “eruditos da música clássica”. O rádio não possuía nem ao menos publicidade e a difusão da cultura apresentava um caráter elitista. Em 30 de novembro de 1923, era fundada a Rádio Sociedade Paulista, com caráter semelhante a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, no que diz respeito à programação. Ferraretto (2002) ressalta o fato ainda de que há uma dúvida quanto ao pioneirismo histórico do rádio brasileiro. Os aparelhos de rádio, ao longo do desenvolvimento tecnológico, no que condiz ao aparato estrutural, evoluíram aos poucos durante os anos seguintes. Era o rádio considerado um móvel importante no universo das residências, no qual as famílias passaram a reunir-se à sua volta, durante a transmissão das programações. Não demorou para que o rádio fosse entendido como uma fonte geradora de lucro. Em 1924 “foi fundada a Rádio Clube do Brasil, em 1º de junho, por Elba Dias, um dos técnicos que auxiliara a estruturação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro” (FERRARETTO, 2002, p. 34). A rádio foi a primeira autorizada a difundir a publicidade, o que se tornou um imenso atrativo para artistas e empresas. Foi um grande passo para o desenvolvimento da indústria fonográfica no Brasil. Ao longo da década de 1920, várias empresas por todo o país se dedicaram, conforme Ferraretto (2002, p. 34) “à venda de equipamentos de rádio e à montagem de suas próprias estações de rádio, como a Byington & Cia, de São Paulo, e a Mayrink Veiga, do Rio de Janeiro”.

## 2.1 Válvulas, rádio e futebol em Porto Alegre

No Rio Grande do Sul, o entusiasmo pelo rádio refletiu-se no investimento em tecnologia, com o intuito de captar as emissões oriundas do centro do país e da região do Prata. Os receptores de rádio, além de ocuparem muito espaço, eram também muito caros. De acordo com Ferraretto (2002), a montagem desses aparelhos era complexa e necessitava de conhecimento amplo para possibilitar a instalação. Uma das estações mais conhecidas, pertenceu a Pedro Cezar Oliveira, em 1927 (FERRARETTO, 2002, p. 40). Conforme conta Marialva Carlos Barbosa (2013), os rádios de galena, aparelhos menores e que podiam ser montados com custo baixo, aos poucos fizeram com que o rádio fosse deixando de ser um aparelho destinado apenas às elites.

Em 7 de setembro de 1924, surgia a Rádio Sociedade Rio-Grandense, pioneira no estado, apesar de que, segundo Ferraretto (2002), creditou-se o surgimento da radiodifusão gaúcha em Pelotas, através da Rádio Pelotense, em 1925. Porém, Ferraretto<sup>21</sup> (2009) amplia a questão:

Está ali, publicado no dia 8 de setembro de 1924, na página 5 do jornal A Federação, órgão máximo do Partido Republicano Rio-Grandense, para que ninguém discorde no futuro. É, 85 anos depois, um fato histórico. E, infelizmente, pouco lembrado. Mas, no papel amarelado pelo tempo com letras de tipografia, impressão apagada pelo descaso na preservação dos documentos e da história, está ali uma quase certidão de nascimento do rádio no Rio Grande do Sul. Sob a guarda do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

Na véspera, às nove horas da noite, informa Ferraretto (2009), “num dos salões da Vila Diamela, gentilmente cedido pelo senhor coronel Juan Ganzo Fernandez, a Rádio Sociedade Rio-Grandense foi fundada por amadores residentes nesta capital”. Em nome da pioneira associação de radiófilos, semfilistas ou amantes da radiofonia, como se chamavam na época estes entusiastas do novo veículo de comunicação, o então diretor da Biblioteca Pública, o poeta Eduardo Guimaraens, seria o primeiro a falar em uma emissora de rádio no estado.

Embora algumas discordâncias sobre as datas que marcam o pioneirismo do rádio no Rio Grande do Sul, o que importa é que a nova tecnologia logo foi implantada no estado, após as primeiras experiências em outros centros brasileiros, como São

---

<sup>21</sup> Acesso em: [http://www.radionors.jor.br/2013/04/os-85-anos-do-radio-no-rio-grande-do\\_24.html](http://www.radionors.jor.br/2013/04/os-85-anos-do-radio-no-rio-grande-do_24.html).

Paulo e Rio de Janeiro. O citado coronel Ganzo Fernandez teve fundamental importância na história do desenvolvimento tecnológico do rádio gaúcho, pois foi o responsável por trazer, da Argentina, com Evaristo Bicca, o primeiro transmissor, que foi utilizado de 1924 até o ano seguinte. Além disso, Ganzo também foi um dos responsáveis pela criação da Rádio Sociedade Gaúcha. Como conta Ferraretto<sup>22</sup> (2006), um dos principais legados da família Ganzo ao rádio gaúcho foi o estabelecimento de um sistema de telefonia automática:

Graças à Companhia Telefônica Rio-Grandense, Porto Alegre inaugura, em 19 de abril de 1922, o seu sistema de telefonia automática, um avanço tecnológico, na época, inédito em toda a América do Sul, compartilhado apenas com Rio Grande, também por obra da empresa. Antes disto, todas as ligações dependiam sempre de uma intermediação da telefonista. Fora isto, a família participa de empreendimentos como a Companhia Rio-Grandense de Usinas Elétricas, com centrais em várias cidades do estado (FERRARETTO, 2006).

Conforme Vampré (1979), os anos 1920 significaram uma proliferação geográfica de emissoras de rádio por todo o Brasil. Em 1924, contabilizavam-se emissoras na Bahia (Rádio Sociedade da Bahia), Ceará (Ceará Rádio Clube), Maranhão (Rádio Sociedade do Maranhão), Rio de Janeiro (Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e Rádio Clube do Brasil), Rio Grande do Sul (Rádio Sociedade Gaúcha e Rádio Sociedade Rio-Grandense), Minas Gerais (Rádio Sociedade Mineira), Paraná (Rádio Clube Paranaense), São Paulo (Rádio Clube São Paulo e Rádio Clube Ribeirão Preto). Na medida que a década de 1920 avançou, houve melhorias nas condições técnicas das emissoras de rádio. Vampré (1979) afirma que, a partir de 1927, a comercialização, apesar de ainda “medrosamente”, estava atingindo sua maioria e expandindo-se. Era a “fase de ouro” do rádio brasileiro, principalmente aplicada à realidade dos grandes centros da época, São Paulo e Rio de Janeiro. Em 30 de setembro de 1928, falecia, em Porto Alegre, o Padre Roberto Landell de Moura, aos 67 anos, que, além de seu legado ao rádio, buscou compreender diferentes outras áreas e possibilidades em campos científicos ligados à medicina, botânica e psicologia. Em 1929, por sua vez, a jovem Rádio Sociedade Gaúcha apresentava uma importante evolução técnica, com a acoplagem de um toca-discos ao seu transmissor de 250W. Isso significou, conforme afirma Vampré (1979), a inauguração da primeira mesa de som da história do rádio gaúcho.

---

<sup>22</sup> Acesso em: <http://www.radionors.jor.br/2013/04/os-ganzo-o-radio-gaucha-e-o-telefone-no.html>.

Sandra Jatahy Pesavento (1980) destaca que o final da década de 20 traria modificações profundas também na conjuntura política e sócio econômica do Rio Grande do Sul. A política gaúcha também teria papel principal na reconfiguração que o Brasil iria passar no início da década seguinte, com a revolução armada de 1930, comandada por Getúlio Vargas, que acarretaria a sucessão de Washington Luís na presidência da República. Em 1928, Getúlio Vargas, republicano, tomou lugar no governo do estado, justamente após o fim do ciclo de Borges de Medeiros. A reformulação política interna do Rio Grande do Sul provocou, conforme descreve Pesavento (1980), um desenvolvimento do poder associativo. A produção do estado buscava superar as crises econômicas, de forma a competir com outros centros como São Paulo. Vargas apoiou sindicatos e produtores e buscou fortalecer setores como a pecuária, agricultura e setor têxtil, com a clara intenção de estabelecer laços de apoio, que foi fundamental para que, dois anos depois, Getúlio Vargas tivesse força suficiente para decretar uma nova era política no país. O caso é que Vargas conseguiu formar a Frente Única Rio-Grandense, reunindo PRR e o Partido Libertador, que se juntaram na criação da Aliança Liberal. (PESAVENTO, 1980, p. 68).

A economia do Brasil, em 1929, segundo Pesavento (1980), sofria com a “falência do capitalismo”, e Vargas, de imediato, procurou colocar em prática medidas que pudessem atenuar a situação e atender diferentes setores de produção. Porém, o processo de mudanças foi lento, pois havia um posicionamento contrário ainda quanto a política de Vargas, principalmente pelo setor cafeeiro, que, durante a República Velha, possuía forte concentração de poder no país. O novo governo buscou renovar o processo de desenvolvimento capitalista no Brasil.

As dificuldades econômicas afetaram variados setores, durante a década de 1920. E, apesar de jovem, o rádio também sofreu algumas consequências negativas em relação ao panorama de incertezas da época. Recém fundada, a Rádio Sociedade Rio-Grandense existiu apenas até o ano de 1924, segundo explicam Vampré (1979) e Ferraretto (2002). “Cada um de seus trezentos sócios deveria contribuir com uma mensalidade de cinco mil réis. Nem sempre pontuais nas contribuições, os sócios deixaram a empresa com sérios problemas econômicos” (VAMPRÉ, 1979, p. 37). O problema é que a Rádio Sociedade seguia, de acordo com Vampré (1979), o mesmo estilo da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, onde o sustento era provido, essencialmente, por associados. Buscou-se auxílio do comércio, à época, atitude que poderia ter mantido a rádio em funcionamento. Porém, a medida não foi acordada em

maioria e a rádio acabou encerrando seu curto ciclo. Mas, se por um lado a Rádio Sociedade Rio-Grandense não conseguiu manter-se, por outro, teve um importante papel durante sua rápida existência. A emissora ajudou a difundir e despertar cada vez mais a curiosidade sobre o rádio, inclusive, como conta Ferraretto (2002, p. 53), “incrementando o comércio com receptores e impulsionando a criação de oficinas construção de equipamentos”. Em Porto Alegre, a situação era a seguinte, conforme conta Vampré (1979, p. 37):

[...] quanto aos receptores da época, 1924, em Porto Alegre, além do número razoável de “galenas” já existiam receptores a válvulas, importados pela firma “Barreto Viana” ou comprados no estrangeiro, principalmente em Buenos Aires, por eventuais viajantes. A tais aparelhos eram acopladas cornetas metálicas, alto-falantes, sem condições ideais de sonoridade. Os receptores usavam energia de “pilhas”, mais propriamente “baterias”, bastante volumosas.

Segundo Vampré (1979) e Clemente (1997), o rádio gaúcho acompanhou de perto o surgimento e a implantação do novo meio de comunicação em todo o Brasil, principalmente nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. No caso da transmissão de futebol pelo rádio, a situação não foi diferente. Ainda nos anos 1920, mais precisamente em 7 de fevereiro de 1927, foi criada a Rádio Sociedade Gaúcha, que seria inaugurada de forma oficial em 19 de novembro do mesmo ano (CLEMENTE, 1997, p. 21).

A Rádio Sociedade Gaúcha teve um papel fundamental e embrionário em relação às transmissões de futebol no Rio Grande do Sul, pois, foi a pioneira na irradiação de um *match*, termo inglês utilizado à época, em referência ao futebol. De acordo com Ferraretto (2002), é possível ter uma ideia das condições tecnológicas existentes durante o período. Segundo o autor, embora raramente, eram utilizados gravadores com fio magnético. Eram equipamentos de grandes proporções. As rádios, durante os anos 1930, preocupavam-se muito mais com uma programação voltada ao entretenimento musical do que com a cobertura de fatos. Acontece que, justamente nos anos 1930, como descreve Ferraretto (2002), a reportagem estava em fase de desenvolvimento, no que se refere à forma de cobertura jornalística. Um fato para ser irradiado deveria ser fundamentalmente importante para ser veiculado. Não existiam, conforme Ferraretto (2002, p. 215) “condições técnicas necessárias para a atual mobilidade e capacidade de transmissão do repórter”. As irradiações eram quase que isoladas e praticamente raras. Segundo Vampré (1979, p. 43), a Rádio Sociedade

Gaúcha, em 1927, possuía um “transmissor de 50 watts e que funcionava na mesma sala-estúdio, ao lado de uma mesa para locuções e de outra em que se encontrava uma vitrola manual, dessas de manivela”. Dois anos depois, as melhorias técnicas, conforme Vampré (1979), no caso da Rádio Sociedade Gaúcha, evoluíam de forma “provinciana”. Porém, um novo transmissor foi instalado, com uma potência de 250W, algo que, de certa forma, já indicava um passo à frente na tentativa de melhoria das condições de transmissão.

Em 1931, ano da primeira transmissão de futebol no Brasil, o governo federal baixou o decreto nº 20.047, em 27 de maio. Vampré (1979, p. 48), explica que “foram estabelecidas novas normas em substituição ao regulamento dos Serviços de Radiotelegrafia e Radiotelefonía, aprovada em 1924”. Isso significou que o Brasil adotou o sistema de radiodifusão dos Estados Unidos, no qual legalizava a publicidade comercial e a concessão de canais particulares (VAMPRE, 1979, p. 48). Além disso, o Departamento de Correios e Telégrafos, que coordenava as comunicações no Brasil, passou a cobrar tributos para quem possuísse aparelhos de rádio. A medida encontrou muitas dificuldades, pois era quase impossível controlar quem adquiria aparelhos, sem contar que era possível construir rádios amadores de forma caseira.

Em 1927, a Rádio Sociedade Gaúcha, já conhecida como “a voz dos Pampas”, conforme Mércio (2008), ainda transmitia de forma precária, a partir de sua base, no Grande Hotel, no centro de Porto Alegre. Somente em 1934, “a emissora passou a operar com um transmissor de mil watts de potência e a ser identificada pelo prefixo PRC2”, (MÉRCIO, 2008, p. 150). O autor destaca que a emissora abriu espaço para algumas novidades que, atualmente, são comuns no rádio. No início da década de 1930, além de uma variada programação musical, a Rádio Sociedade Gaúcha passou a transmitir informativos noticiosos, econômicos e climáticos. A previsão do tempo no rádio foi uma novidade. Conforme Ferraretto (2002) e Mércio (2008), o emprego de novas atrações no rádio deveu-se ao fato de que a publicidade também passou a procurar espaço, através de anúncios radiofônicos. Aos poucos, programas e atrações começaram a ser vistos como potenciais produtos lucrativos.

Segundo Dalpiaz (2002), as rádios de Porto Alegre já realizavam algumas coberturas esportivas durante o início dos anos 1930. Existiam outras modalidades de interesse popular, tais como as corridas de turfe. Porém, o fato que realmente marcou o início das transmissões de futebol no rádio aconteceu em 1931. Foi numa quinta-

feira, 19 de novembro de 1931, que o locutor Ernani Ruschel, “abriu” o microfone da Rádio Sociedade Gaúcha para transmitir o duelo entre Grêmio e Seleção do Paraná, numa tarde de primavera, no Estádio da Baixada, bairro Moinhos de Ventos. Foi uma transmissão pioneira no Rio Grande do Sul que, conforme Ferraretto (2002), aconteceu poucos meses depois após a primeira experiência em caráter nacional, protagonizada por Nicolau Tuma, em 19 de julho de 1931, pela Rádio Educadora Paulista. Segundo Ferraretto (2002), decretou-se, naquela oportunidade, ponto facultativo em Porto Alegre, tal a importância do evento. Os jornais, como o Correio do Povo, já divulgavam e possuíam editorias especializadas em esportes, antes mesmo do rádio. Em 1931, os estúdios da Rádio Sociedade Gaúcha se localizam na Praça José Montaury, em frente à Hidráulica do Moinhos de Vento, fato que, conforme explica Ferraretto (2002), possibilitou que a Gaúcha pudesse instalar seu microfone e transmitir o jogo. Apesar da inexperiência e falta de conhecimento do narrador, principalmente para descrever os nomes dos atletas durante a transmissão, o principal fato foi, justamente, a irradiação de uma modalidade esportiva que estava popularizando-se, cada vez, mais em todo o Brasil. Ferraretto (2002) destaca, de acordo com as palavras de Flávio Alcaraz Gomes, que para a transmissão do jogo entre Grêmio e Seleção do Paraná, foram instalados alto-falantes na Casa Victor, um estabelecimento comercial bastante conhecido na época, no centro de Porto Alegre, onde aglomerou-se um considerável contingente de curiosos. De certa forma “assustados” com a repercussão, os clubes de futebol proibiram a irradiação, pois haviam ficado com receio de que as transmissões pudessem afastar os torcedores dos campos. Porém, desde a primeira transmissão esportiva em 1931, o rádio nunca mais abandonou a ideia. E como será descrito adiante, o futebol no rádio teve um papel fundamental no desenvolvimento tecnológico deste meio de comunicação que, assim como o futebol, popularizou-se com o passar dos anos.

## 2.2 Ernani Ruschel: *Speaker* nº1

Não foi de uma hora para outra que o futebol no rádio se configurou como uma atração efetiva, aos moldes do que acontece atualmente. Após a primeira transmissão de um jogo, pela Rádio Sociedade Gaúcha, em 1931, aos poucos, e, de forma experimental, o futebol foi adequando-se à linguagem do rádio, assim como os locutores foram adaptando-se à linguagem do futebol. Ao longo da década de 1930,

as rádios passaram a incluir o esporte em suas respectivas programações. Foi o caso da Rádio Difusora, que, conforme Dalpiaz (2002), em 1935, um ano após a sua fundação, já irradiava programas de segunda a domingo, com boletins e informativos de diferentes modalidades esportivas. Principalmente em função da tecnologia, ainda precária, as transmissões ao vivo aconteciam raramente. Fundamentalmente, a década de 1930 foi importante, pois decretou, segundo denomina Dalpiaz (2002), a introdução do futebol no rádio.

Os anos 1930 foram movimentados política e economicamente. Em 1933, o ditador alemão Adolf Hitler, segundo Vampré (1979), inaugurava as primeiras transmissões da propaganda nazista ao ocidente, com a intenção de aumentar o número de simpatizantes com o regime. Neste mesmo ano, o americano Edwin Armstrong aperfeiçoou o sistema de radiodifusão, com a criação da frequência modulada, que se popularizou pela sigla FM. Vampré (1979, p. 55), explica no que consistiu a invenção:

A diferença fundamental das ondas médias, mais tarde chamadas de amplitude modulada (AM), está no fato destas ondas serem ondas verticais que se refletem na ionosfera e voltam acompanhando a curvatura da terra. O longo percurso de emissão, reflexão e captação ocasiona interferências e os ruídos de estática. A Frequência Modulada (FM) percorre linha horizontal, diretamente do transmissor aos receptores, alcançando maior fidelidade sonora, mas, em compensação, reduzindo o seu alcance, limitando-a a determinada extensão.

No Brasil, havia a “disputa” entre as rádios Mayrink Veiga e Nacional pelo “título” de mais importante do Brasil na década de 1930. Ainda neste período, surgiu o primeiro movimento associativo de rádios brasileiras. Buscou-se acordos entre rádio e artistas no âmbito dos direitos autorais. Getúlio Vargas instituiu em seu governo o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), medida que provocou insatisfação, pois, definiu o poder de vigilância sobre o conteúdo das rádios. Foram tempos de transformação, segundo Marialva Barbosa (2013, p. 232):

Os anúncios publicados em várias revistas e jornais destacam, desde o início da década, mudanças nos receptores radiofônicos. A *Telefunken*<sup>23</sup> divulgava seu novo rádio receptor, ideal para longa distância e que não precisava mais de antenas externas. Já a Phillips enumerava as qualidades do seu receptor de onda curta e longa, capaz de trazer as notícias mundiais, música etc. e que assim mantinha o ouvinte “em contato com o universo”.

---

<sup>23</sup> *Telefunken* foi uma empresa alemã fabricante de rádios, televisores e componentes eletrotécnicos, fundada em 1903, em Berlim, capital da Alemanha.

Conforme explica Barbosa (2013), apesar da tentativa de expansão e profissionalização do rádio, havia um problema. O equipamento ainda era muito caro para a realidade social. Apenas pessoas de classes abastadas tinham reais condições de adquirir um aparelho de rádio. Por isso, conforme Barbosa (2013), o rádio passou a fazer parte da paisagem urbana das cidades de forma gradativa. A reunião de pessoas em volta de um aparelho, ou de alto-falantes que estivessem reproduzindo alguma transmissão, a exemplo do que ocorreu durante a irradiação da primeira partida de futebol em Porto Alegre, aos poucos foi tornando-se uma prática social comum.

Na década de 1930 era bastante comum o uso linguístico de termos ingleses, em relação ao futebol. *Match* (jogo), *corner* (escanteio), *player* (jogador), *goal* (gol) e *speaker* (narrador), são exemplos de palavras que, diferentemente da atualidade, eram populares, inclusive na imprensa escrita. Na verdade, o uso de palavras estrangeiras no cotidiano do brasileiro, ou estrangeirismo<sup>24</sup>, já se tratava de um assunto bastante polêmico, controverso. Conforme Antonio Pedro Tota (2000, p. 18), “as críticas ao estrangeirismo começaram ainda nos anos 1920, contida, por exemplo, nas crônicas e poesias de Juó Bananére”. A palavra futebol, conforme o dicionário Michaelis<sup>25</sup>, tem sua origem da palavra inglesa *football*. Ao longo da história do esporte, trazido pelo descendente de ingleses e escoceses Charles Miller<sup>26</sup> ao Brasil, em 1894, o termo originário do idioma britânico foi “aportuguesado” para futebol, o que não foi um privilégio só desse esporte. Há outros exemplos como basquete (*basketball*), vôlei

---

<sup>24</sup> Segundo Ana Paula de Araújo explica, no portal Info Escola, o estrangeirismo é um fenômeno linguístico que consiste no uso “emprestado” de uma palavra, expressão ou construção frasal estrangeira, em substituição de um termo na língua nativa. Por algumas gramáticas é considerado um método de composição de palavras, por outras é considerado uma figura de linguagem, e há as gramáticas mais conservadoras que tratam o estrangeirismo como sendo um vício de linguagem. Para que seja considerado uma figura de linguagem, é necessário que tenha valor estilístico para o texto, a palavra estrangeira deve ser conhecida e utilizada na língua nativa. No caso da língua portuguesa, existem muitos estrangeirismos vindos da língua inglesa, talvez seja essa a língua mais influente na atualidade por ser utilizada como língua universal. Este fato faz com que muitos produtos importados venham sempre com as informações em inglês, assim como internet, livros, moda, etc. A influência da cultura não poderia deixar também de influenciar a linguagem. Acesso em: <http://www.infoescola.com/linguistica/estrangeirismo/>.

<sup>25</sup> <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=futebol>

<sup>26</sup> De acordo com a edição especial da Revista Placar, nº 1097, de outubro de 1994, intitulada “100 anos de futebol no Brasil: De Charles Miller ao tetra mundial”, Charles Miller, nascido em São Paulo, após 9 anos de estudos na Inglaterra, trouxe na bagagem muita experiência e 41 gols marcados em 25 partidas. Miller trouxe consigo duas bolas, em 1894, mas que só rolaram, pela primeira vez, em 1895. Porém, conta a edição que, alguns anos antes, era comum que tripulantes de navegações estrangeiras batassem bola em solo brasileiro. Porém, como voltavam para os seus navios, o esporte só começou a se fixar, de fato, com a introdução por Charles Miller.

(*volleyball*), tênis (*tennis*), surfe (*surf*), entre tantos outros. De acordo com Tota (2000), o estrangeirismo, que se destacou, principalmente com o processo de americanização do Brasil, principalmente a partir da década de 1930, com destaque para a década de 1940, causava, de um lado, a impressão de que a cultura brasileira corria risco de ser destruída. Contudo, havia quem entendesse a americanização como positiva para o desenvolvimento tanto cultural, quanto econômico. No princípio dos anos 1930, um ano antes das primeiras transmissões de futebol no Brasil, Lamartine Babo, como conta Tota (2000), compôs o foxtrote<sup>27</sup> “Canção Para Inglês<sup>28</sup> Ver”, com homofonias<sup>29</sup> como “ai love iú”. Lamartine encontrou uma forma de ironizar a relação Brasil/Inglaterra daquele período. Lamartine Babo era muito ligado ao futebol, e foi compositor dos hinos de clubes como Flamengo, Fluminense, Botafogo e América, time para o qual torcia.

Se de um lado ocorreu a adaptação de termos estrangeiros para a língua portuguesa ao longo dos anos seguintes, de outro, algumas tradições foram mantidas, e um exemplo disso são as intitulações de Grêmio e Internacional. Fundado em 1903, até hoje o clube gremista mantém o complemento *Foot-Ball* Porto Alegre em seu escudo. De forma semelhante, o Internacional, fundado em 1909, ainda inicia sua denominação com *Sport Club*. São palavras inglesas que ainda se fazem presentes no cotidiano. Parafraseando Ana Paula de Araújo (2015), “para que seja considerada uma figura de linguagem, a palavra precisa ter um valor estilístico”. E o valor estilístico para Grêmio e Internacional consagrou-se, em parte, pelas definições inglesas de seus respectivos nomes.

Lauro Quadros (2015) utiliza o termo “anglicismos” para se referir ao uso de palavras em inglês, no cotidiano do futebol brasileiro. Conforme conta, na época que começou a trabalhar no rádio, era comum ainda a utilização de estrangeirismos. Quadros (2015, p. 58), que fez a sua primeira Copa do Mundo, em 1962, pela Rádio Guaíba, recorda:

Quando comecei, não era futebol; era *football*. Impedimento era *off side*, escanteio era *corner* e gol era *goal*. Goleiro era *goalkeeper*, lógico. Zagueiro,

<sup>27</sup> Termo “coincidentalmente aportuguesado” de fox-trot, do inglês, e que se trata de um ritmo ou dança, que surgiu nos Estados Unidos, na década de 1910.

<sup>28</sup> Conforme Tota (2000, p. 14), a expressão “bom para inglês ver”, teria sido criada pelo príncipe regente D. João, em 1808, ao ser recepcionado por uma Salvador, capital do estado da Bahia, completamente iluminada.

<sup>29</sup> Homofonia. ho.mo.fo.ni.a. sf (homo+fono+ia1) 1 Qualidade de ser homófono; igualdade de som. 2 Mús Uníssono. 3 Mús Monodia. Var: homofonismo. Dicionário Michaelis (2015).

*back*, depois aportuguesado para beque, beque central ou beque de espera. Os laterais eram os *fullback*. O centro médio, center-half. O meia era chamado de *insider*. O centroavante, center-forward, aquele que está na frente e pelo meio. E o ponteiro, óbvio, *winger*. O treinador, *coach*, palavra hoje reabilitada para outros misteres. Se o goleiro tocasse a bola com a mão fora da área, *free kick*. Não era só o inglês; havia o francês também. Confusão na área poderia ser chamada de *melé*. Confusão na torcida, hoje, tão comum, ou em campo, entre os jogadores, pasmem, era sururu.

O dia 19 de novembro de 1931 é uma data histórica não apenas para o rádio de Porto Alegre, mas para o rádio gaúcho. Foi numa quinta-feira daquele ano que Ernani Ruschel, então locutor da Rádio Sociedade Gaúcha, protagonizou a primeira transmissão de uma partida de futebol pelo rádio no estado. Conforme Ferraretto (2002), Ruschel, que não se interessava tanto por futebol, de forma improvisada, descreveu a vitória do Grêmio por 3 a 1, contra a Seleção do Paraná<sup>30</sup>. Explica Ferraretto que o desportista Ary Lund<sup>31</sup> soprava os nomes dos *players* a Ruschel (FERRARETTO, 2002, p. 220). Como conta Dalpiaz (2002), a imprensa deu destaque ao acontecimento e, inclusive, o comércio se mobilizou para o jogo: “O Grêmio Porto-Alegrense enfrentará, hoje à tarde, o combinado paranaense. Correio do Povo, 19 de nov. 1931, p. 9.” (DALPIAZ *apud* Correio do Povo, 2002, p. 57). Conforme a autora Adriana Ruschel Duval (2012), que é sobrinha-neta do *speaker*, Ernani Ruschel começou a sua carreira em 1930. Mas para atuar no rádio, passou por uma seleção onde havia mais de 46 candidatos disputando apenas uma vaga para a Rádio Sociedade Gaúcha. Após a primeira etapa, sobraram 24 locutores, dos quais, apenas Ernani Ruschel foi escolhido (DUVAL, 2012, p. 246). A carreira de Ernani Ruschel, porém, não durou muito tempo. O locutor “largou o rádio em 1936, conforme registrado na Folha da Tarde do dia 4 de novembro, sob o título ‘Ernani Ruschel vae abandonar o Radio’” (DUVAL, 2012, P. 246.). A Figura 1 apresenta a imagem à época da primeira transmissão, conforme afirma Adriana Ruschel Duval, na Enciclopédia do Rádio Brasileiro (2012):

<sup>30</sup> Conforme Adriana Ruschel Duval em depoimento a este autor (2015), o amistoso do Grêmio teria ocorrido contra o Coritiba. A informação sobre o adversário conta, segundo a autora, em “gravação dos irmãos Ruschel (Ernani e Nilo) para o Flávio Alcaraz Gomes (Programa 2001, Rádio Guaíba, 1972)”.

<sup>31</sup> “Formou-se em Educação Física, e passou a preparador do Cruzeiro, seu clube de coração. Foi técnico de atletismo e de futebol do Cruzeiro, em 1943, quando conquistou o campeonato extra de Porto Alegre. Exerceu várias funções diretivas do Clube Estrelado, inclusive a presidência. Foi árbitro de futebol, comentarista esportivo da Rádio Farroupilha e jornalista da Cia. Caldas Júnior. No dia 27 de dezembro de 1936, a emissora Rádio Cruzeiro do Sul, de São Paulo, transmitiu a primeira partida internacional do rádio brasileiro. Foi o jogo entre Brasil x Peru, do campeonato sul-americano. O narrador foi Gagliano Neto e comentarista Ary Lund. Outro pioneirismo desse jogo foi a primeira vez que alguém comentou os lances do jogo, em seu intervalo. Na época, a emissora tocava músicas, no intervalo, até iniciar o segundo tempo. Faleceu em Dusseldorf, Alemanha, em 1986” (DAMIAN, 2015).

**Figura 1 – Ernani Ruschel**



Fonte: DUVAL (2012).

Na competição para tornar-se locutor da Rádio Sociedade Gaúcha, Ernani Ruschel disputou a vaga contra um de seus irmãos, Nilo Ruschel<sup>32</sup>, que, na oportunidade, terminou em segundo lugar. Conforme Vidal<sup>33</sup> (2013), a Revista do Globo, em 1936, rendeu a Ernani Ruschel o apelido de “a voz alegre da cidade”. Além de locutor, Ernani também era cantor e tornou-se muito popular entre os ouvintes que o consideravam agradável e simpático, aos períodos em que atuou nas rádios Sociedade Gaúcha (PRC 2) e na Difusora Porto-Alegrense (PRF 9) (VIDAL, 2013). Foi uma disputa “saudável entre irmãos”, conforme conta o filho do locutor, que também se chama Ernani Ruschel<sup>34</sup>. Existia uma espécie de rivalidade positiva entre os irmãos:

Eram manos queridos que moravam em residências ao lado, juntos, ali na rua Silveiro, um era 700 e o outro 718. Então, se criaram as famílias juntos. A vovó morava aqui na Duque de Caxias e, já o tio Paulo e o tio Nilo estavam fora, eles tinham o Quitandinha Serenates, que foi, talvez, um dos primeiros conjuntos de samba. Houve várias cruzadas, que a gente vai pegando umas pinceladas dessa relação. O encontro era sempre na minha casa ou na casa do tio Nilo. A tia Ruth fazia novela junto com eles, era uma das artistas, a tia Mimi, como chamavam. Era o papel que ela fazia. O meu pai, o tio Nilo e mais dois ou três amigos que faziam a novela. Era uma novela que todos assistiam. As pessoas antigas me cumprimentavam. Eu assistia todos os dias, não sei

<sup>32</sup> Conforme o projeto Vozes do Rádio, Nilo Ruschel (2006), foi radialista, jornalista respeitável, advogado, escritor, poeta, político, assessor governamental e professor universitário. “Nilo Ruschel fez Carmen Miranda cantar aos gaúchos, criou uma série de programas que introduziu o gênero de reportagem no Estado, levou o microfone de uma rádio – pela primeira vez – para um local distante de sua sede, colocou no ar produções inéditas voltadas às etnias” (VOZES DO RÁDIO, 2006). Ver: <http://eusoufamecos.uni5.net/vozesdoradio/entrevista-completa-80/>

<sup>33</sup> Acesso em: <http://wp.clicrbs.com.br/almanaquegaucho/2013/11/18/ernani-ruschel-o-speaker-no-1-do-rio-grande/?topo=13,1,1,,13>.

<sup>34</sup> Tem 56 anos e, atualmente, exerce a função de chefe de gabinete do deputado Frederico Antunes, e, há 17, o acompanha. “Eu tive lavoura de arroz em Uruguaiana. Plantei arroz, tive leitearia. Me formei em zootecnia e, de lá, veio a minha convivência com o deputado Frederico” (RUSCHEL, 2015).

quantos capítulos eram, e a gente perdeu isso aí. No passar da história se perdeu essa história. É uma pena (RUSCHEL, 2015).

Segundo detalhes abordados por Ferraretto (2002), Dalpiaz (2002) e Duval (2012), Ernani Ruschel preocupou-se em conduzir e irradiar de forma descritiva. O ponto fundamental é que o episódio com o futebol, apesar de improvisado, foi pioneiro no rádio gaúcho e brasileiro, pois ocorreu meses após a primeira transmissão no país, por Nicolau Tuma: Combinados de São Paulo contra do Paraná, em 19 de julho de 1931, pela Rádio Educadora Paulista. Ernani Ruschel Filho compreende que o fato de seu pai ter sido um “artista” do rádio naquela época, com uma grande capacidade de improvisar, além da “boa” voz, podem ter sido os fatores que permitiram ao narrador contar a história do primeiro jogo transmitido no Rio Grande do Sul:

Sim, sem dúvida nenhuma, seria a presença de espírito, a voz, porque ele passou num concurso que tiveram vários escolhidos. Ele tinha uma voz muito boa para a rádio. Se considerava o *speaker* um artista. Então eu acho que foi um dos motivos que levaram ele a ser escolhido. E o nome né? Naquela época era um nome na rádio. Fundador, o primeiro *speaker*, número um. No Rio Grande do Sul, quando vinham autoridades, quando vinham artistas, quem recebia era ele, pelo nome da rádio e pelo nome dele. Então esse foi o motivo de encaminhá-lo para a narração dos jogos (RUSCHEL, 2015)

Ruschel, porém, acabou se dedicando a outras atividades profissionais ao longo dos anos seguintes e, principalmente, decidiu priorizar questões familiares, como seu filho explica:

Meu pai se aposentou como diretor da Polícia Civil. Funcionário público. E teve, em várias etapas da sua vida, outras designações como funcionário público. Teve na Madezatti, na Coriga, na Ceasa. Teve várias funções dentro da sua carreira. Coincidentemente, era amigo e trabalhava junto com o Doutor Leocádio Antunes, que é avô do Frederico Antunes, que é deputado, e com quem eu tenho o maior prazer de estar trabalhando há 17 anos aqui. Coincidentemente sem querer viemos trabalhar juntos. Somos três irmãos mais velhas e eu, que sou irmão temporão. Meus pais fizeram bodas de ouro juntos, foi a vida inteira. Ele faleceu com 85 anos e a minha mãe foi a 94. Então, foram bem cuidados os dois, uma família tradicional, antiga. Se vivia para dentro da família (RUSCHEL, 2015).

Não existem acervos sonoros históricos de narrações e, até mesmo, de outros episódios artísticos da carreira radiofônica de Ernani Ruschel. Uma das mais significantes publicações que Ernani Ruschel Filho possui a respeito de seu pai em acervo familiar, se trata da edição número 41, de 18 de janeiro de 1936, da Revista do Globo. A publicação (Figura 2), na verdade, se trata de uma homenagem, pois os

editores da revista entendiam estar em “dívida” com: “Ernani Ruschel, o simpático e popular *speaker* da Rádio Difusora Porto Alegrense” (REVISTA DO GLOBO, 1936). A revista se refere a Ernani Ruschel como um *speaker* modelo, de voz musical, clara, nervosa e imaginativa. Além disso, na avaliação da Revista do Globo, que também, entre outras coisas, fez menção a Ruschel como o n°1 do Rio Grande do Sul, destacou a grande capacidade do locutor de improvisar e florear.

Ernani Ruschel Filho, até pelo fato de ter nascido nos anos 1960, não teve a oportunidade de observar o trabalho de seu pai. De fato, a análise das técnicas, estilos e da capacidade retórica de Ernani Ruschel, assunto do último capítulo deste trabalho, se torna tão restrito quanto para Ruschel Filho, justamente pela ausência de outros documentos, principalmente sonoros, que ilustrariam mais eficazmente o que foi a carreira do rádio ator e primeiro narrador de futebol do rádio de Porto Alegre. É importante ressaltar que a categorização de Ernani Ruschel se baseará, tão somente, nos recursos aqui já apresentados.

**Figura 2 – “Speaker n°1”**



Fonte: RUSCHEL FILHO (2015).

Admite-se a complexidade em se avaliar o desempenho profissional, perante a insuficiência de dados. Porém, é preciso ressaltar, primeiramente, que se trata de uma recuperação que retorna até o ano de 1931. Nessa época, tecnologicamente, não

existia o armazenamento de registros sonoros. Apesar dessas dificuldades percebidas, este estudo leva em conta a produção bibliográfica existente de autores como Ferraretto (2002; 2007), para, na verdade, com as categorias de análise de Schinner (2004), Castilho (1989 ;1994), Klöckner (2011) e César (1999), reinterpretar o passado no presente, que é a metodologia de estudo histórico proposta por Marialva Carlos Barbosa (2009), explicado no capítulo 1.

Na sequência do resgate, ou, reconstrução do passado no presente, este trabalho contará a história de Cândido Norberto, o pioneiro em transmissões de futebol internacionais, pelo rádio do Rio Grande do Sul. Diferentemente do caso de Ernani Ruschel, apesar das dificuldades técnicas que serão relatadas a seguir, Cândido Norberto, por sua vez, já contou com aparatos tecnológicos que serviram para um processo de análise bem mais aprofundado, principalmente pelo fato de que o locutor pôde, naquele momento, utilizar o recurso da gravação, como também será ampliado.

### 2.3 Cândido Norberto: a primeira transmissão internacional

Em Porto Alegre, no ano de 1934, era inaugurada, no morro Santa Tereza, a Rádio Difusora. Já em 1935, conforme Vampré (1970), nascia a Rádio Farroupilha, organizada pelos Flores da Cunha<sup>35</sup> e por Arnaldo Ballvê. Descreve Vampré (1979) que, para a instalação da emissora, foi adquirido um transmissor de 25KW, com refrigeração a água. Era o único transmissor com essa potência no Brasil, em 1935. A Farroupilha, conforme Ferraretto (2002), passou a destacar-se entre os ouvintes, o que fez com a que Gaúcha buscasse formas de resgatar prestígio diante da sociedade porto-alegrense.

No início dos anos 1940, o Brasil ainda se encontrava em regime de Estado Novo, sistema que existiria até 1945. Conforme Pesavento (1980), a economia gaúcha baseava-se na indústria pecuária, porém, com a Segunda Guerra Mundial, outros setores como o da metalurgia e de vinhos, tiveram expansão nacional. As antigas charqueadas vieram a transformar-se em cooperativas, tornando o Rio Grande do Sul um moderno produtor de carnes brasileiro. A implantação de maquinário agrícola, no ainda então primitivo sistema gaúcho, provocou, segundo Pesavento (1980), o fenômeno do êxodo rural. Politicamente, o início dos anos 1940 foi conturbado, com

---

<sup>35</sup> Conforme Vampré (1979), eram filhos do então governador do Rio Grande do Sul, general Flores da Cunha.

a extinção de partidos e a tentativa de golpe contra o governo de Getúlio Vargas. O Estado Novo decretou que era necessário integrar o Brasil e, para tanto, foram tomadas medidas anti nazismo e fascismo. A língua alemã foi praticamente proibida em território brasileiro, ao contrário do que acontecia com o inglês, principalmente a partir da efetivação da relação econômica e militar entre Brasil e Estados Unidos, segundo Tota (2000).

De acordo com Dalpiaz (2002), o cenário que marcou a década de 1940 teve, em especial, uma disputa pela audiência entre três emissoras: Rádio Sociedade Gaúcha, Rádio Difusora e Rádio Farroupilha. A Farroupilha destacou-se pela programação, principalmente artística, com as radionovelas. Com isso, a Gaúcha investiu nas transmissões e, durante a década de 1940, a emissora, que já havia entrado para a história como a primeira a transmitir futebol no Rio Grande do Sul, também ficaria logo marcada por mais duas oportunidades. Se naquela época já era complicado realizar uma transmissão ao vivo em Porto Alegre, pode-se dizer que era quase impensável irradiar algum evento esportivo fora do solo gaúcho. O feito foi protagonizado por Farid Germano, que, em 1944, transmitiu a primeira partida interestadual, em Curitiba, pela Rádio Gaúcha. Na oportunidade, Germano irradiou a derrota da Seleção Gaúcha para a Paranaense, por 3 a 1. Antes disso, em 1942, Farid Germano experimentou, pela Rádio Difusora Porto-Alegrense, sua primeira transmissão como narrador esportivo. Conforme explica Germano (1993, p. 57 - 58), não se sabia nem de que forma ou onde seria feita uma transmissão. Geralmente, eram irradiados alguns jogos dominicais. Muitas vezes, os narradores ficavam em pé, em meio a curiosos torcedores, e não havia cabines para os radialistas. Mas uma das grandes dificuldades dos narradores foi a falta de um sistema que permitisse ao profissional o retorno, isto é, obter detalhes simultâneos sobre a qualidade da transmissão. A narração pelo rádio, sem um sistema de retorno, é conhecida como “voo cego”. Sobre a situação, Farid Germano (1993, p. 58) discorre que “muitas vezes, a telefônica, que prestava a assistência, garantia a linha, e dava OK, mas se ocorresse algum problema, a gente só tomava conhecimento depois do jogo”. Farid Germano foi levado para a Gaúcha por Arthur Pizzoli. O empresário protagonizou uma reviravolta na época ao vender a Difusora para investir na Gaúcha. A ideia era, justamente, competir com a Farroupilha. Segundo conta Farid Germano (1993), ao lado de Paulo Amaro Salgado, Pizzoli tinha a meta de transmitir esporte periodicamente. Pela Rádio

Gaúcha, Farid Germano<sup>36</sup> recorda: “eu tive a alegria de ser o narrador” (GERMANO, 1993, p. 59). De acordo com Ferraretto (2002), Farid Germano acompanhou, em meados de 1944, combinado do Paraná contra a Seleção Gaúcha. Após a partida, Farid partiu para São Paulo e, depois, Rio de Janeiro, onde transmitiu nova derrota do Rio Grande do Sul para os paulistas, por 5 a 4, no estádio São Januário. Farid, conhecido como o “locutor sem clube”, costumava mandar notícias à família, beijos, abraços e passava até mesmo o seu endereço. Popular com os ouvintes, abandonou o rádio em 1946 e, um ano depois, formou-se em Direito e só voltou aos campos como torcedor.

Conforme Ferraretto (2002), Breno Caldas, um dos diretores da Rádio Gaúcha, contratou o narrador da Rádio Nacional, Oduvaldo Cozzi, que inaugurou um novo tipo de narração nunca antes feita no Rio Grande do Sul: a narração lance por lance. Introduziu também, nos intervalos dos jogos, comentários para ilustrar a transmissão. Com todo o investimento feito, e, cada vez mais, a atenção de ouvintes e anunciantes, a Rádio Gaúcha transformou-se em uma emissora reconhecida pelo esporte e pelo jornalismo “vibrantes”. Ao longo das jornadas seguintes, Farid Germano passou a ter o acompanhamento de um comentarista esportivo, outra novidade à época. E o locutor (1993, p. 60) recorda que “Amaro Jr. foi um dos primeiros. Foi o melhor jornalista esportivo de sua época”. A Farroupilha sentiu-se pressionada pela ascensão da Gaúcha e respondeu com algumas contratações de nomes que, ao longo da história da narração esportiva brasileira, tornaram-se ícones para gerações seguintes, tais como, Luís Mendes, que se consagrou no Rio de Janeiro, Guilherme Sibemberg e Antônio Carlos Rezende. Segundo texto da obra *Rádiodifusão no RS* (1993), bastaram quatro anos de passagem entre as rádios Difusora e Gaúcha para o locutor se consagrar.

A Rádio Gaúcha também proporcionaria outro marco histórico para o rádio do Rio Grande do Sul, em 1949. E o personagem, desta vez, foi o locutor Cândido Norberto. O narrador já conhecia Arthur Pizzoli, desde a época que este trabalhava como vendedor na Casa Coates, quando, além de calculadoras, ele vendia enormes rádios valvulados que, segundo Norberto (1993) “eram verdadeiros móveis”. Conforme descreve Norberto (1993), Pizzoli já defendia a ideia de que era o próprio rádio quem deveria vender o rádio. O rádio era o melhor vendedor de si mesmo. Algum

---

<sup>36</sup> Farid Germano, por sua vez, faleceu em 08 de abril de 2012, com 88 anos. Ver: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2012/04/farid-germano-e-enterrado-na-capital-3720758.html>.

tempo depois, Pizzoli, assim como levou Farid Germano para a Gaúcha, fez o mesmo com Cândido Norberto no início dos anos 1940. A emissora, tempos depois, começou a focar em transmitir eventos internacionais o que, na época, seria uma enorme façanha para o que o rádio permitia. Segundo descreve Ferraretto (2002), no dia 14 de maio de 1949, há 66 anos, Cândido Norberto, com o microfone da Rádio Gaúcha, transmitiu, do Estádio Centenário, em Montevideu, Grêmio<sup>37</sup> 3, Nacional 1. Conforme Ferraretto (2002), o locutor encontrou uma situação bastante adversa, pois, é importante enfatizar que, tratou-se de um período no qual não havia estrutura semelhante à atualidade. Os narradores ainda não tinham recursos como o referido retorno com emissora, mesmo “sofrimento” relatado por Farid Germano.

### Figura 3 – Cândido Norberto no Centenário



Fonte: Zero Hora (1999).

Ainda em 1949, Norberto “aventurou-se” em outros países como El Salvador e Guatemala, durante excursão do Grêmio pela América Central, segundo Lauro Quadros (2015, p. 39), “uma longa e exitosa excursão do Grêmio, treinado por Otto Pedro Bumbel” (FERRARETTO, 2002, p. 223). As três transmissões pioneiras da Rádio Gaúcha, primeiramente local, depois interestadual e internacional, foram fundamentais para o que viria em seguida. Sobre o duelo do Grêmio contra os

---

<sup>37</sup> Conforme o site oficial do Grêmio, o time entrou em campo com a seguinte formação: Sérgio, Clarel, Alegrete (Aurélio), Johni, Hugo (Danton), Adams, Teotônio, Hermes, Geadá, Álvaro e Detefon. Acesso em: <http://www.gremio.net/news/view.aspx?id=7928>.

uruguayos, no livro *Radiodifusão no RS* (1993), Cândido Norberto fala sobre as dificuldades daquela oportunidade “complicada”, mas pioneira:

Havia duas maneiras de fazer esse tipo de transmissão. Pelo serviço de cabo submarino da *All American*, um horror, ou pela onda curta, que eu usei, por segurança, utilizando o sistema de uma rádio uruguaia. Fui sozinho o locutor, o comentarista e o narrador. Não pude largar o microfone nem para tomar um copo d’água (NORBERTO, 1993, p. 24).

Lauro Santos<sup>38</sup>, filho de Cândido Norberto, recorda que, das poucas coisas que seu pai comentava sobre as viagens para transmitir futebol, a maioria se relacionava aos problemas técnicos, a falta de comunicação e o isolamento.

Na época, como era equipamento valvulado, era um peso extra. E as partidas, na sua grande maioria, para não dizer, praticamente todas, eram gravadas. Você levava um gravador para o estádio, gravava o jogo e mandava a fita pelo avião. Chegava o jogo, sei lá, quase uma semana depois aqui. E uma outra situação que era também muito comum, até devido à questão das ondas curtas, ainda antes do SSB se falava através de frequências cedidas por emissoras de rádio. Era a questão de ele narrar o jogo lá no estádio, uma semana depois chegava aqui em Porto Alegre e perguntava como foi a transmissão? E diziam: que transmissão? Você narrou para ninguém. Era, infelizmente, comum. Era um risco, fora o isolamento. Você ficava com uma enorme dificuldade de se comunicar com as pessoas, com família, com colegas, ficava em um lugar, em um país estranho, distante das pessoas (SANTOS, 2015).

De acordo com Lauro Santos (2015), as gravações dos jogos também eram uma oportunidade para os jogadores de transmitir notícias sobre suas respectivas situações. Geralmente, as viagens eram feitas por voos, com várias escalas. Lauro Santos compara o modo de fazer uma transmissão da época de seu pai, com a maneira como se trata o assunto atualmente:

Era uma verdadeira cruzada, e passavam também dificuldades. Eu acho incrível que hoje se fale de dificuldades, porque é uma “teta”, é uma “barbada”. Você bota o *Comrex* ali e vai embora. Você conversa com todo o mundo, na hora que quiser. No dia que eu fiz Copa do Mundo, no caso aí em Porto Alegre, com o pessoal do Japão, pessoal dos Estados Unidos, pessoal do México, ficava com a linha aberta o tempo inteiro. Se tinham vontade de conversar, eles falavam, porque todo o tipo de cobertura assim é um isolamento, a rigor. Você fica dentro de uma sala de imprensa, quando não fica numa sala de

---

<sup>38</sup> Lauro Santos iniciou a carreira em 1978, editando áudios de seu pai, oriundos da Copa da Argentina, em 1978, onde Cândido Norberto cobriu como jornalista. Nos anos 1980, Lauro Santos atuou em emissoras como Farroupilha, Itapema FM. Em 1986 realizou o sonho de entrar na Rádio Gaúcha, onde cumpriu diversas funções, entre elas, de operação de áudio. Com Domingos Martins, criou novas vinhetas para a emissora, naquele período. Na Rádio Gaúcha, substituiu Domingos Martins na coordenação de programação. Atuou ainda na PUCRS, com sonoplastia nas disciplinas de radiojornalismo, na UNITV, como criador de vinhetas. Há dois anos, radicou-se em Torres, cidade do litoral norte do Rio Grande do Sul, onde atua em cargo diretivo na Rádio Cultural FM.

imprensa, está em um hotel. Quando não está no hotel, está no estádio. E acabou, amigo. Não tem nenhum grande prazer (SANTOS, 2015).

Segundo Santos (2015), designar um narrador para coberturas, fossem elas nacionais ou internacionais, era dispendioso. O filho de Cândido Norberto recorda que a jornada esportiva de seu pai, nos anos 1940, tinha a presença de alguns patrocínios importantes, com as empresas Empório dos Viajantes, Brahma e Feira das Sedas. “Então precisava ter esses caras aí dando sustentação, se não, não saía cobertura. A Gaúcha deve ter hoje o que, seis, sete patrocinadores para cada jornada esportiva”, (SANTOS, 2015). Sobre a narração de seu pai, Lauro Santos explica que as maiores influências eram oriundas do rádio “castelhano”, de emissoras captadas da Argentina e do Uruguai.

Tanto que o ritmo que ele imprime na narração, hoje seria inaceitável. É quase que uma descrição do que está acontecendo, o que é, efetivamente, a narração. Uma descrição. “Fulano, e agora Fulano pega a bola. Passa para Ciclano, que passa para Fulano, novamente. Dirige-se à linha de campo. Vai chutar. Atenção! Chutou. Gol”. É isso, hoje você pega aí, José Carlos Araújo, que é um narrador rápido e dinâmico, incrivelmente rápido. Deixa eu traçar um comparativo. Dessa narração que ele fez, que o pai fazia, calcado nas emissoras de rádio portenhas, da época, que era onde ele podia se espelhar, aí você pega Oduvaldo Cozzi, que era lírico e fazia toda uma volta de coisas, você pega aí o Geraldo José de Almeida, que foi um baita narrador. Eles começaram a imprimir emoção. A diferença é essa. Não existia a impressão da emoção na narração. Era descrição e esse era o parâmetro que eu queria passar (SANTOS, 2015).

Em entrevista ao projeto Vozes do Rádio, Cândido Norberto (s/d) explica como iniciou a carreira de narrador esportivo:

Eu fui narrar futebol, a Gaúcha tinha um narrador chamado Farid Germano, pai do menino que trabalha até hoje, o Faridinho. Ele largou, e ficou um vazio. Alguém precisava ocupar o lugar. Nós tentamos, mas até não vou dizer porque são nomes conhecidos, mas não deram, não funcionaram. Um deles, também não vou dizer o nome, porque é conhecido, fez a primeira vez e se saiu muito mal. Mas mesmo assim, nós resolvemos insistir com ele. Acontece que deu um pânico nele. Ele entrou em pânico. E na hora de ir, não foi. E de repente me vejo na seguinte situação: eu já era meio chefe, já era locutor chefe, coisa desse tipo no rádio gaúcho, e na época tinha o locutor para comercial. E eu, pelo Cruzeiro, pela transmissão, e fui ao estádio. E estava lá pela expectativa se chegou ou não chegou. E na hora do jogo ele não estava lá. Agora, como é que fica? E pior que era um jogo do Cruzeiro de Porto Alegre, no estádio, que eu não me lembro, no cemitério que tem ali, era o melhor estádio de Porto Alegre. Bom, um jogo do Cruzeiro com um time paraguaio, cuja camiseta era igual, era muito parecida. E eu não tive outra alternativa, fechei os olhos e saí narrando.

Durante a transmissão dessa partida, que aconteceu no estádio da Montanha<sup>39</sup>, que depois foi vendido pelo Cruzeiro para a construção do Cemitério Ecumênico João XXII, um dos diretores de uma agência de publicidade, relacionada à Brahma, que patrocinava as jornadas esportivas da Gaúcha, ouviu a locução de Cândido Norberto e, segundo o próprio, ainda na mesma entrevista ao Vozes do Rádio, teria declarado “esse é o homem”. Cândido Norberto revelou desagrado com a opinião do diretor, mas, conforme ele, continuou narrando por mais algum tempo, “pela camisa”.

Nascido em Bagé, no dia 18 de outubro de 1927, poucos meses depois da fundação da Rádio Gaúcha, em 08 de fevereiro de do mesmo ano, Cândido Norberto também se dedicaria a uma série de outras funções. Foi, conforme o livro *Rádiodifusão no RS* (1993, p. 17), “jornalista, advogado, político com quatro mandatos consecutivos de deputado estadual, inclusive o último cassado pelo Regime Militar”. Apesar de ter atuado nas rádios Difusora, Guaíba, Farroupilha, e nas TVs Gaúcha e Educativa, foi na Rádio Gaúcha onde se consagrou e marcou seu nome na história da comunicação do Rio Grande do Sul. Fez sucesso nos anos 1940 com o programa Tapete Mágico, onde coordenava uma grande estrutura de rádio teatro e que conquistou enorme audiência na época. Ficou marcado também pelo seu comentário no Pensando em Voz Alta, na Rádio Gaúcha, onde discorria sobre fatos do cotidiano, que, segundo ele, tiveram grande influência na sua eleição como deputado estadual, a partir de 1950. O Pensando em Voz Alta também tinha uma particularidade, a trilha sonora, *Moonlight Serenade*, da orquestra do americano Glen Miller, que se tornou um artista bastante popular, a partir do final da década de 1930. Para Cândido Norberto, a composição serviu como um ícone de reconhecimento público da sua opinião.

Um dos maiores legados de Cândido ao jornalismo, foi a criação do programa Sala de Redação, que ainda hoje, é transmitido pela Rádio Gaúcha, sendo uma das marcas mais reconhecidas do rádio esportivo gaúcho. Lauro Santos (2015) conta que seu pai não queria que ele se tornasse radialista, “mas foi muito engraçado que ele me levou no Sala de Redação, eu tinha o que, uns 4 anos eu acho, e eu me encantei pelo rádio. Já era um encantado ouvinte, e comecei a me encantar vendo se fazer

---

<sup>39</sup> O Cruzeiro, tradicional clube de Porto Alegre, se despediu da Montanha, no dia 8 de novembro de 1970, com vitória 3 a 2 sobre o Liverpool do Uruguai. O clube passou a atuar em sua nova casa, o estádio do Estrelão, na Avenida Protásio Alves, na zona norte. O Cruzeiro não manda mais jogos nesse estádio, pois está finalizando a construção de uma arena moderna, no município de Cachoeirinha, na região metropolitana de Porto Alegre.

rádio”, (SANTOS, 2015). Pedro Ernesto Denardin, principal narrador da Rádio Gaúcha e atual apresentador do programa, destaca que o Sala de Redação é especial, segundo ele, por suas particularidades.

O Sala de Redação é um programa fantástico. Um programa que não é exatamente um programa de jornalistas. Ele é um programa de personalidades. Ele tem uma sintonia maravilhosa, é descontraído, ele tem algumas loucuras e algumas ousadias de linguagem, tudo isso faz do Sala de Redação um sucesso (DENARDIN, 2015).

Conforme Cândido Norberto, na verdade, havia dois programas Sala de Redação. O primeiro, como conta ao Vozes do Rádio (s/d), ele apresentou no Canal 5<sup>40</sup>, programa que tinha uma duração entre 30 e 45 minutos. Norberto descreve que se tratava de um estúdio, ou o set, que simulava uma redação jornalística.

Havia um jornal pendurado na parede, uma máquina de escrever, uma mesa, um telefone. Então era para entrevistar pessoas, pegava o telefone. Tinha muito disso de imitação de usar o telefone. Tinha um cara que fazia muito melhor do que eu no Rio de Janeiro, há muito tempo eu tinha visto. Mas simulava um telefone. Isso na década de sessenta, por aí. Então esse nome, Sala de Redação, sai... Me ocorreu esse nome, porque primeiramente eu fui convidado para fazer para fazer um programa de televisão, então tinha que escolher um nome e o estilo que era esse, eu queria fazer jornalismo. Entrevistas, notícias e uns comentários rápidos em cima de alguns noticiários. Eu tirei de um jornal alternativo da época, que circulava pelo Rio, que resolveu fazer uma página inteira com o título “Sala de Redação”. E o que era isso? Eram entrevistas feitas com os próprios redatores do jornal. Eles mesmos se entrevistavam. E tinha uma turma muito boa. Humoristas da época, da melhor qualidade. E cronistas da época também, os Ruben Braga<sup>41</sup> da vida, os Paulinhos Mendes Campos<sup>42</sup>. Comecei no canal 5 e depois na Rádio Gaúcha.

Segundo reportagem da Zero Hora Online, do dia 01 de fevereiro de 2009, “O radialista e ex-deputado Cândido Norberto morreu às 21h30min deste domingo, no Hospital Moinhos de Vento, aos 83 anos”. O corpo do radialista foi velado no Salão Júlio de Castilhos da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, no dia seguinte. Na oportunidade, A Rádio Gaúcha prestou homenagens ao “evocar” a trajetória de Cândido Norberto, termo utilizado pelo jornalista e, atualmente, senador da república Lasier Martins. O programa Sala de Redação foi apresentado, naquele dia,

<sup>40</sup> O Canal 5, citado por Norberto, foi o primeiro canal de televisão a operar no Rio Grande do Sul, tendo sido concedido em 20 de dezembro de 1959 à TV Piratini. Afiliada à Rede Tupi, o canal acabou sendo extinto em 1980. Porém, em 1981, o canal 5 retorna como TVS, criada pelo Sistema Brasileiro de Televisão, o SBT, por Silvio Santos.

<sup>41</sup> Jornalista. Foi correspondente de guerras e produzia crônicas literárias, por exemplo, para o Jornal Hoje, da Rede Globo. Faleceu em 1990, no Rio de Janeiro.

<sup>42</sup> Importante jornalista e escritor mineiro, autor de crônicas e livros, falecido em 1991.

diretamente da Assembleia, onde compareceram diversas personalidades que, de alguma forma, tiveram alguma ligação à trajetória de Norberto, sem contra, obviamente, amigos e familiares. No programa Gaúcha Repórter, Lasier Martins comandou a apresentação de diversas passagens sobre a carreira de Cândido Norberto. Na metade do programa, Lasier declarou:

Agora são 2 horas e 28 minutos, de uma tarde de 27 graus, estamos apresentando o Gaúcha Repórter, no dia em que (pequena pausa), estamos reverenciando a memória de um extraordinário comunicador, certamente, o de maior longevidade, porque Cândido morreu ontem à noite, às 9 e meia da noite, com 83 anos de idade, mas ele atuou 60 anos sem parar no rádio. Ultimamente, nos últimos 3 anos, ele já vinha, precariamente, enfrentando a comunicação, diante de problemas de saúde, mas foram 60 anos ininterruptos de Cândido Norberto. Quem é que tem essa história? Pouquíssimos. Dá para contar nos dedos. (MARTINS, 2009).

Como narrador e jornalista esportivo, umas das coberturas mais importantes de Cândido Norberto foi da Copa do Mundo de 1950. O fato também foi lembrado durante a programação da Rádio Gaúcha, no dia 02 de fevereiro de 2009. Em um dos trechos destacados, Cândido fala sobre a cobertura da Copa no Brasil, e explica de que forma foi organizada.

Nós cobrimos os jogos do Rio, eu sobretudo. O Guilherme Sibemberg, que era outro dos nossos locutores, grande locutor, por sinal, ficou acompanhando os jogos de São Paulo. E os colegas que estavam aqui, ficaram cobrindo os jogos daqui e de Curitiba. Evidentemente que as transmissões não tinham a perfeição técnica que tem hoje, mas elas foram suficientes para que pusesse seus ouvintes a par de tudo que aconteceu na Copa do Mundo de 50. Os jogos e seus detalhes. O grande cenário do estádio e de seus bastidores. Foi uma boa cobertura, considerando-se, evidentemente, o tempo e os recursos técnicos disponíveis.

Norberto conta também como ele presenciou e percebeu o sentimento da derrota brasileira para os uruguaios, por 2 a 1, naquela oportunidade do dia 16 de julho, no Maracanã.

O Maracanã estava transbordando de gente. O Maracanã era festa, era esperança. E aqueles que lá estavam, e eram mais de 100 mil, justificadamente, estavam preparados para uma grande festa. Agora, claro que o resultado imprevisto, o resultado não desejado, o resultado em que a lógica foi quebrada, terminou determinando o surgimento de um clima, efetivamente, indescritível. Aquele clima que, de tão forte, mais do que entristecer e fazer chorar milhares de pessoas, fez com que essas pessoas criassem, ou gerassem o maior silêncio de que eu me lembro em toda a minha vida. Já participei como jornalista, de político de grandes concentrações, de grandes acontecimentos aqui, fora daqui, mas, segue sendo, no episódio do Maracanã, no dia em que o Brasil perdeu a última para

o Uruguai, quando só precisava empatar, segue sendo o mais vivo dos fatos que a minha memória retém. Fatos tristes. O estádio emudeceu. As pessoas não se conversavam. As pessoas limitavam a se entreolhar. Eu muito recorde, especialmente um detalhe que dá conta de tudo, passado o jogo, passado o silêncio do Maracanã, aquele como se formou um longo e fúnebre cortejo pelas ruas do Rio de Janeiro, e também, nesse cortejo, o abandono do estádio, todo ele foi marcado pelo silêncio. Eu estava entrando no hotel, horas depois, regressando, e me lembro, ao chegar ao elevador, ou tomar o elevador, era um elevador grande, as pessoas também continuavam não se falando. E o silêncio, as pessoas se entreolhavam, como se dissessem, mas o que houve? Não se falavam. Uma senhora, que talvez não tivesse nem ido ao jogo, só fez essa pergunta: “mas e o nosso Ademir, não estava lá?”. Eu diria que, talvez, pela primeira vez na vida, o carioca não contou anedota (NORBERTO, 2009).

Cândido Norberto nunca apreciou a sua própria narração de futebol no rádio, fato este, confirmado também pelo seu filho Lauro Santos. Norberto, mesmo assim, narrou, sempre que foi necessário. Foi um profissional que entrou para a história do jornalismo do Rio Grande do Sul, como atesta toda a bibliografia por este trabalho utilizada, além de tantos outros recursos históricos que podem ser avaliados, além deste, que é, apenas, uma parte da recuperação da trajetória de Cândido Norberto. A sua vida, certamente, seria tema de um estudo muito mais aprofundado. Não é a meta deste trabalho, que quer privilegiar a questão da narração, propriamente dita. No capítulo 5, Cândido Norberto será recuperado, através da análise de seus recursos técnicos e estilísticos. Se avaliará, também, a capacidade retórica deste, no que tange a narração. Em relação a Ernani Ruschel, por exemplo, existe um recurso muito mais concreto e uma diferença fundamental que pesa e no resultado que será apresentado ao final deste resgate: há gravações da narração de Cândido Norberto. Como descrito por Lauro Santos (2015), seu pai contava com a possibilidade de gravar as transmissões, estas, que eram enviadas e, em média, eram reproduzidas uma semana depois dos acontecimentos. Foi obtido, através do arquivo histórico da Rádio Gaúcha, a narração de um dos gols da vitória do Grêmio conta a Seleção de El Salvador, por 3 a 1, durante a excursão gremista a América Central, em 1949. Isso ocorreu logo após a primeira transmissão internacional feita pelo rádio gaúcho, quando Cândido Norberto acompanhou o duelo entre Grêmio e Nacional do Uruguai, no estádio Centenário.

Além de Ernani Ruschel e Cândido Norberto, existiram outros narradores que poderiam ser lembrados e descritos como locutores *Desbravadores*, tais como o citado Farid Germano, que narrou a primeira partida interestadual do rádio gaúcho. Luiz Mendes, gaúcho de Palmeira das Missões, locutor da Farroupilha que se

consagrou pelo microfone da Rádio Globo, concorrendo com importantes nomes como Oduvaldo Cozzi, Jorge Curi<sup>43</sup> e Galeano Neto<sup>44</sup>, (VOZES DO RÁDIO, 2011). Guilherme Sibemberg, que, segundo Cândido Norberto, foi um exímio narrador, cobriu a Copa de 1950, no Brasil. Rafael Merolillo, reprovado por Cândido Norberto na Gaúcha, tempos depois, na Rádio Difusora, realizou o sonho de narrar futebol. Entrou para a história, por exemplo, “transmitido a primeira vitória de um clube gaúcho em São Paulo, quando o Inter venceu o Corinthians por 1 a 0 no Estádio Pacaembu, gol de Lambari, pelo torneio Roberto Gomes Pedrosa<sup>45</sup>”, (VOZES DO RÁDIO, 2001).

O próximo capítulo deste trabalho contará a história dos narradores *Paradigmáticos*, que são os locutores que avançaram no processo evolutivo da narração de futebol do rádio de Porto Alegre, e, por consequência, do Rio Grande do Sul. Se destacará a origem e consagração de nomes como Mendes Ribeiro, Pedro Carneiro Pereira, Milton Jung, Armindo Antônio Ranzolin, Haroldo de Souza e Samuel de Souza Santos, que levaram a narração gaúcha a um novo patamar, com a introdução de frases, ritmos, estilos, bordões, tudo isso aliado ao desenvolvimento tecnológico do rádio, que permitiu o melhor uso e reprodução da voz e, por conta disso, da emoção. Aqui se dá o limite de épocas, o limite entre a fase dos narradores *Desbravadores* e o início da era dos locutores *Paradigmáticos* que começa em Porto Alegre, e vai terminar com uma transmissão histórica na Suécia, através de uma emissora, recém fundada, batizada com o nome do estuário Guaíba, que cerca a capital do Rio Grande do Sul. De uma narração praticamente descritiva, a partir dos anos 1950, a emoção começa a se tornar ponto chave entre os narradores de futebol do rádio de Porto Alegre.

---

<sup>43</sup> Famoso locutor mineiro, nascido em 1929, que teve passagens por rádios como Nacional Globo e Tupi. Foi um criador de bordões como “dá-lhe, garoto”, “passa de passagem”, “fim de papo”. Além de futebol, transmitiu corridas de Fórmula 1 pela TV Globo. Jorge Curi era assumidamente flamenguista. Faleceu no dia 23 de dezembro de 1985, em um acidente automobilístico. (ENCICLOPÉDIA DO RÁDIO ESPORTIVO BRASILEIRO, 2012).

<sup>44</sup> Realizou a primeira narração internacional na Copa do Mundo de 1938, pela Rádio Clube do Brasil.

<sup>45</sup> A Taça Roberto Gomes Pedrosa foi uma competição que antecedeu o Campeonato Brasileiro, criado em 1971. O “Robertão”, como também era conhecido, aconteceu entre 1967 e 1970. Palmeiras (2), Santos e Fluminense conquistaram os títulos. Havia também a Taça Brasil, que foi disputada de 1959 a 1968. Somente o Santos conquistou em 5 oportunidades. Enquanto ainda foram 2 títulos para o Palmeiras e 1 para Bahia, Cruzeiro e Botafogo. Grêmio e Internacional não conseguiram vencer nenhuma das edições. O melhor resultado dos gaúchos nas competições foi do Internacional, vice-campeão do “Robertão” em 1967 e 1968, e terceiro colocado da Taça Brasil, em 1962.

### 3 OS NARRADORES PARADIGMÁTICOS

Alguns fatores foram importantes para o desenvolvimento das jornadas esportivas, durante a década de 1940, segundo Dalpiaz (2002) e Ferraretto (2002). O primeiro fator foi que, cada vez mais, o rádio atraiu patrocinadores. Na medida que o futebol também se popularizava, o rádio compreendeu que poderia ser um elo entre clubes e torcedores. A receita, portanto, era simples. Para os patrocinadores, anunciar era um investimento interessante, dado que muitas pessoas ouviam rádio. E para as emissoras, os patrocínios significavam renda, que poderia, além de garantir os salários de seus profissionais, ser investido em tecnologia. Nos anos 1940, ainda era precária a tecnologia que compreendia o rádio. Mas, na medida que o veículo evoluiu, os formatos jornalísticos e esportivos acompanharam o desenvolvimento. Na década de 1940, a Rádio Gaúcha empenhou-se em transmitir o máximo possível de jogos, periodicamente. Mas essa ainda não era uma realidade de todas as emissoras, nem mesmo no Brasil. Em algumas oportunidades, ao invés de transmissões, eram veiculados boletins com os resultados de jogos de futebol e corridas de turfe, principalmente, em Porto Alegre. E foi dessa forma que surgiu um novo tipo de profissional que iria, mais tarde, juntar-se aos demais componentes que formam, atualmente, uma jornada esportiva. Segundo Dalpiaz (2002), foi nos anos 1940 que foi criada a função de plantão esportivo no Rio Grande do Sul, através de Rui Vergara Corrêa, que, além de ter sido chefe de esportes da Rádio Farroupilha, foi um profissional de referência e inovador. Rui Vergara, como conta Dalpiaz (2002), espalhava pelo estúdio diversos rádios sintonizados em emissoras cariocas, paulistas, uruguaias, na busca de resultados de jogos. Além disso, foi o primeiro profissional a coletar e irradiar resultados de jogos do interior do Rio Grande do Sul. A tarefa não era nada fácil, pois as linhas telefônicas eram verdadeiros desafios, devido à precariedade do sistema.

Nos anos 1940, predominaram os narradores que, basicamente, preenchiem todos os espaços durante as transmissões. Mas como verificou-se anteriormente, aos poucos, foram sendo criadas novas funções como comentaristas e locutores de estúdio, ou locutores comerciais. A conhecida função de repórter de campo ainda era embrionária e, geralmente, era executada pelo comentarista. As transmissões ocorriam à beira do campo de jogo e, inclusive, até o início dos anos 1950, não havia algum tipo de padrão definido para a transmissão de uma jornada esportiva.

A década de 1950 começava, conforme Pesavento (1980), em processo de redemocratização, após o término do ciclo do Estado Novo. Segundo a historiadora (1980, p. 86), “afirmava-se o novo padrão de acumulação capitalista baseado na indústria”. Além disso, estabeleceu-se um novo estilo de governo, baseado numa política populista. Buscava-se controlar possíveis tensões sociais através de fatores de consenso, conforme a autora, através do voto, da geração de empregos e da legitimidade da cidadania. O Governo, naquele momento, incentivava o desenvolvimento do país e do processo capitalista, com a captação de recursos estrangeiros, porém, de forma cautelosa. O Rio Grande do Sul, por sua vez, sofria com uma série de tensões sociais, devido, principalmente, ao êxodo rural, ocasionado pela falta de trabalho e melhores condições de vida. Havia outro fator problemático em relação ao estado. Os produtos industriais primários, conforme Pesavento (1980), não encontravam espaço no mercado interno do país. O êxodo expandiu-se além das zonas urbanas gaúchas e muitas pessoas buscaram novas oportunidades em estados vizinhos, como Santa Catarina e Paraná.

A década de 1950 apresentava um panorama de pós-guerra e, grande parte dos países que participaram dos conflitos da Segunda Guerra Mundial, ainda estavam em processo de recuperação social e estrutural. Justamente em função da Segunda Guerra, a Copa do Mundo de Futebol da Fifa não foi realizada na década de 1940. Neste período, deveriam ter sido realizados dois mundiais, em 1942 e 1946, que nunca ocorreram. Como boa parte da Europa ainda sofria com as consequências da destruição dos combates, a FIFA determinou que o mundial deveria acontecer em um país que pudesse abrigar o torneio. A disputa pela Taça Jules Rimet<sup>46</sup> aconteceu, pela segunda vez, na América do Sul. Para a disputa da Copa no Brasil, foram organizadas diferentes sedes pelo país. Uma delas foi Porto Alegre, onde houve a disputa de dois jogos, que ocorreram no estádio dos Eucaliptos, do Sport Club Internacional. Naquele tempo, conforme matéria especial do site G1<sup>47</sup> (2014), o arroio dilúvio<sup>48</sup> era tão límpido,

---

<sup>46</sup> Jules Rimet foi o terceiro presidente da FIFA e responsável pela realização da primeira Copa do Mundo de Futebol, que ocorreu no Uruguai, em 1930. Em sua homenagem, ainda em vida, a taça do mundial recebeu o seu nome. Em 1970, a Seleção Brasileira conquistou a Jules Rimet pela terceira vez. Pelo regulamento, o país que conquistasse o título em três oportunidades, seria o detentor definitivo do troféu, o que ocorreu em 1970, quando o Brasil conquistou a Copa do México. A FIFA substituiu a Taça Jules Rimet pela Taça FIFA, que é ainda disputada. Anos depois, a Jules Rimet acabou sendo furtada e derretida. Jules Rimet, por sua vez, faleceu em 1956.

<sup>47</sup> Acesso em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2014/03/em-1950-porto-alegre-recebeu-dois-jogos-da-copa-do-mundo.html>.

<sup>48</sup> O arroio nasce na Represa Lomba do Sabão, localizada no Parque Saint-Hilaire em Viamão, e recebe água de afluentes como os arroios dos Marianos, Mato Grosso, Moinho, São Vicente e Cascatinha,

que ainda era possível banhar-se em suas águas. A capital gaúcha já era uma verdadeira metrópole, movimentada e com grandes prédios no centro da cidade. IB Kern (2014), de 94 anos, conta na matéria do G1, quais suas lembranças da Porto Alegre de 1950.

Não havia ônibus, o único sistema de transporte era o de bondes, que era um bom serviço. Também não existia telefone. O shopping de Porto Alegre era a Rua da Praia, que na época era luxo. As moças circulavam em uma direção, e os rapazes por outra. Os jovens ficavam contando quantos flertes tiveram.

A Copa do Mundo gerou grande expectativa em Porto Alegre. Porém, o estádio do Internacional precisou passar por reformas e só ficou pronto dois dias antes do início da disputa. A prefeitura de Porto Alegre auxiliou o Inter com uma quantia que foi insuficiente para terminar a obra. Foi necessária a ajuda dos sócios para que o estádio tivesse condições plenas para os jogos. Iugoslávia x México e Suíça x México, foram os duelos de Copa do Mundo, em Porto Alegre, no ano de 1950.

A Copa de 1950 foi um verdadeiro “desastre” futebolístico para o Brasil, pois a grande expectativa da nação era de que o campeonato seria conquistado. Mas não foi o que ocorreu na tarde de domingo do dia 16 de julho de 1950. Como descreve Ferraretto (2007), da euforia, o clima no estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, passou à perplexidade. Aos 33 minutos da segunda etapa, Ghiggia invadia a defesa brasileira para marcar contra o goleiro Barbosa, decretando a virada no placar e o segundo título mundial da “Celeste Olímpica”<sup>49</sup>. Fim de jogo, 2 a 1 para o Uruguai. Ferraretto (2007, p. 476) e Dalpiaz (2002, p. 72), descrevem como se deu a mobilização do rádio porto-alegrense para a Copa de 50:

Nas transmissões, destacam-se Cândido Norberto e Guilherme Sibemberg, pela PRC-2 – Rádio Sociedade Gaúcha, e Antonio Mafuz<sup>50</sup>, Leonel Silveira<sup>51</sup> e Rafael Merolillo, do lado da PRF-9 – Rádio Difusora Porto-Alegrense. Para a viabilização técnica das irradiações do centro do país, são firmados, na época, acordos com outras estações. A Gaúcha utiliza as ondas curtas da

---

para finalmente desaguar no Lago Guaíba, entre os parques Marinha do Brasil e o Harmonia. Seu nome era, originalmente, Arroio Sabão.

<sup>49</sup> A seleção uruguaia passou a ser conhecida por Celeste Olímpica, pois, além das conquistas da Copa do Mundo, o país também se consagrou na disputa do futebol olímpico, ao conquistar a medalha de ouro em 1924 e 1928.

<sup>50</sup> Conforme Ferraretto (2006), Antonio Mafuz foi “um dos sócios da MPM Propaganda, agência detentora da conta da companhia petrolífera, mantém excelentes relações com a Rede Excelsior, então proprietária da Rádio e TV Gaúcha, empresa da qual o publicitário havia sido também diretor”. Faleceu em 2005. Narrou futebol pela Rádio Difusora, nos anos 1950.

<sup>51</sup> Narrou futebol no esquema diagonal com Rafael Merolillo, na Rádio Difusora, nos anos 1950. Veio de Cruz Alta para Porto Alegre. (Vozes do Rádio, 2001).

Nacional, do Rio de Janeiro, e a Difusora, como integrante dos Diários e Emissoras Associados, faz o mesmo com a Tupi, de São Paulo.

Segundo Dalpiaz (2002), foi nos anos 1950 que o rádio se consolidou como uma oportunidade de negócio. Além disso, as emissoras passaram a organizar departamentos de esporte muito mais significativos, com uma relação bastante forte com os patrocinadores. Os moldes de departamento que se seguiram nos anos seguintes têm, na década de 1950, a sua formação efetiva. Dalpiaz (2002) descreve que, entre 1954 e 1955, as rádios começaram a utilizar os primeiros gravadores fora do estúdio, o que permitiu que surgissem os primeiros repórteres, os quais podiam estender longos cabos ao encontro dos jogadores. O repórter “livrou-se” da dependência de um técnico para realizar as gravações, e, desta forma, foi possível dar um dimensionamento muito maior à questão da produção noticiosa.

Até a década de 1960, conforme Dalpiaz (2002), os plantões esportivos ainda passavam informações e resultados restritos de outros campeonatos. Mas, a partir de Rui Vergara, como já descrito anteriormente, e com o desenvolvimento da estrutura da telefonia, as notícias e informações foram ganhando, cada vez mais, amplitude de detalhes. Até 1954, os narradores de futebol não tinham uma posição fixa para a transmissão de jogos nos estádios. Foi com a inauguração do Estádio Olímpico, em 1954, no bairro da Azenha, que, pela primeira vez, as rádios tiveram a oportunidade de transmitir através de cabines. Porém, até hoje ainda existem algumas dificuldades estruturais, no que diz respeito ao espaço para a imprensa. Com a construção de novas arenas para a Copa do Mundo de 2014, um espaço amplo foi destinado para acolher os profissionais dos meios de comunicação, porém, há diversos tipos de acordos de exclusividade que levam em conta fatores como posição no estádio, relações financeiras e de parceria e detenção de direitos de transmissão. O Olímpico, que em 1954 foi pioneiro na viabilização de cabines, até 2013, último ano que sediou jogos, possuía cabines destinadas às principais emissoras de rádio e televisão de Porto Alegre. A Rádio Guaíba, por exemplo, tinha sua cabine fixa que, inclusive, foi batizada de “Cabine Pedro Carneiro Pereira”, em homenagem ao locutor que, entre outros fatores históricos de importância, foi torcedor gremista. O mesmo ocorreu com o Estádio Beira Rio. Havia também as cabines fixas. Porém, em dias de jogos muito importantes, como a disputa de finais ou duelos da Seleção Brasileira, muitas rádios e emissoras de televisão, em função da estrutura, não tinham a possibilidade de transmitir de uma cabine. Por esse motivo, no Olímpico, por exemplo, ao longo dos

anos, foram destinados locais específicos para abrigar demais profissionais de outras localidades, nos chamados “púlpitos”, que se localizavam acima do setor de cadeiras do estádio. Com a construção da Arena do Grêmio e, com a reforma do Beira Rio, para a Copa de 2014, ainda existem as cabines fixas, porém, os demais espaços para a imprensa são mais modernos e organizados.

O ano de 1950, politicamente, estava bastante movimentado. Segundo Marialva Barbosa (2013), após deixar o governo em 1945, Getúlio Vargas estava de volta à disputa pela presidência do Brasil. Conta a autora que, o que predominava nas manchetes da imprensa, era o pleito do dia 3 de outubro de 1950, a grande expectativa sobre o futuro do país naquele momento. O modo de vida americano, o conhecido *american way of life*, invadia as ondas sonoras dos rádios no Brasil. O “jeito de ser” americano começou a popularizar-se não só aqui, mas no mundo todo. Essas tendências norte-americanas passaram a influenciar no cotidiano social do Brasil, principalmente nas camadas mais jovens. De acordo com Barbosa (2013), o “sonho de consumo” de muitas pessoas na época, era o Silverstone de 9 válvulas, que reunia, juntos, uma vitrola e um rádio. Mas, como toda a novidade tecnológica, o aparelho era uma peça que poucos podiam adquirir, devido ao preço. Levado ao mercado em outubro de 1954, nos Estados Unidos, o *Regency TR-1* foi o primeiro rádio transistorizado a ser produzido e comercializado. O rádio valvulado era uma espécie de móvel, de grandes proporções, que “obrigava” o ouvinte a fixar-se a sua volta. Com a invenção do transistor pelos americanos John Barden, Walter H. Brattain e William B. Shockley, em 1947, foi permitido que as tecnologias, antes dependentes das válvulas, pudessem, agora, ter suas proporções reduzidas, facilitando seu transporte e modo de utilização. A invenção foi de fundamental importância para a evolução dos computadores e, em especial destaque neste estudo, para o rádio. Segundo conta Vampré (1979, p. 122), o sistema transistorizado permitiu o desenvolvimento de tecnologias que permitiram o uso de baterias, as depois conhecidas pilhas. O resultado disso, logo mais, no caso do rádio, foi simples: o rádio poderia, agora, ser levado para qualquer lugar. Porém, somente nove anos depois, é que, realmente, o transistor começou a ser encarado de forma diferente por empresários e grandes fabricantes. Segundo Vampré (1979), o ano de 1956 pode ser considerado um marco de renascimento para o rádio. Coincidentemente o autor destaca que se tratou de um ano de muita expectativa em relação ao futuro da humanidade, pois seria lançado o primeiro satélite espacial russo, o *Sputnik*. (VAMPRE, 1979, 122). Enquanto isso, a

*Bell Labs* recebia o prêmio Nobel de 1956, pela invenção do transistor. Era o que faltava para alavancar a potencialidade da tecnologia. Como ressalta Vampré (1979), o homem passou a não ser mais escravo do rádio fixo em um local, ou, pelo menos com a invenção do transistor, livrou-se dessa condição. Claro que, a exemplo do que aconteceu com o próprio rádio, no início, houve um tempo de adaptação e, mesmo com o surgimento do transistor, muitas pessoas ainda continuaram utilizando o rádio valvulado.

### 3.1 A chegada da TV e a nova fase do rádio

O ano de 1956 também marcaria, no campo político, a posse, em 31 de janeiro, do presidente da república Juscelino Kubitschek, dois anos após o suicídio de Getúlio Vargas. JK assumiu com a famosa política de “cinquenta anos em cinco”, que buscava uma aceleração no processo de desenvolvimento do país. No Rio Grande do Sul, conforme Ferraretto (2007), em 1959, já operava, em caráter experimental, a TV Piratini, a primeira emissora do estado. E nesse momento, eram bastante comuns os questionamentos sobre o futuro do rádio, com perguntas do tipo: será que o rádio morrerá? O fato é que, ao contrário do que se temia, o rádio não morreu. Exemplo disso é que, em 1957, foi inaugurada uma das emissoras de maior importância na história do rádio porto-alegrense, gaúcho e brasileiro, a Rádio Guaíba. Em plena popularização da televisão em âmbito nacional, a Rádio Guaíba surgiu com a meta de produzir um tipo de rádio com conteúdo e som qualificados.

O final da década de 1950 não estava fácil para o rádio, é verdade. A Rádio Gaúcha passava, conforme Ferraretto (2007), por uma grande crise, antes de ser vendida, reflexo da tendência nacional de migração de profissionais artísticos e jornalísticos do rádio para a TV. Aos poucos, o rádio percebeu que, em relação à televisão, a questão não envolveria “briga”, mas, a busca por um novo lugar entre a preferência da sociedade. A invenção do rádio transistorizado significou uma mudança importante, tanto na história da eletrônica, quanto na forma como se ouviria rádio, principalmente a partir da década de 1960 e, efetivamente, nos anos 1970. Com a miniaturização do rádio, foi possível fabricar bilhões de aparelhos que se tornaram, como já destacou anteriormente Sonia Virgínia Moreira (1991), verdadeiros companheiros do homem, para onde quer que este fosse. Apesar da revolução e do grande fascínio pela televisão, no mundo todo, só o rádio, após a introdução do

transistor, é que, realmente, podia ser facilmente consumido. O rádio, por sua vez, rompeu as fronteiras residenciais, como contextualiza Ferraretto (2007, p. 87):

Dá-se, então, o esvaziamento do espetáculo e, por necessidade imperiosa, o aproveitamento, ao máximo, da rapidez na transmissão, da agilidade oferecida pelo rádio. Agilidade, acrescente-se possibilitada por um componente tecnológico extremamente importante, o transistor, substituto das válvulas e responsável pela miniaturização dos receptores que se tornam, cada vez mais, portáteis. Transmutando em radinho de pilha, o aparelho de rádio vai começar a migrar, deste modo, de um local de destaque na sala de estar, logo ocupado pelo televisor, para qualquer ponto em que o ouvinte esteja.

Porém, uma novidade tecnológica iria transformar o ambiente brasileiro e “ameaçar” a existência do rádio. Marialva Barbosa (2013, p. 257), descreve o anúncio de uma página de jornal que divulgava uma nova possibilidade comunicacional, que chegava ao país:

Parabéns São Paulo! Parabéns Brasil! RCA inaugura a primeira estação de televisão da América do Sul. Já está no ar, a serviço do público brasileiro, a PRF3 – TV – Emissoras Associadas – São Paulo. A televisão é assim uma realidade em São Paulo – maravilhosa realidade! Congratulamo-nos com os brasileiros por esta grande conquista e cumprimos aqueles que a tornam realidade: as Emissoras Associadas.

A televisão chegou, na verdade, com atraso no Brasil. E muito pouco se sabia desse tipo de meio. Em 1939, na Feira de Amostras do Rio de Janeiro, já havia acontecido a primeira demonstração da televisão no Brasil. Conforme Barbosa (2013), a televisão já funcionava na Alemanha, desde 1929, e no Estados Unidos, desde 1930, ainda que de forma experimental. Em 1935, os alemães já contavam com um sistema público de televisão, que cobriu os Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936. O reflexo do atraso para a implantação da TV no Brasil, explica Marialva Barbosa (2013), teve relação direta com a Segunda Guerra Mundial. Isso porque, até dado momento, o Brasil não tinha uma posição confirmada, isto é, não havia decidido exatamente de qual lado estava no conflito. De um lado e de outro, alemães e norte-americanos ofereciam recursos financeiros e tecnológicos ao Brasil, que se mantinha neutro. Os jornalistas brasileiros que acompanharam a feira tecnológica de 1939, no Rio de Janeiro, não sabiam, ao certo, definir o que estava diante de seus olhos. Não conseguiam compreender exatamente do que se tratava a televisão. A TV, inicialmente, era muito parecida com o rádio, pois a imagem ainda transmitia uma sensação de busca imaginativa pelo público. Porém, no momento que se percebeu

que os ídolos do rádio, tais como Ary Barroso, Silvio Caldas, Dalva de Oliveira, poderiam ser observados através não apenas do som, mas também da imagem, é que se compreendeu o que a tecnologia poderia proporcionar. Segundo Barbosa (2013, p.261), passou-se a reconhecer a TV como um “milagre do século: a transmissão à distância de imagem e som, uma revolução digna do século XX”. Até 1950, o rádio ainda foi fundamental para o Brasil, durante os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. Fez com que o país se aproximasse da Alemanha e dos Estados Unidos, o que permitiu que se tivesse um contato maior com detentores da tecnologia televisiva.

De acordo com Sonia Virgínia Moreira (1991), é a partir da metade da década de 1950 que o rádio começa a perder audiência. Já Barbosa (2013), diz que a implantação da TV no Brasil, deu-se a partir de 1946. Quando o empresário Assis Chateaubriand implantou de forma definitiva a tecnologia no país, pelo menos alguns anos antes já se estudava de que forma isso aconteceria e quanto tempo levaria para estabelecer a TV no Brasil. A conjugação de som e imagem foi um “duro” golpe para o rádio. Porém, Moreira (1991) conta que, o rádio, no entanto, foi o “celeiro” de onde migraram para a televisão os primeiros programas e profissionais que haviam se consagrado através das ondas sonoras. A televisão, segundo a autora, usou a mesma fórmula que fez sucesso no rádio, com a diferença de que, desta vez, havia imagens. Novelas, programas de auditório, o Repórter Esso, todos esses programas, de entretenimento ou noticiosos, foram fielmente reproduzidos com imagens (MOREIRA, 1991, p. 35). Com a expansão da televisão, nos anos 1950, o rádio precisou adaptar-se. Segundo Moreira (1991, p. 36), “aconteceu que o rádio careceu de readaptações e reformulações. O veículo passou a procurar outras formas de identificação com o ouvinte. Ali começava a ser delineada a presente função do rádio: a de ‘companheiro’ de qualquer cidadão”.

Moreira (1991) destaca, sob as palavras de Mauro Felice, que o rádio, na verdade, não sofreu decadência, mas entrou numa nova fase, de readequação, continuando a ser o veículo de comunicação de massa mais importante em nível global.

Conforme conta Guerra (2012), a Copa de 1970 costuma ser lembrada pelos torcedores como a competição que teve a melhor formação de jogadores da história da Seleção Brasileira de futebol. Apesar de já existir o recurso da televisão a cores no Brasil, a Copa de 70 foi assistida em preto e branco, pelo menos pela maioria da

população. Destaca também Guerra (2012), que a “nova” mídia ainda causava grande curiosidade. De acordo com matéria especial da Revista Placar, edição de 5 de junho de 1970, segundo descreve o autor, assistir a Copa do México era fácil, bastava ligar a TV. O fato é que a Copa de 1970, para o rádio, ainda foi positiva, no quesito audiência. 1962 foi a Copa do radinho de pilha. Na Copa da Inglaterra, em 1966, o rádio foi fundamental para transmitir os detalhes da desastrosa campanha brasileira naquele mundial. Na Copa do México, segundo Guerra (2012), apenas 40% da população brasileira possuía um aparelho televisor. Por esse motivo, o rádio continuou sendo muito eficiente e presente na realidade de quem estava acompanhando aquela Copa. Cita Guerra, inclusive, a opinião do jornalista Armando Nogueira, a respeito da televisão, quando disse que a TV afetou muito a relação do torcedor com o futebol, e que perdeu boa parte da magia que só as ondas sonoras proporcionavam.

Ao longo das Copas do Mundo, principalmente, percebe-se que a tecnologia permitiu a modificação de hábitos sociais. Em relação ao rádio, como destacou Ferraretto (2014), a Copa de 1962, no Chile, foi a “Copa do radinho de pilha”. Em 1962, a paisagem urbana começou a caracterizar-se por ouvintes que “colavam o ouvido no radinho” para escutar uma transmissão de futebol. Na medida que o equipamento miniaturizado popularizou-se, essa cena também começou a ser vista nos estádios de futebol. Na Copa do Mundo de 1970, apesar de todo o esforço do Governo para convencer a sociedade a consumir a novidade midiática, a TV, durante o que Guerra (2012, p. 118) cita como o período do “milagre econômico” do Regime Militar, criou-se um novo tipo de hábito, pelos ouvintes de futebol:

[...] o grande campeão de audiência continuou sendo o rádio. Começa aqui o hábito de ver o jogo pela TV com o som vindo do rádio. Paixão essa, segundo nosso entendimento, que até hoje perdura, mesmo diante de toda a tecnologia e de alguns narradores que começam a ajustar as suas transmissões ao veículo TV.

De fato, ao longo dos anos seguintes, a narração televisiva moldou-se à exibição de imagens, que não necessita de todo o referencial verbal ágil de uma transmissão radiofônica que, fundamentalmente, precisa localizar o campo de jogo na mente dos ouvintes.

### 3.2 Rádio Guaíba e a Rede da Legalidade

Desde 1953, “o engenheiro Homero Carlos Simon havia trabalhado na instalação dos transmissores na ilha da Pintada<sup>52</sup>, de forma a aproveitar a conformação geográfica do local para melhorar as irradiações” (Ferraretto, 2007, p. 96). Desde o início, a Rádio Guaíba teve uma grande preocupação com a questão da qualidade de som e também com a programação.

A partir de 1957 e, logo um ano depois de sua inauguração, a Rádio Guaíba começou a conquistar espaço como meio de informação, instalando-se no imaginário da sociedade gaúcha. Um dos fatos mais emblemáticos da história da emissora aconteceu em 1961, período em que o então governador gaúcho, Leonel Brizola, formou a “Rede da Legalidade”. No palácio do governo, foi instalada uma central radiofônica, que contou com a participação de rádios da capital e do interior do Rio Grande do Sul (VAMPRE, 1979, p. 139). De acordo com Cláudio Mércio (2008, p. 272), “durante um período de dez dias, a Guaíba viveu uma programação de exceção, ou seja, em que não teve gerência sobre o que estava sendo transmitido: a Rede da Legalidade”. Mércio (2008, p. 273) explica de que forma a Guaíba foi utilizada pela rede:

As rádios Gaúcha e Farroupilha haviam sido tiradas do ar na madrugada do dia 26 de agosto por ordem do Ministro da Guerra. Os transmissores foram lacrados por terem transmitido manifesto do Marechal Henrique Teixeira Lott, que denunciava a tentativa de golpe dos ministros militares. A alternativa para Leonel Brizola é recorrer à Rádio Guaíba. O então proprietário da Companhia Jornalística da Caldas Júnior, Breno Caldas, exigiu, porém, que Brizola registrasse em documento a requisição da emissora, para assim, não ser responsabilizado por qualquer ação.

Breno Caldas não aceitou. Mas respondeu que liberaria a Rádio Guaíba para a Legalidade, caso a transmissão ocorresse em outro lugar. E foi o que realmente aconteceu. O engenheiro Homero Carlos Simon conseguiu, então, realizar uma série de manobras técnicas ao instalar uma estrutura de transmissão nos porões do Palácio do Governo. Conforme Mércio (2008), o Palácio estava ligado com o estúdio através de um longo cabo, o que gerou muita apreensão nos envolvidos pelas transmissões.

Mércio (2008, p. 278), conta que:

---

<sup>52</sup> Ilha integrante do Parque Estadual Delta do Jacuí. Se localiza no bairro Arquipélago da cidade de Porto Alegre.

Radialistas, jornalistas, políticos e voluntários mantinham a Rede da Legalidade ininterruptamente no ar. Na programação, são irradiados os discursos do governador, informações, mensagens de mobilização e marchas militares. Também eram transmitidos regularmente boletins em francês, inglês, espanhol, italiano e alemão. A Rede da Legalidade chegou a ter um programa, com horário definido. É o A ponte da amizade, irradiado das 2h às 4h da madrugada. Nele, os ouvintes enviam recados a familiares e amigos de outros Estados. Para impedir as transmissões radiofônicas, os militares prepararam-se para bombardear o Palácio Piratini. Sargentos da Aeronáutica da Base Aérea de Canoas, 279 responsáveis pela manutenção das aeronaves, no entanto, esvaziaram os pneus dos aviões evitando, dessa forma, o ataque.

A Rede da Legalidade, segundo Mércio (2008, 279 – 280), “tinha cumprido seu papel. João Goulart chegou a Brasília em 5 de setembro e tomou posse no dia 7, mas dividiu o poder com o gabinete ministerial, chefiado por um primeiro-ministro”. No dia 6 de setembro de 1961, Leonel Brizola enviou ofício à Rádio Guaíba, liberando a emissora para suas transmissões normais.

Além do engenheiro Homero Carlos Simon, outro profissional que foi fundamental durante o episódio da Rede da Legalidade, mas também durante muitos anos, foi Celso Costa. Costa escreveu seu nome na história do rádio do Rio Grande do Sul, pois notabilizou-se por indicar os primeiros caminhos tecnológicos que permitiram a cobertura de Copa do Mundo, principalmente pela Rádio Guaíba. Celso Costa, conforme entrevista ao projeto Vozes do Rádio, em 2002, contou detalhes de sua trajetória, desde os tempos de experimentos amadores na infância, até o instante que atuou ao lado de Maurício Sirotsky Sobrinho, no serviço de alto-falante, em Passo Fundo. Com Sirotsky, trabalhou na Rádio Passo Fundo, em 1947. Celso Costa relata ao projeto Vozes do Rádio (2002).

No início da década de 50, fui morar em Porto Alegre, para trabalhar na Rádio Farroupilha, como chefe do transmissor, um RCA de 50 quilovates. Em 1954 fui testemunha de um dos maiores incidentes da história do rádio gaúcho. A rádio Farroupilha, que funcionava nos altos do Viaduto da Borges de Medeiros em Porto Alegre, foi totalmente destruída por militantes pró Getúlio Vargas, horas após o suicídio do presidente. Nada restou da sede da emissora pertence aos Diários Associados de Assis Chateaubriand, empresa de comunicação que não poupava críticas contra o pai dos pobres.

Celso Costa, antes de integrar a Rádio Guaíba, ainda nos anos 1950, trabalhou na Rádio Nacional e na TV Tupi, ambas no Rio de Janeiro. Ele também atuou

profissionalmente no exterior, tendo sido funcionário do Voz da América<sup>53</sup>, em Nova Iorque, nos Estados Unidos. Em 1957<sup>54</sup>, trabalhou em toda a montagem da estrutura técnica da Rádio Guaíba, sendo um dos fundadores da emissora. Na entrevista ao projeto Vozes do Rádio (2002), Celso detalhou de que forma ocorreu a instalação da estrutura da Guaíba:

O equipamento já estava todo comprado. O engenheiro Homero Simon era um homem de grande competência, professor da PUC e da UFRGS. O equipamento era Philips, o Homero era um homem muito nacionalista, então o equipamento era todo nacional, o que foi um erro. Na época já existia coisa muito boa importada. Nós iniciamos com equipamento de terceira categoria na Rádio Guaíba. Equipamento de estúdio e de transmissor. Sofremos muito porque o transmissor começou a queimar quase que semanalmente. Grandes perdas de transformadores de alta potência, porque aquela zona onde está o transmissor da Guaíba, ali na ilha da Pintada, é muito úmida. E o transmissor ficou muito tempo parado ali, ficou 3, 4 anos ali, e, quando entrou em funcionamento pleno, começou a estourar tudo. E o Homero não admitia comprar equipamento importado.

E completou:

A Guaíba só comprou equipamento importado agora na gestão da família Bastos. Por que até então o transmissor era Philips, fabricado em São Paulo. O equipamento de estúdio também não era bom, o equipamento de externa era péssimo, construído por nós mesmos. Mas como podia uma emissora da qualidade da Rádio Guaíba, da categoria da programação, principalmente os esportes? Era o que eu dizia sempre para eles: “Olha doutor Márcio, o doutor Breno Caldas que é o proprietário da Rádio e diretor, tem uma Mercedes Benz, porque nós não podemos ter um equipamento importado?” (COSTA, 2002).

Conforme Vampré (1979), os anos 1960 continuavam difíceis para o rádio, em relação ao avanço da TV. Após a Copa de 1958, as principais rádios de todo o país fizeram o possível para equipar-se da melhor forma e cobrir a Seleção Brasileira, aonde quer que fosse jogar. Exemplo disso, foi pouco antes da Copa do Mundo de 1962, no Chile. Emissoras de diversas partes do Brasil estiveram presentes em Assunção para transmitir um amistoso preparatório do Brasil, diante do Paraguai. Pelo Rio Grande do Sul, estavam cobrindo o jogo as Rádios Guaíba e Gaúcha. Se no Brasil

---

<sup>53</sup> A *Voice of America* (em português, conhecida como Voz da América) ou VOA é o serviço oficial de radiodifusão internacional financiado pelo Governo Federal dos Estados Unidos e autorizado a operar exclusivamente fora de território americano. É retransmitida em mais de 44 idiomas (via rádio) e 24 idiomas (via televisão) por várias estações ao redor do mundo e está sob supervisão do *International Broadcasting Bureau*, uma instituição vinculada ao Presidente dos Estados Unidos e que teoricamente garantiria a isenção da VOA perante a política externa norte-americana. A Voz da América tem seus escritórios localizados na 330 *Independence Avenue SW*, em *Washington DC*, 20237, nos Estados Unidos.

<sup>54</sup> Em 2014, a direção da Record, atual detentora do sistema Correio do Povo, Rádio Guaíba e TV Record, demitiu Celso Costa das funções de coordenação técnica da emissora.

as dificuldades técnicas eram imensas, no exterior as emissoras, muitas vezes, “penavam” para colocar uma transmissão no ar. Sobre a Copa de 1962, Ferraretto (2014) destaca ainda que, no Rio Grande do Sul, “apesar de já existir alguma produção nacional, os receptores – em sua maioria, da marca *Spica* – chegam, então, não raro, contrabandeados pelo porto de Rio Grande”. Desde a Copa de 1958, quando o ato de “colar o rádio ao ouvido” começou a fazer parte da cena urbana, foi encarado por muitas pessoas, conforme Ferraretto (2014), como uma espécie de epidemia. O autor cita uma reportagem, de 1960, feita pela revista *Visão*, que buscava compreender o significado do uso do rádio de pilha naquele período:

Nas filas de ônibus, nos lotações, bondes e ônibus, nas praias e estádios, nas repartições e nas ruas, em toda parte, até nos cinemas, os rádios portáteis se fazem presentes. Uma conversa na condução é, não raro, perturbada pela intromissão do instrumento sintonizado em altos brados. Como se isso não bastasse, surgem as situações mais esdrúxulas: num jogo de futebol há sempre espectadores que parecem não acreditar naquilo que enxergam no campo e mantêm os seus ouvidos colados aos radiozinhos; na Bienal de São Paulo se podiam surpreender vários visitantes observando as obras de arte, enquanto ouviam os seus aparelhos; na praia, o rádio incorporou-se à bagagem dos banhistas, tornando-se elemento tão importante ou mais que a barraca, o pé de pato, a bola de vôlei ou o cachorrinho que a grã-fina leva às areias de Copacabana; e nos cinemas, em meio aos filmes de maior suspense, espectadores veem-se obrigados a reclamar contra vizinhos que ligam o respectivo rádio, que muitos já denominam de “maquininha infernal”.

A qualidade de som, na medida que a tecnologia avançava, foi apresentando algumas novidades. E no caso do rádio, que, conforme Vampré (1979), depende apenas do ouvinte, foi fundamental o aprimoramento técnico, principalmente do som transmitido. Em 1966, o rádio passou a utilizar o sistema estereofônico, isto é, começou a trabalhar com dispositivos de duplos canais, valorizando e permitindo a captação, no caso das gravações, e a emissão de diferentes elementos de som. A valorização dos elementos sonoros tornou-se uma tônica no rádio nos anos seguintes. Passou-se, principalmente a partir dos anos 1970, com maior ênfase dos anos 1980 até à atualidade, a distribuição de microfones ambiente, principalmente próximos aos torcedores. Com a mobilidade proporcionada pelo avanço tecnológico, que permitiu uma movimentação cada vez mais livre dos repórteres esportivos, os próprios profissionais passaram a incrementar as transmissões, compreendendo que o som também pode ser uma informação. Há uma série de exemplos de muitos repórteres que passaram a executar e que, ainda hoje, utilizam recursos sonoros em uma jornada

esportiva, por exemplo: a captação de um som durante uma cobrança de escanteio. Enquanto o narrador descreve oralmente, o som do impacto do chute na bola enriquece o momento. O ruído emitido pelo apito do árbitro. Os gritos dos treinadores à beira do gramado. O impacto da bola ao chocar-se com a trave. Os ruídos de uma forte tormenta durante a disputa de um jogo. Os sons dos alto-falantes do estádio. São exemplos de recursos que, ao longo do processo evolutivo das jornadas e da tecnologia, passaram a tornar-se elementos presentes nas transmissões. Porém, é bom enfatizar que os recursos sonoros sempre foram características exploradas no rádio, com destaque para as radionovelas e radio-teatros, que, em muitos momentos, desde os anos 1930, utilizaram a sonoplastia para caracterizar situações o máximo possível.

### 3.3 Mendes Ribeiro: “Deus não joga, mas fiscaliza”

Considerado também como um desbravador do rádio, Jorge Alberto Mendes Ribeiro ajudou a criar a Rádio Guaíba, em 1957, emissora que completou 58 anos em 2015. Conforme conta Ferraretto (2007, p. 96), a história da Guaíba tem início em 30 de abril de 1957, por Breno Caldas, filho de Caldas Júnior. Entre as etapas de estruturação do grupo de trabalho, o departamento de esporte foi definido e composto pelo próprio Mendes Ribeiro, Pedro Carneiro Pereira e Milton Jung (DALPIAZ, 2002, p. 08). Apesar de jovem, a rádio transmitiu a Copa de 1958 na Suécia e tornou-se pioneira no Rio Grande do Sul, ao enviar uma equipe totalmente formada por profissionais gaúchos à Europa. A dupla Mendes Ribeiro e Flávio Alcaraz Gomes relatou, do estádio Rasunda<sup>55</sup>, a vitória do Brasil sobre a Suécia, por 5 a 2.

Antes da Guaíba, porém, como conta a obra *Radiodifusão no RS* (1993, p. 81), Mendes Ribeiro começou sua trajetória em 1951, pelos microfones da Rádio Gaúcha. Após realizar teste para locução e não ser aceito, recebeu uma oportunidade de Cândido Norberto e, poucos meses depois, além de narrador esportivo, já cumpria diversas outras funções. Mendes Ribeiro (1993, p. 81) comenta a decisão de Cândido Norberto.

---

<sup>55</sup> Inaugurada em 1937, o estádio *Rasunda* foi demolido em 2012 e substituído pelo *Friends Stadium*, em Estocolmo, capital sueca.

Acho que o Cândido tinha razão. Uma semana depois, passei a fazer comentário esportivo e notícias. Trinta dias mais, comecei a narrar futebol. Eu dois meses de rádio, eu era diretor de esportes, notícias e chefe dos locutores. Daí para frente, só fui.

A oportunidade que recebeu em 1951, rendeu também uma grande amizade entre Mendes Ribeiro e Cândido Norberto, conforme conta Elizabeth Mendes Ribeiro Da Rocha<sup>56</sup> (2015). Segundo a filha de Mendes Ribeiro, era comum seu pai receber em casa a visita de Norberto, aliás, não dó dele, mas de outros amigos que foi cultivando ao longo de sua trajetória.

Na profissão de vocês não existe sábado e nem domingo. Nunca vi coisa igual, né? Não existe segunda, terça, quarta, quinta... Todos os dias são de novidade, de trabalho. E quem acha que existe, perde o trem da história. Então, ele tinha muito da história de estar no meio do que acontecia, de estar no meio do povo, de estar no meio dos furos de reportagem, de entrar no meio dos jogos. E o Cândido, de certa forma, também vivia de uma forma bem intensa isso. E a tia Lara era uma pessoa muito condescendente, digamos, que não exigia do Cândido que ele se mantivesse todo tempo. Acho que as mulheres dos jornalistas, de um modo geral, tinham essa característica, de dar força, de acompanhar, de estar com o radinho. De ficar ligada no radinho de manhã, de tarde e de noite. Onde a gente ia, o radinho estava atrás. Até hoje, quando o meu marido liga para ouvir o jogo de futebol, eu sinto uma dupla emoção, porque lembro do pai, lembro de novo isso, porque todo o tempo estava no rádio, né? A gente tinha a televisão ligada, porque era o Jornal do Almoço, depois era de manhã, então a gente se criou com isso (ROCHA, 2015).

Em 2002, em entrevista ao projeto Vozes do Rádio, a esposa de Mendes Ribeiro, Marlene Garcez Mendes Ribeiro<sup>57</sup>, entre outras histórias, lembrou o diálogo entre Mendes Ribeiro e Cândido Norberto, que significou, para Mendes Ribeiro, o início de sua trajetória como narrador de futebol no rádio. De pequenos postos atrás das goleiras, logo, Mendes Ribeiro começou a comandar jornadas esportivas e desenvolver seu próprio estilo. A conversa entre ambos, aconteceu da seguinte forma, conforme relata a esposa de Ribeiro:

**Cândido Norberto** - "Passas a trabalhar comigo. Já fostes ao futebol? Sabes o futebol?"

**Mendes Ribeiro** - "De vez em quando com o meu pai".

**Cândido Norberto** - "Sabes narrar futebol?"

**Mendes Ribeiro** - "Nunca fiz isso".

**Cândido Norberto** - "Tá bem. Domingo vais para o campo comigo".

**Mendes Ribeiro** - "Ai?", disse ele.

<sup>56</sup> É psicóloga. Em 2014, doou parte do acervo de crônicas de seu pai à ESPM-Sul, durante a realização do 2º Simpósio Nacional do Rádio, em Porto Alegre. Irmã de Mendes Ribeiro Filho, advogado e político, que faleceu de câncer, em 2015.

<sup>57</sup> Ver entrevista completa em: <http://eusoufamecos.uni5.net/vozesdoradio/entrevista-completa-73/>.

Conforme relembra Marlene Ribeiro (2002), os locutores se posicionavam atrás das goleiras, portando seus respectivos microfones. Mendes Ribeiro trabalhou dessa forma, durante dois domingos seguidos, e, no terceiro, Cândido Norberto chamou-o para a cabine:

**Cândido Norberto** - “Vem para cabine”

**Mendes Ribeiro** - “Porque me trouxestes para cá, Cândido?”

**Cândido Norberto** - “Quero que tu fiques aqui. Dois meses e tu vai tá aqui comandando tudo”.

Mendes Ribeiro narrou o primeiro tempo, até que Cândido lhe disse: “Olha, cara, eu estou cansado. Vou para casa. Vou te ouvir de casa. Assume o microfone aí”. Lauro Santos (2015), filho de Cândido Norberto, diz que tem ótimas lembranças da amizade do seu pai com Mendes Ribeiro. “Jorge Alberto Beck Mendes Ribeiro também narrador, foi uma pessoa maravilhosa”. Conforme conta Elizabeth Mendes Ribeiro Da Rocha (2015), a família tinha pouco contato com Mendes Ribeiro, justamente pelo número de tarefas que ele cumpria diariamente.

Sim, é que eles ficavam muito tempo longe de casa. A mídia era muito complicada. O acesso à tecnologia era outra. Não existia o tal do computador. As máquinas eram Olivetti, não eram as máquinas elétricas. Eu me lembro que o pai batia só com os dois dedos (indicadores), mas ele batia com uma velocidade que tu não podes imaginar. Tu não consegues digitar com a velocidade que ele batia. Essa Olivetti acompanhava ele e eu ainda tenho lá em casa.

Mas a consagração como narrador de futebol no rádio não seria pelo microfone da Rádio Gaúcha, mas da Rádio Guaíba. Mendes Ribeiro tinha apenas 28 anos, quando se tornou o primeiro diretor de broadcasting da emissora, fundada em 1957. Foi, segundo consta na obra *Radiodifusão no RS* (1993, p. 84), “o primeiro repórter brasileiro a irradiar uma Copa do Mundo, em 1958”.

Na busca de viabilizar a transmissão do mundial, Flávio Alcaraz Gomes foi pessoalmente a Europa tentar conseguir um canal de transmissão para o mundial da Suécia, conforme Dalpiaz (2002). A Guaíba, então, inaugurou através de um acordo com a PPT (*Postes Telegraphes et Telephones*) suíça, o sistema chamado *Single Side Band* (SSB), banda lateral simples. Os sons dos estádios de futebol em Berna eram enviados via telefone, que respondia de Porto Alegre o sinal radiofônico transmitido pela PPT. Deste modo, conforme Dalpiaz (2001), a emissora cobriu, como nenhuma outra, com excelentes condições, o campeonato mundial de 1958. Iniciariam

as memoráveis transmissões que a emissora iria realizar dali para frente. A maior concorrente na época (ainda hoje), a Rádio Gaúcha, possuía direitos de transmissão, mas optou por uma parceria com a Rádio Nacional. Apesar de todas as dificuldades enfrentadas, a Guaíba conseguiu transmitir o torneio no país nórdico e, inclusive, foi pioneira no Rio Grande do Sul em transmissão de uma Copa do Mundo com uma equipe totalmente formada por profissionais gaúchos. No final, o narrador Mendes Ribeiro e o repórter Flávio Alcaraz Gomes relataram, *in loco*, a vitória do Brasil sobre a Suécia, por 5 a 2, que deu o primeiro título ao país. Ferraretto (2007) reproduz um dos momentos históricos não apenas da Rádio Guaíba, mas do rádio gaúcho. Durante a final de 58, alto-falantes irradiavam as emoções da partida narrada por Mendes Ribeiro, com a presença de uma aglomeração de pessoas em frente à sede da emissora. O Brasil, naquele momento, vencia por 4 a 2, mas Pelé ainda reservou mais uma façanha que fecharia aquele primeiro título mundial com “chave de ouro”. Mendes Ribeiro, conforme Ferraretto (2007, p. 486), narrou assim:

Os 200 brasileiros começam a acenar os lençinhos aqui./ São poucos lenços!/ São poucas bandeiras!/ São poucas vozes gritando Brasil!/ Mas a verdade é que o Brasil é campeão!/ Lenços brancos para o Brasil!/ Duzentos brasileiros.../ Bola com Vavá, caiu na área, atingido novamente./ Pelo meu cronômetro, está esgotado o tempo regulamentar!/ Vem Garrincha com a bola./ Está terminando a Copa do Mundo!/ Garrincha com a bola./ Garrincha para Djalma./ Brasil 4 a 2!/ Djalma para Didi./ Entra na área./ Para Vavá, para Zagalo, para Pelê./ Entra Zagalo na área, vai à linha de fundo, atira/. Agarra o sueco./ Quarenta e cinco minutos de jogo!/ Brasil 4, Suécia 2!/ Pelo meu cronômetro, terminou!/ Duzentos lenços contra 60 mil!/ Atirou Zagalo./ Cabeceou Pelê./ Gool!/ Gool do Brasil!/ Gol do Brasil!/ Peleeeê!/ Ficou estendido no gramado, Peleeeê!/ Quarenta e cinco minutos./ Entrou Zagalo, entrou Pelê e, de cabeça, atirou nas redes./ Gol de Pelê para o Brasil!/ Gol de Pelê para o Brasil!/ Eu tenho a impressão que o árbitro não deu o gol.../ [hesita] Terminou o jogo!/ Terminou o jogo!/ Terminou o jogo!/ Brasil, campeão do mundo de 1958!//

Após a cobertura no Chile, gradativamente, Mendes Ribeiro foi deixando a narração de futebol. Lauro Santos (2015) faz uma alusão ao próprio futebol para explicar porque esse processo da retirada da locução de futebol aconteceu com Ribeiro, assim como com seu pai, Cândido Norberto.

Da década de 70 para a década de 80, se um jogador fizesse com a bola o que o Valdomiro Vaz Franco fazia, ele tinha tempo de correr, do meio de campo até a grande área, pensar no que ia fazer, brincar com a bola, driblar dois caras e fazer o gol. Hoje, não existe mais isso. Por isso que eu digo que o Pelé, mal comparando, com um narrador do padrão do Cândido, ou do próprio Mendes Ribeiro, enfim, já não teriam lugar hoje. E acho que até por

isso, eles mesmos começaram a se “escantear”. Eles sabiam que vinha coisa nova. Eles eram macacos velhos de rádio, sabiam o que mudaria.

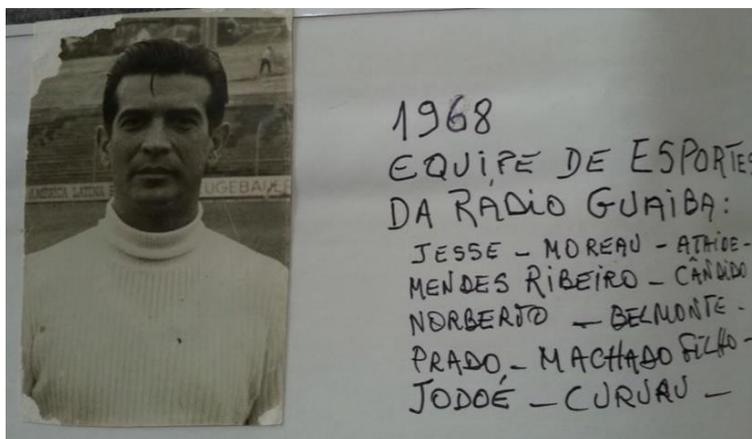
**Figura 4:** Rádio Guaíba na Copa do Chile<sup>58</sup>



Fonte: QUADROS (2015).

Em 1962, ainda, eleito deputado, Mendes Ribeiro transferiu-se para a Rádio Gaúcha, onde permaneceu até 1992. Na Gaúcha, Mendes Ribeiro voltou a trabalhar ao lado de Cândido Norberto, integrando a equipe de esportes da emissora, como mostra a Figura 5.

**Figura 5:** Mendes Ribeiro na Gaúcha em 1968



Fonte: ROCHA (2015).

<sup>58</sup> A Figura 4 apresenta a equipe de esportes da Rádio Guaíba, em 1962, na cabine do Estádio Sausalito, em Vinã del Mar. Segundo Lauro Quadros (2015), “a partir da esquerda, Adroaldo Streck, Ataíde Ferreira, Lauro Quadros, Mendes Ribeiro, Flávio Alcaraz Gomes e Amir Domingues.

Nesse tempo, o repórter João Carlos Belmonte também integrava o “time” da Gaúcha, mas, logo se transferiria para a Guaíba. Em 1983, Ribeiro voltou à Suécia, onde transmitiu um jogo comemorativo entre a seleção da casa e o Brasil, pelos 25 anos em memória ao mundial de 1950. Durante sua trajetória, foi um profissional de várias mídias e não só do rádio, também jornal e televisão e formou-se em jornalismo, direito e filosofia. Trabalhou na RBS TV e foi cronista do jornal Zero Hora, comentarista, apresentador e correspondente em Brasília, capital federal. Segundo o jornalista Fábio Marçal<sup>59</sup> (2015), Mendes Ribeiro era “apaixonado pelo Inter”. Porém, conforme Elizabeth Mendes Ribeiro da Rocha, ele sempre manteve a imparcialidade, publicamente, como jornalista.

Dizia ele, em casa, que era do colorado, mas ele nunca pôde assumir que, de fato era colorado. Então ele dizia para o povo que era zequinha, para manter uma certa neutralidade. Mas ele dizia que, quando estava narrando, que já não sabia mais nem o que ele era, porque, na realidade, ele entrava dentro daquele jogo, e queria mesmo irradiar com a emoção de estar participando de tudo.

Mesmo após ter abandonado o esporte, Mendes Ribeiro, eventualmente, falava ou escrevia sobre futebol como mostra a Figura 6. Na segunda-feira, 18 de julho de 1994, 36 anos após o primeiro título da Seleção, na Suécia, Mendes dedicou-se em sua coluna, no Correio do Povo, a falar do tetracampeonato do Brasil, nos Estados Unidos. Em uma das passagens, Mendes Ribeiro (1994, p. 6) se referiu àquela Copa da seguinte maneira:

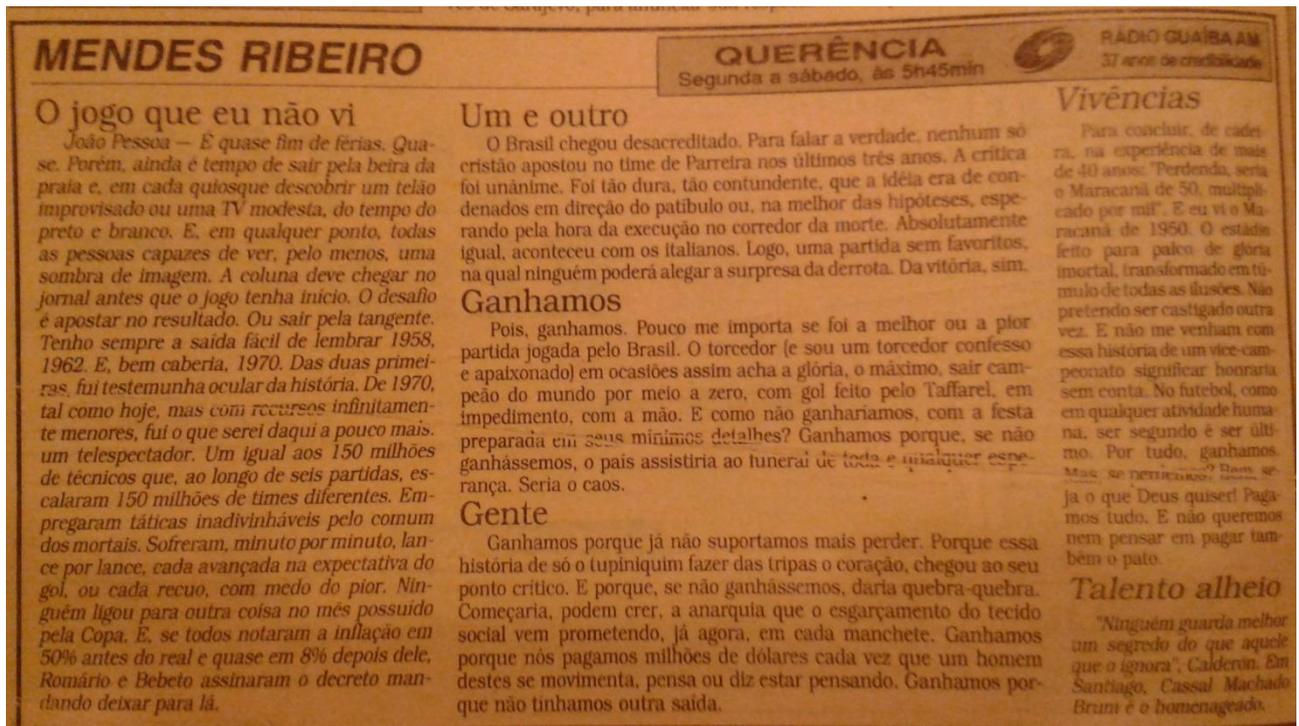
Ninguém ligou para outra coisa no mês possuído pela Copa. E, se todos notaram a inflação em 50% antes do real e quase 8% depois dele, Romário e Bebeto assinaram o decreto mandando deixar para lá.

Em 1991, reelegeu-se deputado federal, tendo sido o mais votado do Rio Grande do Sul e do Partido do Movimento Democrático do Brasil (PMDB) (RADIODIFUSÃO NO RS, 1993, p. 82). No mês de julho de 1999, perto de completar 70 anos, Mendes Ribeiro faleceu. A principal influência de Mendes Ribeiro foi Cândido Norberto, que permitiu que começasse a narrar futebol no rádio. Pouco tempo depois, Ribeiro já era o principal narrador da recém fundada Rádio Guaíba, por onde transmitiu os mundiais de 1958 e 1962.

---

<sup>59</sup> Foi produtor de Mendes Ribeiro entre 1981 a 1983, e, depois de 1985 a 1999. Segue atuando como correspondente político, em Brasília, pela Rádio Guaíba.

**FIGURA 6 – Coluna de Mendes Ribeiro – Final Copa do Mundo de 94**



Fonte: Jornal Correio do Povo<sup>60</sup>, Porto Alegre, 18 jul. 1994, p. 6.

No capítulo 5, será apresentada a análise de um episódio da carreira de narrador de Mendes Ribeiro. Obtido através do vasto arquivo histórico da Rádio Guaíba, serão avaliados trechos do jogo entre Brasil e França, transmitido desde a Suécia, em 1958. Algo já pode ser adiantado, Mendes Ribeiro, diferentemente de Cândido Norberto, um locutor absolutamente descritivo, imprimia, já no final da década de 1960, emoção, improvisação, dicção acelerada e grito de gol contundente. Se tornou, inclusive, um criador de frases e, a mais conhecida é: “Deus não joga, mas fiscaliza”.

### 3.4 Milton Ferretti Jung: Gol, gol, gol – bola no fundo do poço!

Milton Ferretti Jung<sup>61</sup> foi narrador de futebol da Rádio Guaíba, onde atuou durante 56 anos. Se notabilizou como locutor do noticiário Correspondente Renner (patrocinador original que acompanhava o noticiário de 10 minutos, aos moldes do Repórter Esso), de onde passou a ser conhecido como “a voz do rádio”. Em março de

<sup>60</sup> Acervo: Ciro Götz (1994).

<sup>61</sup> Para mais, acessar: <http://eusoufamecos.uni5.net/vozesdoradio/vozes/vozes/m/milton-ferretti-jung/>.

2014, Milton Jung foi dispensado pela direção da rádio, com mais de cinco décadas de emissora. Seu mais conhecido bordão no futebol foi: “gol, gol, gol – bola no fundo do poço!”.

Milton considera que começou cedo a narrar futebol, não especificamente no rádio, mas, “em cima” da mesa de jogo de botões. Jung (2015) não recorda exatamente quando aconteceu, mas, enfatiza o fato de que tudo iniciou quando ainda bastante jovem.

O meu primeiro jogo é muito gozado. Comecei e eu era bem jovem ainda. E nós tínhamos uma mesa de botão que a gente abria para jogar lá no pátio da minha casa, do meu pai, e eu descobri um dia, por acaso, que meu pai tinha um rádio que comprou importado do Estados Unidos, tipo *Wells Radio*, e eu descobri que se eu plugasse um fone na parte de trás dele, ele tinha uma entrada para fone. Eu falei, peguei aquilo, não me lembro por que eu falei, e o fone era a mesma coisa que um microfone. Era um espetáculo, espetáculo, eu narrando futebol de mesa. A minha idade eu nem me lembro, mas os ouvintes eram ali do lado, os vizinhos, aquela gritaria (JUNG, 2015).

Aposentado, Milton Ferretti Jung escreve, eventualmente, para a coluna de seu filho, o também jornalista da Rádio CBN de São Paulo, Milton Jung. E na coluna do dia 23 de junho de 2015, com o texto intitulado “O rádio onde narrei minhas primeiras partidas de futebol”, Jung posta uma foto do primeiro rádio que teve contato em sua vida, como mostra a Figura 7.

**Figura 7 – Wells Radio**



Fonte: JUNG (2015).

Com o passar dos anos, a “brincadeira” acabou se tornando “séria” e Jung foi ganhando espaço com a voz. Antes de se tornar funcionário da Rádio Guaíba, fato que aconteceu em 1958, Milton Jung atuou como locutor na Rádio Canoas<sup>62</sup>, a partir de 1954. Foi lá, segundo ele, que narrou sua primeira partida de futebol no rádio de Porto Alegre, um jogo entre Cruzeiro e Renner<sup>63</sup>. Para trabalhar na Canoas, porém, antes, foi necessário passar por um teste, e Milton Jung se classificou, segundo conta.

[...] e eu comecei lá, fiz um teste com 200, inclusive, um deles, que depois que eu fui descobrir, era o Lauro Quadros. Fez também, e não passou. Passamos três, dois deles já trabalhavam nisso. Um rádio ator e o outro era locutor, um bom locutor. Eu era apenas um estrepante, mas a minha experiência era quermesse que se fazia para dar dinheiro para a igreja, a igreja que era o Sagrado Coração de Jesus, que era no morro e era na nossa zona. A gente botava alto-falante e fazia aquelas quermesses, sabe, chamava as pessoas, botava música. Eu disse bom, eu faço, eu vou trabalhar aí, mas eu só faço locução. Eu não mexo na técnica. Vocês que mexam na técnica, eu fico aqui só falando. Eu fiquei quatro anos lá. Eu entrei com 18 na Canoas.

Um ano após a fundação da Rádio Guaíba, em 1958, Milton Ferretti Jung fez um teste e foi aprovado. Porém, em função de questões salariais, preferiu continuar na Rádio Canoas. Em seguida, Jung fez um novo teste e foi aprovado novamente. Jung admite que, na verdade, “não sabia nada de futebol”, mesmo tendo narrado ainda pela Canoas. Mas foi na Rádio Guaíba que o locutor, verdadeiramente, se firmou como narrador esportivo, principalmente pela necessidade que a emissora tinha naquele instante.

E aí o Ribeiro tinha uma coisa muito interessante. Aí que eu narrei futebol pela primeira vez, mesmo, narrei. Ele mandava a gente para Caxias, que Caxias tinha meia hora de diferença com os jogos de Porto Alegre. Sempre tinha essa diferença. Então, no intervalo do jogo aqui, ele passava para lá, e testava a gente, com as pessoas que tinham alguma coisa com futebol, que gostavam de futebol, que achavam que narravam, e ele colocava a gente, e ali eu me formei. Ali sim, eu comecei a narrar futebol.

Na Rádio Guaíba, Milton Ferretti Jung foi contratado como locutor comercial. Conforme conta em entrevista ao projeto Vozes do Rádio (2002), foi a partir de 1964 que passou a apresentar o Corresponde Renner, noticiário que foi, segundo ele, seu trabalho de maior realização pessoal.

---

<sup>62</sup> Mais tarde passou a ser conhecida como Rádio Metrópole.

<sup>63</sup> O Renner foi fundado por funcionários do setor de indústrias do Rio Grande do Sul, em 1931. Porém, o clube foi extinto em 1959. A maior glória foi a conquista do título de Campeão Gaúcho, em 1954.

É o noticiário mais antigo, eu comecei no Renner, que hoje é APLUB, em 1964. Antes disso eu apresentava o Rádio Manchetes, que era um noticiário de duas em duas horas. E aí o Capitão Erasmo Nascentes, que era o chefe do Jornalismo, gostava da minha locução. O Ênio Berwanger que me antecedeu, saiu do noticiário e daí eu entrei no lugar dele.

Desde que assumiu a titularidade do correspondente, em 1964, em algumas oportunidades, Milton Jung não pôde apresentar o noticiário, justamente por causa do futebol. Porém, conforme conta, havia um “substituto oficial”, Mário Mazon<sup>64</sup>. Milton Jung participou de algumas coberturas importantes, como a inauguração de Estádio Olímpico, em 1954, pela Rádio Canoas. Atuou também na cobertura da inauguração do Beira-Rio, em 1969, inclusive, como narrador. No dia 19 de novembro de 1969, Jung foi o locutor da Rádio Guaíba, designado para acompanhar o jogo em que Pelé<sup>65</sup> marcaria o seu milésimo gol, o que acabou realmente acontecendo, na vitória do Santos por 2 a 1, de virada, contra o Vasco da Gama, no Maracanã, no Rio de Janeiro.

[...] eu tenho horror de ouvir aquele gol, horror, porque era um barulho infernal. Imagina ele fazendo um gol, Pelé, o gol mil. E todo mundo esperando o gol mil. Aí, bah, gritei gol, gritei com aquele barulho todo, e tu perdes a tua voz, e tu não sentes a tua voz, puta merda! Aí é um horror quando eu ouço aquela narração, acaba com essa história que eu não quero ouvir mais. Gol mil, aquele gol fantasiado, tinha que sair o gol, ah, que coisa. E assim o Maracanã “assim”, e naquele tempo a gente ficava lá em cima, primeiro patamar, ficava atrás das cabines, que tinha aquelas cabines lá em cima, aquela bem longe, que eu acho que ninguém transmitia. E aí tu tinhas que te cuidar para não cair, porque era um negócio de tábua, e umas cadeiras ali, que a gente ficava ali sentado. Mas, se tu se descuidasses, virava para trás, caía, imagina, narrando o jogo e cair.

No final dos anos 1960, Milton Jung já apresentava um estilo de narração veloz, com uma voz de timbre grave, uma de suas marcas, inclusive como locutor noticiarista, mas, com capacidade de modulação, conforme a posição dos jogadores no campo de jogo, por exemplo, na transição da defesa para o meio, e do meio para o ataque. Jung garante que não se baseou em nenhum narrador que o antecedeu e que, inclusive, nem ao menos se interessava em ouvir outros narradores de estados ou países

---

<sup>64</sup> Mário Mazon atuou 19 anos na Rádio Guaíba, tanto nas frequências AM e FM. Faleceu em 2008, com 54 anos, devido a um câncer. Atuou nas rádios Itaí, Gaúcha, Pampa e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Foi cronista e locutor de turfe na Folha da tarde e Rádio Guaíba, respectivamente, nos anos 1970.

<sup>65</sup> Segundo matéria especial do Estadão, em comemoração aos 45 anos do milésimo gol de Pelé, mais de 65 mil pessoas compareceram ao Maracanã. Pelé disse: “minhas pernas tremeram. Eu não podia perder aquele gol”. Ao todo, Pelé marcou 1281 gols em toda sua carreira. Matéria especial Estadão, acesso em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,milesimo-gol-marcado-por-pele-completa-45-anos,1594750>.

diferentes. Para a locução do Correspondente Renner, Milton Jung tinha algumas técnicas. Uma delas era de segurar a orelha, de maneira que pudesse ecoar o som da sua própria voz, criando uma espécie de retorno “natural”, pois ressalta que nunca lhe agradou o uso de fones de ouvido. Os fones eram utilizados sempre que não houvesse outra alternativa, como nas transmissões de futebol direto dos estádios. Milton Jung (2015) descreve de que forma foi desenvolvendo suas técnicas e estilo próprios de narração no rádio.

Foi espontâneo, sempre foi espontâneo, fui indo. E a gente vai se aperfeiçoando em algumas coisas, arrumando umas coisas diferentes dos outros. Eu fazia questão de dizer onde é que a bola estava. Até hoje tem gente me elogiando, “tu descreves”, porque eu dizia onde é que está a bola. Os narradores hoje em dia, não dizem onde é que a bola está. O que é que adianta tu narrares o jogo? E na TV eles fazem o contrário, eles narram tudo que tu estás vendo. O coitado dos outros não, né? O cara está lá, quer sentir o jogo, tem um rádio só, nem todo mundo tem TV, então tem esse problema. Aí digo, “eu tenho que narrar e dizer onde é que a bola está”, está aqui, aqui, aqui, aqui, sempre dizia. E aí, valeu, né?

Consolidado como uma das vozes mais importantes não só da Rádio Guaíba, mas como do rádio gaúcho em si, Milton Ferretti Jung criou, em 1973, o seu bordão mais conhecido e que, ainda hoje, é uma marca da sua narração, o “gol, gol, gol”. Segundo conta, o bordão surgiu em 1973, durante a cobertura que a Guaíba realizou da inauguração do Ginásio Gigantinho<sup>66</sup>, de propriedade do Internacional. E durante as festividades que marcaram o evento, ocorreram também alguns jogos de futebol de salão que foram transmitidos pela emissora. E, em um deles, Milton Jung (2015) pensou que seria interessante, pela dinâmica do esporte, por se tratar de uma modalidade de movimentos muito mais rápidos, em comparação ao futebol de campo, que poderia gritar o gol de uma forma mais curta, mais objetiva.

É. Isso aí foi um futebol de salão, quando o Inter inaugurou o Gigantinho, teve um torneio de futebol de salão, que eu tinha pavor, pavor, horrível. Daí eu tive que narrar também, porque estava todo mundo narrando. Dos narradores da rádio, todos se quarteavam para fazer um jogo. E aí, narrei e eu digo, não posso dizer gol, gritar um gol aqui, ficar gritando um gol é ridículo. Futebol de salão é ridículo. Aí eu gritei “gol, gol, gol”, três vezes. Só. Depois é que eu inventei a quarta vez, um “gol, gol, gol”, e aí um comprido, porque teve gente

---

<sup>66</sup> Em 2015, o Internacional lançou edital para a revitalização do ginásio, e a construção de um hotel próximo. Diferente do Estádio Beira-Rio, que foi totalmente reformado para a Copa do Mundo de 2014, no Brasil, o Ginásio Gigantinho permaneceu sem reformas. O prazo para o encerramento do edital foi definido em 31 de outubro de 2015. Até o encerramento deste trabalho, não houve a definição dos interessados pela obra.

que dizia que eu não tinha fôlego. Aí tu imaginas, eu “não tinha fôlego”. Aí eu mostrei que tinha fôlego.

Milton Jung ressalta as amizades que cultivou ao longo de sua carreira, como, por exemplo, como o técnico Ênio Andrade, campeão brasileiro pelo Internacional (1979), pelo Grêmio (1981) e pelo Coritiba (1985), e Telê Santana. Jung conheceu Telê em 1977, quando este treinou o Grêmio, ano em que o clube da Azenha derrotou o Internacional na final do Campeonato Gaúcho, quebrando uma sequência de oito títulos consecutivos do rival, na década de 1970. A relação com Telê se estendeu pelos anos seguintes, inclusive durante as coberturas de Copas do Mundo que Jung participou pela Rádio Guaíba.

As minhas Copas foram um desastre. Na Alemanha o Brasil não ganhou, no México, depois, o Brasil não ganhou. Aí, voltamos juntos com a Seleção. Coitado do Telê, estava sozinho no aeroporto, triste. Eu me dava bem com ele, porque ele treinou o Grêmio. Ele morava ali no Grêmio. Morava num hotel, mas, sempre, todo dia, ele ia lá, e tirava churrasco dos ex-jogadores, que ali na frente do Olímpico, acho que tem uma casa ainda, era aonde os jogadores antigos, tinha uma sede, esses se reuniam, faziam churrasco, seguidamente faziam churrasco e o Telê estava em todas.

Foram três Copas do Mundo na carreira de Milton Ferretti Jung, 1974, na Alemanha, 1978, na Argentina, e 1986, no México. Conforme conta ao projeto Vozes do Rádio (2002), a partida mais importante de mundiais por ele narrada, foi entre Suécia e Alemanha.

Jogos marcantes, por incrível que pareça, nenhum daqui. Foi o jogo que eu narrei na Copa da Alemanha em 1974, eu narrei em Hannover, entre a seleção da Suécia e o time da casa. Me marcou por que a gente fazia muito tubo naquele tempo. Eu só tinha feito jogos da Alemanha pelo tubo, aquele foi o primeiro jogo que eu tive a oportunidade de narrar ao vivo, então foi outra coisa. O estádio é outra coisa. O tubo não tem graça nenhuma. Mas aí é que eu fui conhecer os jogadores da Alemanha, que eu conhecia pelo tubo, mas aí a gente não conhece bem. Vê um pedaço do campo nunca vê todo ele. Daí eu pude ver a qualidade do time que estava jogando e esse que me marcou.

A Copa que Milton Jung, de fato, participou de forma mais efetiva, foi de 1986, no México, vencida pela Argentina de Maradona, contra a Alemanha. Jung e Samuel de Souza Santos, que narrou a decisão, foram os principais narradores do mundial, pela Rádio Guaíba. Naquela oportunidade, Milton Jung narrou todos os jogos da

Seleção Brasileira, até a eliminação<sup>67</sup> para a França, nas quartas de final. Cansado, conforme explica, Milton Jung largou as transmissões esportivas em 1988.

**Figura 8 – Milton Jung na Guaíba em 1996**



Fonte: Revista Gool<sup>68</sup>, Porto Alegre, 1996. p. 11.

Milton Jung também participou de diversas produções especiais lançadas pela Rádio Guaíba em LPs e CDs, alusivas aos títulos do Internacional, como, por exemplo, “10 anos do Estádio Beira-Rio”, de 1979, e do Grêmio, “Imortal Tricolor”, de 1999, onde fez a locução de textos produzidos com trilhas e arquivos de gols. Jung releva que gostava mais de narrar na TV do que no rádio e, segundo ele, foi o primeiro narrador da TV 2 Guaíba<sup>69</sup>, oportunidade ofertada por Breno Caldas. No ano de 1998, Paulo Sérgio Pinto passou o cargo de chefia de esportes para o então repórter Luiz Carlos Reche que, logo em seguida, convidou Milton Jung para voltar às narrações. Reche tinha o costume de chamar Jung pelo apelido de “a voz do rádio”.

Bom, é que eu fiquei fora eu cansei do futebol, cansei de narrar futebol. De 1988 a 1998 fiquei sem narrar futebol. Foram dez anos dedicados ao Correspondente e à realização de um comentário de esporte. Fiquei 5 anos na TV Guaíba que é o que eu realmente gosto, futebol na TV. Mas quando o Luiz Carlos Reche assumiu a chefia do esporte ele me convidou para narrar de novo com a seguinte proposição, só jogos do Grêmio no Estádio Olímpico e dentro da proposta, eu aceitei (JUNG, 2002).

<sup>67</sup> Brasileiros e Franceses empataram por 1 a 1, no Jalisco, mesmo estádio em que o Brasil venceu a Copa de 1970. Careca marcou para o Brasil, e Platini empatou, no tempo normal. Nos pênaltis, terminou 4 a 3 para o França.

<sup>68</sup> Acervo: Ciro Götz (1995).

<sup>69</sup> A TV 2 Guaíba foi fundada em 10 de março de 1979 por Breno Caldas, filho do fundador do jornal Correio do Povo, Caldas Júnior. Em 1º de julho de 2007, se tornou TV Record no Rio Grande do Sul.

Milton Jung é torcedor assumidamente gremista. Inclusive, o locutor se orgulha do fato de sempre ter deixado clara a sua preferência, mesmo quando foi necessário narrar jogos de outros times, principalmente do Internacional, o que o torna, como este trabalho irá mostrar, uma exceção.

Bom, eu nunca escondi, nunca escondi. Os outros todos escondiam, todos. Não tinha um que dissesse “oh, sou gremista, oh, sou colorado”, não mesmo. Ficava todo mundo trancado. Eu torço para o Grêmio. Quando eu narrava, eu era neutro. Aí não tinha Grêmio ou Inter, era gol, o gol era igual. “Gol, Gol, Gol”, depois de algum tempo.

No início dos anos 2000, Milton Jung largou definitivamente da narração de futebol, exceto, no dia 2 de dezembro de 2012, durante o jogo de despedida do Estádio Olímpico. Na ocasião, Grêmio e Internacional empataram em 0 a 0, e Jung, a convite de Luiz Carlos Reche, narrou os primeiros minutos da partida, devolvendo o comando da jornada para o narrador Orestes de Andrade, na cabine fixa da emissora, batizada de “Pedro Carneiro Pereira”. Foi a última participação, de fato, na narração de futebol no rádio. E foram, segundo conta, minutos difíceis de serem narrados. Milton seguiu integrando a equipe de esportes da Rádio Guaíba como comentarista em programas de debates, como, por exemplo, o *Ganhando o Jogo*<sup>70</sup>.

Eu não estava enxergando direito os caras, os jogadores. Eles se reuniram antes, fizeram um negócio físico, os dois times, mas eu não conseguia, eu tentava enxergar. Eu disse, eu faço 15 minutos, e não faço mais nada. Foram 15 minutos, foi brabo, uma coisa horrível (JUNG, 2015).

### Figura 9 – Despedida do Olímpico



Fonte: PÓVOA (2012)

<sup>70</sup> Programa, atualmente, vai ao ar a partir das 12h às 12h50min, de segunda a sexta-feira.

Nascido em Caxias do Sul, em 29 de outubro de 1935, Milton Ferretti Jung foi demitido no dia 28 de março de 2014. No dia 3 de abril de 2014, publicou, no blog de seu filho Milton Jung, um desabafo<sup>71</sup>. No primeiro parágrafo do texto, relembrou de sua trajetória em apenas duas emissoras.

Minha semana não foi das mais tranquilas, tipo, por exemplo, das que passei usufruindo, na cidade balneária de Tramandaí, merecidas férias (jamais ouvi alguém confessar não ter merecido os tradicionais trinta dias de descanso). Já desconfiava, porém, que seriam as minhas últimas férias como profissional de rádio, carreira que durou sessenta anos e durante a qual trabalhei somente em duas emissoras: Canoas – que deveria ter sido instalada na cidade da Grande Porto Alegre com este nome – e Guaíba. Fiquei quatro anos na primeira e cinquenta e seis na segunda.

A análise das técnicas, do estilo e da capacidade retórica de Milton Jung, no capítulo 5, aprecia duas passagens do narrador, por diferentes períodos. Dos arquivos históricos da Rádio Guaíba, foram selecionados trechos de gols dos jogos: Vasco 1 x 2 Santos, de 1969, o jogo que Pelé marcou o milésimo gol em sua carreira, e Brasil 3 x 0 Irlanda do Norte, em 1986

Milton Jung teve uma importância fundamental na curta trajetória de Pedro Carneiro Pereira, pois foi, simplesmente, quem o testou e o aprovou como locutor da Guaíba. E a próxima história, de Pedro Carneiro Pereira, partirá, justamente, desse fato.

### 3.5 Pedro Carneiro Pereira: o narrador que virou mito

Pedro Carneiro Pereira é considerado por muitos como o mais importante narrador da história do Rio Grande do Sul, e um dos maiores do Brasil. No documentário *Pedrinho Morreu na Primavera*<sup>72</sup> (2004), o jornalista Lasier Martins<sup>73</sup>, repórter esportivo da Rádio Guaíba em 1973, se refere a Pedro Carneiro da seguinte forma:

Pedro Pereira era locutor esportivo da Rádio Guaíba, como nunca houve igual no Rio Grande do Sul. Na minha opinião, o melhor narrador esportivo que o Rio Grande do Sul teve, porque ele tinha uma narração onde ele misturava a

<sup>71</sup> Ver texto completo em: <http://miltonjung.com.br/2014/04/03/gremista-radialista-e-demitido/>.

<sup>72</sup> Acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=EYHNx0T41wc>.

<sup>73</sup> Lasier Martins, além de repórter da Rádio Guaíba, notabilizou-se também como comentarista e apresentador de rádio e TV no Grupo RBS. Jornalista e advogado, atualmente é senador pelo Rio Grande do Sul.

parte técnica da transmissão de futebol, com uma cultura pessoal muito grande (MARTINS, 2004).

O documentário, produzido pelo Centro de Produção Audiovisual da Universidade Luterana do Brasil, apresenta outros depoimentos de profissionais que conheceram e atuaram com Pedro Carneiro como, por exemplo, Armindo Antônio Ranzolin. De acordo com Ferraretto (2007, p. 494), “num domingo, dia 21 de outubro de 1973, correndo com um Opala, número 22, o narrador sofre um acidente”. O acidente, segundo relata no documentário o repórter Clóvis Rezende (2004), foi um choque entre dois carros, no autódromo de Tarumã. Pedro Carneiro Pereira veio a falecer e a informação foi passada pelo plantão da Guaíba, Antônio Augusto, aos demais colegas de jornada esportiva. Armindo Antônio Ranzolin, que narrava um jogo entre Internacional e São Paulo, no Beira Rio, comovido, encerra as transmissões. A respeito do documentário *Pedrinho Morreu na Primavera*, Ranzolin sintetiza sua opinião sobre Pedro Carneiro Pereira: “Ele foi um grande narrador de futebol”<sup>74</sup>.

Milton Ferretti Jung (2015) considera que tenha sido o melhor companheiro de Pedro Carneiro Pereira, não apenas como profissional de imprensa. Um amigo. Jung foi o responsável pela avaliação que resultou na contratação de Pedro Carneiro na Rádio Guaíba, em 1958. Explica que a avaliação foi excelente e a capacidade de raciocínio rápido foi uma das virtudes que mais chamou atenção durante o teste. “Ele fazia as coisas de improviso. O improviso dele era muito bom” (JUNG, 2015).

O teste de Pedro Carneiro consistiu, basicamente, em locução, discurso e improviso. Além disso, Pereira deveria, como critério de avaliação também, produzir um texto de abertura de jornada, como se estivesse ao vivo, transmitindo um jogo. Aprovado e contratado como locutor comercial da Rádio Guaíba, no dia 11 de junho de 1958, Pedro Carneiro Pereira teve uma ascensão rápida. Aos poucos, tanto Pedro Carneiro Pereira, quanto o próprio Milton Jung, começaram a receber mais oportunidades para narrar futebol.

Conforme biografia<sup>75</sup> de “Pedrinho”, como era conhecido, que consta na *Enciclopédia do Rádio Esportivo Brasileiro* (2012), tanto ele como Milton Jung,

---

<sup>74</sup> Na obra *A história do Rádio Porto-alegrense* contada por quem a fez, de Andréia Athaydes e Sérgio Stosch (2008), Ranzolin afirma que “[...] não houve no Rio Grande do Sul alguém que tenha chegado no ponto mais alto de qualidade em termos de autenticidade na narração do lance, o vocabulário, o texto, posicionamento, personalidade, como aquele baixinho fantástico, Pedro Carneiro Pereira”.

<sup>75</sup> Baseou-se em MARTINS, Leandro. *Pedro Carneiro Pereira: o narrador de emoções. O rádio, o futebol e o automobilismo na vida de um vencedor*. Porto Alegre: Imagens da Terra Editora, 2006.

dividiram, na época, o posto de terceiro narrador, atrás de Mendes Ribeiro, titular da época, e Ataíde Ferreira<sup>76</sup>. Jung revela que não se surpreendeu com a evolução de Pedro Carneiro, pois ressalta que já o tinha ouvido, quando ele ainda narrava pela Rádio Difusora, e, inclusive, recorda que, durante muito tempo, Pereira, narrava jogos no Olímpico com um grande gravador, que serviu como um tipo de treinamento para o que viria mais adiante. Dessa forma, Pedro se manteve ativo, para não perder o “pique” de narração. O primeiro jogo de Pedro pela Rádio Guaíba, transmitido na íntegra, foi entre Renner e Aimoré, no ano de 1959. Pedro Carneiro e Milton Jung não chegaram a participar como narradores da Copa do Mundo de 1958, transmitida inteiramente por Mendes Ribeiro e Flávio Alcaraz Gomes, diretamente da Suécia. Milton Jung (2015) lembra que, no dia que o Brasil conquistou o título, contra a Suécia, Pedro Pereira e ele saíram às ruas de Porto Alegre para comemorar, um episódio que terminou na delegacia.

Aquele dia, quando o Brasil ganhou, nós saímos com o carro do Pedro Pereira, do pai, que era um “fubicão”, e fomos no curso, e tinha um desfile enorme festejando a vitória, inclusive, vinha na nossa frente um ônibus. E só tinha uma pessoa dentro do ônibus, era um ônibus pequeno. E o cara estava também andando ali para festejar. Só que ele deixou a gente vir atrás dele, e ele deixava o ônibus descer, era lomba né, a lomba que é da avenida Borges, ele descia e batia no carro do Pedro. Aí foi, foi. Foi, foi, daqui a pouco, parou. E nós descemos e fomos brigar com o cara. E eu quebrei um dos vidros da lateral do ônibus, de soco. O cara desceu com um ferro “desse tamanho” e queria bater em nós, e fomos tudo para a polícia, no dia que o Brasil havia ganhado a Copa. Tinha terminado o jogo e tal, e festejando, e era tudo no centro. Um dos nossos companheiros trabalhava na polícia, da chefia de polícia, ele trabalhava. Aí ele foi junto, estava junto conosco, foi falar e a briga acabou, a gente ganhou. Sim, por que, o que ele iria fazer, ia dar em nós? E aí continuamos. Festejamos o Brasil.

Conforme a história de Pereira contada na *Enciclopédia do Rádio Esportivo Brasileiro* (2012), foi dada preferência a narradores mais experientes para a cobertura da Copa de 1962, no Chile. Apesar disso, Pedro Pereira já havia alcançado prestígio entre a chefia, tendo participado de coberturas importantes, como a posse do presidente Jânio Quadros, em Brasília, em 1961. Nesse mesmo ano, acompanhou uma longa excursão com o Grêmio à Europa, onde transmitiu uma série de jogos amistosos em diferentes países.

---

<sup>76</sup> Foi chefe de Esportes da Rádio Guaíba, após Mendes Ribeiro. Fonte: Jornal Correio do Povo, Porto Alegre, 30 abr. 2007.

Luiz Artur Ferraretto (2014) relembra a “aventura” de Pedro Carneiro durante na Europa com o Grêmio, em 1961. Pereira comenta, em 1973, sobre a cobertura do amistoso entre União Soviética e Grêmio, quando transmitiu por intermédio do sinal da Rádio Central de Moscou captado pela Rádio Guaíba. Segundo conta, Pereira foi surpreendido ao chegar no estádio e se deparar com a ausência de uma linha telefônica para a Rádio Guaíba, que ele havia solicitado para o intérprete que o acompanhava, o que não foi feito. Porém, Pedro Carneiro conheceu um brasileiro que trabalhava na rádio soviética e o convenceu a deixá-lo transmitir o jogo. Segundo Ferraretto (2014), “graças ao tirocínio do narrador, a Guaíba torna-se a primeira emissora do Brasil a irradiar um jogo de futebol do outro lado da chamada Cortina de Ferro”.

E o cara foi na minha conversa, só me fez uma ressalva, de que ele iria para rua do emprego dele se eu lesse propaganda comercial no meio da transmissão. E eu jurei de pé junto que não ia ler os textos no meio da transmissão. E aí ele me deu o microfone para a sequência da transmissão e eu comecei a fazer um apelo patético. Eu me lembro disso até hoje, faz tanto tempo, e eu comecei, alô, Brasil, alô, Brasil, alô, Brasil, por favor, quem estiver me ouvindo no Brasil, ligue no telefone para a Rádio Guaíba de Porto Alegre, porque, claro, como é que a Guaíba ia adivinhar que eu ia fazer o meu som chegar pela Rádio Central de Moscou? Então pensei, alô, por favor, quem estiver ouvindo essa chamada aí, ligue para o telefone da Rádio Guaíba, avise que o locutor Pedro Carneiro Pereira está chamando de Moscou para transmitir o jogo. A gente nessa hora não acredita, quando o cara está meio perdido, não acredita que vá aparecer alguém para te salvar. Tu sabes que apareceu um cara de Pelotas que ouviu esse troço, e liguei para o telefone da rádio. “Olha, o locutor de vocês está aí, chorando, chorando no microfone no ar, pedindo que vocês atendam”. E o Homero Simon, o cara não ligou para a rádio, ligou para a casa do Homero Simon, que já era, nesse tempo, um engenheiro de som muito famoso, e tinha o seu nome na lista e tal. Então foi contatado o Homero Simon, e o Homero Simon veio correndo para a rádio e ligou os aparelhos que ele tinha, captou o sinal da Rádio Central de Moscou e colocou a minha transmissão no ar (PEREIRA, 1973).

O Grêmio disputou 24 jogos amistosos em 1961<sup>77</sup>. Neste, contra a União Soviética, o clube gaúcho foi derrotado por 2 a 0. A experiência internacional em coberturas esportivas, na verdade, já havia começado em 1959, quando Pedro Carneiro cobriu o Sul-Americano de Seleções, na Argentina. Em 1963, narrou as finais

---

<sup>77</sup> Segundo o site oficial do Grêmio, foram 12 vitórias, quatro empates e oito derrotas. 60 gols marcados e 36 sofridos. Gessi foi o goleador marcando 16 vezes. O giro passou por países como Bélgica, Alemanha, Grécia, Romênia, União Soviética, Polônia, Dinamarca e França. Em 1962, o Grêmio realizou uma segunda excursão e, dessa vez, foram 15 jogos com nove vitórias, dois empates e quatro derrotas. 31 gols marcados e 28 sofridos.

da Copa Intercontinental<sup>78</sup>, entre Santos e Milan. Foram três jogos, dois deles, inclusive, aconteceram no Estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro.

**Figura 10 – Pedro Pereira e a excursão do Grêmio**



Fonte: Acervo particular da família Pereira.<sup>79</sup>

A primeira Copa do Mundo de Pedro Carneiro Pereira, já como locutor principal e chefe do departamento de esportes, aconteceu em 1966, na Inglaterra. Foi em 1963, após uma rápida passagem pela Rádio e TV Gaúcha, que Pereira retornou à Guaíba, onde permaneceria até o acidente que o vitimou tragicamente, em 1973. Conforme a *Enciclopédia do Rádio Esportivo Brasileiro* (2012), a Guaíba formou uma rede com 101 emissoras por todo o Brasil. Antes do mundial, Pedro Carneiro se envolveu em um acidente automobilístico, ao guiar um Gordini na XII Prova Antoninho Burlamaqui. O resultado foram seis meses com os braços engessados. Mesmo assim, o narrador, com uma tipoia, viajou para a Inglaterra e conseguiu transmitir os jogos do Brasil e, foi além, narrou importantes confrontos como, por exemplo, a final entre ingleses e alemães, em Wembley<sup>80</sup>.

<sup>78</sup> Foi a disputa da quarta Taça Intercontinental. Ocorreram três jogos, como uma vitória para cada clube, nos primeiros dois duelos. Na partida de desempate, em 16 de novembro de 1963, no Maracanã, o Santos venceu por 1 a 0, gol de Dalmo, de pênalti. Ver: <http://trivela.uol.com.br/bimundial-do-santos-foi-sobre-milan-historico/>.

<sup>79</sup> Obtido por intermédio de pesquisa e postado por Ferraretto (2014) em: <http://www.radionors.jor.br/2014/03/pedro-carneiro-pereira-e-excursao-do.html>. A foto foi tirada em 16 de abril de 1961, durante a cobertura do amistoso entre Grêmio e Panathinaikos Athlitikos Omilos, com vitória gremista por 4 a 1.

<sup>80</sup> Conforme matéria especial do Site Uol, “mais de 95 mil pessoas lotaram o estádio de Wembley para assistir à final mais polêmica da história das Copas. O jogo seguiu disputado e com grandes chances

Foi, olha, o cara foi para narrar a copa, e depois foi o Resende também, porque achavam que ele não poderia narrar. Acabaram os dois lá narrando, com o Flávio Alcaraz, porque, naquele tempo, o Flávio ia em todas, o Flávio e o Ribeiro. Mas, foi, narrou direitinho, não teve problema nenhum. Com todo aquele trabalho, olha, foi uma fratura feia. Na Copa da Inglaterra, aí terminou o jogo, ele deu um discurso. O Brasil perdeu e ele deu um discurso no fim do jogo, tocou-lhe pau (JUNG, 2015).

No final da década de 1960, Pedro Carneiro Pereira comandou a cobertura de inauguração do Estádio Beira-Rio<sup>81</sup>. No dia 6 de abril de 1969, com a presença de autoridades, em um estádio completamente lotado, Pedro Carneiro descreveu com detalhes os momentos que antecederam o ato simbólico daquele histórico momento. “Vai ser cortada a fita simbólica, atenção!/ É desatada a fita simbólica do Beira-Rio, e o público delira!/ Está inaugurado o maior estádio particular do mundo//”, (PEREIRA, 1969). Pedro Carneiro Pereira narrou os primeiros gols da história da nova casa do Sport Club Internacional, no jogo inaugural entre Inter e Benfica, de Eusébio. O Internacional derrotou os portugueses pelo placar de 2 a 1 e o primeiro gol foi marcado por Claudiomiro.

Após a conquista de 1962, no Chile, e a derrota brasileira na Inglaterra, em 1966, as emissoras teriam mais um novo desafio: a Copa do México de 1970. A década de 1970 foi de consolidação para a Rádio Guaíba no Rio Grande do Sul. Como conta Ferraretto (2007), nos anos 1970 a Guaíba também aprimorou o caráter jornalístico da cobertura esportiva. É nesta época que a rivalidade entre Rádio Guaíba e Gaúcha começa a crescer cada vez mais. Porém, a Guaíba foi a única emissora a acompanhar o tricampeonato brasileiro, após a vitória diante da Itália na final, por 4 a 1, no estádio Azteca, no México. E neste momento ocorre uma novidade tecnológica e a Guaíba não utiliza mais a transmissão em *Single Side Band*, como Ferraretto explica (2007, p. 497):

---

de lado a lado. O lance da discórdia aconteceu aos 11 minutos da prorrogação. Hurst dominou na entrada da área e chutou. A bola bateu no travessão, caiu sobre a linha e saiu. Os ingleses festejaram, enquanto os alemães reclamaram. O árbitro suíço Gottfried Dienst consultou o “bandeirinha” soviético Tofik Bakhranov, que confirmou o gol. Posteriormente, recursos tecnológicos permitiram concluir que a bola não havia entrado. A Inglaterra ainda marcou mais um e venceu por 4 a 2”. Acesso do texto completo em: <http://copadomundo.uol.com.br/historia-da-copa/1966-inglaterra/>.

<sup>81</sup> Conforme o site oficial do Inter, “na noite de 7 de abril de 1969, uma segunda-feira, a Seleção Brasileira venceu o Peru por 2 a 1, na inauguração dos refletores do Gigante, como também é conhecida a casa do Internacional. E o festival continuou, com a presença da seleção da Hungria, Peñarol do Uruguai, Grêmio. Nos anos seguintes, o Beira-Rio recebeu a Seleção Brasileira em várias oportunidades, em jogos contra a Tcheco-Eslováquia, Escócia, México, Paraguai, Romênia, Uruguai, Argentina, Alemanha”. Acesso em: <http://www.internacional.com.br/conteudo?modulo=1&setor=1&secao=6>.

Ao país chegam via satélite os sinais da rádio, operando, na época, em conjunto com a Emissora Continental do Rio de Janeiro. Esta facilidade tecnológica faz com que a estação ligada à Companhia Jornalística Caldas Júnior planeje, para o certame seguinte (1974), o uso de um canal 24 horas.

O *off tube* (via TV), assim como em 1966, foi uma técnica muito útil nas transmissões, pois, cada vez mais, se criaram restrições e diminuições do número de emissoras cadastradas para a cobertura de Copa pela FIFA. Segundo o comentarista Edegar Schmidt (2012), na Copa de 1966 e na Copa da Argentina, em 1978, as emissoras compravam o direito de transmitir por intermédio do tubo, ou *off tube*. E essa transmissão acontecia em cabines nos centros de imprensa. A Rádio Guaíba liderou largamente a audiência entre as emissoras gaúchas na década de 1970. E para se manter em coberturas importantes, principalmente internacionais, foram necessários esforços para a manutenção de anunciantes importantes, tal como a Ipiranga (FERRARETTO, 2007).

Em função da estrutura precária, no que diz respeito à distribuição de linhas de transmissão durante a Copa de 1970, foram feitos diferentes acordos entre emissoras de todo o país, e o mais conhecido foi entre as rádios Guaíba, Globo e Nacional. Da mesma forma, a TV precisou encontrar alternativas para transmitir o torneio. Foi na Copa de 1970, que começaram a intensificar-se as exigências quanto aos direitos de transmissão, principalmente por parte da FIFA. Naquele tempo, o poder dos patrocinadores e a ênfase no *marketing* não funcionava na mesma rapidez e lógica da atualidade. E uma das alternativas a driblar a ausência nos estádios foi, justamente, o *off tube*. Segundo Guerra (2012), o narrador Luiz Mendes<sup>82</sup> denominou o tubo de “geladão”.

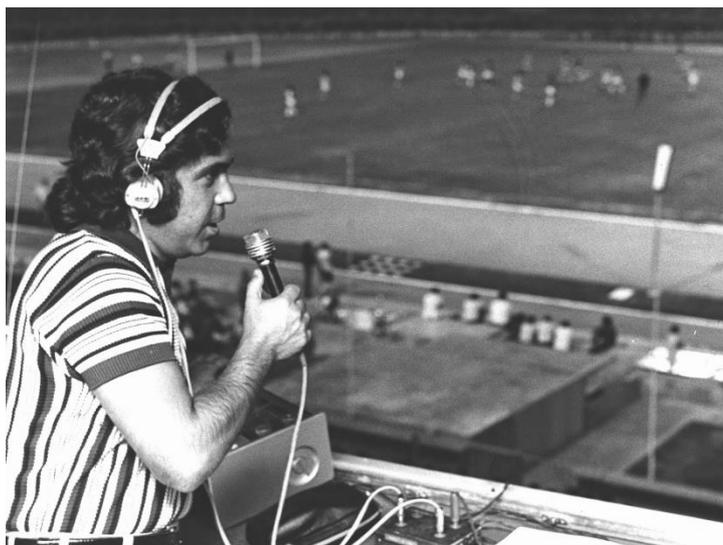
Segundo a *Enciclopédia do Rádio Esportivo Brasileiro* (2012), no mundial de 1970, houve uma determinação do governo do Regime Militar, de que as emissoras deveriam transmitir em duplas. De Guadalajara, Pedro Pereira transmitiu a prorrogação entre Itália e Alemanha, pelas semifinais. Na decisão entre Brasil e Itália, já na capital Cidade do México, a Rádio Guaíba só pôde transmitir o primeiro tempo,

---

<sup>82</sup> “Luiz Pineda Mendes nasceu no dia 9 de junho de 1924 na cidade gaúcha de Palmeira das Missões. Profundo conhecedor de futebol, Luiz Mendes atuou desde 1950 na Rádio Globo e também na CBN – que montou um estúdio exclusivo na casa dele devido a algumas dificuldades de locomoção –, sempre como comentarista esportivo. Em 1995, integrou a equipe de esportes da Super Rádio Tupi, retornando à Rádio Globo em 1999. Ficou conhecido como o “comentarista da palavra fácil”, por falar uma linguagem que o povo sempre entendia, “sem firulas” e palavras difíceis. Morreu na manhã de 27 de outubro de 2011, aos 87 anos, após complicações de uma leucemia, e foi sepultado no Cemitério São João Batista ao lado do colega e cronista esportivo Armando Nogueira” (VOZES DO RÁDIO, 2011).

enquanto a Rádio Continental do Rio, fez a segunda etapa. Porém, Flávio Alcaraz Gomes gravou a narração de Pedro Carneiro Pereira, que foi reproduzida pela Guaíba. Foi um momento histórico para a Rádio Guaíba e para o próprio Pedro Carneiro Pereira, que se consagrava, mais do que nunca, como o grande nome da narração de futebol no Rio Grande do Sul, naquele momento.

**Figura 11 – Pedro Carneiro nos anos 1970**



Fonte: Acervo particular da família Pereira<sup>83</sup>.

Em outubro de 1970, mais precisamente no dia 8, Pedro Carneiro Pereira realizava mais um sonho, de cobrir e participar de baterias automobilísticas no autódromo de Tarumã, em Viamão, cidade próxima a Porto Alegre. Emocionado na transmissão de abertura, Pedro Pereira descreveu a primeira largada da história do novo autódromo.

*Estamos nos aproximando do início da primeira prova oficial de Tarumã./ Atenção!/ Carros roncando, mas ainda não apareceu a bandeira quadriculada verde-amarela./ É a bandeira oficial para a largada./ Um enorme público no autódromo de Tarumã, pronto, concluído, inaugurado, servindo de palco para a espetacular competição./ Atenção!/ Largaram!!! (PEREIRA, 1970).*

E foi justamente no autódromo de Tarumã que Pedro Carneiro Pereira perdeu a vida. Às 14h45min do dia 21 de outubro de 1973, ocorria a largada da 4ª etapa do Campeonato Gaúcho de Viatura de Turismo. Na segunda volta, o Opala 22 de Pereira

<sup>83</sup> Obtido por intermédio de pesquisa e postado por Ferraretto (2014) em: <http://www.radionors.jor.br/2014/03/pedro-carneiro-pereira-e-excursao-do.html>.

se chocou com o 85 de Ivan Iglésias, que morreu na hora. Pedro Carneiro Pereira não conseguiu se soltar a tempo, e acabou carbonizado. Com apenas 35 anos, deixou a esposa Maria Regina Buys Viana, com que se casou em 1961, e os filhos Pedro e Tânia.

Milton Ferretti Jung, assim como todos que eram próximos ou que, de alguma forma, acompanhavam e conheciam Pedro Carneiro, ficou chocado.

Eu ia narrar um jogo no Espírito Santo. O jogo do Grêmio contra um daqueles times deles lá, eu nem me lembro mais o nome. Quando nós chegamos no estádio, era um domingo, alguém falou que tinha acontecido um acidente feio em Tarumã. E aí, não entramos no ar, entramos em contato com o estúdio, e aí eles nos disseram, aconteceu tal e tal, e bah, foi um desespero. Viajamos de noite e ainda pegamos um temporal de lá até, barbaridade, até Porto Alegre. Aí chegamos e fomos direto para o cemitério, para o velório. O Pedro me levou para a Standard, trabalhávamos juntos, nós saíamos de lá correndo para fazer um programa de esportes, o Pedro fazia um comentário e eu redigia. Trabalhava de manhã, né, aí eu ia para lá, fazíamos, saíamos os dois, e o Pedro fazia a parte dele e eu fazia a minha. Depois foi melhorando o esporte, melhorou bastante, modificou mais. Naquele tempo era assim, era rapidinho, tua ia lá “pá, pá, pá, pá”, batia o esporte, batia o Inter e o Grêmio, o que interessava era o Inter e Grêmio. (JUNG, 2015).

Armindo Antônio Ranzolin, após narrar os primeiros 15 minutos do jogo entre Internacional e São Paulo, no Beira-Rio, sabendo da morte de Pedro Carneiro, confirmada pelo repórter Clóvis Rezende, e informada no ar pelo plantão Antônio Augusto<sup>84</sup>, declarou:

Bem, este tipo de informação nós não estávamos preparados para receber./ O Pedrinho corre há tanto tempo./ Morre tanta gente nos autódromos, mas nós sempre imaginamos que, com o Pedrinho, isso não aconteceria./ Confesso para os ouvintes da Rádio Guaíba que não há a menor condição para que o nosso trabalho prossiga./ A partir deste momento, o Departamento de Esportes da Rádio Guaíba, hoje, vai encerrar as suas atividades./ Nós não transmitiremos o jogo do Internacional e São Paulo, nem o jogo do Grêmio contra a Desportiva Ferroviária./ Vamos colocar um ponto final na participação do Departamento de Esportes da Rádio Guaíba nesta Jornada

---

<sup>84</sup> Conforme Ferraretto (2014), “A atuação profissional deste radialista na retaguarda das transmissões reveste-se, também, de importância significativa na conformação da estrutura padrão das jornadas esportivas no Rio Grande do Sul. Através do seu trabalho, definem-se, no estado, as tarefas do plantão, com significativos indícios de pioneirismo em termos nacionais. Até o início dos anos 1960, para dar o placar de partidas em paralelo com a irradiada, redatores fazem escuta de estações de fora de Porto Alegre e repassam os dados para um locutor de estúdio, o mesmo que lê os textos dos patrocinadores, divulgar os resultados no intervalo entre o primeiro e o segundo tempo. Durante a década de 70, com a popularidade adquirida pela loteria esportiva, as informações sobre o retrospecto dos times de futebol ganham destaque nos meios de comunicação, garantindo ainda mais notoriedade a Antônio Augusto, possuidor, já naquele momento, do arquivo, indicam os dados levantados, mais completo da Região Sul do país”. Antônio Augusto faleceu no dia 5 de abril de 2015, devido a um acidente vascular cerebral. Atuou nas rádios Bandeirantes (Difusora), Pampa, Gaúcha e Farroupilha e Guaíba.

Esportiva Ipiranga e nesta transmissão aqui do Beira-Rio.// (RANZOLIN, 1973).

No documentário *Pedrinho Morreu na Primavera* (2004), o jornalista Walter Galvani, que em 1973 atuava na Folha da Tarde, revelou uma conversa de Pedro Carneiro Pereira com Francisco Antônio Caldas, que, coincidentemente, pareceu um prenúncio do desfecho que aconteceria.

Duas horas da tarde, eu estava no gabinete do doutor Francisco Antônio Caldas, quando o Francisco Antônio olhou pela janela e disse “bah, para aí um pouquinho, eu preciso falar com o Pedro”, era uma sexta-feira. “O assunto é o seguinte, nós já te falamos, Pedrinho, e tu sabes muito bem da necessidade que nós vamos ter pela frente, em seguida, da implantação da nossa televisão. Tu vais chefiar essa operação. Agora, tem uma coisa, o doutor Breno não quer que tu corras mais”. Aí, o Pedrinho deu um sorriso largo, meio que o início de uma risada, digamos assim, bem-humorada, e disse assim, “ah, não te preocupa, Tonho”, Tonho era o apelido do Francisco Antônio Caldas, “não te preocupa, Tonho, porque eu, domingo, vou correr a minha última corrida” (GALVANI, 2004).

A morte de Pedro Carneiro Pereira repercutiu, inclusive, na Rádio Gaúcha, a maior concorrente da Guaíba naquele período, como conta o narrador Samuel de Souza Santos (2015):

E eu estava passeando com a família no meu carro, na frente da Zero Hora, e o Prates, o Luiz Carlos Prates estava narrando o jogo, pela Gaúcha. E eu estava na Gaúcha, e o Ranzolin era o narrador da Guaíba. E, quando houve o fato, o Ranzolin parou, não tinha condições mais de narrar. Imagina? O principal narrador deles morre em um acidente. E foi uma comoção no estádio. O Prates, que era amigo também do Pedro, não teve mais condições emocionais, e eu corri para o estádio, corri para o estádio, e ainda me lembro que falei com o Ranzolin, “Ranzolin, nós estamos solidários aqui”. E o Ranzolin teve uma atitude que eu achei própria do cavalheiro. “O público precisa ouvir esse jogo, precisa saber o que é que está acontecendo aqui. Então, se o Prates não tem condições, tu pega e termina a narração”. E aí, terminamos, assumi a jornada naquela condição.

Pedro Carneiro Pereira, bacharel em Ciências Jurídicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), amante dos esportes, principalmente da velocidade, inspirou narradores como Milton Jung, Armindo Antônio Ranzolin, Samuel de Souza Santos, Pedro Ernesto Denardin, Marco Antônio Pereira, sejam eles contemporâneos ou não. Conforme Ferraretto (2014), foi um “narrador da descrição precisa, sem bordões ou adjetivos exagerados”. Descrição, improvisação, emoção, estes são alguns dos critérios avaliados no capítulo 5, que destaca lances da transmissão do jogo entre Brasil e Portugal, pela Copa do Mundo de 1966, na

Inglaterra. O jogo marcou, principalmente, pela eliminação da Seleção Brasileira. Mas marcou, também, por ter sido uma das grandes transmissões da carreira de Pedro Carneiro Pereira, pela Rádio Guaíba de Porto Alegre. Com a morte de Pereira, a Guaíba seguiu em frente, se consolidando, na década de 1970, como a rádio de maior audiência no estado do Rio Grande do Sul. Foi o período de consolidação de um outro nome que entrou também para a história da narração de futebol, Armindo Antônio Ranzolin, o próximo personagem deste trabalho.

### 3.6 Armindo Antônio Ranzolin: o comandante

Com a morte de Pedro Carneiro Pereira, em 1973, automaticamente, Armindo Antônio Ranzolin subiu ao posto de principal narrador esportivo da Rádio Guaíba. Ao se tornar chefe da equipe, Ranzolin foi testemunha de um período de crescimento e “rompimento de fronteiras” nacionais e internacionais da dupla Inter e Grêmio. Narrou grandes títulos, primeiramente conquistados pelo Internacional, como os campeonatos brasileiros de 1975, contra o Cruzeiro, 1976, contra o Corinthians, e 1979, contra o Vasco da Gama, além de uma grande sequência de vitórias regionais do clube em Gauchões. Mais tarde, a partir dos anos 1980, narrou, pela Rádio Guaíba também, o primeiro título brasileiro do Grêmio, em 1981, contra o São Paulo, e, logo em seguida, da Libertadores da América, diante do Penãrol, do Uruguai, e o Mundial Interclubes, em 1983, contra o Hamburgo, da Alemanha, no Japão, que foram as grandes primeiras conquistas internacionais do futebol gaúcho<sup>85</sup>.

Em 1984, Ranzolin se transferiu para a Rádio Gaúcha. Nos anos 1990, narrou o primeiro título da Copa do Brasil do Internacional, em 1992, contra o Fluminense. Pelo lado do Grêmio, acompanhou o segundo título de Copa do Brasil, em 1994, diante do Ceará, o bicampeonato da Libertadores, contra o Nacional da Colômbia, e ainda voltou a Tóquio com o Grêmio, porém, com o vice-campeonato gremista, derrotado no Estádio Nacional, para os holandeses do Ajax, nas cobranças de pênaltis.

Houve também muitas coberturas de outros importantes eventos como a Copa do Mundo, que foram seis, ao total. Em 1974, Ranzolin narrou a Copa da Alemanha,

---

<sup>85</sup> Em 1980, o Internacional chegou perto do título da Libertadores da América. Na final, o clube enfrentou o Nacional, do Uruguai. Empatou em 0 a 0 no primeiro jogo, em Porto Alegre, no dia 30 de julho. Na partida decisiva, foi derrotado por 1 a 0, no Estádio Centenário, em Montevideu, no dia 6 de agosto. Victorino marcou para os uruguaios.

1978, na Argentina, 1982, na Espanha, 1986, no México, já na Rádio Gaúcha, em 1990, na Itália, e, por fim, narrou o tetracampeonato do Brasil, em 1994, nos Estados Unidos. Em 1998, chefiou a equipe da Copa do Mundo na França. Se aposentou do Grupo RBS, no dia 6 de dezembro de 2006, onde, além de narrador, foi apresentador, gerente de esportes, geral e do sistema de Rádios (ENCICLOPÉDIA DO RÁDIO ESPORTIVO BRASILEIRO, 2012).

A voz de dicção perfeita de Armindo Antônio Ranzolin, de qualidades profissionais acentuadas pela precisa narração lance a lance, fica suspensa no ar quando o plantão de estúdio interrompe de forma quase peremptória:

- Tem gol, Ranzolin!//
- Onde, Antônio Augusto?// (FERRARETTO, 2014).

A observação de Ferraretto trata da característica básica do comando de jornada desenvolvido por Ranzolin, com o passar dos anos. Segundo Samuel de Souza Santos (2015), a Rádio Guaíba era um verdadeiro “canhão”, tal a sua força, naquele período.

Nem sei, poucas vezes se preocupava com IBOPE, mas era 95 a 5, né, isso aí era um absurdo. Mas por que? Por que trazia toda uma tradição da casa jornalística, que era a Caldas Júnior. Você fazia uma jornada, em colaboração com o Correio do Povo, Folha da Tarde, Folha da Manhã. Eram chamadas de textos que nós tínhamos. Então, o mesmo leitor do Correio do Povo, que era um gaúcho ou uma pessoa mais tradicional de Porto Alegre, do Rio Grande do Sul e de São Paulo, onde tinha uma grande vendagem, e na cidade do Rio de Janeiro, o Correio do Povo chegava como jornal de banca para venda, eram pessoas que liam o Estado de São Paulo e o Globo, na época, e que liam o Correio do Povo. Era para este tipo de leitor que tu fazias a jornada esportiva, afora os outros que estavam surgindo, jovens, que estavam seguindo os seus pais, pelo estilo. Até agora, há pouco tempo, o Correio fez aniversário e tiveram muitos depoimentos de pessoas que aprenderam a ler no Correio do Povo. Vê a importância do jornal. Essa mesma importância, era a detida pela Rádio Guaíba, então esse público, logicamente esse público não iria aceitar que eu falasse gírias.

Ranzolin, assim como Pedro Carneiro Pereira, também se formou em Ciências Jurídicas, pela Faculdade de Direito da UFRGS. Armindo Antônio Ranzolin se assemelhava muito ao estilo de Pedro Carneiro, isto, é, foi um profissional que primava pelo conteúdo, por uma dicção próxima da perfeição e pela descrição fiel aos lances. Se tornou com “naturalidade” comandante de equipes por onde passou. Havia uma participação maior da reportagem e dos comentaristas durante o período que Ranzolin narrou futebol, mas a jornada, diferentemente de outros estados como São Paulo e, principalmente Rio de Janeiro, sempre se caracterizou como uma transmissão “seca”,

com, no máximo, sinais eletrônicos de indicação do tempo de jogo. Na verdade, essa era uma característica da Rádio Guaíba, de ser uma rádio sem vinhetas, sem efeitos, algo que perdurou até os anos 1990. Armindo Antônio Ranzolin, que é gaúcho de Caxias do Sul, viveu boa parte de sua infância em Lages, Santa Catarina, onde havia um ambiente de rádio muito mais voltado para o Rio de Janeiro e também São Paulo. A primeira grande influência na sua narração, foi de Jorge Curi, da Rádio Nacional.

Na casa da minha mãe e do meu pai em Lages, como menino, cansei de sentar ao lado da minha mãe e acompanhar as novelas no rádio. Acompanhava os programas políticos com o meu pai. E eu só fui descobrir que havia pelo rádio futebol, porque, em 1950, um ponteiro direito foi à linha de fundo, deu um chute, Barbosa não pegou, e o Uruguai nos ganhou dentro do Maracanã a Copa do Mundo. Mas, então, a partir daquele momento, eu como menino que ouvia o rádio como os meus pais, eu descobri que havia futebol no rádio. E esta descoberta, mudou a minha vida. Eu nunca imaginava que pudesse vir a me transformar num profissional de rádio, porque aí eu fui buscar espaço em uma emissora pequena que havia lá em Lages, Santa Catarina. Comecei a brincar de rádio lá, e aprendi de ouvido. Aprendi de ouvido. Eu ouvia tanto rádio lá, que, de repente, as pessoas achavam que eu tinha conhecimento de rádio suficiente para me entregar ao microfone, como fizeram nessa emissora, lá em Lages (RANZOLIN, 2004).

Ainda em Lages, no ano de 1955, Ranzolin foi convidado pelo Correio Lageano para escrever, todas semanas, uma pequena crônica sobre o campeonato amador da cidade. Em 1955 também, foi fundada a Rádio Diário da Manhã. Logo, Ranzolin recebeu a oportunidade para apresentar um programa esportivo, justamente pelo trabalho no jornal, que havia chamado atenção dos diretores da emissora de rádio. Inicialmente, o futuro narrador produzia e apresentava uma resenha, meia hora por dia. Em seguida, Ranzolin se tornou locutor comercial, animador de um programa regionalista e, nos domingos pela manhã, foi o apresentador de um programa de calouros. Finalmente, no dia 18 de março de 1956, narrou a primeira partida de futebol, pela Rádio Diário da Manhã, entre dois clubes amadores, no estádio Municipal de Lages. No ano de 1957, Ranzolin deixou Santa Catarina e se mudou para Porto Alegre. Dois anos depois, realizou um teste na Rádio Guaíba e trabalhou na emissora, durante 3 meses. Já na Rádio Difusora, se tornou primeiro narrador, no início dos anos 1960. No dia 10 de agosto de 2004, Armindo Antônio Ranzolin, ao lado de Lauro Quadros, participou de uma aula inaugural do curso de Comunicação Social da Universidade Luterana do Brasil, no auditório do Prédio 11 da Ulbra, em Canoas. Entre vários assuntos, Ranzolin comentou sobre a transmissão do seu primeiro clássico Gre-Nal, em 1961.

Meu primeiro Gre-Nal foi em 1961 e, por sinal, eu estava na Rádio Difusora, me deixou numa angústia terrível, porque eu estava escalado para narrar o meu primeiro Gre-Nal da carreira e, de repente, explode a legalidade. Brizola vai para frente do Palácio, brigada se instala com metralhadoras, em cima do Palácio, até que o presidente João Goulart, que estava na China, chegasse aqui, porque Jânio Quadros tinha renunciado. E, aí, era quinta ou sexta-feira, e eu digo, e o Gre-Nal, não vai ter Gre-Nal? Veja só, um debutante de Gre-Nal está aqui, aflito. Bom, o que aconteceu foi o seguinte, adiaram o Gre-Nal, que aconteceu 45, 50 dias depois. Este foi o meu primeiro Gre-Nal, vejam só o sofrimento meu (RANZOLIN, 2004).

Até 1995, ano que abandonou definitivamente a narração de futebol no rádio, Ranzolin contabilizou, ao todo, “de 1961 até 1995, 140 Gre-Nais, em 35 anos. Este é o recorde que, dificilmente, alguém vai alcançar” (RANZOLIN, 2004). Após o fracasso da primeira vez, na Rádio Guaíba, Ranzolin teve uma segunda oportunidade. Depois de ter deixado a Difusora e se transferido para a Farroupilha, onde foi chefe de esportes e narrador, Ranzolin recebeu, em 1969, a oportunidade de ser o segundo narrador de Pedro Carneiro Pereira.

Eu ainda narrei tendo que dividir a narração com um companheiro. Havia um sistema em que se dividia o campo, e um narrador narrava as jogadas, da metade do campo, para o lado dele, o outro narrador narrava a outra metade. Chamava-se diagonal. Eu dividi, nesse meu primeiro Gre-Nal, a narração com Jesus Afonso. Sérgio Jockymann, que era diretor artístico da Rádio Farroupilha me convidou para assumir a direção de esportes da Rádio Farroupilha. E eu fui dirigir o departamento de esportes da Rádio Farroupilha e fui narrar futebol na Rádio Farroupilha, a partir de abril de 1964. E tinha quase 69, e a Rádio Guaíba voltou a me convidar, a segunda vez. E aí, o convite era irrecusável, porque eu ia ser o segundo narrador. Mendes Ribeiro já tinha vindo para a Rádio Gaúcha. Pedro Pereira era o titular da Rádio Guaíba. E a Rádio Guaíba tinha contratado o Antônio Carlos Resende como segundo narrador, mas, a Rádio Gaúcha recontratou o Resende, e abriu-se essa vaga, e a Guaíba me convidou para ser o segundo narrador do Pedro.

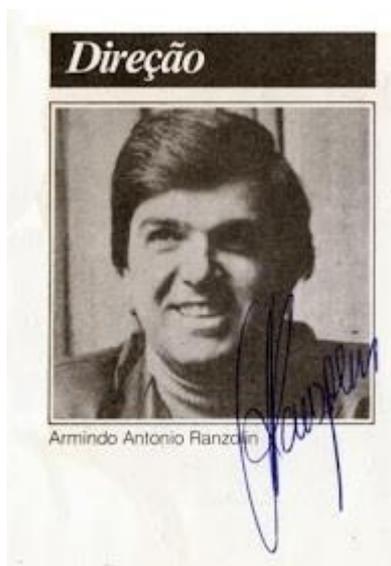
Porém, a Diários e Emissoras Associados convidaram Ranzolin para assumir a direção geral da TV Piratini. Então, foi sua primeira experiência de televisão. Mas, conforme conta Ranzolin, as coisas não “funcionaram do jeito” que ele queria e, em 1970, se transferiu para a Rádio Guaíba, onde permaneceu até o ano de 1984. Conforme Ferraretto (2005), a Rádio Guaíba formou um fortíssimo time de profissionais, até o início dos anos 1980, quando a Empresa Jornalística Caldas Júnior começou a sofrer uma grave crise financeira.

Para Ranzolin, o equilíbrio deve ser a principal característica de um narrador de futebol. Porém, explica que o locutor tem que ter a capacidade de lidar com as emoções, exaltar quando for necessário, mas, com total controle dos acontecimentos,

com a noção exata de público para quem está se dirigindo, durante a descrição dos lances.

Mas, nós temos que confessar aqui o seguinte. Se nós estamos transmitindo um jogo no Morumbi, contra o São Paulo, se nós estamos transmitindo um jogo de lá, e como aconteceu quando o Baltazar deu o primeiro título de campeão brasileiro para o Grêmio, marcou aquele gol, evidentemente que se o São Paulo tivesse feito um gol antes, ou depois, eu não ia vibrar. E por quê? Porque eu estou falando para uma audiência que está no rádio sofrendo, torcendo e tudo mais, e eu tenho que manter esse ouvinte ligado comigo, porque eu estou solidário com ele (RANZOLIN, 2004).

**Figura 12 – Armindo Antônio Ranzolin (1983)**



Fonte: Rádio Guaíba AM<sup>86</sup>. Grêmio campeão da América rumo a Tóquio. Porto Alegre, 1983. Encarte do LP.

O clássico Gre-Nal, por sua vez, segundo ele, é um caso diferente, em que não se pode, pelo menos durante o jogo, favorecer ou desfavorecer mais um lado, em relação ao outro, em função da rivalidade, da dicotomia que existe no panorama do Rio Grande do Sul, em que imperam duas preferências massivas, ou por Grêmio, ou por Internacional. Porém, destaca Ranzolin, que sempre deu ênfase à festa do vencedor, algo que, de praxe, ainda acontece no rádio atual, sem que se deixe de cobrir o lado derrotado, por óbvio.

No capítulo de análise, as técnicas, o estilo e a capacidade retórica de Armindo Antônio Ranzolin são avaliadas em dois momentos: as decisões do Campeonato

<sup>86</sup> Acervo de Ferraretto (2005). Ver: <http://www.radionors.jor.br/2014/05/armindo-antonio-ranzolin-e-o-futebol.html>.

Brasileiro de 1975, entre Internacional e Cruzeiro, e entre Grêmio e São Paulo, em 1981. Com a perda de Pedro Carneiro Pereira, Armindo Antônio Ranzolin se tornou o principal narrador da Rádio Guaíba, como uma narração descritiva, emocionante, sem bordões, com um comando de jornada eficiente. Em 1975, surgiria um adversário, com características bem diferentes daquilo que fazia Ranzolin. Chegava ao Rio Grande do Sul um narrador com uma presença marcante de variados bordões, frases, e um tipo de narração popular, baseado em nomes como Fiori Gigliotti<sup>87</sup> e Pedro Luiz<sup>88</sup>, locutores do eixo Rio-São Paulo. Se trata de Haroldo de Souza, o personagem que dá seguimento a *Narradores de Futebol, dos desbravadores aos contemporâneos: estilo e técnica da locução no rádio porto-alegrense (de 1931 a 2015)*.

### 3.7 Haroldo de Souza: Adivinhe! – As bandeiras estão tremulando, tremulando!

Haroldo Joaquim de Souza nasceu no dia 10 de dezembro de 1944, em Jacarezinho, cidade do interior do Paraná. Oriundo de uma família humilde, o futuro narrador ajudava seu pai a transportar lenha, desde muito jovem. Durante a infância, o rádio sempre fez parte do cotidiano de Haroldo. De acordo com a *Enciclopédia do Rádio Esportivo Mineiro* (2014), o garoto, que havia ganhado um rádio portátil aos 12 anos, começou a escutar as transmissões esportivas locais e, na medida que o interesse pelo futebol aumentou, passou a prestar atenção nas locuções de narradores paulistas e cariocas, principalmente Pedro Luiz e Fiori Gigliotti, que foram a principal base do estilo de narrativa que Haroldo desenvolveria mais tarde, fundado na descrição, improvisação e muito sentimentalismo. Haroldo de Souza só estudou até a terceira série primária, hoje ensino fundamental, e se efetivou como caminhoneiro, para poder auxiliar na situação financeira de sua família que, na época, era delicada. Na cabine do caminhão, Haroldo de Souza ouvia seus narradores prediletos e, dessa forma, foi, gradativamente, alimentando o desejo de se tornar narrador de futebol.

---

<sup>87</sup> Nascido em 1928, em Barra Bonita, foi um dos maiores cronistas esportivos brasileiros. Possuía uma narração descritiva e, considerada artística. Imprimia muita emoção em suas narrações e passou por diversas emissoras como Tupi, Bandeirantes, Panamericana e Capital, até sua morte, em 2006, aos 77 anos. Foi um criador de frases que se eternizaram, como, por exemplo, “abrem-se as cortinas, e começa o espetáculo”, “aguenta, coração!”, “crepúsculo do jogo” e “torcida brasileira”. Transmitiu 10 Copas do Mundo.

<sup>88</sup> Paulista, narrou 11 Copas do Mundo e dois Jogos Olímpicos. Passou por diversas emissoras, tais como Jovem Pan, Bandeirantes, Gazeta e Tupi. Atuou também nas TVs Globo, Record e Bandeirantes. Nasceu em 1919 e faleceu em 1998.

Eu me baseei no Fiori Gigliotti, pela emoção e o sentimento. Fiori Gigliotti, querido. E o outro, tecnicamente querido, o tal de Pedro Luiz. Esse narrou futebol, para mim, foi o maior narrador da história do Brasil, do rádio esportivo brasileiro, que, para mim, é o melhor rádio da América, da América Latina, e também a Europa, a Europa que tem, com exceção de Portugal, e em outros lugares, o narrador de futebol não tem nada a ver. Então, a precisão técnica do Pedro Luiz, e o sentimentalismo do Fiori Gigliotti. E no meio, entrou o Magrão, com as suas palhaçadas (SOUZA, 2015).

A primeira oportunidade no rádio surgiu quando Haroldo tinha 18 anos. E, durante algum tempo, atuou como colaborador na Rádio Castro Ltda, sem receber salário. Ingressou no Exército Brasileiro e, depois de cumprido o tempo de serviço militar, em 1963, estreou como repórter de campo na Rádio Cultura, de Maringá. Em 1969, Haroldo participou de um concurso para locutor, na Rádio Alvorada, de Londrina. Entre 32 candidatos, Haroldo de Souza terminou na segunda posição, porém, como o primeiro colocado desistiu, Haroldo ficou com a vaga (ENCICLOPÉDIA DO RÁDIO ESPORTIVO MINEIRO, 2014). A grande mudança na carreira de Haroldo de Souza, que o projetou definitivamente para o cenário do rádio esportivo brasileiro, aconteceu em 1970. Com uma carta de apresentação do seu ídolo Pedro Luiz, da Rádio Tupi, Haroldo foi contratado pela Rádio Itatiaia, de Belo Horizonte. Porém, o estilo de Haroldo ainda não estava completamente moldado, apesar das influências e da prática que havia adquirido nos anos anteriores. Mas a passagem por Belo Horizonte foi decisiva para que o narrador alcançasse uma identidade própria.

Meu sonho sempre foi ser narrador de futebol. Mas o fato é que eu era caminhoneiro. Então, para eu ser locutor de futebol, eu tinha que ouvir os caras. Eu tinha que ser diferente. Para ser narrador de futebol, eu tinha que narrar futebol. Simplesmente isso. E ainda hoje, ainda há problemas de aceitação a respeito disso ou daquilo, porque há o problema da regionalização dos profissionais que habitam o universo no rádio esportivo brasileiro. Se você sai daqui do sul do Brasil e vai narrar futebol em Fortaleza, e morar em Fortaleza, terá que ter um outro tipo de comportamento lá, para poder, realmente, atingir os seus objetivos. Por que se você chegar lá e for um igual aos cearenses, você é igual. Quando eu cheguei a Belo Horizonte, saindo da cabine de um caminhão, em 1969, eu resolvi que não seria nem Vilivaldo Alves<sup>89</sup>, Jairo Anatólio Lima<sup>90</sup>, nem Jota Junior<sup>91</sup>, que eram os três

<sup>89</sup> Foi um dos locutores mais admirados em Minas Gerais. Retratava os jogos com um tipo de narração absolutamente emotiva. Atuou durante 15 anos na Rádio Itatiaia, onde ganhou muita popularidade. Se transferiu para a Rádio Capital e, por fim, atuou na Rádio Inconfidência. Torcedor fervoroso do Atlético Mineiro, faleceu em 1994, aos 54 anos. (ENCICLOPÉDIA DO RÁDIO ESPORTIVO MINEIRO, 2014).

<sup>90</sup> Natural de Belo Horizonte, nasceu em 1928. Começou com apenas 13 anos no rádio, como *office-boy*, na Rádio Inconfidência. Aos 19, transmitiu seu primeiro jogo. Cobriu sete Copas do Mundo. Deixou o Rádio em 2009. (ENCICLOPÉDIA DO RÁDIO ESPORTIVO BRASILEIRO, 2012).

<sup>91</sup> Goiano, nasceu em dezembro de 1938. Tinha um estilo de narração “show”. Criador de bordões, tem como o mais conhecido “vai buscar lá dentro... (nome do goleiro)”. Outro bordão conhecido também foi “estoooo sentindo cheiro de gol”. Narrou em rádios como Inconfidência, Guarani, Rádio Jornal, em

principais narradores do estado de Minas Gerais, na época, 1969, um ano antes da Copa do Mundo. Por chegar diferente, eu consegui chegar, e já, um ano após, estar conseguindo fazer a minha primeira Copa do Mundo, no México, o inesquecível tri campeonato mundial de futebol (SOUZA, 2015).

No ano de 1970, Haroldo de Souza transmitiu sua primeira Copa do Mundo, no México e, quatro anos depois, narrou a Copa da Alemanha, vencida pelos donos da casa, contra a Holanda. Foi nesse período que “Magrão”, como passou a ser conhecido, e o é ainda hoje, criou seus mais importantes bordões, principalmente o “Adivinhe!”<sup>92</sup>. Houve, em algum momento, uma discordância sobre o crédito de criação desse bordão, pois havia outro narrador que utilizava o mesmo termo, Vilibaldo Alves, que, inclusive, foi colega de Haroldo na própria Rádio Itatiaia, e se tornou também um dos grandes nomes da história do rádio esportivo brasileiro. Haroldo de Souza, por sua vez, garante que o “Adivinhe!” foi criação exclusiva, antes mesmo de atuar como narrador em Minas Gerais.

[...] eu fazia o “Adivinhe!” nos poucos jogos que eu narrava na cidade de Londrina, no estado do Paraná. E dividia, uma coisa com outra, caminhoneiro, ia lá, narrava um pouco, voltava, enfim, não era uma profissão. Mas, e um dia, eu estou lá narrando, e o Cruzeiro, que tinha Tostão, Piazza, Hilton Oliveira, era um baíta de um time, foi fazer um amistoso com o Londrina, e as rádios de Minas foram para lá. O narrador de Minas, já falecido, Vilibaldo Alves, ouviu. E esse narrador, levou para Belo Horizonte o “Adivinhe!”. Eu em um time pequeno, e ele em num time grande, usando. Aí encontrei com ele e tal, e falamos, conversamos e aquela onda toda, e o negócio morreu. Então as coisas surgem assim, devagar. As “bandeiras tremulando”, puxa vida, tem até música “as bandeiras tremulando”. Está gritando o gol, por que não “olha lá, e agora, as bandeiras estão tremulando, tremulando, tremulando”. Então, as coisas vão surgindo assim.

Em 1974, conforme a *Enciclopédia do Rádio Esportivo Mineiro* (2014), Haroldo de Souza estava sendo observado pela Rádio Gaúcha. Conta Lauro Quadros (2015, p. 46), que “nós o conhecemos em uma excursão em 1973. O Sant’Ana recomendou sua contratação para a Rádio Gaúcha”. Em entrevista concedida ao projeto Vozes do

---

Goiás, Continental, do Rio de Janeiro, e Capital, de São Paulo. Morreu com apenas 42 anos, em 1985, devido a uma leucemia. (ENCICLOPÉDIA DO RÁDIO ESPORTIVO MINEIRO, 2014).

<sup>92</sup> Em meados dos anos 2000, Haroldo de Souza, observando o movimento que a torcida gremista passou a executar no setor geral, à direita das cabines de imprensa do Estádio Olímpico, atrás da goleira, resolveu homenagear o momento de gol gritando “avalanche!”. A “avalanche” é uma forma de comemoração tradicional nos países do Prata, principalmente, entre torcedores argentinos. Até o último compromisso do Grêmio, no Estádio Olímpico, que, na verdade, foi em 2013, a torcida “Geral” costumava praticar, sempre que o Grêmio marcava algum gol. Mas, após um grave acidente, no dia 31 de janeiro de 2013, em um jogo da Libertadores, entre Grêmio e LDU, do Equador, a “avalanche”, acabou sendo proibida, em comum acordo entre torcida e clube.

Rádio, Haroldo de Souza (2015) explicou como foi o contato que culminou na sua vinda para o Rio Grande do Sul.

E aí eu estou na Alemanha, e esse maluco do Paulo Sant'Ana sentou do meu lado e ficou me observando a mando do Nelson Sirotsky. E terminado o jogo, eles me perguntaram se eu não queria vir trabalhar em Porto Alegre. Na época, a companhia Caldas Júnior mandava no campinho, como o Pedro Carneiro Pereira, né? Armindo Antônio Ranzolin, essa turma toda. Ruy Ostermann, Lauro Quadros, Belmonte, Lasier, Lupi, então, eram donos da audiência. E, do lado da Rádio Gaúcha, que começava no esporte, que parava, começava, parava, começava, era o Willy Gonser<sup>93</sup>, que hoje está na Itatiaia e ficou no meu lugar. Eu digo, vamos conversar. Quando eu voltei, eles mandaram a passagem, e eu vim para cá, em 1974. O Pedro tinha morrido em 73, naquele acidente automobilístico, né? Aí eu vim, acertei com eles, e comecei, em 1974.

A sua vinda para o Rio Grande do Sul significou uma revolução no estilo de narração, pois ninguém fazia até então, o que Haroldo se propôs a introduzir no rádio esportivo gaúcho. A narração até 1974, era baseada, principalmente, nas influências de Mendes Ribeiro e Pedro Carneiro Pereira, refletidas em narradores como Milton Jung e Armindo Antônio Ranzolin, que, como o próprio Haroldo se referiu e, anteriormente, Samuel de Souza Santos (2015), comandaram os números de audiência durante muito tempo. Lauro Quadros (2015, p. 46,), resume bem o processo evolutivo da narração de rádio em Porto Alegre, de 1958 até 1974, ano que Haroldo de Souza chegou no Rio Grande do Sul.

Entre os narradores, havia a escola Mendes Ribeiro, consagrado pela Copa de 1958, na Suécia, e que se inspirava em Cândido Norberto. Muitos foram os seguidores: Pedro Carneiro Pereira, Luiz Carlos Prates e, ainda hoje, Pedro Ernesto Denardin. Um estilo bem gaúcho, com um certo tom argentino, contrastando com o clássico Antônio Carlos Resende no padrão Oduvaldo Cozzi, sucesso no Rio de Janeiro. Também foi o Rio, nas narrações de Jorge Cury, que Armindo Antônio Ranzolin, adolescente em Lages, Santa Catarina, tomou como referência. Willy Gonser, que veio do Paraná, tinha o ritmo de Pedro Luiz, da Bandeirantes de São Paulo. Sérgio Moraes<sup>94</sup> acabou na Globo do Rio. Seu balacobaco tinha tudo a ver.

<sup>93</sup> Nasceu em 13 de outubro de 1936, em Curitiba, no Paraná. Foi reconhecido por uma das mais belas vozes do rádio esportivo brasileiro. Passou por diversas rádios do Brasil, como a Clube, do Paraná, Gaúcha, Nacional e Jovem Pan, até chegar à Itatiaia, em 1979, onde se consagrou como a maior voz do Atlético Mineiro. Apelidado de "Alemão", narrou 11 Copas do Mundo. É conhecido como o "mais completo do Brasil". (ENCICLOPÉDIA DO RÁDIO ESPORTIVO BRASILEIRO, 2012).

<sup>94</sup> "Nascido em Lajeado, foi criado em Rio Pardo, onde chegou com um ano de idade, dia 11 de julho de 1936. Saiu de lá em 1954 com a carteira de jornalista em punho e empregado na Rádio Rio Pardo. Logo se transferiu para a Rádio Santa Cruz. E depois para a Rádio Clube Metrópole. E, finalmente, para a Rádio Canoas, onde transmitiu a partida que mudaria sua vida. Em 1957, Sérgio Moraes começou a trabalhar na Rádio Gaúcha, momento que é uma espécie de divisor de águas na vida do radialista. Da Rádio Gaúcha, foi para Globo, onde ficou de 1963 a 1976, com uma escala de seis meses na Rádio Tupi. Em julho de 1976, a volta para a Gaúcha. Depois de dois anos, finalmente a

Mesmo com uma grande descrição, velocidade e emoção, a narração de Haroldo de Souza, diferentemente de outros estilos consagrados anteriormente no Rio Grande do Sul, era informal e popular. Um exemplo disso foi a criação do “Gente que se liga na Gente”.

O “Gente que se liga na Gente” eu criei assim, tipo, ao encontrar as pessoas na rua, “ah, Haroldo, eu te ouvi ontem, que coisa boa, me dá um abraço...”. E eu, tá bom, como é teu nome? A partir do instante que eu anotei pela primeira vez o nome da pessoa, eu digo, tá, vamos fazer o seguinte, “me dá o teu nome completo, onde é que tu moras, porque, daí, já faço uma homenagem pra ti, de forma completa”. Naquele tempo, só existiam cartas. Cartas e telegramas. Aí eu fiz o primeiro, então começou a chegar carta. Comecei a ser campeão de correspondências, mas como locutor esportivo campeão de correspondências. Então está escrito, é “Gente que se liga na Gente”, que chegou a estar catalogado, quando estava organizado, agora não, mais de 100 mil nomes, tudo catalogadinho, “aqui colorados, aqui gremistas, aqui corinthians, aqui atleticanos e aqui Cruzeiro” (SOUZA, 2015).

Outro diferencial no estilo de Haroldo de Souza, são as aberturas de jornadas. Ao invés de simplesmente descrever o acontecimento do jogo em si, o narrador utiliza o momento para “conversar” com os ouvintes. E os assuntos podem ser dos mais variados, desde política, acontecimentos do cotidiano, porém, de alguma forma, relacionados com o futebol.

É, e eu, graças a Deus, eu criei uma escola que a abertura de jornadas esportivas. Sim, tem muita gente que faz, eu cumprimento a todos que procuram fazer. Lá em Minas Gerais, havia um negócio diferente. O Osvaldo Faria, já falecido, era o chefe da equipe, e ele que abria as jornadas esportivas e entregava para o narrador só cinco minutos antes da bola rolar. E, quando eu vim para cá, eu peguei a pasta da Rádio Gaúcha, e tinha a pasta padrão. Onde era boa note, era boa noite, ou então estava em branco. Mas era a mesma colocação, até posso te citar um exemplo, assim, porque, na Guaíba, era a mesma coisa “essa característica identifica a equipe de esportes da Rádio Guaíba de Porto Alegre, no comando da Rede Ipiranga do futebol”. Era um patrocinador só. E a Rádio Gaúcha fazia a mesma coisa. Aí eu cheguei, olhei, e digo “não”. Se é eu que tenho que fazer, toda a jornada que vou fazer, “essa característica identifica a Rádio Guaíba de Porto Alegre, para comandar...”. Não, não, não. Eu vou entrar com uma outra coisa diferente, que eu vou prender aquele ouvinte que não está acostumando com isso, e criei as aberturas de jornadas. Tem gente que diz aí que foi. Não. Quem criou a abertura de jornada também fui eu, graças a Deus.

De fato, a disputa entre Guaíba e Gaúcha consolidou-se mesmo na década de 1970. Ambas buscaram qualificar-se tanto em equipe de trabalho, quanto

---

consagração definitiva: a emoção de narrar uma Copa do Mundo. Foi pela Rádio Nacional, do Rio de Janeiro, na rival Argentina, em 1978.” Foram cinco Copas do Mundo, no total. Fonte: Vozes do Rádio (2001).

tecnologicamente. No caso da Rádio Gaúcha, conforme Ferraretto (2007), foi a partir de 1974, ano de realização da Copa do Mundo da Alemanha, vencida pelos alemães, que a Gaúcha cresceu. Efetivou-se, conforme Sérgio Endler (2012), como concorrente em audiência direta com o “estilo Guaíba”, na Copa de 1978, realizada na Argentina. Segundo o autor, a Gaúcha, para aquele ano, passou a contar com um transmissor de 100KW de potência. Endler (2012, p. 142), destaca, nas palavras do técnico Holmes Aquino, que a Gaúcha encontrou uma série de dificuldades, mas que aquela cobertura foi importante, no sentido de desenvolvimento técnico. Até a Copa de 1982, na Espanha, segundo contam, Dalpiaz (2002), Ferraretto (2007) e Endler (2012), o IBOPE registrou diversos índices que apresentavam empates técnicos entre as duas emissoras. Acontece que o crescimento da Rádio Gaúcha, entre outros fatores, deveu-se, justamente, ao investimento em tecnologia.

Ferraretto (2007, p. 497), descreve trecho de depoimento colhido com Nelson Sirotsky que, segundo o autor, foi o responsável pela retomada das transmissões esportivas pela Rede Brasil Sul:

A Guaíba ainda não nos dava importância. Não nos ganhava mais de 10 a 1, mas de 7 ou 6 a 2. Continuava nos ganhando longe. Com as unidades móveis, a Gaúcha deu uma surra na Guaíba em termos de qualidade. A Guaíba tinha a linha 24 horas, mas não tinha a nossa agilidade.

A Gaúcha de Sirotsky utilizou-se, segundo conta Ferraretto (2007), de diversas “artimanhas” para ultrapassar a Guaíba na audiência. Após uma notável hegemonia nos anos 1970, a empresa jornalística Caldas Júnior viveu uma grande crise financeira na década de 1980. Segundo descreve Ferraretto (2007), a rádio convivia com salários atrasados, pagamentos com vale e o descumprimento de obrigações trabalhistas. A empresa sofreu com muitas dívidas e, umas das maiores, era com o Banco do Estado do Rio Grande do Sul.

Em 1990, o narrador Armindo Antônio Ranzolin, o principal locutor esportivo da Rádio Gaúcha, dividia-se em importância com Haroldo de Souza, mas, insatisfeito com as escalas para o mundial da Itália daquele ano, em que narrava jogos de “menor importância”, Haroldo começava a terminar seu ciclo de quase duas décadas na RBS. Após reclamar e, ainda ser atendido com a confirmação da cobertura de dois jogos da Seleção Brasileira, que, inicialmente, não narraria, em 1991, Haroldo trocou a Gaúcha pela Guaíba.

**Figura 13 – Haroldo de Souza (1989)**



Fonte: As caras da informação. Zero Hora<sup>95</sup>, Porto Alegre, 2 jan. 1989. p. 34-5.

O prestígio de Haroldo de Souza e Armindo Antônio Ranzolin era tão grande entre os ouvintes de Porto Alegre, que as direções das rádios Guaíba e Gaúcha entraram em um acordo para o uso de arquivos de gols de ambos locutores. Como agora Haroldo de Souza fazia parte do departamento de esportes da Guaíba, todos os gols por ele narrados na época de Rádio Gaúcha, poderiam ser reproduzidos na emissora. Da mesma forma, a Gaúcha poderia fazer o mesmo com os gols de Ranzolin, durante a trajetória deste na Guaíba.

Atualmente, Haroldo admite que a rivalidade que se estabeleceu entre ambos sempre foi saudável. Inclusive, reconhece que Armindo Antônio Ranzolin foi um dos melhores narradores da história do rádio gaúcho.

Tive o prazer de, por muitos anos, disputar a audiência. Audiência qualificada, porque é bom também você saber qual é o teu adversário. É mais gostoso. O adversário é bem qualificado, porque tu também tens alguma coisa. Se você sabe que é meia boca, porque tu também estás meia boca. Então, na história do rádio do Rio Grande do Sul, eu reconheço dois grandes narradores, Pedro Carneiro Pereira e Armindo Antônio Ranzolin. Os demais, todos do mesmo nível, do mesmo nível que eu (SOUZA, 2015).

No ano em que chegou na Rádio Guaíba, além de narrar, Haroldo também recebeu a oportunidade de comentar na programação esportiva. E, segundo conta, foi a direção da emissora, na época, que recomendou que Haroldo escolhesse uma trilha sonora padrão para o seu comentário.

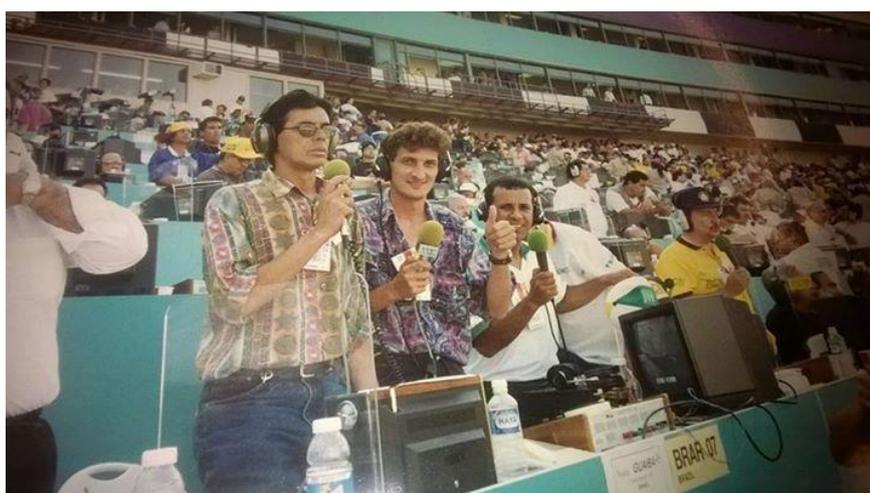
<sup>95</sup> Acervo de Ferraretto (2014).

Cheguei na Rádio Guaíba e o Renato Ribeiro e o Carlos Ribeiro pediram, não, “tens que fazer um comentário. Comentário? Tá, qual é o título? Comentário do Haroldo de Souza, simplesmente. É? É.”. Então escolhi uma característica. O Wianey Carlet, “olha, eu tenho uma característica para o Magrão...”, o Wianey trabalhava na Guaíba. “Eu tenho uma característica para o Magrão”, aí fomos lá, e digo “valeu, é isso aí”. Como é que é? “Madureira chorou, Madureira chorou de dor, quando a voz do destino, obedecendo ao divino, a sua estrela chamou”. Eu fiz uma ligação de ser estrela, coisa... da Gaúcha indo para a Guaíba, e aí eu digo, “oh, Wianey, tá fechado, é isso aí.”. Daí eu peguei definitivamente para mim e tem quarenta e poucos anos que a gente usa, mas foi o “gordinho” Wianey Carlet que conseguiu essa característica e eu agradeço também (SOUZA, 2015).

A Rádio Guaíba reconquistou uma boa parcela de audiência com a chegada de Haroldo de Souza, mas, nada ainda comparado aos “tempos áureos”. Em 1994, a Guaíba enviou uma equipe completa novamente para a cobertura da Copa do Estados Unidos, onde o Brasil conquistou o quarto título mundial, depois de vencer a Itália na final, nos pênaltis, após 0 a 0 no tempo normal e prorrogação, no estádio Rose Bowl, em Los Angeles.

Com a cobertura na Itália em 1990 e França em 1998, mais uma vez a Rádio Guaíba fechava uma década presente em todos os mundiais. Na primeira década dos anos 2000, a tônica em mundiais foi a mesma. Em 2002, a Guaíba acompanhou o quinto título do Brasil, na Copa realizada no Japão e Coreia do Sul. Esteve na Alemanha, em 2006, e ainda na África do Sul, em 2010.

**Figura 14** – Equipe da Rádio Guaíba na Copa de 1994<sup>96</sup>



Fonte: SOUZA<sup>97</sup> (2015)

<sup>96</sup> Da esquerda para direita: Haroldo de Souza, Luiz Carlos Reche e Luis Henrique Benfica.

<sup>97</sup> Foto postada em: <http://eusoufamecos.uni5.net/vozesdoradio/haroldo-de-souza/>.

Porém, antes disso, em 2007, acontece mais uma reviravolta na história da emissora. Dessa vez a rádio, juntamente com o Jornal Correio do Povo e a TV Guaíba, são vendidos à Igreja Universal do Reino de Deus, detentora do Grupo Record. A promessa inicial seria de incrementar com força financeira os três meios de comunicação para disputar a liderança, passar a RBS, e atingir o primeiro lugar de audiência. Porém, o grande investimento da Record se potencializou na TV. A TV Guaíba deixou de existir em 2007, dando lugar à TV Record-RS, com um misto de programação local e nacional.

O jornal Correio do Povo sofreu algumas alterações de diagramação, mas nada radical, enquanto a Rádio Guaíba se tornou uma só, com a união das ondas AM e FM, a exemplo de outras emissoras como a Rádio Gaúcha. Ao longo dos anos surgiram muitos questionamentos a respeito do futuro da Rádio Guaíba, principalmente quanto à programação e manutenção do quadro de funcionários.

Em 2010 ocorreu a saída do narrador Haroldo de Souza, que havia sido, durante 19 anos, o narrador número um da rádio. Ainda houve tempo para Haroldo narrar o bicampeonato do Internacional da Copa Libertadores, contra o Chivas Guadalajara, do México. Souza, porém, se transferiu para a Rádio Bandeirantes AM 640, onde, no final de 2010, participou da cobertura do Mundial de Clubes da FIFA, em Abu Dhabi, no Emirados Árabes. E, nesse mundial, aconteceu um fato curioso. O Internacional acabou sendo eliminado pelo “desconhecido” Mazembe, do Congo, em uma das semifinais do torneio, no dia 14 de dezembro de 2010. Inconformado com a marcação do segundo gol dos africanos, Haroldo de Souza se negou a narrar o gol, como tradicionalmente é feito.

Sim, porque, se você sai daqui em 1983, ou vai para o Japão, temendo voltar de lá sem nada, e você narra os dois gols do Renato, e volta com a emoção de uma vitória. Depois, você vai em 2006 e pega o Internacional, e repete a dose também no Japão, da mesma forma, contra um Barcelona e tal, e ganha o jogo. Aí tu estás sonhando com o bicampeonato daquele que chegou primeiro para isso, nessa briga fantástica Gre-Nal, que é o que move o futebol, para mim, toda a célula do futebol brasileiro, para mim, é o Gre-Nal. Não é a célula, é a continuidade, é o pão que alimenta o futebol brasileiro, para mim, é a vida Gre-Nal. Aí tu estás, “puxa vida, o Mazembe fazendo 2 a 0?”. Digo, “não, não vou narrar o gol”. A dor que o torcedor está sentindo do lado de lá, é a dor que eu estou sentindo do lado de cá. Não tem narração, e deu para a bola (SOUZA, 2015).

Em 2012, Haroldo de Souza foi demitido da Rádio Bandeirantes e acertou sua ida para a Rádio Grenal, do Grupo Pampa de Comunicação. Atualmente, divide a

narração com dois jovens narradores, Thiago Suman e Angelo Afonso, e participa, de segunda a sexta-feira, do programa Dupla em Debate, onde tem a companhia de profissionais experientes como Roberto “Pato” Moure, que atuou na Rádio Gaúcha como repórter, durante os anos 1970, e de Darci Filho, que foi colega de Haroldo na Gaúcha. São mais de 40 anos de profissão, e, pelas suas contas, 2.800 jogos narrados, ou, 252 mil minutos de locução de jogos de futebol (ENCICLOPÉDIA DO RÁDIO ESPORTIVO BRASILEIRO, 2012). Além disso, Haroldo de Souza contabilizou, até 2015, a narração de 161 clássicos Gre-Nais, desde 1974, quando estreou no rádio gaúcho, número que ultrapassa os 140 Gre-Nais narrados por Armindo Antônio Ranzolin, entre 1961 e 1995.

Entre várias conquistas, Haroldo narrou os quatro títulos de Libertadores da América conquistados por Grêmio e Inter (1983, 1995, 2006 e 2010), os mundiais de 1983, pelo Grêmio, e 2006, pelo Internacional, e as conquistas nacionais e demais títulos internacionais de ambos clubes. Ao total, foram 11 coberturas de Copas do Mundo, sendo, a última, pela Rádio Guaíba, na África do Sul, em 2010. No dia 2 de julho daquele ano, após a eliminação do Brasil para a Holanda, nas quartas de final, Haroldo declarou que não narraria mais jogos da Seleção Brasileira. Porém, no dia 10 de junho de 2015, Souza narrou a vitória da Seleção Brasileira por 1 a 0, contra Honduras, em amistoso no Estádio Beira-Rio.

Velocidade, intensidade, grito de gol, emoção e figuras de linguagens, serão alguns dos critérios avaliados da trajetória de Haroldo de Souza, que levará em conta trechos dos jogos: Internacional e Atlético Mineiro, em 1976, Internacional e Mazembe, 2010 e Internacional e Joinville (2015), que são os jogos estudados no capítulo 5.

No mês de novembro de 2013, a presidente da república, Dilma Rousseff, assinou um decreto que autoriza a migração das emissoras de rádio AM para a faixa de FM. Cerca de 1.700 rádios AM de todo o Brasil, serão afetadas. A principal intenção é melhorar a qualidade de recepção do som. Há, também, um crescente aumento do número de rádios WEB, ou rádios de internet, com programação segmentada. Um exemplo disso é a Rádio Galera, uma emissora que transmite jogos da Dupla Gre-Nal e da Seleção Brasileira, e que vem chamando atenção pela sua organização e por cobrir, atualmente, partidas *in loco*, além do Rio Grande do Sul. O *slogan* da rádio é: “A rádio do futuro, hoje”. Quem ressalta isso, é o narrador Samuel de Souza Santos, um locutor que iniciou sua carreira no rádio, no final dos anos 1960, passou por diferentes fases no meio, atuando em emissoras como a Difusora, Gaúcha e Guaíba,

e que, atualmente, narra em uma plataforma diferente daquela em que se desenvolveu como um dos principais nomes da história do rádio de Porto Alegre. Samuel de Souza Santos é o personagem que fecha o capítulo *Os Narradores Paradigmáticos*.

### 3.8 Samuel de Souza Santos: a tradição do AM na internet

Samuel de Souza Santos, durante 30 anos, narrou futebol em diversas rádios. Assim como Pedro Carneiro Pereira, Armindo Antônio Ranzolin e Mendes Ribeiro, Santos também ingressou na vida profissional jurídica, em meio às funções que exerceu no rádio. Natural de Santa Maria, região central do Rio Grande do Sul, começou a carreira de jornalista atuando como repórter policial no jornal *A Razão*, nos anos 1960. Mas logo veio a primeira oportunidade no rádio. Aos 16 anos, iniciou na Rádio Guaratã, mas a grande chance no esporte, que era o que Santos<sup>98</sup> (2006) desejava, veio em seguida, quando conheceu o radialista Paulo Flores, que, segundo ele, foi sua primeira influência na narração.

[...] já havia trabalhado aqui em Porto Alegre, na Rádio Guaíba. Ainda é vivo e está com noventa e poucos anos. Mas era um profissional que narrava ao estilo bem do surgimento do rádio esportivo, né, porque nós tivemos uma grande influência do rádio rio-platense, ou seja, Uruguai e Argentina, mais Uruguai. O estilo de narração, é uma narração mais, digamos assim, vou te dar uma noção de expressões próprias desta região do Pampa Gaúcho, mas, que serviam muito para a ideia que se queria transmitir daquilo que estava acontecendo numa determinada jogada. Tu estás narrando o jogo, e, ao invés de dizer “o Fulano está a tantos metros do gol”, ou a tal distância, tem uma “estância” pela frente. Uma “estância” é própria da geografia, da economia do Rio Grande e dessa região (SANTOS, 2015).

Além de Paulo Flores, Samuel de Souza Santos cita outras influências que foram importantes para o desenvolvimento da sua narração.

Muito bem, depois desse período, eu lembro que não era fácil, tu tinhas que fazer treinamentos de narração. O que é que eu fazia? Eu tinha um LP, um *long play*, com a narração de jogos da Seleção Brasileira da década de 60, 50, 60, mais ou menos. Tinha um narrador aqui no Rio Grande que era o Euclides Prado. E Prado tinha alguns jogos que ele gravou e gravaram em um tipo de LP. E eu ouvia muito para ver qual é que era o estilo e tal, e, paralelamente tinha um outro que era com narradores de São Paulo, Pedro Luiz, Edson Leite, então, o que é que eu fazia? Eu ouvia, mas eu precisava ver o jogo no estádio, no campo. Então eu pegava uns 30 metros de fio e o gravador “geloso”, tu nem conhecestes, mas era um gravador italiano que havia aqui, “geloso”, chamava-se, todos tinham, tudo o que era rádio tinha

<sup>98</sup> Ver: <http://eusoufamecos.uni5.net/vozesdoradio/vozes/vozes/s/samuel-santos/>.

que ter. Era um aparelho pequenininho, com fita, e eu levava para o campo do Riograndense de Santa Maria, e narrava os treinos do Riograndense. Mas só que, alguns jogadores tinham camisa, outros sem camisa, e nenhuma das camisas tinha número, então, eu tinha que adivinhar que era quem que estava ali, para tentar uma narração mais correta (SANTOS, 2015).

A história de Samuel de Souza Santos em Porto Alegre começou na Rádio Difusora (atual Bandeirantes), conforme relata em entrevista ao Projeto Vozes do Rádio<sup>99</sup>. Segundo conta, a sua trajetória em Porto Alegre teve início em meados do ano de 1968. Pela Difusora, Santos desenvolveu-se ao ponto de, rapidamente, narrar Gre-Nais, o que logo chamou a atenção de outras emissoras.

Quando vim para Porto Alegre, eu já estava narrando em Santa Maria, em 67, 68. Eu tive uma passagem depois, rapidamente, aqui em Porto Alegre, não na Gaúcha. Antes dessa inauguração, eu tinha vindo aqui para esta Rádio Difusora, que depois dá origem à BAND. Mas fiquei um ano e pouco e voltei para Santa Maria, porque inaugurou o sistema de comunicação de rádio da universidade e, como eu já havia trabalhado com o reitor Mariano da Rocha, mais na área de assessoria, então eles me convidaram para integrar a equipe da rádio, junto de uma outra emissora que era a Imembuí. Eu voltei a Santa Maria, inaugurou-se a TV, eu fui para a inauguração da TV e lá, o Maurício então fez esse convite. Passou um ano e pouco, 70, eu vim para Porto Alegre, final dos anos 70. Aqui, em Porto Alegre, então já trabalhava em vários setores da Gaúcha, uma emissora muito dinâmica. Então, fazia um pouco de cada coisa, locução comercial, apresentação de programas e tal, e narração. E a Gaúcha, que tinha parado um período, anos anteriores de ter uma equipe de esportes, retomava a equipe esportiva. E eu permaneci na Gaúcha, integrando a equipe que ali estava. O Ary dos Santos era o nosso diretor de esportes, e aí que surge o Paulo Sant'Ana, e companheiros "glamourosos" da reportagem, principalmente (SANTOS, 2015)

Em 1973, Samuel de Souza Santos já atuava na Rádio Gaúcha. Participou de uma grande cobertura acompanhando a Seleção Brasileira entre diferentes países da Europa.

Nós ficamos quase três meses fora do país. Começamos na África do norte, em Argel, Tunísia, passamos pela Itália, para tu teres uma ideia, fizemos Alemanha, Áustria, Rússia, né, Moscou, depois passou para a Escandinávia, voltamos à Suécia e a excursão acabou em Glasgow, na Escócia. Foi uma coisa fantástica. Nem a Seleção Brasileira, e nem há mais condição de fazer uma cobertura dessa. Eu e o Sant'Ana. O Sant'Ana era o meu comentarista naquela oportunidade, sem repórter. A gente fazia as vezes, entrevistava, era aquela criatividade (SANTOS, 2015).

Ainda em 73, o locutor foi contratado por Armindo Antônio Ranzolin para fazer parte da Rádio Guaíba, justamente no ano em que Pedro Carneiro Pereira faleceu em

---

<sup>99</sup> Acesso em maio de 2015: Ver: <http://eusoufamecos.uni5.net/vozesdoradio/entrevista-completa-13/>.

Tarumã. Pedro Carneiro foi para Samuel de Souza Santos a grande referência na narração de futebol, como ele relata:

O Pedro, ele era divertido, era um cavalheiro, era um homem de publicidade [...] também era advogado e era um baita amigão, uma pessoa alegre, brincava bastante, solidário e de uma correção profissional exemplar, tinha um cuidado muito grande com o português, tinha um português corretíssimo. Aliás na Guaíba não se permitia um português pobre, não se usava gíria. Eu me lembro que quando nós tínhamos alguma dúvida conversávamos muito, chamávamos o professor Celso Pedro Luft que hoje tem um dicionário. E o Luft ia nos tirar dúvidas. Então havia esse cuidado com o que você dizia, a Guaíba tinha este cuidado, a Gaúcha por consequência fazia o mesmo porque do outro lado a concorrência era muito forte (SANTOS, 2015).

No dia da morte de Pedro Carneiro Pereira em Tarumã, Samuel de Souza Santos substituiu o narrador Luiz Carlos Prates, que, sem condições de transmitir o restante da fatídica jornada esportiva de 21 de outubro de 1973, decidiu não narrar o duelo entre Internacional e São Paulo, no Beira-Rio, a exemplo da atitude de Armindo Antônio Ranzolin, pela Guaíba. Santos conta que, algum tempo mais tarde, recebeu em casa uma visita que mudaria os rumos de sua trajetória profissional.

Passados alguns dias, alguns meses, eu recebi em casa a visita do Antônio Britto, que era nosso colega, repórter, já da Caldas Júnior. E me convidando para ir até a Caldas Júnior, porque o pessoal queria que eu passasse a integrar a equipe, que era a intenção deles. Mas antes, queriam saber se eu aceitava e tal. Aí, fui lá para a Guaíba e conversei com o Francisco Antônio, doutor Breno, e tudo mais, e aceitei a minha ida para a Guaíba. Então, assim que fiquei na Guaíba 17 anos, ou, talvez, um pouco mais (SANTOS, 2015)

Samuel de Souza Santos enfrentou um período difícil na Rádio Guaíba, principalmente, quando a emissora passou por diversas dificuldades financeiras. Em 1986, o empresário do setor agroindustrial Renato Bastos Ribeiro assumiu todas as dívidas, impedindo leilão dos prédios da Caldas Júnior. A cobertura mais importante da carreira de Samuel de Souza Santos, foi da Copa do Mundo de 1986. Enquanto os jogos da Seleção Brasileira eram transmitidos por Milton Jung, Santos narrava outros duelos importantes. Um deles, que Santos considera o mais importante e mais emocionante de sua carreira, foi a vitória da Argentina, de Maradona, contra a Inglaterra, por 2 a 1, quartas de final, no dia 22 de junho de 1986, no Estádio Azteca, na Cidade do México. Naquele jogo, Maradona foi o principal protagonista. Em um

dos gols que marcou, que ficou conhecido como “*La Mano de Dios*”, admitiu, em 2005, no seu programa de televisão *La Noche del 10*<sup>100</sup>, que tocou com a mão na bola.

**Figura 15 – Samuel de Souza Santos (1983)**



Fonte: Rádio Guaíba AM<sup>101</sup>. Grêmio campeão da América rumo a Tóquio. Porto Alegre, 1983. Encarte do LP.

Além disso, Maradona ainda marcou um gol antológico, quando avançou desde a intermediária, passando por vários adversários ingleses, até marcar um dos mais conhecidos gols da história de futebol mundial. Samuel de Souza Santos se orgulha de ter sido testemunha e, além disso, de ter narrado aquele jogo. Foi um momento também de tensão, pois, justamente entre os dois países, havia um clima tenso e de conflito, em função do evento que ficou conhecido como a Guerra das Malvinas<sup>102</sup>.

Bom, um grande jogo que me causou uma emoção muito forte, não foi nem um jogo de clubes nossos aqui, foi na Copa do México, em que, a Argentina venceu a Inglaterra. O gol do Maradona foi uma coisa assim extraordinária. Esse momento me marcou muito, porque a gente tinha convivido, esporadicamente, com o Maradona. E não só eu, mas alguns amigos mais próximos ali, e sabíamos o quanto tinha representado para a Argentina a

<sup>100</sup> *La Noche del 10* foi um programa de televisão argentino, comandado por Maradona, no canal Treze de Buenos Aires, que foi ao ar em 2005. Chegou a registrar picos de 40 pontos de audiência. Maradona recebia e entrevistava, informalmente, personalidades não necessariamente ligadas ao futebol. Em uma das edições, além de conversar, “bateu bola” no palco do programa com Edson Arantes do Nascimento, Pelé.

<sup>101</sup> Acervo de Ferraretto (2005). Ver: <http://www.radionors.jor.br/2014/05/armindo-antonio-ranzolin-e-o-futebol.html>.

<sup>102</sup> “Guerra das Malvinas (em espanhol Guerra de las Malvinas; em inglês Falklands Conflict) foi um conflito travado entre Argentina e Reino Unido pela posse das Ilhas Malvinas, e que ocorreu de abril a junho de 1982, terminando com a vitória dos britânicos, que reafirmaram sua soberania sobre o pequeno conjunto de 778 ilhas localizado no Atlântico Sul, a 463 km da costa argentina”. Texto completo em: <http://www.infoescola.com/historia/guerra-das-malvinas/>.

Guerra das Malvinas. E nessa partida, eles jogaram muito isso aí. O orgulho e a situação vivenciada. Foi um momento extraordinário (SANTOS, 2015).

Ainda em 1986, Samuel de Souza Santos dá preferência ao Direito e deixa a Rádio Guaíba. Nos anos 1990, o narrador retorna aos microfones pela Bandeirantes onde forma uma equipe ao lado de profissionais como o locutor Mário Lima (atual Rádio Guaíba).

Aí, fui para a Bandeirantes, também a pedido de um colega, o Paulo Solano, para organizar a equipe de esportes da Bandeirantes. Fizemos isso, o jornalismo, a equipe de esportes, mas, um dia, eu já achei que estava cansado, estressado fazendo as duas coisas, e digo, não, vou parar um pouco, vou parar com a atividade no rádio e vou me dedicar aqui, algum período, à advocacia, que estava me exigindo muito, porque eu tinha que ficar pedindo gentilezas para os juízes para adiar audiências (SOUZA, 2015).

Atualmente, Samuel de Souza Santos integra o quadro da Rádio Galera da WEB, emissora que transmite pela internet jogos de Grêmio, Internacional, além de jogos de clubes da região metropolitana de Porto Alegre, tais como Cruzeiro, de Cachoeirinha e Cerâmica, de Gravataí. E ao mesmo tempo que Santos narra ao lado de jovens profissionais e estudantes de jornalismo, trabalha também na companhia de cronistas experientes como João Garcia, que foi repórter da Rádio Gaúcha nos anos 70 e comentarista esportivo de emissora de Porto Alegre como Band e Guaíba.

A Rádio Galera WEB possui como *slogan* a frase “a rádio do futuro, hoje” e, apresenta uma programação de 24 horas, com ênfase, principalmente, em debates. O embrião da Rádio Galera surgiu em 2011, quando os radialistas Rodrigo Aliardi e Eduardo Souza formaram a WEB RS, com o intuito de transmitir jogos de futebol de base e do Cruzeiro de Cachoeirinha, que, na época, ainda possuía sua sede na zona norte de Porto Alegre.

Conforme conta Aliardi (2015), percebeu-se um “vácuo” deixado por outra emissora de web, a WRI, coordenada pelo radialista Mauricio Freitas e que, nessa época, era repórter da Rádio Guaíba.

Começamos a fazer jogos do Cruzeiro, do São José<sup>103</sup>, e às vezes, o Cerâmica<sup>104</sup>. Passou um tempo, aconteceram algumas divergências, acabei criando a Rádio Galera, e convidei o Jairo Kuba. Aí foi criada a Galera, por mim, mas com apoio muito grande do Jairo Kuba. E nessa nova fase da Galera, eu procurava uma coisa mais popular, mais próxima das pessoas. A

---

<sup>103</sup> O São José é um clube que se situa na zona norte de Porto Alegre.

<sup>104</sup> O Cerâmica Atlético Clube é um clube da cidade de Gravataí, região metropolitana de Porto Alegre.

Web RS era muito distante. Até o próprio nome era complicado, muito ligado com a web. E a gente queria uma coisa mais descolada. A gente se orgulha de ser web, mas, queria uma coisa mais descolada, para fazer essa transição, que é uma transição que vai acontecer. A gente já tinha uma ideia, de que será na próxima década. Nós começamos fazendo eventos e festas. E aí surgiu a ideia de fazer jogos mais seguidos, mas não só do São José e Cruzeiro. Começamos a fazer categorias de base. Depois de uma insistência do Jairo Kuba, também resolvemos fazer profissional. E a coisa foi pegando, fomos conhecendo pessoas, gente que ia saindo das escolas de radialistas, jornalistas, pessoas que estavam fora do mercado, que queriam começar, todo mundo com algum interesse. Então nos reunimos em torno de uma ideia, e começamos a transmitir de uma forma mais profissional, nos últimos dois anos, principalmente, adquirindo equipamentos de qualidade, investindo em transmissão de qualidade, fazendo viagens (ALIARDI, 2015).

**Figura 16 – Santos em ação pela Rádio Galera WEB**



Fonte: SANTOS (2015)

Conforme Rodrigo Aliardi, em 2015, a Rádio Galera “transmitiu mais jogos da dupla Gre-Nal fora do Rio Grande do Sul, do que, pelo menos, uma grande rádio de Porto Alegre, das quatro grandes, para se ter uma ideia” (ALIARDI, 2015). Segundo um dos idealizadores da Rádio Galera Web, a emissora trabalha em um sistema cooperativo, isto é, “tudo que entra na forma de patrocínios é reinvestido na rádio, e fazemos questão de que seja assim. É uma metodologia um pouco diferente das convencionais. Até aqui tem dado certo” (ALIARDI, 2015). De acordo com o radialista, umas das mais importantes ações que a Rádio Galera está promovendo, é o contato de jovens com o universo prático do jornalismo esportivo:

As pessoas têm consciência disso e, é claro, amanhã ou depois, quando o bolo for maior, as fatias também vão ser cortadas, e cada um terá sua parte, mas a gente acredita muito no projeto, porque ela é quase como uma escola de rádio. Quanto sai para tu fazer um jogo no Beira Rio, do Inter, na

Libertadores? Onde que um aluno da Famecos, da Unisinos, ou da Fabico poderia fazer isso? Ou um aluno da Feplam, da Oscip, a antiga Landell de Moura, não pode, não faz. Nem sendo estagiário de rádios grandes. O valor que tem é muito grande. As pessoas podem fazer jogos de Libertadores. As pessoas podem ir no Morumbi, fazer jogo de Seleção, como nós fizemos, há poucos dias, México e Brasil. É uma coisa muito forte isso, porque é algo do faça você mesmo. Não preciso me formar ou arrumar uma vaga na Gaúcha, eu mesmo pego, me organizo e vou lá.

Só deixar bem claro, que gostamos, temos orgulho do tratamento como web, mas é bom lembrar que não é uma rádio aos moldes da maioria das rádios web que têm. A grande maioria, inclusive São Paulo e Rio de Janeiro, têm dificuldade em entender web, porque, ou é de clube, ou de pessoa isolada, que faz um jogo ou outro, sem interesse mais profissional. Nós fazemos algo bastante profissional, dentro das nossas possibilidades, embora todo mundo tenha outra profissão, até por questão financeira. Vem dando certo nos últimos tempos e temos planos grandiosos. Existe um grande grupo e sempre tem alguém que possa fazer futebol. Não abrimos mão das categorias de base. Nos dá cancha. E somos indagados por muita gente de grandes rádios que nos perguntam sobre jogadores, inclusive dirigentes da dupla Grenal (ALIARDI, 2015).

Na grade de programas da Galera, também há espaços musicais, contemplando diferentes gêneros. A Rádio Galera Web é composta por um misto de jovens com experiências profissionais, tais como o narrador Samuel de Souza Santos, e o comentarista João Garcia.

O Samuel é um amigo meu e conheço ele de outras agremiações. O convidei para comentar um ou outro jogo, e ele estava totalmente aposentado disso. E ele retomou o gosto e recomeçou a narrar. Já está com 73 anos e está narrando direto. O João Garcia, a gente convidou, ele estava fora, saiu da Band, e agora tem feito alguns jogos, e a nossa ideia é que ele participe mais. O que importa mesmo é a participação deles, porque agregam experiência (ALIARDI, 2015).

Em relação ao rádio “tradicional”, Samuel de Souza Santos sente que tem mais “liberdade” para se expressar. Segundo ele, é permitida uma linguagem muito mais informal do que aquela em que se formou, principalmente entre as décadas de 1970 e 1980. Mesmo assim, Samuel acredita que ainda mantém, praticamente, o mesmo estilo de narração que construiu ao longo do tempo, por exemplo, o uso de efeitos sonoros.

Não, te confesso que não. Isso não. Mas não tenho nada contra, mas não ouço, por exemplo. Prefiro uma jornada mais limpa. Acho que polui muito, cheio de reverberações. Não precisa disso, você tem um estilo de narração, vai contar o jogo, tem que ter um som, claro. Eu digo, a jogada é esta e você está ouvindo exatamente como eu estou dizendo. Eu acho o seguinte, tu tens que saber improvisar, qualquer circunstância. Tu estás narrando um jogo e tu estás sentindo aquilo que tu queres transmitir. Tu tens que saber dizer aquilo

que tu estás pensando, com a emoção. Essa emoção, tu tens que saber transmitir. Agora, tu vais para uma jornada, e não precisas fazer muito discurso. Antes até havia isso, né, digamos, antes da década do Pedro, ao início do nosso ali. Até ali, faziam grandes eloquências, verdadeiros discursos, “aqui, nesta tarde...”, era uma poesia (SANTOS, 2015).

Em função de novos compromissos particulares, Samuel de Souza Santos diminuiu a intensidade de narrações, nos últimos tempos, pela Rádio Galera, apesar de, nos bastidores, ainda cumprir um importante papel no desenvolvimento e na organização da rádio, que segue cobrindo Grêmio e Internacional, além de outros campeonatos que não possuem espaço nas rádios tradicionais, com, por exemplo, torneios de categorias de base. No capítulo 5, serão analisados trechos do clássico Gre-Nal que decidiu o Campeonato Gaúcho de 2015, com a vitória do Inter por 2 a 1, contra o Grêmio, e da transmissão de Bolívar e Grêmio, em 1983, pela Copa Libertadores da América.

Samuel de Souza Santos encerra este capítulo, *Os Narradores Paradigmáticos*, que, desde os anos 1950, passando por Mendes Ribeiro, depois Pedro Carneiro Pereira, Milton Jung, Armindo Antônio Ranzolin e Haroldo de Souza, contou a história de personagens que, da influência de uma narração puramente descritiva, dos primórdios do rádio de Porto Alegre, foram inserindo, cada um deles, gradualmente, experimentações, características novas, e, principalmente, muita emoção nas transmissões, tudo isso aliado ao desenvolvimento tecnológico e a conseqüente popularização do rádio, como se mostrou. O próximo capítulo contará a história dos narradores que, dos anos 1980 até à atualidade, se inspiraram nos personagens do passado e que estão dando continuidade à trajetória da narração de futebol no rádio de Porto Alegre.

Como se percebe, neste momento em que se avança dos *Narradores Paradigmáticos* para os *Narradores Contemporâneos*, já está estabelecida uma narração de futebol descritiva, formal, informal, enfim, repleta de uma riqueza de detalhes e de estilos em Porto Alegre. É importante ressaltar que, da mesma forma como poderiam ter sido apreciados outros nomes que foram pioneiros, também haveria espaço para, ao menos, lembrar da importância de narradores, tais como: Luiz Carlos Prates, narrador que marcou seu nome na Rádio Gaúcha, numa época em que era difícil para a emissora competir com a força da Guaíba. Prates é comentarista da Rede TV!. Antônio Carlos Resende, narrador da Gaúcha, fortemente influenciado pelo amigo e colega de Oduvaldo Cozzi. Elio Fagundes, que atuou na grande equipe da

Rádio Guaíba, nos anos 1970, e que narrou o único título de Recopa Sul-Americana do Grêmio, conquistada em 1996, contra o Independiente, no Japão. E Roberto Brauner, narrador de futebol da Rádio Gaúcha, da Rádio Pampa, de Copas do Mundo, que foi pioneiro em transmissões de corridas de Fórmula 1, no Rio Grande do Sul, com destaque para a cobertura, em 1991, do tricampeonato mundial de Ayrton Senna.

No capítulo seguinte, *Os Narradores Contemporâneos*, a história continua e mostrará o quão dinâmico se mostram, tanto os narradores, quanto o mercado, que, nas últimas três décadas, vem alternado diferentes exigências aos profissionais. Mário Lima, José Aldo Pinheiro, Orestes de Andrade, Pedro Ernesto Denardin, Daniel Oliveira, André Silva e Angelo Afonso, seguem contando, cada qual, com suas peculiaridades, a grande história da narração de futebol no rádio de Porto Alegre. E o próximo capítulo começa com Marco Antônio Pereira, o único narrador brasileiro que teve sua voz “marcada” no filme oficial da Copa do Mundo de 1990, na Itália, narrando pela Rádio Guaíba. E é, justamente para a emissora da Caldas Júnior, que este locutor retornou em 2015, após sair da Rádio Gaúcha, onde permaneceu durante 24 anos. É curioso que, poucos dias após a entrevista concedida para a realização deste trabalho, Marco Antônio Pereira trocou de emissora.

## 4 OS NARRADORES CONTEMPORÂNEOS

Na Copa do Mundo de 1982, realizada na Espanha, a Rede Globo comprou, com exclusividade, os direitos de transmissão, o que acabou trazendo grandes dificuldades para o rádio, mais uma vez. Porém, foi justamente nessa situação que muitas emissoras pelo país utilizaram esse “empecilho” a seu favor. Foi através da publicidade que o rádio encontrou uma saída, justamente a partir do hábito de ouvir o futebol com o volume da TV diminuído, desde os anos 1970.

Ainda na década de 1980, a Rede Pampa de Comunicação passa a investir também em jornalismo e traz um contingente significativo de profissionais para o grupo, muitos oriundos da Guaíba. Apesar dos “desfalques” em função da crise estabelecida no Correio do Povo, a Rádio Guaíba cobriu duas Copas do Mundo da década de 1980, na Espanha em 1982 e México em 1986. Em 1986, Milton Ferretti Jung e Samuel de Souza Santos eram os principais locutores que acompanharam a campanha irregular do Brasil naquele mundial, quando a equipe, treinada por Telê Santana, acabou eliminada, a exemplo da Copa anterior, mas, dessa vez, para a França, nas quartas de final. Em 1988, Milton Jung havia abandonado a narração e Samuel de Souza Santos priorizaria sua carreira jurídica. Ferraretto (2006), descreve o que o autor considera como o “momento da virada”, na disputa entre Guaíba e Gaúcha:

[...] quando, em julho de 1986, a Gaúcha transmite os 52 jogos da Copa do Mundo, no México, a cobertura, de fato, já se estendia desde o segundo semestre de 1984, incluindo boletins de enviados especiais e correspondentes, além da veiculação do programete semanal México 86, aos domingos, às 13h. Sob intenso planejamento, tecnologias de ponta eram empregadas. Assim, em maio, um pouco antes da Copa, a Rede Brasil Sul inaugura o Parque Técnico Maurício Sirotsky Sobrinho, na localidade de Sans-Souci, município de Guaíba, onde é instalada uma torre omnidirecional – a mais alta do Brasil, com seus 230 metros – para o sistema irradiante de ondas médias.

Antes, já começam a operar novos transmissores de ondas curtas de 25 (fevereiro de 1986) e 49 metros (outubro de 1985), ampliando a sintonia no interior do estado e em outras regiões do país. Outro trunfo tecnológico aparece, nas jornadas esportivas, em janeiro de 1985, quando o Centro de Processamento de Dados da RBS põe em funcionamento um banco de dados, permitindo rápido acesso às estatísticas completas sobre cada jogo a ser irradiado pela equipe da Gaúcha. No final, o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística vai atestar a superioridade da Gaúcha: em junho de 1986, a emissora da família Sirotsky registra o dobro da audiência da Guaíba. Logo em seguida, a concessão do Top de Marketing da Associação de Dirigentes de Vendas do Brasil à cobertura da Copa do Mundo realizada pela Gaúcha

vai comprovar esta virada do jogo iniciado, em desvantagem, em 1974, 12 anos antes.

Segundo Bedendo (2012, p. 150), anúncios publicitários da época estavam usando táticas como as da Rádio Record, de São Paulo: “Copa do Mundo: olhos na TV, ouvido na Rádio Record”. A principal estrela da emissora era o narrador Silvio Luiz. E ao contrário do que acontecia ou, pelo menos, da expectativa que se tinha, o locutor narrou, no rádio, com uma linguagem próxima da televisão, mais pausada, como se estivesse, justamente, verbalizando pela TV. A atitude provocou, segundo Bedendo (2012), um grande sucesso de audiência para a Record de São Paulo.

Enquanto isso, nos campos social e político, conforme Bueno (1998), pela primeira vez, após mais de uma década, a população brasileira se sentia à vontade de ir às ruas para protestar, para participar de passeatas, de comícios, em nome da recuperação do direito de liberdade de expressão. Conforme o escritor, foi no ano de 1984 que as manifestações populares começaram a ganhar cada vez mais força. Sindicatos, partidos, representações exigiam o direito de escolher seus representantes, através de eleições diretas. Segundo Duarte<sup>105</sup> (2015), um ano antes, durante o governo militar de João Batista Figueiredo, o “Diretas Já”, que foi o maior movimento de participação popular da história do Brasil, começou a ganhar força. Com apoio dos partidos PMDB e PDS, e com o destaque para personalidades que se tornaram ícones e porta vozes do “clamor” da população, como Ulysses Guimarães (PMDB), e, em seguida, Luís Inácio Lula da Silva (PT), a cantora Fafá de Belém e o locutor Osmar Santos, o Regime Militar foi sendo, cada vez, mais pressionado para se extinguir. O sistema, naquele momento, já se encontrava em uma grave crise, com altas taxas de desemprego, números exorbitantes da inflação e uma dívida externa incalculável.

No dia 10 de abril de 1984, cerca de um milhão de pessoas participaram de um comício monstro na praça da Candelária, no centro do Rio, para clamar por eleições diretas para a presidência da República. No dia 16 seguinte, no vale do Anhangabaú, no centro de SP, outro comício, em tudo similar ao do Rio de Janeiro, se revelou a ponta mais reluzente do iceberg da campanha diretas-já, que agitou o país no verão-outono de 1984. Embora os anseios da campanha (e da absoluta maioria da população urbana do Brasil) fossem frustrados pela votação da Câmara dos Deputados (onde faltaram 22 votos para a aprovação da emenda que estabelecia eleições diretas para presidente), tais manifestações virtualmente marcaram o fim do Regime

---

<sup>105</sup> Acesso em: <http://www.infoescola.com/historia/diretas-ja/>.

Militar. Onze meses após a derrota da emenda, o Brasil teria seu primeiro presidente civil em mais de 20 anos (BUENO, 1998, p. 273).

Tancredo Neves foi eleito presidente do Brasil, em 15 de janeiro de 1985, pelo Colégio Eleitoral, porém, faleceu, devido a um câncer intestinal, no dia 21 de abril. Dessa forma, José Sarney, o vice de Tancredo, tomou posse e seguiu com o processo de redemocratização do país, até a promulgação da nova constituição, em 1988 (BUENO, 1998, p. 273). Porém, o que parecia positivo e bom para a nação, logo se tornou uma frustração. Com o Plano Cruzado, implantado em 1986, Sarney incentivou o consumo, porém, não houve um cuidado em equilibrar os preços. O congelamento da taxa de câmbio levou o Brasil a perder muitas de suas reservas internacionais, e os juros negativos provocaram o desestímulo das poupanças. Em resumo, muitas pessoas perderam recursos e, até hoje, existe uma grande parcela de cidadãos que ainda estão tentando algum tipo de reparação, desde aquela época. Quando o governo tentou implantar medidas de recuperação, já era tarde. O Brasil não só manteve sua alta dívida externa, como decretou moratória, em 1987. Apenas em 1989, ocorreu a próxima eleição presidencial, com voto popular, desde 1961, já com a redemocratização estabelecida no país.

No futebol, a Seleção Brasileira buscava o quarto título da Copa do Mundo. Com três conquistas do Campeonato Brasileiro nos anos 1970, o Inter vivia uma “seca”, enquanto o Grêmio vinha de uma sequência vitoriosa nos anos 1980, tendo se sagrado campeão mundial interclubes, em 1983, contra o Hamburgo, da Alemanha, em Tóquio, no Japão e, ainda, fechava a década com o título da primeira Copa do Brasil, derrotando o Sport Recife na decisão.

Vaz Filho (2012, p. 189) recorda a situação do rádio do país, na época da disputa da Copa do Mundo da Itália, em 1990:

O radinho de pilha, sob vários modelos portáteis, era de valor acessível nas bancas de camelôs. Normalmente nas cores verde e amarela. A tecnologia, a exemplo dos celulares e Internet, não estava inserida no contexto da massa. As máquinas fotográficas eram abastecidas como rolos de filmes e os aparelhos de som de ponta ofereciam tecnologia para reprodução de fitas cassetes e execução de discos de vinil. Nos dias de jogos do Brasil, quem estava distante, ou a caminho de uma televisão, recorria ao popular aparelhinho que transmitia a programação esportiva, de forte concorrência entre as emissoras. A cena era comum na correria de quem se deslocava de casa para o trabalho e vice-versa, assim também entre motoristas, via auto-rádio.

Nos anos 1990, conforme Ferraretto (2007), além da Pampa, a Bandeirantes também resolveu apostar com mais força nas transmissões de futebol. Para o mercado, significou, em termos de investimento, a abertura de novos postos de trabalho. No aspecto da tecnologia, o rádio de Porto Alegre começava, aos poucos, adaptar-se à digitalização.

Segundo relembra Eduardo Bueno (1998), no dia 18 de dezembro de 1989, com 51,5% dos votos contra 49,5% de Luís Inácio Lula da Silva, Fernando Collor de Mello se tornou o primeiro presidente eleito pela população por voto direto, desde Jânio Quadros. Mas a situação do país, que já não era boa, principalmente economicamente, ficaria ainda mais negativa, após a implantação do Plano Collor, em 1990. Collor, relembra Bueno (1998, p. 283), “apoderou-se de praticamente todo o dinheiro que estava depositado nos bancos e instituições financeiras do país”. Dezoito meses depois, parte do dinheiro foi devolvido, desvalorizado. E, para piorar, Pedro Collor, irmão do ex-presidente, fez denúncias que permitiram a abertura de uma Comissão Parlamentar de Inquérito para investigar, na sequência, um esquema de irregularidades com muitos envolvidos e altas quantias. Mais uma vez, grande parte da população saiu às ruas, exigindo o impeachment de Fernando Collor. Foi o conhecido movimento dos “caras pintadas”, que tomou conta de boa parte do Brasil. Collor acabou sendo julgado e acusado de “crime de responsabilidade” e teve seus direitos cassados por oito anos. No dia 29 de dezembro de 1992, Collor renunciou a seu cargo, tentando fugir do processo (BUENO, 1998, p. 284). Collor é senador da república, pelo estado de Alagoas.

#### 4.1 O rádio, a internet e o futebol

No ano de 1992, Itamar Franco, o vice de Collor, assumiu a presidência da República, durante dois anos. Em seu curto mandato, lançou, por intermédio do então ministro da fazenda, Fernando Henrique Cardoso, o Plano Real, que, pelo seu sucesso, acabou ajudando Cardoso a se eleger presidente do país, com 55% dos votos válidos, em outubro de 1994, ano que, no futebol, o Brasil levantou, pela quarta vez, a Copa do Mundo, dessa vez nos Estados Unidos. Com a neutralização da inflação e, por consequência da economia, os valores para implemento de novas tecnologias foi retomado.

A internet no Brasil é relativamente jovem. Conforme Silva (2005), a história no país iniciou em 1991, porém, foi apenas em 1995 que o acesso, efetivamente, ocorreu, principalmente pelo setor privado. Reportagem especial do jornal Zero Hora<sup>106</sup>, do dia 30 de maio de 2015, data de comemoração dos 20 anos da rede no Brasil, descreve algumas diferenças entre o modo de acesso nos anos 1990, com o dos anos 2000:

Foi um caso de amor que começou devagarinho. Bem devagarinho, aliás. Quem viveu os anos 1990 lembra o quão lento era o carregar de uma mísera fotografia na tela do computador. Era comum digitar lá no navegador um endereço e depois ir dar uma volta até a página carregar por completo: naquela época, a multitarefa era um imperativo, já que esperar um conteúdo aparecer na tela podia gerar um certo tédio. Mas esse amor cresceu de forma rápida e avassaladora. Vinte anos e um sem número de bytes para lá e para cá depois, a internet e o tupiniquim entraram em um enlace forte e palpitante. No final de 2014, o país contabilizava mais de 120 milhões de pessoas conectadas e, pasme, esse dado cresce, em média, aos 10 milhões por ano (ZERO HORA, 2015).

Assim como o rádio e a televisão causaram fascínio nos brasileiros e se popularizaram, da mesma forma, a internet, atualmente, é um grande sucesso no país, como declarou à reportagem da Zero Hora a criadora do *youPix*<sup>107</sup>, empreendedora e estudiosa da rede, Bia Granja (2015):

As sociedades que têm mais afinidade com a língua oral têm mais amor pela internet. Quanto mais oral for a população, mais eles vão reproduzir isso na internet. O Brasil é o país mais oral que eu conheço, a gente adora conversinha, humor, fofoca, a gente é especialista nisso mais que qualquer outro país. Por isso, tem essa afinidade gigantesca com a rede, que, apesar de ter a linguagem escrita, usa uma linguagem de característica oral.

A internet, conforme explica Silva (2005, p. 83), foi desenvolvida com a denominação de ARPANET, no final dos anos 1960. Mas foi, a partir dos anos 1970, que a rede passou a tornar-se acessível para instituições e universidades. A ideia da internet surgiu como um projeto militar, durante a Guerra Fria, com o intuito de interligar bases americanas. Era uma ferramenta estratégica (SILVA, 2005, p. 83). Atualmente, são comuns as variadas formas de difusão do rádio pela internet, seja

<sup>106</sup> Acesso em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/noticia/2015/05/o-brasil-s2-a-internet-os-20-anos-da-rede-no-pais-4771268.html>.

<sup>107</sup> O youPIX é uma plataforma focada em discutir a cultura da internet e como o jovem usa a internet para criar movimentos culturais, sociais e informação. Foi criado por Bob Wollheim e Bia Granja, em 2006. A plataforma conta com um site de atualização diária, redes sociais, estudos sobre o comportamento do jovem digital feito em parceria com o Ibope, premiações e o festival, uma das principais realizações do youPIX e que já contou com mais de 14 edições nacionais e internacionais.

por *links* de áudio nos sites das emissoras, ou por aplicativos de sistemas de aparelhos celulares, como os *androids*. Porém, apenas em 1995, segundo Silva (2005), com a criação do programa *RealAudio Player*, as emissoras puderam transmitir por um sistema que não fosse, por exemplo, apenas AM ou FM. No Brasil, a pioneira em transmissão pela internet foi a RadioFam<sup>108</sup>. A opção é amplamente utilizada pelas emissoras de rádio, principalmente durante a transmissão obrigatória do programa “A voz do Brasil”<sup>109</sup>, que, por lei, deve ser veiculada de segunda a sexta-feira, das 19h às 20h, em AM e FM. Emissoras como a Rádio Guaíba, Rádio Gaúcha, Bandeirantes e Grenal possuem, inclusive, programas que vão ao ar nesse período de uma hora, através da internet. Em 2005, a Associação Gaúcha de Emissoras de Rádio e Televisão (AGERT) havia conseguido uma liminar na justiça, flexibilizando a transmissão da Voz do Brasil no Rio Grande do Sul. O programa gerado pela Radiobras ainda deveria ser transmitido, porém, geralmente, as emissoras o faziam nas madrugadas. O recurso obtido pela AGERT acabou caindo em 2010.

Em 1998, em nova disputa presidencial, pela primeira vez houve a possibilidade de reeleição, o que acabou ocorrendo. Fernando Henrique Cardoso continuou no cargo de chefe executivo do país. Ele se reelegeu ainda no primeiro turno, com 53,6%. Luiz Inácio Lula da Silva recebeu 31,71%, Ciro Gomes 10,97% e Enéas Carneiro 2,14%<sup>110</sup>.

O país estava mergulhado em uma recessão econômica. Para controlar a inflação, as medidas desestimularam o consumo interno e, conseqüentemente, elevaram o desemprego. Para piorar, uma crise internacional atingiu o Brasil no início de 1999. Os investidores, receosos, tiraram bilhões de dólares do Brasil. Não houve como manter a paridade Dólar/Real. O governo foi obrigado a desvalorizar a moeda e também recorrer ao FMI (Fundo Monetário Internacional). Em 2000, foi criada a Lei de Responsabilidade Fiscal (Lei Complementar 101), que contribui de forma expressiva para o controle das contas públicas em todo o país. Em 2001, o governo se viu abalado novamente, desta vez com uma crise política. Três senadores da base aliada foram desmascarados com uma série de denúncias e acabaram renunciando ao mandato, são eles: Jader Barbalho, Antonio Carlos Magalhães e José Roberto Arruda. Ainda em 2001, ocorreu o chamado “apagão”. Foi uma crise nacional que afetou o fornecimento e a distribuição de energia elétrica. A população teve que reduzir o consumo de energia. Foi estipulada uma meta mínima de consumo, que todos deveriam cumprir: residências, indústrias, comércio, etc (DUARTE, 2015)<sup>111</sup>.

<sup>108</sup> Ver: <http://projetos.eusoufamecos.net/radiofam/sobre/>.

<sup>109</sup> A Voz do Brasil é um noticiário radiofônico estatal de difusão obrigatória que vai ao ar diariamente em todas as emissoras de rádio aberto do Brasil, às 19 horas (horário de Brasília), com duração de uma hora. A Voz do Brasil faz parte da história de radiodifusão brasileira, além de ser o programa mais antigo do rádio ainda em execução.

<sup>110</sup> Ver: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/eleicoes-presidenciais-1998/eleicoes-presidenciais-1998-a-historia.htm>.

<sup>111</sup> Texto completo em: <http://www.infoescola.com/historia/governo-de-fernando-henrique-cardoso/>.

Entre as copas de 1994, nos Estados Unidos, onde o Brasil conquistou o quarto título mundial, e a Copa da França, em 1998, na qual a Seleção Brasileira foi vice-campeã, perdendo para a França na final, tecnologicamente, o rádio registrou grande evolução no som que era transmitido. Olegário (2012) conta que havia muitas dúvidas entre ouvintes se as equipes esportivas realmente haviam se deslocado até a França para cobrir o mundial, por causa da desconfiança em relação à qualidade de som emitida. O som era “muito bom”.

Em 1998, conforme o repórter da Rádio Gaúcha José Alberto Andrade explicou a Olegário (2012, p. 215), “já se utilizava um circuito chamado som de *broadcasting*, muito semelhante ao som de estúdio, que a TV já trabalhava”. A Copa do Mundo da França, de 1998, também possui outro caráter tecnológico importante, como explica Olegário (2012, p. 216):

A Copa da França marcou a presença da internet, ainda que não existisse a banda larga. Com conexão discada, nenhum arquivo de áudio era anexado. O recurso tecnológico era usado apenas para a troca de textos e mensagens. Por outro lado, o evento serviu para a uma espécie de despedida do fax, utilizado na época em pouca escala na cobertura pelas rádios do Rio Grande do Sul.

Segundo Leandro Olegário (2012, p. 212), “foi durante a década de 1990, que o rádio começou a buscar a digitalização de equipamentos”. Com o decorrer da década, o aparelho de telefone celular<sup>112</sup> foi tornando-se cada vez mais popular e acessível, e não demorou para que fosse utilizado em coberturas jornalísticas e esportivas.

Após a última copa do mundo do Século XX, o aperfeiçoamento das transmissões via satélite continuaram seguindo o caminho da digitalização, tudo em busca da melhor qualidade de som, principalmente, em eventos como a Copa do Mundo de futebol. Segundo Olegário (2012), a redefinição da tecnologia envolveu

---

<sup>112</sup> A tecnologia necessária para desenvolver o primeiro celular propriamente dito foi criada em 16 de outubro de 1956, e o telefone móvel com essa tecnologia em 3 de abril de 1973. Alguns anos se passaram até que em abril de 1973 a Motorola, concorrente da Ericsson, lançasse o Motorola Dynatac 8000X, um verdadeiro celular portátil (para a época), com 25 cm de comprimento e 7 cm de largura, pesando “apenas” 1 quilo e com uma bateria que durava 20 minutos. Seis anos mais tarde os telefones celulares começam a funcionar no Japão e na Suécia. Nos EUA, apesar de ser o país sede da invenção, o funcionamento só começou em 1983, 10 anos depois de sua apresentação. O primeiro celular lançado aqui no país, em 1990, foi o Motorola PT-550 (acima), vendido inicialmente no Rio de Janeiro e logo depois em São Paulo. O aparelho já era um pouco mais compacto. Ver: <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2011/07/o-primeiro-celular-da-historia.html>.

também o caráter do conteúdo. E percebe-se que este é um conceito atual e que segue em evolução.

Se a Copa do Mundo da França, em 1998, foi importante pelo fato de ter provocado algumas mudanças em relação à tecnologia, principalmente com o uso da internet, ainda que, de forma “simplória”, sem a exploração de recursos como nos tempos atuais, conforme Rodrigo Koch (2012, p. 239), a Copa do Mundo de 2002, que pela primeira vez foi realizada na Ásia e, também pela vez primeira, foi organizada por dois países, Japão e Coreia do Sul, “foi um ‘divisor de águas’ nos aspectos operacionais e do marketing esportivo em relação às rádios”. Koch (2012, p. 239), amplia a questão:

Este evento marcou o novo modelo de negociação para a aquisição dos direitos de transmissão de *broadcast* imposto por entidades esportivas, patrocinadores e pelas grandes redes de comunicação. A partir desse momento, as emissoras brasileiras que desejassem os megaeventos esportivos deveriam negociar com a Rede Globo, detentora exclusiva das competições, os direitos dos mesmos. A sociedade carioca, por sua vez, aplicava os valores e exigências que considera e julgava justos e necessários às rádios, ajustando o contrato de sucessão de direitos aos seus interesses com aval da FIFA e do IOC<sup>113</sup>.

Conforme Koch (2012), os pagamentos por direitos de transmissão de *mega* eventos eram praticamente simbólicos. Porém, essa situação modificou-se e o panorama econômico de muitas rádios brasileiras sofreu variadas consequências, diante desse quadro imposto por exigências contratuais. Rodrigo Koch (2012), que exerceu o cargo de coordenador de esportes da Rádio Guaíba, entre 1999 a 2011, relembra que, a partir da Copa de 2006, o número de profissionais que cobriram o mundial foi reduzido para apenas um narrador e dois ou três repórteres. Os comentaristas, por sua vez, permaneceram no Brasil e participaram dos jogos por intermédio de *off tube*. “Jogos que não fossem da Seleção Brasileira, passaram a ser transmitidos por tubo, em território nacional e não mais *in loco* ou dos centros de imprensa” (KOCH, 2012, p. 240). Além disso, segundo o autor, com a evolução tecnológica digital dos equipamentos, não foi mais necessária a presença de técnicos das emissoras. A partir de 2006, podia-se contratar profissionais *freelancer* para efetuar algum tipo de instalação ou trabalho específico durante alguma transmissão.

---

<sup>113</sup> Comitê Olímpico Internacional.

A Copa Coreia/Japão também marcou o início das transmissões ISDN, tecnologia digital que acabava com os ruídos das transmissões dando qualidade de som excelente, ou seja, o som analógico era transformado em dados, que chegavam ao Brasil por sinais de 64k, 128k ou até 256k. Se, por um lado, estas novas tecnologias criavam facilidades nas transmissões das rádios brasileiras, por outro, os custos aumentavam cada vez mais e a onipresença das televisões por assinatura gradativamente foi afastando os ouvintes eventuais que aderiam ao rádio em épocas de Copas do Mundo (KOCH, 2012, p. 240)

Além do pentacampeonato no futebol, houve, também, uma novidade no campo político brasileiro. Pela primeira vez, o Partido dos Trabalhadores assumiu o país, com a eleição de Lula para a presidência da República, a partir de 2003. Assim como Fernando Henrique Cardoso, Lula seria eleito por duas vezes consecutivas.

Conforme Rodrigo Koch explica (2012), em 2006, na Copa da Alemanha, ainda não havia uma legislação específica sobre os usos e direitos na internet. Segundo conta, todas as emissoras que tinham adquirido os direitos de transmissão junto à Globo, deveriam retirar seus sinais de seus sites. Inclusive, nenhuma emissora poderia, em meio às transmissões dos jogos da Copa, relacionar algum tipo de publicidade própria, ou, até mesmo, contar com a participação de ouvintes pelo telefone. Na Copa da Alemanha, o trabalho da imprensa tornou-se muito limitado, e havia apenas o direito a cinco credenciais por rádio<sup>114</sup> (KOCH, 2012, p. 242). Durante as próximas Copas do Mundo, de 2010, na África do Sul, e do Brasil, em 2014, a situação, em relação às rádios, ficou ainda mais complicada. Como já abordado, a Rádio Guaíba não obteve os direitos de transmissão da Copa no Brasil, assim como a Rádio Grenal. A Bandeirantes de Porto Alegre, por sua vez, somente transmitiu jogos com equipe própria, em partidas realizadas no Beira-Rio. O restante dos jogos, a emissora entrou em rede com a Cadeia Verde Amarela. Somente a Rádio Gaúcha, pelo Rio Grande do Sul, efetivamente, cobriu o mundial.

Em 2010, pela primeira vez na história do Brasil, uma mulher venceu as eleições e se tornou chefe de estado. Ex-ministra de Minas e Energia entre os anos de 2003 e 2005, e depois Ministra-Chefe da Casa Civil, em 2010, Dilma Rousseff, venceu as eleições presidenciais daquele ano. No segundo turno, derrotou José Serra com 56,05% dos votos válidos, contra 43,95% do seu adversário.

---

<sup>114</sup> Rodrigo Koch (2012), explicou ainda que, cada rádio, conforme contrato, deveria pagar 150 mil dólares à Rede Globo, pelos direitos à transmissão da Copa do Mundo.

Ao tomar posse, no dia 1º de janeiro de 2011, discursando no Congresso Nacional, Dilma afirmou: “Meu compromisso supremo [...] é honrar as mulheres, proteger os mais frágeis e governar para todos! [...] A luta mais obstinada do meu governo será pela erradicação da pobreza extrema e a criação de oportunidades para todos” (UOL EDUCAÇÃO, 2013)<sup>115</sup>.

Dilma Rousseff se reelegeu em 2014, na eleição mais “apertada” de todos os tempos, mas que rendeu o quarto mandato consecutivo para o PT, no governo do país. Dilma obteve 51,64% dos votos e Aécio Neves (PSDB), 48,36%. A diferença de votos era de 3,4 milhões, no segundo turno. Porém, o “clima” social, desde 2013, estava em ebulição, principalmente com as grandes manifestações populares que ocorreram, em meio à Copa da Confederações, realizadas no Brasil, exatamente um ano antes do mundial, que a Seleção, mais uma vez, fracassaria em casa. Durante os manifestos, que tomaram conta de todo os país, entraram para a história alguns *slogans* como “Vem! Vem pra rua! Vem!”, “O Gigante Acordou” e “Não é por 20 centavos”. Em Porto Alegre, por exemplo, um dos primeiros motivos pelo quais os manifestos começaram, foi, justamente, o preço das passagens do transporte público. Conforme reportagem da Zero Hora<sup>116</sup>, do dia 7 de junho de 2013, em São Paulo, foram erguidas faixas de protesto com os dizeres: “Vamos repetir Porto Alegre”.

Porto Alegre é o caso mais recente entre cidades em que protestos conseguiram modificar o cenário — no caso, barrar o reajuste da tarifa de ônibus.

Embora a liminar que reduziu o valor da passagem de R\$ 3,05 para R\$ 2,85 possa ser cassada na próxima semana, o efeito da reunião de milhares de manifestantes pelas ruas de Porto Alegre teve impacto suficiente para ser símbolo de inspiração de um movimento que se espalha pelo país (ZERO HORA, 2013).

Dessa forma, se criou o Movimento Passe Livre (MPL), que, em todo o Brasil, seguiu o exemplo dos protestos em Porto Alegre, para exigir a diminuição do valor das tarifas cobradas. Porém, as manifestações ganharam proporções ainda maiores e, por consequência, se tornaram um misto de outras várias reclamações, fato que acabou sendo criticado por muitos especialistas que consideravam ter ocorrido uma espécie de perda de foco. Baseado nas manifestações ocorridas na mesma época na Grécia, no Brasil também se tornaram comuns atos violentos com a presença de *black blocks*, movimentos de manifestantes encapuzados, com vestimentas pretas. As

<sup>115</sup> Acesso em: <http://educacao.uol.com.br/biografias/dilma-rousseff.htm>.

<sup>116</sup> Ver: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2013/06/porto-alegre-inspira-outras-capitais-em-protestos-contr-aumento-das-passagens-de-onibus-4163129.html>.

“Jornadas de Junho”, como também ficaram conhecidas as manifestações, perderam, segundo André Singer<sup>117</sup> (2013), a força legítima de seu princípio.

Em pesquisa com emissoras de Porto Alegre, em 2012, Debora Cristina Lopez, Marcelo Freire, Karen Kraemer Abreu, Ébida Rosa dos Santos, Marcos Antonio Corbari e Maurício Emanuel Cattani, dividiram-se em uma investigação que traçou, naquele período, um panorama relacionando ao rádio e à internet. Verificou-se, nesse estudo, que na região metropolitana de Porto Alegre, apenas cinco rádios promoviam a “multimedialidade somente por meio da utilização e compartilhamento de informações dentro da rede da qual fazem parte”. Foi destacado o caso da Rádio Guaíba, na qual, conforme o diretor de jornalismo à época, Luis Tosca, todo o conteúdo produzido pelos repórteres, antes de serem publicados no site da emissora, primeiramente, eram divulgados nas ondas hertzianas. Porém, as informações ao serem irradiadas, também eram transmitidas através do *streaming* para audição da rádio na internet, com atraso de alguns segundos, em função do tempo de *delay*. Esta medida ainda continua ocorrendo na Rádio Guaíba, com menos frequência pelo departamento de esportes da emissora, chefiado por Nando Gross.

Geralmente, os produtores esportivos se responsabilizavam por preencher o site da rádio com conteúdo, porém, sem uma regra específica para tal. O site da Rádio Gaúcha é o mais completo em relação a conteúdo, tanto jornalístico, quanto esportivo. No caso da Rádio Grenal, emissora que se dedica a 24h de programação futebolística, seu portal na internet possui, além de informações sobre a equipe de profissionais, um canal com os gols da rodada, que podem ser acessados através de *downloads*, e um espaço de interatividade com os ouvintes. Percebe-se uma grande diferença entre os sites das emissoras citadas, contudo, o que há de comum entre elas é, justamente, a possibilidade de *streaming* e de interatividade.

A Rádio Gaúcha, durante a votação de melhor jogador das partidas transmitidas, leva em consideração a opinião dos ouvintes. Diferentemente de outros períodos, com o recurso *online*, as rádios estão permitindo um canal de comunicação muito mais amplo. E mesmo com a variedade de possibilidades de interação, através de redes sociais como o *Facebook* e *Twitter*, principalmente, a Rádio Grenal, ainda permite a participação de ouvintes pelo telefone, durante sua programação.

---

<sup>117</sup> Texto completo em: <http://novosestudios.uol.com.br/v1/contents/view/1534>.

Recentemente, a Rádio Rural AM 1120, do Grupo RBS, trabalhou na tentativa de sincronizar o som das transmissões de futebol da Rádio Gaúcha com as imagens da televisão. Porém, a medida foi abandonada, pois não foi possível alcançar resultados positivos. As transmissões continuaram apresentando atrasos de tempo em relação às imagens da televisão. Carvalho, Badinhan e Horta (2011, p. 39) explicam que é possível entender e até mesmo calcular e prever a implicação do *delay*, ou como também denominam os autores, o retardo nas transmissões:

É o tempo gasto pelo sinal para atravessar o canal de comunicação. Para calculá-lo, divide-se a distância percorrida entre os pontos de transmissão e recepção pela velocidade de propagação da onda. Em sistemas via satélite, em que a distância percorrida é relativamente grande (cerca de 40 000 km), o tempo de retardo tem valor significativo. Um efeito muito comum em ligações telefônicas via satélite é um eco durante a conversação, proveniente do tempo de retardo.

Existem diversas restrições ao trabalho dos repórteres de rádios, seja no Brasil ou pelo exterior. No Rio Grande do Sul, por exemplo, em jogos de Grêmio e Internacional, pelo Campeonato Gaúcho, os repórteres são proibidos de entrar no gramado para fazer entrevistas com os atletas. E durante o jogo, são permitidos, no máximo, três profissionais, por emissoras, e que devem ficar posicionados nos fundos dos campos, às laterais das goleiras, para que não “sujem” a imagem da televisão. No Campeonato Brasileiro, as exigências são parecidas. Os jogadores só podem ser ouvidos à beira do gramado, durante o intervalo e após o encerramento dos jogos. Com a construção das novas arenas para a Copa do Mundo de 2014, as restrições se tornaram ainda mais efetivas. Seguindo o modelo europeu, os novos estádios brasileiros, como a Arena do Grêmio e o Beira-Rio, possuem as chamadas zonas mistas, onde os repórteres podem entrevistar “livremente” quantos jogadores forem necessários. A zona mista, porém, é uma espécie de espaço guiado, por onde há uma ligação direta com os vestiários, de forma que o repórter precisa estar atento e ser ágil, pois os jogadores, geralmente, nos intervalos e encerramentos, passam direto. E entre os repórteres e os jogadores há gradis, que impedem um contato mais direto com os atletas. Na Copa Libertadores da América, torneio de clubes mais importante da América do Sul, organizado pela Conmebol<sup>118</sup>, os repórteres de rádio só podem acompanhar os jogos em setores específicos para a imprensa, que geralmente ficam próximos às arquibancadas, ou na própria zona mista. É permitida a presença, apenas,

---

<sup>118</sup> Confederação Sul-Americana de Futebol.

de repórteres de televisão, que ficam posicionados em uma parte central do gramado. Atualmente, a Fox é a detentora dos direitos de transmissão da Libertadores da América. Fora a Fox<sup>119</sup>, apenas a Rede Globo, em caráter de televisão aberta, e a Sportv, por assinatura, transmitem alguns jogos da grade da competição.

#### 4.1.1 O rádio no caminho da digitalização

Com a evolução tecnológica da internet, a reportagem passou a utilizar recursos que, como explica Olegário (2012), não eram possíveis na época, por exemplo, da Copa de Mundo de 1998. Porém, a partir de 2002, além de melhorias na qualidade de som dos aparelhos celulares, apesar da instabilidade das linhas, já foi possível contar com a internet para o envio de reportagens pelo sistema *File Transfer Protocol*, conhecido pela sigla FTP. Bastava gravar a matéria e mandar anexado por *email*, como é feito atualmente.

Conforme Nair Prata (2008), mais do que o rádio digital, a grande novidade da radiofonia é a presença na WEB. Em 2008, Prata já indicava a presença de centenas de rádio *online*. E cada vez o número de opções cresce mais, principalmente em variedades de gêneros. Conforme Prata (2008, p. 62):

Em dois campos, principalmente, a *webradio* chama a atenção. Primeiramente na questão dos gêneros, já que são muitas as novidades nesta área. A notícia, só para citar um exemplo, antes apenas sonora, agora agrega também elementos de outras mídias, como o texto e a imagem, além de ser também possível recuperar uma informação por meio de um banco de arquivos permanentes. Outro campo é o da interação, onde o impacto da tecnologia provoca fortes mudanças, com os usuários comunicando-se de novas formas entre si e com a emissora. Um detalhe, porém, difere o site da *webradio* de tantas outras páginas da internet: um botão para a escuta sonora da rádio.

Ao clicar nesse ícone, o usuário poderá ouvir a transmissão radiofônica. Mas, para entender a mensagem transmitida, não é preciso o auxílio visual da página, que pode ser minimizada. A mensagem tem sentido apenas pelo áudio. A transmissão sonora da *webradio* é muito semelhante a qualquer outra a que estamos acostumados: música, notícia, prestação de serviços, promoções, esporte, programas comandados por comunicadores.

Como destaca Nair Prata (2008), as rádios WEB se assemelham com as hertzianas, no sentido do formato de transmissão e informação pelo rádio. O diferencial de uma rádio que faça futebol, como é o caso da já citada Rádio Galera,

---

<sup>119</sup> Rede de televisão americana. Chegou ao Brasil apenas em 2012, em televisão por assinatura.

onde Samuel de Souza Santos atua como narrador, é o fato de que pode transmitir muitos jogos que outras emissoras não se dedicam a cobrir, principalmente de competições de menor apelo público e comercial. Portanto, levando em conta a situação, no que diz respeito ao processo de digitalização do rádio no Brasil, o que se tem, na realidade, é um panorama que apresenta, de um lado, a migração de rádios e, de outro, a criação de emissoras *online*, o que não é o mesmo que rádio digital, apesar das diversas semelhanças, principalmente no que envolve a qualidade de som. Nair Prata (2008, p. 03) diferencia o significado entre WEB rádio e rádio digital:

O rádio digital, na verdade, oferece possibilidades, além de uma melhor qualidade de som, de recursos que ampliam os formatos de programação atualmente conhecidos e novos canais de interatividade. O rádio na web é também uma forma de radiofonia digital, só que muito mais ampla, muito mais dinâmica, que abarca um número maior de novas possibilidades de gêneros e formas de interação. A *webradio* também é de fácil operacionalização e manuseio, fatores determinantes para o sucesso de qualquer tecnologia. Não é à toa que hoje em dia a transmissão radiofônica via internet faz parte do dia-a-dia de associações, ONGs, comunidades diversas e universidades, sendo tarefa impossível precisar o número de emissoras que estão na rede. Quando se fala que o futuro do rádio é digital, percebe-se que isto não quer dizer necessariamente a digitalização das ondas hertzianas<sup>120</sup>, mas uma nova forma de transmissão que se dá pela internet.

Apesar da tradição das rádios de Porto Alegre, Grêmio e Internacional também observaram o meio como uma oportunidade de mercado e opção para seus ouvintes torcedores. Atualmente, o Internacional tem apostado em formatos audiovisuais. O clube possui um canal de vídeos no *Youtube*, onde posta reportagens especiais sobre acontecimentos relacionados ao cotidiano, principalmente no que diz respeito aos jogos. Geralmente, quando o Internacional contrata um novo atleta, a TV Inter, como o canal é conhecido, entrevista o jogador primeiramente, antes das demais emissoras de rádio e televisão. O canal TV Inter pode ser acessado no site do clube<sup>121</sup>, no “menu de notícias”, reservado para postagens da assessoria de imprensa. O Grêmio, por sua vez, além de contar com transmissões e reportagens através da Grêmio TV, possui também uma rádio própria, a Rádio Grêmio<sup>122</sup>. Mas o clube foi além. Em janeiro de

<sup>120</sup> As ondas de rádio ou hertzianas são perturbações físicas causadas pela interação de dois campos: o elétrico (E) e o magnético (H), variáveis no tempo e perpendiculares entre si. Essas ondas são capazes de se propagar no espaço, irradiadas por uma antena. Podem ser geradas em qualquer frequência, mas, em telecomunicações, são utilizadas ondas de frequência superior a 100 kHz, passando por um processo denominado modulação. O hertz é nomeado em homenagem ao físico alemão Heinrich Rudolf Hertz, que fez grandes contribuições científicas na área do eletromagnetismo.

<sup>121</sup> Ver: <https://www.youtube.com/user/assessoriainter>.

<sup>122</sup> Ver: [http://www.gremio.net/news/view.aspx?id=18157&language=0&news\\_type\\_id=1](http://www.gremio.net/news/view.aspx?id=18157&language=0&news_type_id=1).

2015, a direção gremista firmou uma parceria e lançou uma emissora em FM, a Rádio Grêmio Umbro<sup>123</sup> 90,3 MHz. Conforme o site do clube, são transmitidos, aos moldes da rádio WEB, além dos jogos do time principal, partidas das categorias de base.

O trabalho inicia com a pré-jornada, trazendo os preparativos para o jogo, movimentação dos vestiários e chegada da torcida. Passa pela transmissão do jogo e encerra com a repercussão do resultado, coletivas do técnico, dos atletas e dirigentes. A Rádio Grêmio Umbro 90.3 FM alcança mais de 90 municípios do Rio Grande do Sul, localizados em algumas das principais regiões como Serra, Metropolitana de Porto Alegre e alguns pontos do litoral gaúcho (GRÊMIO, 2015).

Outra vantagem, conforme Nair Prata (2008, p. 08), das rádios WEB, em relação às hertzianas, está, justamente, na questão do alcance. E com a mobilidade nos diversos modelos de aparelhos de *smartphones*, *tablets* e *notebooks* existentes, uma transmissão via web pode ser acessada de qualquer parte do mundo:

A mobilidade talvez seja um dos temas mais destacados pelos conservadores quando o debate é o crescimento da *webradio*. O desenvolvimento tecnológico está proporcionando a criação de novos aparelhos que vêm diminuindo de tamanho a cada dia. Como aconteceu com o transistor, que livrou o rádio de fios e tomadas na década de 50, hoje a nanotecnologia busca alternativas para a criação e produção em série de pequenos receptores via web que podem ser acessados – como o ouvinte está acostumado – no carro, em vários cômodos da casa, no campo de futebol ou durante uma caminhada. Nos primeiros anos da radiofonia, as pessoas se espantavam com a capacidade de alcance das transmissões e se falava no milagre da presença à distância. Hoje, com a web, o alcance passa a ser mundial. Isto é, pela internet, qualquer emissora, por menor que seja e por mais rudimentares que sejam suas transmissões, pode ser acessada de qualquer computador em qualquer lugar do mundo. Certamente que essa transformação dá uma nova dimensão às rádios de pequena expressão, antes limitadas a um raio restrito de transmissão. Muito comuns hoje em dia, por exemplo, são as rádios universitárias na web que, de repente, ganham projeção mundial, algo antes impensável pelas ondas hertzianas.

De acordo com Cyro César (2009), foi a partir de 2003<sup>124</sup> que começaram os estudos de rádio digital no Brasil<sup>125</sup>. Em 2005, o engenheiro Gilberto Kussler apresentou relatório à Anatel de estudo de transmissão digital no Sistema Globo de

<sup>123</sup> A UMBRO é uma marca inglesa de materiais esportivos. Fornecedora oficial do Grêmio em 2015.

<sup>124</sup> “Os primeiros receptores digitais chegaram ao mercado brasileiro em 2006 por meio da Visteon Sistemas Automotivos, que desenvolve equipamentos de áudio para automóveis” LOPES, acesso em 2015. Ver: <http://tudoradio.com/conteudo/ver/2-O-Radio-Digital>

<sup>125</sup> “Em 2005, a Rádio Gaúcha foi a primeira emissora comercial brasileira a realizar uma transmissão experimental de recepção digital do Brasil pelo padrão IBOC (*In-Band-On-Channel*), da empresa iBiquity Digital. Outro sistema testado pela Rádio Nacional de Brasília é o Digital Radio Mondiale (DRM) desenvolvido e adotado por países europeus”, (KLÖCKNER). Acesso em 2015. Ver: <https://blog.ufba.br/portaldoradio/linha-do-tempo/>.

Rádio (VIANNA E FIALHO, 2009). Como a história mostra, até o rádio chegar a esse ponto, houve diversos tipos de mudanças de caráter tecnológico ao longo das últimas décadas. Chama atenção o fato de que, em comum a tudo isso, em relação ao rádio, provocou-se um questionamento bastante parecido entre diferentes épocas. Assim como, segundo Ferraretto (2010) e Silva (2005), questionou-se se a TV iria “matar” o rádio, passou-se a uma pergunta parecida, alterando apenas a televisão pela internet, na pergunta: Será que a internet pode “matar” o rádio?

De fato, percebe-se que o rádio não morreu, pelo contrário. Da mesma forma como aconteceu durante os anos 1950, quando a TV, com atraso, estabeleceu-se no Brasil, o rádio procurou formas de adaptar-se, diante da nova mídia. A pergunta não é se as tecnologias irão decretar o fim do rádio, mas, onde o rádio vai parar? Assim como questiona-se, atualmente, para onde o jornalismo irá? A tecnologia digital vem provocando modificações de ordem estrutural. Dois casos recentes no Rio Grande do Sul, refletem muito bem o estado de dúvidas quanto ao futuro do jornalismo e dos meios. Talvez, mais do que o rádio, o futuro dos jornais impressos também está em pauta de discussão. Em abril de 2015, o Grupo Pampa de Comunicação divulgou nota esclarecendo que, em função, principalmente do alto preço do dólar americano, o jornal O Sul<sup>126</sup> deixava de circular no formato impresso, permanecendo apenas a versão *online*, gratuita.

No rádio de Porto Alegre, ocorreu fato semelhante com a Rádio Ipanema, de propriedade do Grupo Bandeirantes de Comunicação. Apesar da tradição da emissora, que se dedicou durante 30 anos à difusão do gênero *rock and roll*, a decisão, conforme o diretor de jornalismo da Band no Rio Grande do Sul, Renato Martins, foi estratégica<sup>127</sup>. No dia 18 de maio de 2015, a Ipanema migrou para a internet e a Band assumiu a frequência 94.9 FM, com a mesma programação da frequência 640 AM. A medida adotada pelo Grupo Bandeirantes, além de referir-se a questões financeiras, a exemplo do que ocorreu como o jornal O Sul, teve a ver também com outros dois fatores. O primeiro focou na busca de audiência e aposta no jornalismo e esporte. E a segunda tem a ver com a transferência das emissoras AM para FM, decretada pela

---

<sup>126</sup> Ver: <http://www.coletiva.net/noticias/2015/04/o-sul-deixa-a-versao-impressa-e-fica-so-no-online/>.

<sup>127</sup> <http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2015/05/radio-ipanema-saira-do-ar-em-fm-a-partir-de-18-de-maio-4758523.html>.

presidente Dilma Rousseff, em 2013. Conforme reportagem de Mônica Tavares, para o jornal O Globo<sup>128</sup> (2014):

Em novembro de 2013, a presidente Dilma Rousseff assinou um decreto autorizando as emissoras de rádio AM migrarem para a faixa de FM, mas ele precisava ser regulamentado. A medida, que beneficiará cerca de 1.700 rádios AM de todo o país ou 90% do total, vai melhorar a qualidade da recepção para os ouvintes e evitar que a audiência destas emissoras diminua cada vez mais.

Esse tipo de iniciativa não é novidade para o Grupo Bandeirantes de comunicação, como descreve Cyro César (2009). Segundo o autor, “em 1990, foi criada a Rede Bandeirantes de Rádio, a primeira no país em operação via satélite, com setenta emissoras FM e sessenta AM em mais de oitenta regiões do Brasil”. (CÉSAR, 2009, p. 65).

Magnoni e Carvalho (2010) descrevem que o Brasil vive um processo de transição das transmissões analógicas para as digitais. Em 2015, esse processo de alteração seguiu indefinido. Conforme matéria de Paulo Higa<sup>129</sup> (2015) para o Tecnoblog, informativo sobre tecnologia do site R7, no caso das TVs, a expectativa de desligamento total do sistema analógico está prevista para o ano de 2018. Conforme o Ministério das Comunicações, mais de 93% dos municípios precisam captar o sinal digital, para que o desligamento, enfim, ocorra. Conforme Higa (2015), o cronograma é o seguinte:

O Ministério das Comunicações definiu, em junho de 2014, o cronograma do desligamento do sinal analógico em cada município. Com a transição, que está sendo aguardada especialmente pelas operadoras, a frequência de 700 MHz será liberada para o 4G. No Brasil, as redes móveis de quarta geração usam atualmente as faixas de 1.800 MHz e 2.600 MHz. Os primeiros a terem o sinal de TV analógica desativado serão os moradores de Rio Verde, município de 197 mil habitantes localizado em Goiás que foi escolhido para ser a cidade piloto. Isso acontecerá no dia 29 de novembro de 2015. Ao longo de 2016, o desligamento será feito em grandes capitais: Brasília (3 de abril), São Paulo (15 de maio), Belo Horizonte (26 de junho), Goiânia (28 de agosto) e Rio de Janeiro (27 de novembro).

Segundo Magnoni e Carvalho (2010, p. 10), o sistema brasileiro de rádio digital foi implantado “por meio da portaria 290 (de 30 de março de 2010) que instituiu o SBRD, sem escolher o padrão lógico que será utilizado para digitalização do rádio”.

---

<sup>128</sup> Ver: <http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/transferencia-do-sistema-de-radio-am-para-fm-deve-comecar-no-fim-do-ano-11858417>.

<sup>129</sup> Ver: <https://tecnoblog.net/158674/data-desligamento-sinal-tv-analogica/>.

De acordo com César (2009, p. 260), o Brasil havia escolhido, inicialmente, o padrão americano, conhecido como *In Band on Channel* (Iboc).

O modelo tinha ganho a preferência, pois opera tanto em analógico, quanto digital. Porém, quando os primeiros testes foram realizados, em 2003, o sistema apresentou muitos problemas, tais como, pouca capacidade de propagação, *delay* de oito segundos do sinal digital em relação ao analógico e impossibilidade de utilização de receptores portáteis.

O Governo Federal compreende que a mudança servirá para qualificar o som e para uma operação mais eficiente nos espectros das frequências moduladas e ondas médias. Por enquanto, o Ministério das Comunicações está em período de testes para avaliar que tipo de sistema pode ser adotado pelo Brasil, ou, se o próprio país poderia desenvolver um tipo próprio. E segundo, ainda, Magnoni e Carvalho (2010, p. 10), um tempo mais longo de transição pode ser fundamental para que se defina, da melhor forma, uma nova legislação que atenda, tanto os sistemas de rádio, quanto o público ouvinte. Uma das preocupações que se tem, quanto ao futuro, é sobre os preços dos equipamentos. A ideia é que sejam acessíveis à população, de maneira geral:

Também cresce a possibilidade de que não haja mais um aparelho de recepção exclusiva para o veículo, um novo “radinho digital a pilhas”. Os telefones celulares multimídia já incorporaram a recepção de internet móvel, de rádio e de televisão. Com o espantoso índice de progressão desse tipo de telefonia no Brasil, será mais lógico, e até mais barato para o ouvinte, a compra de um terminal multiuso.

Reportagem do informativo *online* Olhar Digital (2015), amplia a discussão sobre os motivos pelos quais o Brasil ainda não implantou o rádio digital de forma definitiva, e por que esse processo ainda estaria em lenta progressão:

A principal vantagem da transmissão digital, claro, é em relação à qualidade do áudio. Agora, vamos aos problemas. Por que será que ainda não temos rádio digital por aqui?!... As dificuldades de implantação envolvem questões práticas e técnicas. Existem pelo menos quatro formatos de rádio digital mundo afora: um americano, dois formatos europeus e um formato japonês. Mas infelizmente nenhum atende às necessidades do Brasil. Outro problema são as rádios piratas. Enquanto no rádio analógico uma interferência produz um chiado na transmissão, no rádio digital, qualquer interferência maior simplesmente interrompe completamente a transmissão – nem o chiado se ouve...

Ainda, conforme a reportagem, “cerca de 50% das emissoras brasileiras possuem parque técnico com mais de 40 anos”:

Testes com transmissão digital no Brasil ainda mostraram que a cobertura das antenas digitais tem uma limitação física maior do que as analógicas. Assim, não seria possível atingir a mesma cobertura da transmissão analógica com o mesmo número de antenas. O que isso significa? Mais dinheiro... Resultado dessa situação? No Brasil, o rádio *online* – distribuído pela internet – chegou na frente. À medida que cada vez mais pessoas possuem dispositivos móveis conectados e a infraestrutura de banda larga móvel do país melhora, mais gente aproveita para curtir as rádios online ou os serviços de streaming de música. Ou seja, existem boas chances do rádio digital brasileiro não passar de projeto. O tempo dirá (OLHAR DIGITAL, 2015).

Todos os sistemas que compreendem os sinais de AM e FM, no caso do rádio, e UHF e VHF, no caso da televisão, são sinais que fazem parte de um enlace<sup>130</sup> de radiocomunicação. Carvalho, Badinhan e Horta (2011, p. 37), explicam a relação desses sinais, dentro chamado canal rádio:

É um segmento do espectro de frequências, com largura de banda BW, ocupado pela onda eletromagnética que transporta a informação. O espaço livre é o meio físico das comunicações via rádio. O canal rádio é o sistema que apresenta o menor custo, porém as ondas eletromagnéticas, por se propagarem no espaço livre, encontram problemas de distúrbios e interferências, o que evidencia sua fragilidade. Um enlace de radiocomunicação é formado por equipamentos chamados de transceptores, capazes de captar e retransmitir os sinais, interligando todo o sistema. Dentre os vários sistemas de rádio estão as transmissões de TV nas faixas de VHF e UHF, as rádios comerciais FM e AM e as comunicações via satélite.

Existe uma grande confusão sobre o que realmente está acontecendo com o rádio, neste momento efetivo de convergência entre meios. No caso da já referida Rádio Ipanema, do Grupo Bandeirantes, o que ocorreu é que a emissora migrou para a internet. A frequência FM continua existindo, porém, a Ipanema foi substituída pela Band. Aliás, quando se fala em convergência, principalmente devido às rápidas transformações proporcionadas pela tecnologia nos últimos anos, tem-se a impressão de que a palavra reflete alguma coisa extremamente atual, ou um processo que está exclusivamente focado em um futuro próximo. Na verdade, a convergência está acontecendo, porém, é errado afirmar que esse processo é de agora. Conforme Briggs e Burke (2006, p. 262), “os rótulos históricos tendem a se fixar às sociedades segundo o que parece ser, por uma variedade de razões, sua principal tecnologia de comunicações” Briggs e Burke (2006) querem dizer que, o termo convergência, tão “atual”, é muito mais amplo do que, simplesmente, um rótulo ligado à tecnologia, principalmente quando compreende o avanço dos computadores.

---

<sup>130</sup> Enlace ou link de comunicação é o estabelecimento de comunicação entre pelo menos dois pontos.

Na sequência, este capítulo *Os Narradores Contemporâneos*, apresentará a história de Marco Antônio Pereira, narrador técnico, criativo, que começou a marcar seu nome na história do rádio porto-alegrense, no final dos anos 1980, início dos 1990, atuando pela Rádio Guaíba. Com passagem pela equipe da Bandeirantes, foi na Rádio Gaúcha que o narrador se consagrou. Porém, demitido pela Gaúcha em 2015, retornou à Caldas Júnior, para seguir sua trajetória.

#### 4.2 Marco Antônio Pereira: vibração e descontração

Marco Antônio Pereira<sup>131</sup> foi narrador da Rádio Guaíba nos anos 1980 e da Bandeirantes nos anos 1990. Conforme o projeto *Vozes do Rádio* (2005), o narrador possui um “estilo vibrante, alegre e descontraído”. Foi, recentemente, o segundo narrador da Rádio Gaúcha, atrás de Pedro Ernesto Denardin. Porém, em 9 de outubro de 2015, comunicou, numa mensagem em seu *Facebook*, a sua saída da RBS, onde trabalhou durante 24 anos. No dia 18 de outubro de 2015, durante o intervalo do jogo entre Grêmio e Chapecoense, na Arena, em Porto Alegre, o chefe de esportes da Rádio Guaíba, Nando Gross, anunciou oficialmente a contratação do narrador.

Eu tinha prometido, tem um monte de gente aqui na frente esperando, então, aquilo que já está bombando nas redes sociais. Eu queria já, nesse momento, oficializar, uma coisa que a gente já está construindo há algum tempo. A Guaíba tem, hoje, uma equipe de esportes consolidada, respeitada, com os melhores profissionais do mercado. E eu acho que, como o profissional que estamos trazendo, e, que será anunciado agora, a gente, definitivamente, e a gente tem o melhor grupo de narradores do rádio esportivo gaúcho, um dos melhores grupos de narradores do Brasil. Vem se juntar ao Mário Lima, ao Orestes de Andrade, ao jovem Marcelo Cardoso, que, nesse momento, eu já posso dizer que é da Rádio Guaíba, e já está conosco, o narrador Marco Antônio Pereira, que passa também a integrar o quadro de funcionários da equipe de esportes da Rádio Guaíba. O Marco já trabalhou comigo em outros veículos, já trabalhamos em outros juntos na Rádio Bandeirantes, trabalhamos juntos na Rádio Gaúcha, trabalhamos juntos na Rádio Difusora, para ver como tem alguma idade esse negócio aí. Tem uma certa intimidade. Antes de ele ser Bandeirantes, era Rádio Difusora. E agora, a gente volta a trabalhar na Guaíba, onde o Marco já trabalhou, narrou a Copa de 90, pela Rádio Guaíba, se a gente pegar aquele especial da FIFA, a FIFA sempre faz de Copas do Mundo, e gente vai ver que a Rádio Guaíba está em destaque, a gente vê, em vários momentos, as narrações do Marco Antônio Pereira ali, com o microfone da Rádio Guaíba, e é o microfone que ele passa, novamente, a segurar, a partir da agora. Não temos definido ainda, mas fica a expectativa dos próximos dias qual vai ser, exatamente, o dia que ele vai fazer a sua estreia, o dia que ele vai estar narrando, mas, eu já posso, agora, oficializar que, o narrador Marco Antônio Pereira, a partir de hoje, integra a equipe de esportes da Rádio Guaíba e eu acho que, assim, a gente tira, qualquer dúvida,

<sup>131</sup> <http://eusoufamecos.uni5.net/vozesdoradio/vozes/vozes/m/marco-antonio-pereira/>.

sobre quem tem a melhor equipe de narradores do rádio esportivo gaúcho. Então, eu quero dar os parabéns a toda a nossa equipe, parabéns à direção da Rádio Guaíba, ao Grupo Record, à equipe de esportes da Guaíba, que a gente recebe de braços abertos, mais um companheiro que chega a somar em uma equipe que só vem crescendo, que vem aí consolidando, cada vez mais, esta marca que é uma marca que se confunde com a história do futebol do Rio Grande do Sul, com a história do Rio Grande do Sul, como a radiofonia do Rio Grande do Sul. Então, seja bem-vindo, Marco Antônio Pereira, e de braços abertos estamos aqui para recebê-lo, e que vem para somar e se juntar aos melhores narradores do Rio Grande do Sul (GROSS, 2015).

Na edição do jornal Correio do Povo, do dia 24 de outubro de 2015, foi confirmada, em uma matéria especial intitulada “Reforço de luxo para a Rádio Guaíba”, a data de estreia do narrador na emissora: 22 de novembro de 2015, no clássico Gre-Nal<sup>132</sup>, do segundo turno do Campeonato Brasileiro, no Estádio Beira-Rio. Na matéria assinada pelo jornalista Chico Izidro, foram lembrados alguns momentos da carreira de Marco Antônio, na própria Rádio Guaíba, quando, nos anos 1980, estreou, justamente, em um clássico entre Internacional e Grêmio. Dividiu os microfones da emissora com Milton Jung e José Aldo Pinheiro e, ainda, cobriu a Copa de 1990, na Itália. A matéria ainda recorda alguns de seus principais bordões, tais como “Que peninha”, “Que coisa querida”, e “É do Goiás”, uma referência a um jogo em que o Goiás goleou o Internacional por 6 a 3, em 1996, e, segundo ele, o termo “pegou”.

Figura 17 – Reforço de luxo para a Guaíba



Fonte: Jornal Correio do Povo, Porto Alegre, 24 out. 2015. p. 20.

<sup>132</sup> O jogo foi vencido pelo Internacional, por 1 a 0, gol marcado por Vitinho.

Curiosamente, poucos dias antes de ser demitido da Rádio Gaúcha, Marco Antônio Pereira concedeu entrevista para este pesquisador, na redação da sede da emissora, no Jornal Zero Hora, no dia 28 de setembro de 2015. E um dos assuntos sobre os quais comentou, foi da atual situação da narração de futebol no rádio. A RBS está implantando um novo projeto, iniciado com o repórter e narrador André Silva, que, inclusive, é um dos personagens deste estudo, que mais adiante será tema deste resgate. Segundo Pedro Ernesto Denardin (2015), pelo menos no caso da Rádio Gaúcha, o narrador não pode ser mais apenas narrador, isto é, necessita, conforme exigência da empresa, atuar em outras frentes. Não que, no passado, isso tenha sido tão diferente, como no caso dos narradores Pedro Carneiro Pereira, Mendes Ribeiro e Milton Ferretti Jung, que, além da narração, tinham outras funções jornalísticas na Rádio Guaíba e, no caso de Ribeiro, na Gaúcha, mais tarde, realizou outras atividades.

Atualmente, se estão formando narradores que também possam atuar como repórteres de campo e setoristas, isto é, que cubram o dia-dia dos clubes, e, quando necessário, narrem futebol ou outras modalidades.

É, o que não pode mais é o narrador ser só narrador, né, trabalhar uma vez por semana. Isso já está complicando um pouco porque tu tens que ter mais atividades. O André está se tornando narrador da rádio, e está indo muito bem. Há um projeto todo para que a gente dê apoio a ele, dê continuidade a esse processo. Mas a gente não quer que ele seja aquele narrador que só narra, que não faz mais nada, né? O André tem um grande conhecimento olímpico, de futebol e tal. Ele vai ser o editor dos Jogos Olímpicos, que vão acontecer agora, no ano que vem, no Rio de Janeiro. Então nós temos uma atividade muito mais ampla do que ser apenas narrador, mesmo porque tudo isso gera informação, e o narrador informado é muito melhor do que o que não está informado (DENARDIN, 2015).

Quanto a isso, Marco Antônio acredita que a essência do narrador segue a mesma. Porém, no dia da entrevista, já indicava o que poderia ser o seu destino próximo, na Gaúcha.

Olha, eu lembro que, há uns 15 anos se disse isso, e não mudou muito. Não achei que mudou muito, entende? Agora, o André era um repórter aqui da rádio, está sendo aproveitado como narrador e está indo muito bem no trabalho que está desenvolvendo, e pode ser que, a partir de então, o dia que o Pedro, eu e aqueles mais antigos chegarem na aposentadoria, pode se então que aí mude o perfil do narrador. Mas acho que, para o narrador ter uma condição legal de trabalho, ele pode fazer outras coisas, mas, algumas acho que ele não deve fazer, tu entendes? Por exemplo, ficar fazendo reportagens e tal. Não sei, talvez possa ajudar um pouco no trabalho dele. Por um lado, pode ter conteúdo, conhecimento, mas eu não sei se tira um pouco do foco, né, do teu trabalho na hora de você narrar. Não sei. É uma coisa que dá para se discutir, para ver. Acho que algumas coisas vão mudar

e estão sempre mudando, né, mas eu nunca acredito em uma mudança assim muito radical. “Ah, o rádio vai mudar...”, não mudou tanto. Têm algumas coisas que são novas, que está se fazendo, mas, na essência, continua tudo como antes. Como eu disse antes, há 15 anos, o narrador vai ter que fazer outras coisas, tal, tal, tal, tal. E, eu não sei se eu vou ser demitido logo, mas faço cada vez menos coisas. Estou só narrando hoje em dia e, para mim, está muito bom (PEREIRA, 2015).

Especula-se que Marco Antônio já estaria acertado com a Rádio Guaíba, e com Nando Gross, por isso mesmo, o seu posicionamento acima colocado. Pois como o chefe de esportes da Rádio Guaíba declarou, já se trabalhava a possibilidade da contratação de Marco Antônio Pereira para a Guaíba, há algum tempo, desde que Gross assumiu o posto, em 2014.

Marco Antônio Pereira atua há 34 anos como narrador esportivo, e foi, segundo ele, uma coisa que sempre quis fazer. Natural de São Leopoldo, nascido em 25 de outubro de 1956, começou na cidade vizinha do Vale do Sinos, em Novo Hamburgo, na Rádio Progresso<sup>133</sup>, atual Rádio ABC 900. Marco Antônio, efetivamente, começou a narrar futebol em 1981, pela Progresso e, em 1982, foi efetivado.

Aí comecei a desenvolver lá um trabalho legal. Naquela época, o Novo Hamburgo subiu para o que seria a série B do futebol brasileiro hoje, que era a Taça de Prata, naquela época, e fez um campeonato legal, porque tinha alguns times bons como Atlético Paranaense, a Portuguesa, o São Bento, de Sorocaba, o Cascavel. Tinha uns times bacanas disputando. O Criciúma, disputando na chave do São Paulo de Rio Grande. E foi assim que eu comecei a viajar, e não parei até hoje. Estou sempre viajando (PEREIRA, 2015).

Ainda nos anos 1980, Pereira foi para Porto Alegre e trabalhou nas três emissoras que faziam futebol. A primeira foi Difusora, antes de se transformar em Bandeirantes. Depois, Marco Antônio ingressou na Guaíba, onde atuou durante cinco anos. Pela Rádio Guaíba, sua grande realização profissional foi a cobertura da Copa do Mundo de 1990, ao lado de profissionais como Edegar Schmidt e Wianey Carlet. Segundo Marco Antônio, um dos jogos que mais marcou sua carreira foi o duelo,

---

<sup>133</sup> Marco Antônio explica que, antigamente, a emissora se chamava Rádio Progresso, que era do Grupo Reunidas, com mais de 20 emissoras espalhadas por todo o estado. Depois o grupo acabou ficando bastante pequeno, e o Grupo Sinos acabou comprando a Progresso e transformando em Rádio ABC 900 AM. A antiga Rádio São Leopoldo AM 1530, comprada pela Rede Tchê!, nos anos 2000, passou a se chamar Rádio Progresso. A emissora leopoldense também foi tão importante, que chegou a ser afiliada ao grupo de emissoras de Arnaldo Balvê e foi coordenada pelo radialista Braz de Oliveira Sobrinho. No futebol, a emissora dedicou-se, principalmente às transmissões do tradicional Clube Esportivo Aimoré.

naquela Copa, entre Brasil e Argentina<sup>134</sup>. O resultado, em si, não foi positivo, já que a Seleção terminou eliminada pelos argentinos, que, na sequência, seriam vice-campeões, diante da Alemanha.

Puxa vida, são tantos jogos assim, né? Tem um jogo que me marcou muito, mas que não foi legal para o Brasil. Eu até fiquei no vídeo da Copa. E sou o único narrador que ficou no vídeo de Copa. Isso foi em 90, no gol argentino do Caniggia. Eu estava lá no *Delle Alpi*, hoje arena do Juventus, e eu narrei aquele gol. Foi forte. O Grêmio na Libertadores, o Inter, o gol da fumaça do Inter lá. Todo mundo fala do gol do Giuliano, em 2010. Porque ninguém esperava mais o Inter conseguir a classificação, né? Aí você extrapola, coloca para fora toda a tua emoção nesses jogos aí.

Marco Antônio Pereira ressalta que “o narrador é um contador de histórias. Chega uma hora que tu tens que ser tu” (PEREIRA, 2015, p. 108). Este trabalho analisa dois momentos distintos da carreira de Marco Antônio Pereira. A primeira delas, da Copa de 1990, narrando, pela Rádio Guaíba, Brasil e Argentina, e a segunda, a decisão da Copa do Mundo de 2014, entre Alemanha e Argentina.

Marco Antônio também buscou na Argentina e no Uruguai, algumas “pitadas” no seu estilo narrativo. Conta que um dos momentos mais emocionantes de sua carreira, foi ter sido lembrado, certa vez, durante a programação especial da *Radio Carve*, de Montevideu, que o convidou para gravar uma mensagem a Carlos Muñoz<sup>135</sup>, um dos mais importantes nomes da narração de futebol uruguaio, que estava voltando às locuções, após um período afastado por problemas de saúde.

Eu curti muito o rádio da Argentina, do Uruguai, o rádio do Paraguai. Eu curti muito isso também. Eu tinha esquecido disso também, mas, eu também tenho essa influência e me sinto muito honrado de um dia ter recebido uma ligação, aqui na rádio, da produção da *Radio Carve*, de Montevideu, pedindo que eu gravasse uma saudação para o Muñoz, que teve um problema nas cordas vocais e ficou muito tempo fora e estava voltando. E eu gravei um saludo para ele, que é um cara que eu me identifico muito e que é um dos grandes narradores que eu já vi em toda a América.

<sup>134</sup> “A Argentina derrotou o Brasil por 1 a 0, no Delle Alpi, pela Fase da Copa do Mundo 1990. O gol da vitória foi de Caniggia. O Brasil ficou em inferioridade já que Ricardo Gomes foi expulso. Com este placar, a Argentina quebrou um tabu de 3 partidas sem vencer o confronto na Copa do Mundo”. A partida valeu pela fase Oitavas de Final. Fonte: Futpédia.

<sup>135</sup> Carlos Muñoz nasceu em 1951. Começou no rádio por incentivo de Alberto Kesman, no final da década de 1960. Nos anos 1970, *el relator* atuou nas rádios Sarandí e CX Radio Sur. Em 1977, chegou a tradicional Radio Oriental e, com 29 anos, seu grande momento ocorreu em 1981, quando substituiu Victor Hugo Morales, que foi para a Argentina. Uma das maiores narrações e provas da capacidade emotiva que Muñoz imprime na narração, acontece durante a decisão do Copa Intercontinental, em 1986, no Japão, entre Nacional e PSV, da Holanda. O duelo acabou indo para os pênaltis, e Muñoz fez uma das narrações mais expressivas de todos os tempos, ao descrever as defesas do goleiro Jorge Fernando Seré, apelidado por Muñoz de *Supermán*. Fonte: *Un grito de Gol – La historia del relato de fútbol en la radio uruguaya* (1999).

**Figura 18 – Marco Antônio Pereira (1990)**



Fonte: FIFA World Cup 1990<sup>136</sup> Documentary.

Em entrevista à Revista Primeira Impressão (2015), Marco Antônio Pereira destaca que, no processo de aprendizado, quando mais jovem, e durante seu desenvolvimento de um estilo próprio, ouviu muitos narradores de São Paulo e do Rio Grande Sul. Foi influenciado, principalmente, por Armino Antônio Ranzolin. Segundo ele, “não é pecado, para quem está começando, em se espelhar em alguém. A gente sempre tem na vida, na música, no trabalho, na própria vida da gente, as pessoas que a gente mais admira, né?”.

Ouvia tudo que era jogo, Fla-Flu, Corinthians e Palmeiras, Santos e Vasco, ouvia tudo, Globo, Tupi, Record, Band de São Paulo, Itatiaia. Naquele tempo não tinha a condição de internet, que você acessa ali, e fica ouvindo todas as rádios. Mas eu ouvia na onda curta né, ouvia bastante. Eu morava em Novo Hamburgo e havia uma facilidade em Novo Hamburgo, não sei por que. Era muito bom de ouvir rádio à noite. Então, ficava curtindo futebol sempre, os programas de rádio. Eu era muito fã. Eu sempre gostei muito da técnica e da seriedade do Ranzolin, que foi um cara que marcou uma geração toda de narradores do Rio Grande do Sul. E eu tentei usar um pouco disso, no começo da minha carreira, com um pouco daquele “molho” do rádio de São Paulo, doas caras que eu achava assim as maiores “feras” do rádio, que eram

---

<sup>136</sup> Esta imagem foi captada do filme oficial da Copa do Mundo da FIFA, de 1990, na Itália. Os trabalhos de Marco Antônio Pereira, Edgar Schmidt e Wianey Carlet, podem ser conferidos a partir de 30min30s. Este vídeo foi acessado em: [https://www.youtube.com/watch?v=loQhuKL\\_kZ8](https://www.youtube.com/watch?v=loQhuKL_kZ8).

Osmar Santos<sup>137</sup>, Osvaldo Maciel<sup>138</sup>, Antônio Édson<sup>139</sup>, Reinaldo Costa<sup>140</sup>, caras que, depois, viraram colegas e que eu admirava muito, e, não tinha sonhado em trabalhar com eles ou próximo desses profissionais (PEREIRA, 2015).

São 34 anos de experiência e, pelo que Pereira espera, muitos anos para narrar futebol no rádio ainda, pela frente e, agora, como narrador da Rádio Guaíba de Porto Alegre. De suas influências citadas, Osmar Santos, em geral, talvez tenha sido a maior de todas. Pereira recomenda a audição de um gol narrador por Osmar Santos, em 1976, marcado por Russo<sup>141</sup>, do Corinthians, contra o Fluminense, no Maracanã. Segundo ele, é um lance que o influenciou muito na narração.

E se há outro narrador que desenvolveu e possui, atualmente, a capacidade de criar bordões, frases e personagens durante a narração de um jogo de futebol e que, inclusive, foi colega de microfone de Marco Antônio Pereira, este se chama Mário Lima, o próximo protagonista da história da narração de futebol no rádio porto-alegrense.

---

<sup>137</sup> Osmar Santos é considerado um dos maiores, se não, o mais importante narrador de futebol de todos os tempos. Preciso, ágil, emotivo. Santos tinha uma dicção perfeita e tinha a capacidade de descrever qualquer lance de forma especial. Foi o primeiro a valorizar o não gol. Não só criador de bordões, Osmar Santos criava também personagens, como o “Animal” e o “Garotinho”. A bola era a “Gorduchinha”. Seu gol era extremamente característico, o “E que Gooooool...”. É conhecido também como o “Pai da Matéria”. Criou muitos bordões como “Parou por que, por que parou?”, “Ripa na chulipa e pimba na gorduchinha”, “Sai daí que o Hacaré te abraça, garotinho”, entre muitos outros. Durante a campanha “Diretas Já”, participou, ao lado de nomes do futebol como Sócrates e Casagrande, do evento que busca a recuperação da democracia, a partir de 1984. Trabalhou em emissoras como Jovem Pan, Globo e Record. Foi narrador da TV Globo, durante a Copa de 1986 e, na Copa de 1990, narrou na extinta TV Manchete. Nascido em 1949, sofreu um grave acidente automobilístico, nos anos 1990, que deixou a maior sequela, justamente, na incapacidade de fala que o acompanha até hoje. cursou Direito, Educação Física e Administração. Após o acidente, se tornou pintor e, inclusive, expõe seus trabalhos de forma eventual. (ENCICLOPÉDIA DO RÁDIO ESPORTIVO BRASILEIRO, 2012).

<sup>138</sup> “Romântico como poucos, poeta e locutor esportivo, Osvaldo Maciel nasceu em Marília. Desde criança, mostrava enorme capacidade de narrar partidas de futebol. Até que foi descoberto pelas grandes emissoras paulistanas e chegou à Rádio Globo na década de 1970. Passou também pela rádio Record antes de chegar a Transamérica, trabalha atualmente. As frases que costuma dizer durante os jogos poderiam ilustrar facilmente as boleias de caminhão pelo Brasil afora. ‘A vida é curta, o mundo é pequeno, eu continuo vivendo e morrendo de amor...ah, gostoso veneno’, ‘Se cada vez que eu pensasse em você sumisse um pedacinho de mim...epa, cadê eu?’”. Fonte: Terceiro Tempo.

<sup>139</sup> “Antônio Edson vive na cidade de Americana, interior paulista. Na carreira, já passou pelas rádios Globo, Bandeirantes, Educadora de Campinas e Central de Campinas. Em 2008, estava na Rádio Transamérica, na equipe de Éder Luis, e também na Rádio Você, de Americana, onde é apresentador do programa musical ‘Nossas Músicas, Nossos Artistas’”. Fonte: Terceiro Tempo.

<sup>140</sup> “Trabalhou até abril de 2012 na Rádio CBN 590 AM, em Cuiabá-MT, e atualmente reside em São Paulo. Nascido em Cruzeiro, no Vale do Paraíba, começou a carreira na rádio Mantiqueira. Mas seu talento logo o trouxe para São Paulo, onde já trabalhou nas rádios Globo, Record e Capital. Em 2008, trabalhou na Eldorado/ESPN. Flamenguista confesso, já cobriu cinco copas do mundo”. Fonte: Terceiro Tempo.

<sup>141</sup> O gol também é conhecido como “Russo beijinho doce”.

### 4.3 Mário Lima: o amigo da galera!

Mário Lima<sup>142</sup>, conhecido também como o “amigo da galera”<sup>143</sup>, é narrador de duas emissoras, atualmente. De residência oficial em Criciúma, atua na Rádio Eldorado<sup>144</sup>, de Santa Catarina, e na Rádio Guaíba. Seu mais importante bordão é o termo “Nasceu!”, uma referência metafórica ao gol em seu acontecimento. “Foi jogador profissional de futebol dos 16 aos 23 anos. Na rádio Sociedade da Bahia, cobriu sua primeira Copa do Mundo, em 1982. Em 2010 recebeu convite para atuar na Rádio Guaíba, retornando então para Porto Alegre” (VOZES DO RÁDIO, 2011). Essa, na verdade, é a segunda passagem de Mário Lima pela emissora da Caldas Júnior. Lima também narrou na equipe da Rádio Bandeirantes, de Porto Alegre, nos anos 1990.

Nascido em Arroio do Tigre, em 14 de maio de 1951. Mário Lima afirma que, oficialmente, começou no rádio em 1974, já na função de narrador, pois, conforme conta ao projeto Vozes do Rádio (2011), já narrava antes mesmo de se tornar um locutor de forma oficial. Mário Lima garante que trouxe dos campos de futebol, muitas referências para a sua linguagem narrativa. Ele iniciou sua carreira na Rádio Cruzeiro do Sul, de Curitiba, capital paranaense. Essa emissora, segundo ele, já foi extinta. À época, conforme conta, a rádio já fazia futebol, terceirizado. Segundo Mário Lima, é uma característica do rádio paranaense, principalmente de Curitiba, desde os anos 1970. O convite para o rádio aconteceu, na verdade, seis meses antes de deixar a carreira de jogador, definitivamente.

Eu jogava futebol profissional, e fui convidado para fazer a cobertura de jogos estudantis, na cidade de União da Vitória, no interior do Paraná, porque eu jogava no time da cidade, chamado Iguassu. E aí, fui convidado para participar da abertura dos jogos, com o perdão da redundância, como convidado, e participei da transmissão do desfile de abertura, e, como eu tinha o conhecimento das regras do basquete *ball*, os caras da rádio me convidaram para eu participar das transmissões do basquete *ball*, que era uma das modalidades lá da competição. E por que do convite? Porque eu dava boas entrevistas e eu tinha um português correto. Eu não tinha formação acadêmica ainda, mas tinha uma formação à época de ginásio e científico, que eram os cursos que antecediam a universidade, as faculdades. Então eu tinha, assim, uma colocação diferenciada dos demais jogadores da época. E

<sup>142</sup> Ver entrevista em: <http://eusoufamecos.uni5.net/vozesdoradio/vozes/vozes/m/mario-lima/>.

<sup>143</sup> Segundo contou ao projeto Vozes do Rádio, em 2011, o apelido foi dado por Jurandir Carioca, em 1979.

<sup>144</sup> A emissora foi fundada em 1946 e é umas das mais tradicionais do estado de Santa Catarina. Transmite futebol de 1950. Transmite nas frequências AM 570 e FM 89.5. Na internet: <http://am570.com.br/index.php>.

me parece que ainda hoje, a maioria dos jogadores de futebol têm dificuldades de expressão, enfim, não são muito cultos, essa que é a verdade. Não têm muita escolaridade, em sua maioria. E, na época, era pior ainda. Então como eu tinha essa facilidade e eles me convidaram, eu me expressava bem, e eu acabei não só comentando os jogos de basquete, de vôlei e de outras modalidades, como eu acabei narrando os jogos de basquete, porque o narrador da rádio não se deu bem nos jogos de basquete, e aí eu falei para o cara, “pois, olha, eu narro isso aí”. E aí, por que eu falei que eu narro? Porque eu brincava de narrar futebol, nos treinamentos de dois toques no sábado. Eu tinha uma afeição muito grande pelo rádio. (LIMA, 2015).

Mas Mário Lima também foi influenciado por profissionais que costumava ouvir, tais como Oduvaldo Cozzi e Fiori Gigliotti. No projeto Vozes do Rádio, Mário Lima ainda havia indicado outros nomes como Joseval Peixoto<sup>145</sup>, Doalceu Bueno de Camargo<sup>146</sup>, Waldir Amaral<sup>147</sup> e Sérgio Moraes. No âmbito da narração de futebol no rádio gaúcho, Antônio Carlos Resende<sup>148</sup> foi o mais marcante na carreira de Mário Lima.

---

<sup>145</sup> “Nasceu no Rio de Janeiro, em 26 de outubro de 1938. Viveu sua infância na região oeste do estado de São Paulo. Aos 16 anos, se apresentou a uma das emissoras da cidade de Presidente Prudente, e se fez como locutor. Em 1959, foi contratado para atuar na Rádio Bandeirantes, por Edson Leite. Em 1963, se transferiu para a Rádio Jovem Pan, e cobriu o mundial de 1970, no México. Narrou a final entre Brasil e Itália. Narrou a Copa de 1978 pela Rádio Tupi. É Bacharel em Direito. Após 1980, deixou a crônica esportiva e atuou no jornalismo, o que faz, ainda hoje. Seus últimos destaques, são o ‘Jornal da Manhã’, pela Jovem Pan, e, na televisão, o ‘Jornal do SBT’”. Fonte: ENCICLOPÉDIA DO RÁDIO ESPORTIVO BRASILEIRO (2012).

<sup>146</sup> “Nasceu em 18 de março de 1930, em Itápolis, interior de São Paulo, e começou sua carreira na PRI 2 Rádio Clube, em Marília. Em seguida, trabalhou nas Rádios Continental, Guanabara e Tamoio. Criou a figura do comentarista de arbitragem. De 1965 a 2009, além de narrador, foi diretor de esportes da Rádio Tupi, do Rio de Janeiro. Na década de 1990, foi responsável pela contratação do consagrado Armando Nogueira. Sua última participação no esporte, foi na Copa da França, de 1998. Faleceu, aos 79 anos, no dia 29 de agosto de 2009. No ‘antigo’ Maracanã, a Tupi o homenageou batizando a cabine de esportes da emissora de Doalceu Bueno de ‘Camargo’”. Fonte: ENCICLOPÉDIA DO RÁDIO ESPORTIVO BRASILEIRO (2012).

<sup>147</sup> “É natural de Pilar, interior de Goiás, nascido no dia 17 de outubro de 1926. Começou na Rádio Clube de Goiânia, aos 18 anos. No Rio, atuou em emissoras como: Tupi, Mauá, Continental, Mayrink Veiga e Nacional. Na Rádio Globo, permaneceu de 1961 a 1983, como narrador e chefe de esportes. Criou diversos bordões como: ‘indivíduo competente’, ‘o relógio marca’, e ‘tem peixe na rede’. Foi quem criou o apelido ‘galinho de quintino’, utilizado por Zico, até hoje. Cobriu nove Copas do Mundo. Encerrou a carreira em 1992 e faleceu em 7 de outubro de 1997, aos 71 anos”. Fonte: ENCICLOPÉDIA DO RÁDIO ESPORTIVO BRASILEIRO (2012).

<sup>148</sup> “O radialista e escritor Antônio Carlos Trommer Resende nasceu em Cachoeira do Sul, em 27 de abril de 1929. Em março de 1947, começou seu primeiro trabalho com carteira assinada, na Rádio Farroupilha, como locutor comercial. Já em 1954, se formou em Direito na UFRGS, Chegando a advogar por dois anos, mas, segundo ele, “não tinha talento nem vocação”. No final da década de 40, o radialista mudou-se para Rádio Gaúcha, como locutor comercial. Até 1969, Resende trabalhou na Rádio Gaúcha, quando fecharam o esporte. Ele foi obrigado a se mudar para o Rio de Janeiro. Antônio Carlos Resende voltou para Porto Alegre em 1975, como diretor da TVE, que funcionava na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Já em 1978, trabalhou na Tv Difusora, hoje Bandeirantes, fazendo áudio de futebol. Depois em 1980, a Farroupilha ainda tentou ressuscitar o futebol, trazendo de volta Resende. Ele então narrou três jogos lá, mas como estava terminando um livro resolveu largar”. Fonte: Vozes do Rádio (s/d).

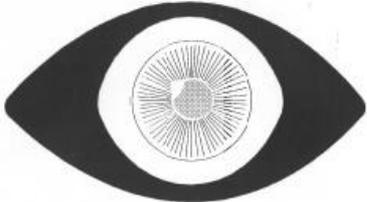
Há muitos anos ele não narrava mais. Era um narrador chamado Antônio Carlos Resende, que era um narrador que tinha aqui, que trabalhou na Gaúcha, trabalhou na Guaíba, trabalhou nas emissoras daqui, e eu também ouvia o rádio de Porto Alegre, claro, porque eu sou daqui. A minha infância, a minha juventude é toda daqui. Eu ouvia muito o Antônio Carlos Resende e eu gostava muito do Antônio Carlos Resende, porque eu também tenho influências musicais e o Antônio Carlos Resende era um narrador que narrava, mais ou menos, em tons musicais, em notas musicais, dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, ou seja, uma narração que, assim, oscilava, tipo, sai da defesa com uma velocidade, chega no meio de campo com outra velocidade, e, na hora da conclusão da jogada, nos lances de gol e nos lances de ataque, a narração dele se tornava mais contundente e isso me influenciou bastante também. E ele era realmente um narrador que tinha, assim, como outros narradores, Fiori Gigliotti tinha isso aí também, aquela coisa de uma escala musical, sabe? Para não ficar uma narração reta e para não ser uma narração do tipo corrida de cavalo, que é aquela tonalidade o tempo todo, então, isso aí me influenciou bastante também (LIMA, 2015).

As rádios da Argentina também influenciaram, de alguma forma, o trabalho de Mário Lima, pois, como viveu toda a sua infância e parte da juventude no Rio Grande do Sul, na região próxima da fronteira, nas Missões, ouviu, por consequência, muitas rádios da do país vizinho. Segundo ele foi assim porque as rádios não tinham muito limite de potência e entravam facilmente no Rio Grande do Sul. Conforme conta, sempre lhe chamou atenção o modelo de locutor *publicista*, do narrador mais o locutor comercial. “Eu acho bonito aquilo. Até tentei implantar uma época aqui na Rádio Bandeirantes, mas não vingou, sabe? Não vingou porque a rádio não deu sequência” (LIMA, 2015).

Conforme descreve o projeto Vozes do Rádio (2011), após narrar em União da Vitória, foi para Curitiba e atuou, sem salários, na rádio Cruzeiro do Sul para depois, trabalhar como repórter policial na rádio Difusora de Lages, Santa Catarina, onde teve a chance de narrar futebol também. Da Rádio Universo, de Curitiba, como terceiro narrador, voltou ao Rio Grande do Sul e trabalhou em rádios de Caxias do Sul e Novo Hamburgo. No final dos anos 1970, “subiu” o Brasil para narrar na Rádio Ribamar, em São Luís, do Maranhão. Uma de suas grandes fases de sucesso foi na Rádio Sociedade da Bahia, onde cobriu sua primeira Copa do Mundo, em 1982. Trabalhou na Verdes Mares, de Fortaleza, Rádio Clube, de Salvador e Difusora de Porto Alegre, ainda nos anos 1980. Em 1995, com a reabertura da equipe de esportes da Bandeirantes, Mário voltou a Porto Alegre. No ano de 1999, atuou na Rádio Eldorado de Criciúma, na companhia de João Nassif, Roberto Costa e Luís Fernando Siqueira, o Pelotinha.

Figura 19 – Equipe da BAND (1996)

***Olhe só...***



**Tá todo mundo se bandeando!**

Está comprovado que a equipe 640 da Band AM é uma irresistível conquistadora. Desde que a Band AM voltou a ter uma programação esportiva, a audiência começou a se bandeiar para os 640 khz. A cada mês a audiência cresce, prova de que o time está muito bem. Também pudera, a equipe é uma verdadeira seleção de profissionais do esporte.

<ul style="list-style-type: none"> <li>-Marco Antônio Pereira</li> <li>-João Garcia</li> <li>-Darci Filho</li> <li>-Dênis Olinto</li> <li>-Leonardo Meneghetti</li> <li>-Renato Igor</li> <li>-Olmes Tortorelli</li> <li>-Rodrigo Koch</li> <li>-Celso Luis Farias</li> </ul>	 <b>REDE BANDEIRANTES-RS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Mário Lima</li> <li>-Cláudio Cabral</li> <li>-Antônio Augusto</li> <li>-Jorge Estrada</li> <li>-Nando Gross</li> <li>-Eduardo Gabardo</li> <li>-Paulinho Pires</li> <li>-André Ribeiro</li> <li>-Geraldo Andrade</li> </ul>
---	--	---



Fonte: Revista Gool<sup>149</sup>, Porto Alegre, 1996. p. 35.

Mário Lima segue narrando em Criciúma, onde também atua o plantão esportivo Dênis Luciano, que teve passagem pelo rádio de Porto Alegre, em especial na Rádio Guaíba. E em 2010, recebeu o convite para retornar à Guaíba, para substituir Haroldo de Souza.

O estilo de narração de Lima se baseou, primeiramente, nos nomes, inicialmente citados, consagrados, conforme ele. Para Mario Lima, não há problema algum em se basear em outros narradores para, depois, criar o seu estilo próprio, pois é um caminho natural para “todo o cara que está começando. Não é fidelidade a frase do Chacrinha né, do que é rádio e televisão ‘nada se cria e tudo se copia’, não é isso. Mas modelos, né?” (LIMA, 2015).

Após seu início, nos anos 1970, passou a desenvolver algumas técnicas “exclusivas”, espontâneas, ou seja, com a criação de seus próprios bordões. Porém,

<sup>149</sup> Acervo: Ciro Götz (1995).

no caso dos bordões, Mário Lima admite que todos surgiram durante suas narrações. A técnica que mais apurou, foi em relação às escalações dos times.

[...] porque hoje, com a facilidade que se tem, a informação que se tem de todas as equipes do futebol brasileiro e do futebol mundial, então qualquer pessoa sabe as escalações dos times de futebol, muito embora, os jogadores não permaneçam muito mais de um ano, dois anos nos clubes. Mas, de qualquer maneira, com a internet, com a rede, você sabe a escalação do Manchester, do Barcelona, do Milan, do Sampaio Corrêa, porque está na rede toda hora, e passam jogos toda hora. Mas, na época, era uma dificuldade de se conhecer os jogadores (LIMA, 2015).

Mário Lima aprimorou a capacidade de decorar as escalações. Quanto aos times mais “famosos”, como Grêmio, Inter, Santos, Corinthians, Palmeiras, geralmente não havia dificuldades, pois se conhecia bem, segundo ele, a formação dessas equipes. Mas em relação aos adversários, dos times “menores”, dos campeonatos regionais, havia e há uma necessidade maior de atenção nas respectivas formações, do histórico dos clubes, para que a narração possa fluir, “naturalmente” e de forma harmônica entre as duas equipes que estão em destaque em um determinado jogo transmitido. Essa experiência, segundo ele, se adquire com o passar dos anos, através de jogos de menos repercussão e que, normalmente, se transmite muito no início de uma carreira, que são os torneios amadores que, para, “aí são quinhentos jogadores, né, a questão da numeração, do detalhe da chuteira, do detalhe de um é preto, o outro é branco, o outro tem um cabelo amarelo, o outro usa barba” (LIMA, 2015). A técnica adotada por Mário Lima é: anotar a escalação e repetir três ou quatro vezes, mentalmente, e para fazer “decoreba”. Em relação aos bordões, todos que foram criados por Lima, de alguma forma, são utilizados porque “ficaram”.

Ah, o principal deles é o complemento do gol, o “eu vi tudo, sim senhor, claro que vi, meu senhor”. Esse é o que realmente marcou, foi criado no estádio do Maracanã, num jogo entre Flamengo e Palmeiras, no Campeonato Brasileiro de 1984, e a história dessa criação é muito interessante, porque o Flamengo tinha um *super* time e o Palmeiras tinha um time razoável, e era o jogo de abertura do Campeonato Brasileiro, um sábado à noite, chovia muito no Maracanã, e o Flamengo martelava, martelava, e a bola não entrava, e era um massacre, era blitz o tempo todo. Em uma determinada jogada, o Leandro foi à linha de fundo, cruzou, o Leandro lateral, famoso no futebol brasileiro, cruzou, a bola caiu com o Zico, o Zico bateu, o goleiro defendeu, aí a bola voltou, o Nunes tentou fazer o gol, a bola voltou no Adílio, foi uma sucessão de chutes a gol incrível que, se não saísse o gol, seria inacreditável. Mas, finalmente a bola entrou. O Nunes colocou a bola para dentro e eu gritei o gol, e ato contínuo no grito de gol, porque tinha as vinhetas, e eu trabalhava na Rádio Verdes Mares, de Fortaleza, na época. E aí a vinheta do gol, a música de torcida e aquela coisa toda, quando voltou, cortou para mim, na minha

concepção, na minha cabeça, eu tinha visto todo o lance. E tinha visto mais do que todo o lance, eu tinha narrado todo lance, com fidelidade. Na minha concepção, né? Eu digo, eu vi tudo isso aí, né? E aí veio o “eu vi tudo”. E mais do que isso, “eu vi tudo, eu vi tudo sim senhor, claro que vi, meu senhor” (LIMA, 2015).

Lima conta que voltou para Fortaleza quatro dias depois, e narrou um jogo de um time de cearense no Campeonato Brasileiro, e não falou o “eu vi tudo, sim senhor”, depois do gol. O coordenador de esportes da Verdes Mares, então, o chamou para uma conversa.

Ele disse, “vem cá, por que você não usou aquele negócio no gol do Fortaleza, que você fez no Rio, no jogo do Flamengo?”. Eu digo, “que negócio?”. Eu estava numa ressaca desgraçada, naquele tempo o “bicho pegava”, né? O “bicho pegava”, imagina em Fortaleza?. Nove horas da manhã, numa ressaca total, mal dormido, eu digo “que negócio, cara?”. Ele disse, “aquele negócio do eu vi não sei o que...”. Aí eu, “ah, eu falei mesmo um troço, né...”. Então ele, “vamos ali na central, vamos na sala de gravação para ver...”. Então fomos lá ver o gol. Aí ele, “você tem que usar isso, cara. Como é que você fez isso?”, e eu, “fiz na hora”.

Outro bordão de Mário é o “roda de samba”, que tem ligação com o carnaval, festa popular da qual o narrador é fã. Segundo ele, o círculo central do campo, primeiramente, vem à sua mente e os volantes, na sua avaliação, se parecem muito com mestres sala em um desfile de uma escola de samba. Dessa forma, surgiu o “roda de samba”. Há também o bordão “moça branca”, que, conforme Mário, “veio”, ao natural, desde o início da carreira, e que se refere à bola do jogo. Ainda há um bordão que Mário Lima utiliza nos giros de tempo e placar, “das maravilhas mil”. Segundo conta, esse, em especial, foi um bordão absolutamente projetado, um case, como ele diz. Sempre que informa o tempo de jogo, Mário, com esse bordão, destaca aspectos históricos e turísticos de alguma cidade do Rio Grande do Sul. Até agora, segundo ele, não surgiram interessados na ideia do narrador, que segue utilizando o case.

Mas o bordão mais conhecido e característico de Mário Lima, a sua marca registrada, é, de fato, o “Nasceu!”. O bordão, na verdade, não foi criação sua. E ele faz questão de ressaltar que, originalmente, o crédito é de outro profissional.

Que não é meu. Esse é uma cópia. Ele tem uma história bem legal. Um narrador chamado Mário Freitas, da Rádio Excelsior, da Bahia, e eu trabalhava na Bahia, na época, na Rádio Sociedade, e baseado no José Carlos Araújo, que na época era da Rádio Nacional, do Rio, ele fala até hoje. O José Carlos Araújo está na Tupi, agora, ele fala, quando acontece o gol, “entrou”. E o Mário Freitas criou o “nasceu”, mais ou menos em cima da ideia

do José Carlos Araújo. Só que ele não usou o “nasceu”, usou três ou quatro vezes, e não gostou. Presumo eu, né. Aí, ele passou para o Silvio Mendes, que na época era da Rádio Clube. E nós éramos todos amigos. E o Silvio Mendes passou a usar o “nasceu”, com a concordância do Mário Freitas. Quando eu fui embora da Bahia, em 1985, o Silvio pediu alguns dos meus bordões, como, por exemplo, o “roda de samba”, o “moça branca” e outras mais. E digo, “pode usar, cara”. E ele, “se tu quiseres usar o nasceu, que não é meu, é do Mário Freitas, mas ele não quis mais, tu podes usar”. Eu não usei imediatamente, porque eu usava o “lá dentro”. E aí, um belo dia aqui, eu passei a usar o “nasceu” quando eu assumi a direção de esportes da TV Educativa, e fui narrar alguns jogos na TV Educativa, e passei a usar na televisão. E aí o pessoal gostou e ficou, né, mas eu faço questão de dizer que a criação não é minha (LIMA, 2015).

Mário Lima considera que, apesar de ter mais história fora do Rio Grande do Sul, ainda assim, acredita que conseguiu estabelecer um nome de importância, por aquilo que construiu.

**Figura 20 – Mário Lima (2011)**



Fonte: Vozes do Rádio (2011)

Este trabalho analisa a técnica e o estilo de Mário Lima em dois episódios, um deles, o clássico Gre-Nal do dia 8 de maio de 2011, e um duelo entre Internacional e Corinthians, dia 16 de setembro de 2015, ambos jogos no Beira-Rio. Na sequência, o próximo destaque fica para um narrador que, argentino de nascimento, conquistou o reconhecimento por sua voz, pela sua dicção e pelo conteúdo de suas palavras e frases, e que narrou nas principais emissoras de rádio da capital do Rio Grande do Sul, tais como Guaíba, Gaúcha e Bandeirantes, onde continua. Se trata do locutor e advogado José Aldo Pinheiro.

#### 4.4 José Aldo Pinheiro: o catedrático

José Odoraldo Medeiros Pinheiro nasceu em 1965 e é argentino. Ainda jovem, veio para o Brasil, após a separação de seus pais. Segundo conta, começou em 1981, no alto faltante da rodoviária de São Luiz Gonzaga. De São Luiz, foi para Santo Ângelo e, na sequência, Novo Hamburgo e Caxias. Em 1985, convidado por Armindo Antônio Ranzolin, no dia 4 de dezembro, foi para a Rádio Gaúcha e permaneceu até o dia 2 de dezembro de 1986. E foi justamente Ranzolin, segundo consta no projeto Vozes do Rádio (2005), que definiu o nome “artístico” que o narrador deveria usar, e que, desde então, é a sua assinatura. A frase de Ranzolin que Zé Aldo recorda daquele dia: “a partir de agora esse cara está chegando aqui na rádio e nós vamos trocar o nome dele. O nome dele vai ser José Aldo Pinheiro, porque José Aldo tem mais a ver que José Odoraldo Pinheiro” (PINHEIRO, 2005).

Ainda nos anos 1980, o agora rebatizado José Aldo Pinheiro, ou, Zé Aldo, como também é conhecido, se transferiu para a Rádio Guaíba, onde narrou durante nove anos. Porém, em 23 de janeiro de 1995, José Aldo Pinheiro retornou à RBS. Na Rede Brasil Sul, permaneceu o maior período de sua carreira, atuando como locutor esportivo. Em 2 de maio de 2012, passou a integrar a equipe de esportes da Rádio Bandeirantes, onde divide os microfones com o titular Daniel Oliveira e Marcos Couto<sup>150</sup>.

Em oito meses, eu saí de São Luiz, fui para Santo Ângelo. Aí o Seu Ballvé, que era presidente do Inter, ele vendeu a rádio lá de Santo Ângelo, que era uma rede em todo estado. Ele vendeu, e disse “olha, me disseram que tem um narrador que é bom aí. Eu vou vender a rádio, mas não vendo o narrador e ele vai comigo para Caxias”. Aí ele me transferiu para Caxias, eu fui para Caxias, e o Ranzolin me ouviu, o pessoal da Gaúcha me ouviu. Eles pediam os gols para rodar no plantão, depois das jornadas deles, do jogo lá de Caxias, né? E aí ouviram as minhas narrações, e me chamaram para fazer um teste, e perguntaram, “quem é esse cara?”. “Ah, é um guri de São Luiz, bem gurizão”, “bah, mas que idade ele tem?”, “ah, tem 18”. “Bah, mas tem uma voz que nem parece...”. E eu vim aqui, fiz um teste e tal, e perdi para o Ítalo Gall, e ficou uma amostra minha. Eles disseram que eu tinha ido melhor como narrador, mas que a vaga que eles queriam era para plantão, e que o Ítalo era advogado já, tinha uma informação intelectual melhor que a minha. Sugeriram que eu estudasse, então,

---

<sup>150</sup> Marcos Couto iniciou sua carreira na Rádio São Leopoldo. Atualmente é narrador da Bandeirantes, de Porto Alegre, e da Rádio ABC, de Novo Hamburgo. Em 2012, integrou a equipe de esportes da Rádio Guaíba, mas, pouco tempo depois, retornou à BAND. É conhecido pelo apelido de “Gigante do Vale”, tal a ligação com a região do Vale do rio dos Sinos.

quando surgisse uma nova oportunidade, e aí, em 85, eles me chamaram (PINHEIRO, 2015).

**Figura 21 – Zé Aldo chega à BAND**



Fonte: Grupo Bandeirantes de Comunicação

José Aldo Pinheiro é formado em Direito e exerce a profissão de advogado, além da narração de futebol na Band. Inclusive, divide com outros sócios, um escritório, localizado no centro de Porto Alegre, justamente no prédio onde também ficava a antiga sede da Federação<sup>151</sup> Gaúcha de Futebol (FGF). Zé Aldo Pinheiro garante que a sua formação em advocacia também influenciou no seu estilo de narração no rádio e justifica que isso “sempre existe naqueles que têm uma outra formação, porque tu és uma única pessoa e, especialmente, em matéria de conteúdo, você acaba utilizando aquele conteúdo a mais que tu tens” (PINHEIRO, 2015). O narrador cita o exemplo de Joseval Peixoto, que, nos últimos anos, se tornou bastante conhecido como apresentador de telejornal do SBT.

É um grande advogado em São Paulo, e ele era companheiro de narração do Osmar Santos, na Jovem Pan, nos anos 80. A chamada dos caras, “na Jovem Pan, o futebol é um ou outro, Osmar Santos e Joseval Peixoto”. Em alguns

<sup>151</sup> No dia 30 de março de 2015, a FGF iniciou seu primeiro expediente sem sua nova sede, na Avenida Ipiranga, nº10. Bairro Praia de Belas, em Porto Alegre. A sede anterior se localizava Travessa Francisco Leonardo Truda, próximo ao Mercado Público.

momentos eu noto ele falando, e ele faz, tipo, uma crônica dentro do jornal, nitidamente, decorrente ao conteúdo da formação jurídica que ele tem. O José Carlos Araújo é professor de história, ou geografia, uma coisa assim. E às vezes a gente percebe o José Carlos Araújo, no meio de uma narração, dando uns “alôs”, e nos “alôs” vem um pé assim, “hoje eu estou abraçando os nossos ouvintes que são judeus, pois hoje é dia do Bar-mitzvá...”, e uma coisa assim, uma data de, não sei se essa é a expressão correta, enfim, o primeiro ano do calendário judaico, porque, essa formação paralela, ou essa formação prévia, simultânea, ela agrega conteúdo no comunicador. Na verdade, quando mais conteúdo tiver o comunicador, me parece que ele tem mais a oferecer para o seu ouvinte (PINHEIRO, 2015).

O narrador da Bandeirantes, além do Direito, teve muitas influências oriundas das narrações de outros profissionais, ao longo dos anos. “Algum louco pode dizer, ‘não, eu sou eu, eu me fiz sozinho, eu não me inspirei em ninguém’. Esse vai estar mentindo” (PINHEIRO, 2015). Segundo afirma, todos se inspiram em alguém, de alguma forma quando se ouve rádio, e o profissional procura seguir algum tipo de modelo. Para Zé Aldo, o rádio do Rio Grande do Sul segue uma escola absolutamente diversa do rádio do centro do país. O Rio, na sua avaliação, é mais “animado”, é “mais da festa”, é “mais da alegria”, com um texto mais alegórico. Já no Rio Grande do Sul, a narração é “séria”, é “tensa” e competitiva. A influência, na sua observação, não vem do centro do país. Existe aqui, uma característica “nossa, própria, bem peculiar”.

Essa nossa influência, querendo ou não, é absorvida da escola argentina de narrar futebol. A escola da Argentina, a escola do Uruguai, tem uma grande influência no estilo de narração do Rio Grande do Sul. Não sei se eles nos copiam, ou nós copiamos eles, ou se é por osmose, mas, nitidamente, essa influência está demarcada geograficamente. O Rio Grande do Sul tem, usando o português, um estilo argentino de narrar futebol. E os argentinos, utilizando o espanhol, têm um estilo gaúcho de narrar futebol. É uma coisa tensa assim, e tal. Então, eu sigo, genericamente falando, essa escola que é a de narradores do Rio Grande do Sul. Não é paulista, não é carioca, não é mineira, é o estilo do narrador do Rio Grande do Sul (PINHEIRO, 2015).

No Rio Grande do Sul, José Aldo Pinheiro assinala que a narração pode ser dividida em escolas: Mendes Ribeiro, que foi sucedido por Pedro Pereira, depois por Ranzolin, todos, numa linha de narração clássica, depurada, de uma linguagem sóbria, sem muitos adereços, sem muitos bordões. Um narrador clássico, na sua opinião, deve possuir uma linguagem séria, “porque o gaúcho vê o futebol como uma coisa séria, não como uma diversão, mas como uma competição que tem que ganhar, que tem que ganhar” (PINHEIRO, 2015).

E o narrador reflete um pouco nisso, e, avançando na tua pergunta, os meus narradores que foram, digamos, modelos para mim, Jose Maria Moraes, Vitor

Hugo Morales, bem, bem claramente o Ranzolin, o meu grande mestre Ranzolin, o Willy Gonser, Willy Fritz Gonser. Quem ouviu o Willy Gonser narrando, por texto ou por gravação, porque, agora, ele já é aposentado, daqui a pouco vai ouvir o Zé Aldo e dizer, “mas, bah, parece o Willy, alguma coisa lembra o Willy”. Então, a minha escola é isso. O Osmar Santos com a velocidade com dicção, claro. O Osmar tinha uma dicção espetacularmente limpa. Ele conseguia dar uma aceleração sem tropeçar, sem engolir sílabas, sem repetir palavras. O Osmar Santos foi um mestre para mim. É um narrador de São Paulo, mas ele era diferente de todos os demais. Eu diria mais, ele era melhor do que todos os demais (PINHEIRO, 2015).

Pinheiro entende que seu estilo já se consolidou, e que já achou a sua própria identidade, porém, não se dá por finalizado. Em 35 anos de narração de futebol no rádio, se considera, ainda, aprendiz e diz que tem coisas a desenvolver. E, apesar dessa constatação, entende que, o momento de sua aposentadoria não está tão distante.

Eu considero que o José Carlos Araújo alcançou a perfeição como narrador. O Osmar Santos alcançou a perfeição como narrador. Eles tinham uma capacidade de controle da locução deles, conjugado com o texto jornalístico, que beirava à perfeição. E eu não consegui isso. Talvez se eu conseguir isso, eu me torne um narrador numa posição que, hoje, eu não ocupo. Hoje eu sei que eu não sou o primeiro narrador do Rio Grande do Sul. Hoje o Pedro Ernesto é o primeiro narrador do Rio Grande do Sul, quem sabe o Marco Antônio seja o segundo, com o Haroldo que está em uma descendente, mas que ainda é um grande narrador, que ainda está entre os melhores. Esses caras estão à frente. Mas eu não pretendo seguir depois dos 60 (PINHEIRO, 2015).

Pinheiro considera que sua narração se caracteriza, basicamente, em “muita alma, muito coração, muito regionalismo”. A regionalidade de sua transmissão, sua “alma campeira”, garante, está presente em sua narração. “Eu canto o meu estado, como se fosse o meu país, como se fosse a minha pátria” (PINHEIRO, 2015). José Aldo seguiu a mesma tônica de Armino Antônio Ranzolin, no que diz respeito às prioridades da narração, isto é, “aos times daqui eu tento transmitir como se eles fossem os representantes da minha família, disputando uma competição” (PINHEIRO, 2015).

O locutor se considera parte de uma escola gaúcha, com influência espanhola. Quanto a criação de frases, bordões, apelidos, José Aldo segue uma linha semelhante às de Mendes Ribeiro, Pedro Carneiro Pereira e Ranzolin, de uma narração técnica, descritiva, sem “firulas” e “exageros”. Porém, criou uma frase que segue sempre a narração de seus gols, “a bola balança a rede, a rede balança a bola, essa emoção, balança o torcedor do...”.

Eu acho esse meu bordão uma grande porcaria e não deveria nem usar. Não sei nem porque que eu uso. Às vezes é até um recurso para tomar ar, na hora do gol. Mas eu não sou a favor dos bordões, acho que os narradores clássicos não são escravos de bengalas, eles caminham com as próprias pernas, sem amparos de bordões. Os narradores que fazem a linha mais popular, mais “povão”, se socorrem dos bordões, porque o “povão” vive de bordões. O “povão” gosta de frases prontas. Aquele público “mais exigente”, gosta de conteúdo limpo. A frase pronta é sempre um recurso que te remete para um caminho, assim, de mais pobreza de texto. Mas tem muita gente que tem perícia em fazer bordões. O Haroldo, por exemplo, é um exímio criador de bordões. Os bordões dele são cantados nas arquibancadas dos estádios pelos torcedores. O Paulo Brito<sup>152</sup>, por exemplo, assumiu um bordão que era do povo, e transformou como “sendo dele”, o “Feito!”. Com uma palavra ele criou um bordão que vai levar ele para eternidade, quando ele estiver “a sete palmos”. Daqui 30 ou 40 anos alguém vai dizer “tinha o cara aquele que dizia Feito!”. É uma virtude dele. Ele conseguiu transformar um bordão, que era do povo, como se fosse dele, e deu notoriedade, ganhou um carimbo ali (PINHEIRO, 2015).

O que vale muito mais, o que é mais importante para José Aldo Pinheiro, é a capacidade do narrador de transmitir emoção. Cita também o caso do narrador uruguaio Victor Hugo Morales<sup>153</sup>, em especial as narrações de gols do jogador Maradona, contra a Inglaterra, em 1986. Segundo ele, são gols que, 30 anos depois, ainda emocionam, tal a forma que foram construídos, sem a necessidade de bordões. “E ele agradece a Maradona, ‘*gracias por esta lágrima*’. E, naquele momento, um uruguaio chora de emoção ao narrar um gol da Argentina, porque ele estava descrevendo uma obra de arte” (PINHEIRO, 2015).

Têm uns gols assim que marcam, às vezes eu ouço. Roberto Batata tinha morrido e quem cobrou a falta, puxa vida, não me lembro se foi Jairzinho. A narração é do Vilibaldo Alves. É um gol do Cruzeiro, e ele narra, assim, de uma maneira brilhante que a gente ouve e, pô, que gol bem narrado. E aí, depois do gol, ele dá aquele discurso, que hoje se usa menos, está mais em desuso, e ele disse que “os anjos lá do céu, dizem amém. Roberto Batata, onde você estiver, este gol é para você...”. Foi uma cobrança de falta, o Batata tinha morrido. E o Cruzeiro estava decidindo Copa Libertadores, acho que com o River Plate, a decisão. E é uma narração magistral. Ele era um grande narrador (PINHEIRO, 2015).

A narração mais inesquecível para José Aldo Pinheiro, foi, justamente, no início de sua carreira.

<sup>152</sup> Atual narrador da RBS TV.

<sup>153</sup> “Victor Hugo Morales siente la misma pasión por el medio que en la década de 60, cuando era un oyente en la pequeña ciudad de Cardona. Creció en el relato al mismo tiempo que la televisión se imponía en la sociedad. Trabajó en la televisión, pero, su vida siguió estando en el radio. Impuso un estilo de relatar fútbol que triunfó en Uruguay y Argentina; con una voz excepcional, pero sobre todo con una pasión increíble por cada detalle del espectáculo radial. Cambió el perfil del relator de fútbol. Víctor Hugo, el relator más escuchado de Argentina y es protagonista de la historia de la radio de Río de la Plata”. Fonte: *Un grito de Gol – La historia del relato de fútbol en la radio uruguaya*. ROSENBERG (1999).

Do ponto de vista assim, enfático, histórico e circunstancial, um jogo que me marcou foi eu, com 18 anos de idade, é, por aí, 17, 18 anos, narrando a final da Copa Libertadores, o Grêmio contra a equipe do Peñarol, no Olímpico. Uma viagem curiosa, nós viajamos num chevette entre cinco, mais o equipamento e as malas, então, nós vínhamos como aqueles retirantes nordestinos, com malas pela cabeça. Uma noite muito fria, e fizemos aquele jogo no Olímpico. E aquele cruzamento do Renato, ele deu uma enganchada na bola, um balão meio espírita, sem ângulo, da linha de fundo, e veio o César para fazer o gol de cabeça. Eu infelizmente não tenho esse som dessa gravação, dessa narração. (PINHEIRO, 2015).

Zé Aldo diz que não é contra o uso de recursos e de efeitos sonoros durante uma jornada, com tanto que não haja exageros, que seja comedido. Além disso, não adianta a pessoa apenas desejar narrar futebol, na sua avaliação. Segundo ele, quem não nasce com a capacidade de ter velocidade de fala, não pode insistir em narração de rádio. Para Zé Aldo, cada indivíduo tem características inerentes ao seu ser. Para narrar futebol, o profissional precisa, obrigatoriamente, ter uma dicção que lhe permita a aceleração de fala, sem que este perca a naturalidade e a destreza da oratória.

Este trabalho analisa dois momentos da carreira de José Aldo Pinheiro. O primeiro, em 1994, pela Rádio Guaíba, um duelo entre Flamengo e Internacional, no Maracanã, Rio de Janeiro. A outra partida em destaque é um confronto da Seleção Brasileira, contra a Venezuela, pelas Eliminatórias da Copa do Mundo. Assim como Armindo Antônio Ranzolin, considerado por José Aldo Pinheiro como um de seus “mestres”, há outro narrador que também teve uma parcela de importância na projeção de carreira de Zé Aldo. Este experiente locutor, padrinho de nascimento de José Aldo Pinheiro, chegou a Porto Alegre para narrar, na Rádio Guaíba, em 1995, onde permanece até hoje. Tem como uma de suas maiores características, o “mais longo grito de gol” do rádio esportivo do Rio Grande do Sul. Se trata de Orestes de Andrade, o “Galo Missioneiro”, o próximo personagem de *Narradores de Futebol, dos desbravadores aos contemporâneos: estilo e técnica da locução no rádio porto-alegrense (de 1931 a 2015)*.

#### 4.5 Orestes de Andrade: o Galo Missioneiro

Orestes de Andrade é natural de Santo Ângelo, nascido em 15 de fevereiro de 1949. Segundo conta, em entrevista ao projeto Vozes do Rádio (2010), o interesse pelo rádio surgiu a partir dos 12 anos, quando, de brincadeira, narrava os jogos dos funcionários da fazenda de seu avô. Com um pedaço de pau e uma caixa de fósforos, fazia de conta que estava segurando um microfone e, de forma lúdica, inventava os nomes dos jogadores. Algum tempo mais tarde, apesar de ter trabalhado como balconista e medidor de ruas em uma empresa de engenharia, seu sonho sempre foi narrar futebol. E foi aos 16 anos que Orestes conseguiu a primeira oportunidade no rádio.

Eu comecei em 1971, na Rádio Santo Ângelo. Eu queria trabalhar, mas era muito jovem ainda, tinha 16 anos, e os caras, “ah, não dá. Menino ainda, não dá para trabalhar”. Mas eu pedi tanto para o meu pai solicitar um emprego para mim, que eu queria trabalhar era na rádio. Aí, meu pai falou com o diretor lá, e eu fiquei fazendo algumas coisas assim, por exemplo, indo de *office boy*, comecei de *office boy* na rádio, e fui começando lendo textos. Naquele tempo a gente lia textos, tinha as caixinhas de textos, e lia textos. Passava a tarde inteira lendo textos, tudo fora do ar. A minha voz era muito fininha, então era complicada a situação. Eu comecei em 71 na Rádio Santo Ângelo, trabalhei 10 anos. Depois fui para a Rádio Progresso, de Ijuí. Fiquei quatro anos na rádio Progresso. Depois voltei para a Rádio Sepé Tiaraju, de Santo Ângelo, que estava sendo inaugurada, a convite do diretor. Fizemos uma equipe nova lá. Trabalhei três anos na Rádio Sepé Tiaraju. Aí, depois, fui para a Rádio Imembuí, de Santa Maria, e para a Rádio Caxias. Voltei para a Rádio Águas Claras, de Catuípe, uma cidadezinha que fica perto de Santo Ângelo. E, de Catuípe, eu vim para Campo Bom, na Rádio 1470 (ANDRADE, 2015).

A principal influência de Orestes foi o narrador Cláudio Wilmar Schroeder, seu antigo professor, em Santo Ângelo. Quando Andrade começou, ele era o narrador titular da Rádio Santo Ângelo.

[...] quando eu comecei, e ele perguntou um dia, “quem é que quer narrar?”. Eu digo, “eu gostaria de narrar”. E ele disse, “porque eu quero largar”. Então, seis meses, eu fui todos os domingos no estádio e ficava do lado dele, para tu teres uma ideia. Durante quatro meses, eu só observava. Quando começou lá pelo quinto mês, ele disse assim, “eu vou te dar uma oportunidade, eu vou te fazer narrar cinco minutos, aqui do meu lado. Quando você ver que vai se apertar, eu vou chamar para mim de volta”. E ele avisou os torcedores no estádio, “eu tenho o meu aluno de narração aqui hoje, e eu vou dar uma aula de narração”. E eu, bah, cara, eu suava que era um terror, eu não sabia o que dizer. Aí ele me passava, eu narrava, mas tinha um detalhe. Quando chegava perto da goleira, que afunilava a jogada, que era forte, eu afinava a voz, parecia “wiwiwiwi”, ficava horrível. E aí ele “calma, guri”. E assim eu fui, uns dois ou três meses. (ANDRADE, 2015).

A chegada de Orestes de Andrade na Rádio Guaíba foi curiosa. Conforme conta também no projeto Vozes do Rádio (2010), ele trabalhava em Campo Bom com o repórter Flávio Dal Pizzol, na Rádio 1470. E o grande sonho de Dal Pizzol, era, justamente, um dia trabalhar na Rádio Guaíba. Na época, conta Orestes, Dal Pizzol era muito amigo do Paulo Sérgio Pinto, diretor de esportes da Guaíba, naquele tempo, e trabalhavam profissionais como Luiz Carlos Reche e Haroldo de Souza. Paulo Sérgio Pinto, então, solicitou que Flávio Dal Pizzol lhe enviasse uma fita cassette, para que esta fosse avaliada, conforme o conteúdo das reportagens de campo na 1470.

**Figura 22 – Repórter Flávio Dal Pizzol (1996)**



Fonte: Fonte: Revista Gool<sup>154</sup>, Porto Alegre, 1996. p. 11.

Daí ele foi montar a fitinha, e perguntou para mim, “Orestes, eu posso botar os teus gols? Só coloca gols e lances importantes que eu participei”. Aí eu digo, “não, pode botar, pode botar teus lances na fita. Não tem problema”. Aí ele colocou vários gols que eu narrei e lances de jogos, com a participação dele. E ele mandou a fita. E aí o Zé Aldo, o José Aldo que, hoje, está na Rádio Gaúcha (Bandeirantes), o Zé Aldo havia saído da Rádio Guaíba, e eles estavam precisando de um narrador. E o Paulo Sérgio foi ouvir a fita, e gostou do narrador. (Risos). E o Dal Pizzol, “vamos deixar o Dal Pizzol, depois”, (Risos). E aí o seguinte, a gente estava em Campo Bom, um dia tocou o telefone, daí a moça disse assim, “olha, é o Paulo Sérgio Pinto da Rádio Guaíba”. Aí o Dal Pizzol, “é comigo, mandei uma fita”. Eu nunca esqueço. E daí o Dal Pizzol atendeu o telefone, “Ah, tá, vou passar para ele”. Era, daí era comigo, e eu disse “ô, Paulo Sérgio...”. E ele, “Gostei da tua narração. Vem fazer um teste aqui com a gente”. Então aí eu “vou”. Aí vim aqui, fiz um teste e fui reprovado pelo Evandro, Evandro Dias Gomes. E daí o Evandro (Risos) me reprovou e voltei para lá e, daqui a pouco, o Paulo Sérgio me ligou e “não, o Evandro se enganou, não era nada disso”. Aí voltei e fiquei no lugar do Dal Pizzol, pela fita enviada pelo Dal Pizzol, e o pessoal me chamou. Mas dali dois meses, a gente chamou o Dal Pizzol para cá também. Viemos praticamente juntos. Mas foi através de uma fita cassette que eu vim parar aqui. Foi em 1995, 21 anos já (ANDRADE, 2015).

<sup>154</sup> Acervo: Ciro Götz (1995).

Ao projeto Vozes do Rádio, Orestes lembrou qual foi a sua primeira transmissão pela Rádio Guaíba. Segundo ele, aconteceu em Venâncio Aires, em um duelo entre Juventude e Guarani de Venâncio. Seus companheiros de jornada eram Edegar Schmidt, Flávio Dal Pizzol, Jose Coutinho e Luiz Fernando Siqueira. O problema, segundo conta, é que não recebeu nenhuma orientação sobre o que deveria fazer ou deixar de fazer.

Era diferente do meu trabalho em Campo Bom. Na Guaíba e em várias rádios é diferente, chama-se o tempo de 15 em 15 minutos. Tempo e placar. 15 minutos chama o tempo, 30 minutos, 40 minutos, três vezes em cada tempo. Eu chamava de 2 em 2 minutos e os caras botavam a vinheta a toda hora. Ficou horrível aquilo, os caras me olhavam e eu narrava uns lances e botava a vinheta de novo para dar o tempo e ninguém me chamava atenção. Tinham que avisar. Para escutar, era simplesmente horrível. Eu chamava, chamava. Aí, depois do jogo, o Edegar: “mas tu não devias ter chamado a fita daquele troço, o tempo e o placar?”. “Mas Edegar, tu és um cara experiente, poderia ter me chamado a atenção”. Eu estava começando. “Vem cá, tu és um dos meus ídolos, estou trabalhando com meu ídolo, porque não me chamou a atenção”. Esse foi meu primeiro jogo, foi em Venâncio Aires (ANDRADE, 2010).

Orestes de Andrade (2015) recorda que, além dele e Flávio Dal Pizzol, a Guaíba renovou também a função de plantão esportivo que, até pouco antes, estava sendo feita pelo “lendário” Antônio Augusto. Segundo conta, Rogério Böhlke estreou no mesmo dia que ele, em 10 de fevereiro de 1995. E foi, justamente no seu primeiro ano como narrador da Guaíba, que Orestes de Andrade narrou um dos jogos mais importantes de sua carreira, ou, um dos mais emocionantes, tanto pessoalmente, quanto profissionalmente. No dia 25 de abril de 1995, o Grêmio enfrentava o Club Olimpia, no Estádio *Defensores del Chaco*, em Assunção, no Paraguai, pela fase oitavas de final da Copa Libertadores, competição que o Grêmio, mais tarde, sagraria o final como bicampeão. O Grêmio venceu o time paraguaio por 3 a 0. Orestes recorda que um dos momentos mais emocionantes para ele foi quando, ao seu lado, o então presidente do Grêmio, Fábio André Koff, o cumprimentou pela narração.

Eu estava começando. Eu estava fazendo o jogo, e o presidente Fábio Koff estava na cabine, do meu lado. Só que eu não tinha amizade nenhuma com ele, estava chegando do interior. Daí ele se apresentou, “ah, sou o Fábio Koff, ah eu sou o Orestes, tudo bem? Tudo bem”. Aí o Grêmio começou a jogar, e estava vencendo por 3 a 0, e ele do meu lado. Eu estava começando na Rádio Guaíba, vindo do interior, bah, eu enlouqueci, né. E aí. O Grêmio fez o terceiro gol, através do Paulo Nunes, mas um gol maravilhoso. E aí extrapolei, né, aí fiz uma gritaria, vibrava, erguia o braço. Como gaúcho, eu estava enlouquecido, né? Eu digo, bah, nunca vou esquecer, o presidente abriu uma sacola que ele tinha, e pegou uma camisa do Grêmio e botou no meu ombro, e disse assim: “essa é tua, meu guri. Tu me emocionou”. Pô, se o gol do

Grêmio me emocionou, eu emocionei o “véio”. Ah, foi um troço maravilhoso, fantástico, né. Pô, do presidente do clube! E eu começando na Rádio Guaíba. Eu voltei com a camiseta e dei para o meu filho, que era “gremistão”, mas digo, foi um troço assim fantástico, maravilhoso. Isso foi uma das melhores coisas que aconteceu no rádio para mim (ANDRADE, 2015).

Orestes de Andrade (2010) recorda também de uma partida que o marcou, quando atuava pela Rádio Sepé Tiaraju, em 1979, que foi o primeiro jogo da decisão do Campeonato Brasileiro, entre Internacional e Vasco, no Maracanã, que, depois, marcou o tri-ínvicto do Inter. Segundo Orestes, naquele tempo, uma rádio do interior transmitir um jogo daquela magnitude era uma verdadeira epopeia. Recorda que, ao seu lado, estavam as equipes da Rádio Gaúcha e da Guaíba. O fato, segundo ele, repercutiu enormemente em Santo Ângelo e foi marcante em sua trajetória como narrador. Sobre seu estilo, Orestes é enfático, o que realmente lhe importa é a emoção. E isso vale tanto para um jogo da Série C, quanto para a disputa de um título mundial. “Tu tens que fazer o ‘jogo ruim’ ficar bom para o ouvinte, para o ouvinte achar que tu estás num baita de um jogo, entende, porque valoriza a participação do ouvinte e o teu trabalho também” (ANDRADE, 2015). Tecnicamente, Orestes afirma que não é “de muitas palavras”, e que não possui um vocabulário recheado. Acredita que se adaptaria bem numa rádio que use efeitos sonoros, como no Rio de Janeiro, por exemplo, pois lhe agradam as palavras diferentes, brincadeiras e *jingles*.

**Figura 23** – Orestes narra pela Guaíba em 1996



Fonte: Fonte: Jornal Correio do Povo<sup>155</sup>, Porto Alegre, 8 abr. 1996. p. 24.

Recentemente, na Rádio Guaíba, ainda na chefia de Luiz Carlos Reche, que, em 2014, deixou a emissora, houve a inserção de trilhas características para cada um dos narradores. As trilhas foram produzidas, na época, por Bene Baruke, diretor artístico, que atuou em várias emissoras de rádio e televisão de São Paulo, ao lado

<sup>155</sup> Acervo: Ciro Götz (1996).

de profissionais como Cléber Machado, atualmente narrador da TV Globo. A trilha do narrador “Orestes de Andrade, o Galo Missioneiro”, era reproduzida em todas as jornadas esportivas da emissora. Da mesma forma, foram produzidas trilhas para os narradores Mário Lima, “Mário Lima, o amigo da Galera”, e Marcos Couto, “O Gigante do Vale”. Atualmente, as trilhas não são mais utilizadas na programação esportiva da Guaíba.

Uma das principais características de Orestes é a sua narração rápida, porém, o narrador considera que, com o tempo, foi diminuindo a intensidade, até mesmo pela sua idade e pela necessidade de cuidados com o uso da voz. Orestes é conservador, no sentido de que, segundo entende, cada integrante da jornada deve obedecer suas respectivas funções.

Mas a minha característica sempre foi de velocidade, poucas palavras, mas com um detalhe: eu não opino, não opino se “esse jogador” está bem. Opino, “a partida está boa, o time está jogando pela esquerda, pela direita”. Essas coisas eu não tenho nada a ver. Tem que ser o comentarista que deve fazer. Eu não opino sobre os negócios de lances na área. Foi pênalti, eu digo, foi pênalti, mas dou para o repórter, que é o cara que está mais perto, está do lado da goleira, apesar de que hoje, os caras quase não deixam que se fique mais nas goleiras, né? Mas o meu objetivo é narrar. A opinião eu deixo para o comentarista, os lances complicados na área, eu deixo para os repórteres. Então, o meu negócio é narrar. Eu peço a opinião do comentarista na jogada complicada, num troço assim, para ver quais são os estilos de jogo, quem tem mais posse de bola, etcetera e tal, mas eu não falo. Eu não gosto. Não tem jeito. Assim como eu tenho certeza de que jamais teria tino para ser repórter ou comentarista. Eu não tenho aptidão nenhuma para fazer isso aí. É narrar, no negócio é narrar (ANDRADE, 2015).

Orestes não é dono de bordões, porém, a característica mais marcante de sua narração é o grito de gol intenso e longo.

Um dia, foi num gol do Internacional, um gol maravilhoso, um gol que foi uma decisão, e eu alonguei, entende, eu alonguei, alonguei, alonguei, aí, daqui a pouco e me dei conta, “mas vou parar de falar”. Alonguei, e aí os caras contaram: deu 40 segundos. E eu digo, meu Deus, e daí o pessoal gostou. Tipo, pô, interessante isso, porque, a maioria dos narradores, cada um tem um chavão (ANDRADE, 2015).

Durante 15 anos, Orestes de Andrade foi o segundo narrador da Rádio Guaíba, até a saída de Haroldo de Souza, em 2010. Nesse ano, participou de uma das suas mais importantes coberturas esportivas da carreira, que foi da participação do

Internacional no Mundial de Clubes da FIFA<sup>156</sup>, em Abu Dhabi, nos Emirados Árabes. Na companhia dos repórteres Luiz Carlos Reche e Ernani Campelo, e do técnico de externas Paulo Semensato Filho, cobriu a derrota do Inter para o Mazembe, por 2 a 0, nas semifinais, e a decisão do terceiro lugar, em que o Internacional venceu o Seongnam, da Coreia do Sul, por 4 a 2, no Estádio *Zayed Sports City*, em 18 de dezembro de 2010.

**Figura 24 – Orestes de Andrade (2010)**



Fonte: Vozes do Rádio (2010)

Orestes de Andrade, o “Galo Missioneiro”, apelido recebido em função de sua origem, divide o microfone da Rádio Guaíba com os narradores Mário Lima, Marcelo Cardoso e, com o recém contratado, Marco Antônio Pereira. Este trabalho analisa a vibrante narração de Orestes de Andrade em dois jogos, com uma diferença de 20 anos. O primeiro, Olimpia do Paraguai e Grêmio, de 1995. O segundo jogo, Brasil e Venezuela, de 2015, válido pela segunda rodada das Eliminatórias da Copa do Mundo da Rússia.

A próxima história trata de um narrador que se consolidou, principalmente, a partir dos anos 1990, e teve o “complicado” papel de substituir Armindo Antônio Ranzolin no microfone principal da Rádio Gaúcha. É Pedro Ernesto Dernardin, dos gramados da reportagem à cabine de rádio.

---

<sup>156</sup> Na final, Internazionale, da Itália, venceu o Mazembe, do Congo, por 3 a 0 e conquistou o título. Fonte: FIFA.com

#### 4.6 Pedro Ernesto Denardin: É Demais!

Entrevistado<sup>157</sup> na Rádio Gaúcha em março de 2015, o principal locutor da emissora, Pedro Ernesto Denardin, declarou: "Eu não sei fazer mais nada, eu só sei narrar". Pedro Ernesto começou a sua carreira em 1974. De acordo com Ferraretto (2007), após a saída de Haroldo de Souza da Rádio Gaúcha, Pedro Ernesto tornou-se, no início dos anos 1990, o segundo narrador da emissora, atrás de Armindo Antônio Ranzolin.

Denardin foi preparado para assumir, mais tarde, essa posição. "É demais" trata-se de seu principal bordão, que é dito toda a vez que Pedro Ernesto quer ressaltar o grau de importância de um lance ou de algum acontecimento durante o jogo narrado. Em 2011, Denardin publicou o livro intitulado "10 Copas: 'É Demais!!!'", onde conta "causos" da trajetória em mundiais, dos quais, narrou duas finalíssimas, Brasil e França, em Paris, em 1998, e Brasil e Alemanha, em Yokoroma, no Japão, em 2002. Conforme entrevista concedida à Zero Hora (2015), o locutor conta como foi sua caminhada antes de chegar ao rádio esportivo.

Cresci no bairro da Glória. Fiz o primário no Ginásio São Luiz, ao lado do presídio feminino, e o ginásio, no Assunção, até o quinto ano, quando fui o Colégio Militar. Mas, aos 15 anos, parei de estudar. Aluguei uma carroça e fui trabalhar, vendia verduras. Coisa de guri, não queria nada com nada. Quando completei 18 anos, fiz meu pai comprar uma Kombi lotação da linha Teresópolis. Fazia 15 viagens por dia, ida e volta ao centro. Um ano depois, compramos outra. Acabaram as lotações e nos deram duas placas de táxi. Comecei a trabalhar na praça. Narrava futebol desde os três anos, no banheiro. O Borghetinho tinha uma gaita desde os três anos. Eu tenho a narração. Decidi com sete, oito anos que seria narrador. Tem duas coisas que aprendi a ouvir no rádio: o tradicionalismo, com a minha mãe, que escutava todos os dias os programas do Teixeira e do Zé Mendes, e o futebol, com meu pai (DENARDIN, 2015).

Nascido em 6 de dezembro de 1950, em Porto Alegre, em 1973, Pedro Ernesto participou de um concurso na Rádio Gaúcha, onde disputou com 32 concorrentes, uma de duas vagas para a emissora. Ele e Newton Azambuja foram aprovados e, segundo conta, na sequência, apenas Azambuja permaneceu. Ainda em 1973, foi trabalhar na Rádio Farroupilha. Seis meses depois, voltou para a Rádio Gaúcha, onde permaneceu até o ano de 1984, quando participou do projeto da Rádio Sucesso.

---

<sup>157</sup> Ouvir em: <http://gaucha.clicrbs.com.br/rs/noticia-aberta/e-demais-conheca-as-historias-de-pedro-ernesto-denardin-133481.html>

Durou pouco tempo. É que a gente estava com pouca oportunidade aqui na rádio (Gaúcha) e surgiu uma proposta via Roberto Franchini, que era dono de uma agência de propaganda importante que tinha aqui, a Símbolo, para fazer na Rádio Sucesso, que era do Cascalho e do Noé Cardoso. Nós fomos para lá. Era eu, o Wianey, o João Garcia, o Nilton Azambuja e o Paulo Mesquita. Nós cinco é que comandávamos o processo. E a gente tentou fazer futebol. Fizemos até com algum sucesso, só que a rádio não entrava na Azenha. Ela tinha dificuldades técnicas. Nós conseguimos sobreviver quase um ano lá. Foi um processo bem interessante. Eu me lembro que nós conseguimos até 67 clientes num determinado momento. Porque cliente é fundamental. A rádio é comercial, se tu não tiver tu não vai adiante. Foi um negócio interessante, só que depois teve dificuldade e nós fomos para a Bandeirantes. Aí eu fiquei quatro meses na Bandeirantes e voltei pra cá (Gaúcha), o Garcia continuou lá e o Wianey foi para a Guaíba (DENARDIN, 2001).

Pedro Ernesto, ressalta, começou como narrador de futebol. Porém, exerceu a função de repórter de campo durante algum tempo. Foram, segundo ele, oito anos como repórter da Rádio Difusora. Ele garante que a experiência na reportagem foi fundamental para a sua narração.

Ah, eu acho que essa passagem pela reportagem foi muito boa, porque te dá uma série de oportunidades de conhecer um pouco melhor, né, como é que é o bastidor do futebol, como é que as coisas funcionam. Claro que hoje tem muita coisa mudada, mas eu ainda uso muita coisa que eu aprendi naquela época. Acho que foram anos muito produtivos e que me ajudam muito (DENARDIN, 2015).

Na Rádio Gaúcha, Pedro Ernesto chegou a fazer reportagem em jogos narrados, por exemplo, por Haroldo de Souza, ano que seria o último do narrador na Gaúcha, pois, em 1991, seria contratado pela Guaíba. Um dos jogos mais importantes que Denardin participou ao lado de Haroldo, foi o clássico Gre-Nal do dia 29 de julho de 1990. No estádio Olímpico, o Grêmio goleou o Internacional por 4 a 1, na última rodada, e conquistou o hexacampeonato do “Gauchão”. Pedro Ernesto, nessa partida, ficou localizado atrás da goleira, à esquerda das cabines de rádio e televisão, e descreveu o primeiro gol gremista daquela tarde, enquanto, à direita de Haroldo de Souza, o outro repórter escalado foi Antônio Carlos Macedo<sup>158</sup>. Naquele tempo, era permitida a presença da reportagem de rádio atrás das goleiras. Atualmente, há uma

<sup>158</sup> “Antônio Carlos Macedo, 60 anos, formou sua trajetória entre o esporte e o jornalismo. No futebol, apesar da cobertura de diferentes Copas do Mundo, o momento mais marcante, segundo ele, foi na Olimpíada de 1992. Lá, viu a primeira medalha de ouro brasileira em um esporte coletivo. O jornalismo começou quando foi convidado a assumir o Gaúcha Hoje, mas com uma condição: largar a área de esportes. Compromisso aceito e o radialista está há 13 anos no comando do programa matutino”. Fonte: Coletiva.net.

série de restrições e, no caso do Rio Grande do Sul, o controle é feito pela Associação dos Cronistas Esportivos do Rio Grande do Sul, a Aceg. Naquele Gre-Nal, de número 305 na história do confronto entre os clubes, Haroldo de Souza iniciou narrando o lance do primeiro gol e Pedro Ernesto descreveu da seguinte forma:

- Nilson descendo, o Grêmio tentando chegar na extrema direita, pelo meio de três, embolou, é falta, aponta o árbitro./ Corre Renato Marsiglia e determina uma falta perigosa conta o goleiro Maizena, do seu lado, Pedro!//  
- No meio de três, ele fazia a jogada individual, passou por dois./ No terceiro, que era o Luís Fernando, que deu o carrinho./ A falta bem marcada em cima pelo árbitro gaúcho da FIFA, Renato Marsiglia./ O Grêmio cobra, é perigo!/ Darci está ali./ Também o lateral Fábio, não, não, não, é o Paulo Egídio que tá por ali./ Quem é o outro lá?/ É Assis, Assis, que agora, é o cobrador oficial de faltas para o time do Grêmio!//

Haroldo de Souza então narrou o gol, que aconteceu na cobrança de falta de Assis, aos cinco minutos de partida do primeiro tempo. Logo após a narração do gol marcado pelo meio-campista do Grêmio, Pedro Ernesto (1990) descreveu o lance “Olha, a cobrança de falta, do bico da grande área pelo Assis./ O goleiro Maizena colocou a barreira, e deu em curva...//”.

Em 1995, Armindo Antônio Ranzolin fez a sua despedida das narrações de futebol no rádio. A última decisão por ele narrada, foi entre Grêmio e Ajax, no Japão, em dezembro daquele ano, pela Copa Intercontinental. Antes disso, Pedro Ernesto, que já narrava outros jogos, tinha uma atuação efetiva como locutor em outros duelos de Grêmio e Internacional, participou de uma importante cobertura, durante as semifinais da Copa Libertadores de 1995. Classificado para as finais, após eliminar o Emelec, do Equador, o Grêmio aguardava o adversário na decisão, que sairia do confronto entre River Plate, da Argentina, e Nacional, da Colômbia. Pedro Ernesto Denardin foi o enviado especial que acompanhou esse jogo, que acabou sendo decidido nos pênaltis, com destaque para o goleiro René Higuita, que, com o próprio clube colombiano, já havia conquistado a Libertadores, de forma inédita para a Colômbia, em 1989, que, na final, havia derrotado o Olimpia, do Paraguai. Pois, no dia 16 de agosto de 1995, Pedro Ernesto acompanhou, no Estádio Monumental de Nuñez, em Buenos Aires, a vitória colombiana por 8 a 7, nos pênaltis.

7 a 7, sete cobranças./ Preparado Almeida./ Almeida, foi para a bola, atirou.../ De-fen-deu, René Higuita!/ Defendeu, Higuita, que pode ser, mais uma vez, colocado como herói colombiano./ Número 13, Foronda, para a cobrança. Atenção!/ O Nacional pode ser adversário do Grêmio!/ Basta o Foronda acertar!/ Expectativa total!/ Dramatismo absoluto!/ A Gaúcha conta, com exclusividade, aqui no Monumental de Nuñez!/ Foronda vai para a cobrança,

se fizer dá Nacional!// Foi para a bola, atirou, gol!// Gol, gol, gol, gol, gol, gol, gol, gol, gol, gol do Nacional!// O Grêmio tem o Nacional, na fase final da Copa Libertadores da América!//

Na cobertura exclusiva feita pela Gaúcha, em 1995, Pedro Ernesto Denardin já indicava que estava “pronto” para assumir o posto de Armindo Antônio Ranzolin. E foi o que aconteceu, a partir de 1996. Ranzolin continuou na RBS, porém, cumprindo outras funções de coordenação, enquanto Pedro assumiu, em definitivo, a titularidade da narração na emissora. No ano de 1996, já vieram as grandes decisões, como por exemplo, do Campeonato Brasileiro de 1996, entre Grêmio e Portuguesa. Foi quando também narrou o clássico Gre-Nal 330, que foi o seu primeiro de 76 até 2015, e que terminou empatado por 1 a 1. Pedro Ernesto Denardin passou a narrar as decisões de campeonatos de todas as espécies, nacionais, regionais e internacionais, que estivessem envolvendo Grêmio ou Internacional. Assim foi, no restante da década de 1990, com o Grêmio na final da Copa do Brasil, em 1997, no Maracanã, contra o Flamengo, o título do Campeonato Gaúcho, conquistado pelo Internacional, diante do Grêmio, no mesmo ano. Em 1998, Pedro Ernesto narrou sua primeira decisão de Copa do Mundo, que marcou a derrota do Brasil, na final, contra a França. Em 1999, seguiu acompanhando os passos da Seleção Brasileira e de Grêmio e Inter, e finalizou a década mais do que consolidado como um dos grandes nomes da narração de futebol no rádio de Porto Alegre. Em algumas ocasiões, como no ano de 1999, por exemplo, Marco Antônio Pereira narrou uma das partidas de ida da decisão do Campeonato Gaúcho. Porém, os jogos de definição passaram a ser, sempre, de responsabilidade de Pedro Ernesto Denardin.

Apesar de ter atuado profissionalmente com Armindo Antônio Ranzolin e Haroldo de Souza, as principais influências da narração de Pedro Ernesto foram Mendes Ribeiro e Pedro Carneiro Pereira.

O Mendes Ribeiro foi o primeiro. Depois veio a fase do Pedro Pereira. São os caras com quem mais me identifiquei. Até guardo semelhança. Havia ainda Ataíde Ferreira, Euclides Prado, Antônio Carlos Resende. Depois veio o Armindo Antônio Ranzolin, mas nunca fui identificado com ele. Até porque nessa época já estava trabalhando (DENARDIN, 2015).

Denardin considera o seu tipo de narração descritiva e emotiva, com voz potente, capacidade de improviso e muito conteúdo. Para ele, conteúdo é fundamental para o narrador.

Pouca influência eu tive do Ranzolin, mesmo porque ele é muito diferente de mim. Eu não estou dizendo que ele é pior ou melhor, estou dizendo que ele é ótimo, só que muito diferente de mim. Eu sou muito mais ousado na linguagem, etcetera, etcetera, e o tipo de narração que eu tenho, lembra muito mais o Mendes Ribeiro, lá na Copa de 1958, quando ele fazia algumas frases, como eu tento fazer hoje, eu acho que está muito mais perto do Mendes Ribeiro. Eu acho que o narrador precisa ter ritmo de narração. Voz ajuda e muito conteúdo. Acho que com conteúdo, a gente vai longe. E por isso que a ideia de estar no Sala de Redação, onde eu preciso ter conteúdo, onde eu preciso ter informação, ou do Andrezinho, que vai ser o nosso editor olímpico, que vai fazer um outro tipo de reportagem, e tudo isso ajuda no conteúdo, e tudo isso é muito utilizado na narração. Também não produzo texto porque cada abertura de jornada tem uma característica. Cada jogo tem uma característica. Está chovendo, não está chovendo, tem público, não tem público. O juiz chegou, aconteceu alguma coisa, então, tudo tem diferenças. Então eu não escrevo e faço tudo de improviso. Eu parto do princípio que não há jogo igual, que não há jogada igual, então eu não tenho muita coisa pronta assim. O que caracteriza minha narração, é ver o que é que está acontecendo, e tentar descrever exatamente aquilo que está acontecendo, porque as coisas, após 43 anos narrando futebol, elas continuam diferentes, de jogo para jogo (DENARDIN, 2015).

**Figura 25** – Equipe da Gaúcha em 1996



Fonte: Revista Gool<sup>159</sup>, Porto Alegre, 1996. p. 37.

Um dos jogos mais importante da carreira de Pedro Ernesto, ocorreu no dia 9 de agosto de 2006, na primeira partida decisiva que marcou o início da conquista do primeiro título da Copa Libertadores da América, pelo Sport Club Internacional. Aos

<sup>159</sup> Acervo: Ciro Götz (1995).

16 minutos do segundo tempo, Rafael Sobis marcou o segundo gol colorado, o que provocou Pedro Ernesto a proferir frases como “o Inter rasga a camisa do São Paulo, e pisa em cima dela!”. Porém, o termo que, segundo Pedro Ernesto, “ficou”, aconteceu logo após o encerramento do emocionante grito de gol, quando, por três vezes, ele disse “é demais, é demais, é demais!”. Apesar de nunca ter tido e ainda não tem uma preocupação em criar bordões, o fato é que, de um momento completamente improvisado, na base da emoção, criou um jargão que, há quase uma década, passou a fazer parte de sua narração, o “É demais!”.

Em 2010, o Internacional voltou a enfrentar o São Paulo, pela Libertadores, porém, na fase semifinal. No dia 5 de agosto, o Inter acabou sendo derrotado pelo placar de 2 a 1, mas, como havia vencido a primeira por 1 a 0, na partida e ida, além de garantir vaga direta como representante sul-americano no Mundial de Clubes da FIFA, em Abu Dhabi, pois enfrentaria o Chivas Guadalajara, do México, na decisão, mais uma vez, o Inter deixou o São Paulo para trás. O argentino D'Alessandro, em uma cobrança de falta, empatou o jogo no Morumbi, aos 7 minutos do segundo tempo. Pedro Ernesto não se conteve e, como em 2006, repetiu a dose no grito de gol “...o Internacional, outra vez, faz gatos e sapatos com o São Paulo... Inter, Inter, Inter, tu é demais! Eu te quero em Abu Dhabi, Inter!”. Atualmente, Pedro Ernesto Denardin é supervisor do departamento de esportes da Rádio Gaúcha e apresentador do programa Bate-Bola da TVCOM e colunista do jornal Diário Gaúcho. Comandou o Show dos Esportes durante muitos anos e está à frente do clássico programa Sala de Redação, criado por Cândido Norberto, como descrito no capítulo *Os Narradores Desbravadores*.

A Rádio Gaúcha, que já havia iniciado uma grande virada nos índices de audiência do rádio gaúcho, desde o final dos anos 1970, na segunda década dos anos 2010, conquistou a supremacia. E isso se deve muito às transmissões, inclusive, com exclusividade para o estado, de competições como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos. Para 2016, por exemplo, já está sendo anunciada na programação, a todo momento, que a Gaúcha cobrirá as Olimpíadas do Rio de Janeiro, de forma exclusiva. Durante a Copa das Confederações do Brasil, em 2013, e na Copa de 2014, o panorama foi o mesmo, contando ainda com o negativo fato para a trajetória da Rádio Guaíba, sua maior rival, que, pela primeira vez, ficou de fora das transmissões de uma Copa, justamente no Brasil.

**Figura 26 – Equipe<sup>160</sup> da Rádio Gaúcha em 2010**



Fonte: Rádio Gaúcha (2010)

E Pedro Ernesto Denardin segue como o principal narrador da Rádio Gaúcha em 2016. O quadro de narradores da emissora apresenta, atualmente, além de Denardin, os narradores André Silva, Sérgio Boaz, Gustavo Manhago<sup>161</sup> e Marcelo De Bona<sup>162</sup>. Como já descrito no início deste capítulo, Marco Antônio Pereira, demitido pela Rádio Gaúcha, faz com que as apostas, neste instante, sejam feitas, principalmente, em relação a André Silva. Sérgio Boaz, há pelo menos mais de duas décadas, narra jogos de futebol de forma eventual. Conforme Pedro Ernesto, a exigência para os narradores de futebol, atualmente, é de que sejam mais do que apenas locutores.

É, o que não pode mais é o narrador ser só narrador, né, trabalhar uma vez por semana. Isso já está complicando um pouco porque tu tens que ter mais atividades. O André está se tornando narrador da rádio, e está indo muito bem. Há um projeto todo para que a gente dê apoio a ele, dê continuidade a esse processo. Mas a gente não quer que ele seja aquele narrador que só narra, que não faz mais nada, né? O André tem um grande conhecimento

<sup>160</sup> Ruy Carlos Ostermann, Pedro Ernesto Denardin, Jean Pierre e Cezar Freitas na cabine de transmissão da Rádio Gaúcha durante o jogo Portugal x Brasil, no estádio Moses Mabhida, em Durban.

<sup>161</sup> “Gustavo Manhago atua como jornalista esportivo há mais de 20 anos e recentemente ocupou os cargos de gerente de esportes e narrador na RBS TV e TVCOM”. ZERO HORA (2015). Ver: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2015/12/gaucha-apresenta-dois-novos-narradores-no-sala-de-redacao-4927492.html>.

<sup>162</sup> “Marcelo De Bona foi coordenador de jornalismo nas Gaúchas Zona Sul e Serra nos últimos dois anos, além de ser apresentador do Gaúcha Hoje e do Chamada Geral Primeira Edição em Caxias do Sul. Ele é um dos finalistas do concurso de narração do canal SporTV”. ZERO HORA (2015). Ver: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2015/12/gaucha-apresenta-dois-novos-narradores-no-sala-de-redacao-4927492.html>.

olímpico, de futebol e tal. Ele vai ser o editor dos Jogos Olímpicos, que vão acontecer agora, no ano que vem, no Rio de Janeiro. Então nós temos uma atividade muito mais ampla do que ser apenas narrador, mesmo porque tudo isso gera informação, e o narrador informado é muito melhor do que o que não está informado (DENARDIN, 2015).

**Figura 27 – Marco Antônio e Pedro Ernesto<sup>163</sup> (2014)**



Fonte: Jornal Zero Hora, Porto Alegre, 28 set. 2014. p. 58.

Para Pedro Ernesto, a história da narração de futebol no rádio pode ser contada através de um ciclo de narradores. Ele destaca nomes como Guilherme Sibemberg, em um primeiro momento, na década de 1940, “quando tudo começou”. A sequência para Denardin apresenta a consagração de Cândido Norberto, em seguida Mendes Ribeiro, Pedro Pereira, e, por fim, Armindo Antônio Ranzolin. São esses os narradores considerados, por Pedro Ernesto, como os grandes narradores da história do rádio porto-alegrense, e, por consequência, do rádio esportivo do Rio Grande do Sul.

Foram escolhidos três momentos para a análise da carreira de mais de 40 anos de Pedro Ernesto. O primeiro, em 2002, em um duelo de Copa Libertadores, entre Grêmio e Oriente Petrolero, da Bolívia. Depois, será analisado o comando de Pedro Ernesto durante a decisão do Mundial de Clubes da FIFA, entre Inter e Barcelona, no

<sup>163</sup> A ilustração integra a coluna de Diogo Olivier, “No Ataque”, em que no texto de 28 de setembro de 2014, intitulado “Os narradores”, faz referência ao livro “Que lance!”, de Celestino Valenzuela, relacionando com a narração de futebol no rádio, pelos domingos. Levando em conta os narradores da “casa”, Olivier declara que “não se vive sem médico, professor e o gol em prosa”.

ano de 2006. E, por fim, este trabalho avalia o desempenho de Pedro Ernesto, no duelo entre Grêmio e Santos, na Arena, em 2015, pelo Campeonato Brasileiro.

O panorama da narração de futebol não para nos nomes citados por Denardin. Na verdade, segue em processo de renovação contínua. E um dos responsáveis por essa renovação é o narrador da Bandeirantes Daniel Oliveira, descritivo, criativo e capaz de imprimir um alto grau de emoção em suas transmissões.

#### 4.7 Daniel Oliveira: precisão, emoção e criatividade

Daniel Oliveira é o principal narrador da Rádio Bandeirantes, de Porto Alegre. Atuou como repórter e, aos poucos, tornou-se locutor, definitivamente. Técnico, Oliveira também possui entonação e timbre voltado para destacar a emoção de forma enfática durante as transmissões. Nascido em 13 de outubro de 1974, em Porto Alegre, Oliveira é filho do jornalista Luiz Carlos Oliveira<sup>164</sup>, o “Sapinho”, que faleceu em fevereiro de 2015, aos 73 anos. Oliveira, conforme relata, começou cedo no rádio, acompanhando o trabalho do seu pai, que atuava na Rádio Guaíba. Em função da ausência de seu pai nos finais de semana, Oliveira acompanhava o desempenho de “Sapinho” bem de perto. Segundo Daniel Oliveira, nesse período, por volta dos 10 anos, começou a tomar gosto pelo rádio. Quando garoto, costumava jogar botões, e narrava sozinho, como se fosse um locutor. Porém, foi na adolescência que o sonho de ser narrador realmente “amadureceu”.

Aí o que é que aconteceu, a Gaúcha fez um concurso, que era “o narrador do futuro”, eu acho que foi em 93 esse concurso, ou 92. Eu fui fazer o concurso porque eu queria o seguinte: eu queria só passar da primeira etapa, que era, tu mandavas uma fita. Se os caras te aprovassem, tu irias para a cabine narrar um jogo. E eu só queria saber como era transmitir um jogo na cabine. Eu só queria ver como seria assistir um jogo de uma cabine do estádio. E aí, eu passei nessa etapa. Pela idade da etapa que eu tinha que me inscrever, tinham muitos caras profissionais, muita gente já trabalhando. Então eu fui lá, fiz a etapa, não ganhei o concurso, mas eu ganhei uma menção honrosa na minha categoria. Passados uns seis meses, o Ruy Carlos Ostermann fez um curso de comentarista esportivo, né, na Gaúcha. E eles queriam um cara para narrar e eu comecei a narrar. Eu ia lá e narrava, assim, e ia para o jogo. Era um gravador e tal, fazia a narração e testava os caras que estavam comentando. Eu chamava os caras, e eles vinham com os comentários, com as opiniões deles e tal (OLIVEIRA, 2015).

<sup>164</sup> Luiz Carlos Pires de Oliveira, nascido em Porto Alegre no mês de novembro de 1941, foi narrador de futebol, atuou como locutor, repórter e redator. Sua trajetória tem passagens em emissoras como Metrópole, Farroupilha, Continental, Difusora (Bandeirantes) e Guaíba. Foi jornalista da Folha da Tarde e atuou na televisão. Seu último trabalho foi no jornal A Voz do Amador. Fontes: Vozes do Rádio (2004) e Papo Final (2015), “Luto: morre Luiz Carlos Oliveira, o ‘Sapinho’”.

Já cursando a faculdade de engenharia elétrica, Daniel Oliveira conseguiu um estágio na TVE. Certo dia, conforme conta, estava passando um jogo “qualquer” na TV e, entre o intervalo de um programa e outro, Daniel começou a “brincar” narrando.

[...] e os caras me disseram, “pô, mas tu consegues falar rápido e tal”, e pá, pá, pá. “Pô, eu vou te apresentar para o Torves”, o José Carlos Torves, que era o chefe, na época, da TVE. Eu digo, pô, beleza, me apresentaram o Torves, que me botou no estúdio e disse “me narra um lance aí”, e eu narrei, e ele me disse, “a gente faz as filmagens dos jogos do Aimoré”, na época, né, porque eles tinham uma parceria. Não me lembro muito bem com quem que era, que eles tinham de fornecer imagens e eles ganhavam depois umas outras imagens. Aí, “vai lá e narra o jogo, daí a gente já utiliza aqui na programação, com a tua narração e tal”. Aí eu comecei a narrar na TV, mas eu gostava do rádio. A partir dali, cara, eu fiquei um ano na TVE, aí eu comecei a questionar assim, “pô, eu estou fazendo engenharia, será que é realmente o que eu quero? Quem sabe eu vou trabalhar em rádio”. Conversei com o meu pai, e ele me disse, “mas não larga a engenharia. O jornalismo não vale à pena. É uma carreira complicada. Não larga o certo pelo incerto” (OLIVEIRA, 2015).

Após um ano de estágio, conforme conta Daniel Oliveira, não houve a renovação. Porém, em seguida, a RBS iniciou um projeto da AM 1120 para transmitir o campeonato municipal de futebol de salão. Daniel Oliveira começou a narrar e permaneceu atuando durante um ano. Ao final do projeto, Oliveira foi para a Rádio Bandeirantes, onde prestou um novo estágio, narrando futebol também. Naquele período, segundo ele, havia uma parceria com o São José. Além de narrar, Oliveira reportava e fazia o setor do Zequinha durante a semana e a locução dos jogos, nos finais os sábados ou domingos. Após mais um ano de estágio, surgiu, então, a oportunidade de trabalhar na Rádio Guaíba, no final da década de 1990. A decisão de trabalhar na Guaíba, segundo Oliveira, “pesou”, principalmente, pela questão financeira. Enquanto na Bandeirantes Oliveira recebia uma ajuda de custo, conforme seu contrato de estágio, na Guaíba, teria a oportunidade de receber um salário, com contrato profissional e a chamada “carteira assinada”.

A minha condição na Guaíba como narrador, o meu começo, embora eu tivesse pedido para narrar e esse meu pedido nunca tivesse sido atendido, foi quando, na abertura do Campeonato Brasileiro, eu não lembro se foi 98 ou 99, acho que foi 98, o campeonato abriu com um Gre-Nal, e o Haroldo de Souza perdeu a voz. Ele ia fazer esse Gre-Nal e iria se licenciar para concorrer à câmara municipal. Ele abriu a jornada e, a sete minutos, ele perdeu a voz, e eu narrei o jogo. E, a partir dali eu comecei a ter um pouco mais de sequência. Depois “esfriou”, daí comecei a narrar futebol de salão, aí fui baixando. Comecei a narrar futebol de salão, aí, depois, o Milton Jung voltou a narrar, o Reche contratou o Mário Lima e tal, e eu fiquei sem narrar.

Eu não tinha mais o que fazer lá. E eu não gostava de ser repórter, eu nunca gostei de ser repórter (OLIVEIRA, 2015).

O narrador Mário Lima, naquele período, em que a chefia de esportes da emissora já estava a cargo de Luiz Carlos Reche, justamente estava trocando de emissora. É o que possibilitou a abertura de uma vaga para narrador e a chance de sequência que Daniel Oliveira tanto buscava para narrar futebol.

E aí um dia o Meneghetti<sup>165</sup> e o Nando me ligaram, “olha, pô, o Mário Lima está saindo da Bandeirantes e tal. Te agrada a possibilidade?”. O Mário Lima estava aqui, saiu, e foi para a Guaíba. E quando ele chegou, eu fiquei com ele mais um mês ainda. E aí se abriu a possibilidade de contratar um narrador. Veio um cara narrar aqui, mas eles não gostaram, pá, pá, pá, e eles me ligaram. “Que tu achas, vai ter uma reunião hoje, e a gente vai sugerir o teu nome”, e eu digo, “então sugere que não tem problema, se aprovar, eu vou”. “Tá, mas tu vais sair, mesmo?”, e eu digo, “eu saio, se abrir a possibilidade e quiser me contratar, eu estou fora da Guaíba. Me desligo amanhã”. E aí eles sugeriram o nome. O Jorge Seadi<sup>166</sup>, na época era o diretor aqui, depois da reunião me ligou e disse, “olha vem conversar comigo”. Vim aqui e conversei com ele, e aí encaminhei minha vinda para cá (OLIVEIRA, 2015).

**Figura 28 – Equipe de esportes da Rádio Guaíba (1999)**



Fonte: CD Grêmio Imortal Tricolor. Rádio Guaíba. 1999. USA Discos.

Ao ser contratado pela Rádio Bandeirantes, Daniel Oliveira se firmou como narrador e, logo em seguida, se tornou o titular da emissora. Segundo conta, seu

<sup>165</sup> Leonardo Meneghetti é diretor regional da Rede Bandeirantes no Rio Grande do Sul. Em 2015, chamou atenção pelo fato de ter assumido publicamente sua preferência pelo Internacional, onde, como até agora se verificou neste estudo, é um fato “raro”. De todos os profissionais estudados ou referidos, apenas Milton Ferretti Jung sempre admitiu o fato de ser torcedor do Grêmio.

<sup>166</sup> Na época, Jorge Seadi Jr. era o coordenador de esportes da BAND/RS. Em 2007, se transferiu para a TV Record, no Rio Grande do Sul e foi substituído por Ribeiro Neto. Fonte: Revista Press (2007).

primeiro jogo foi uma transmissão por “tubo”, de um compromisso da Seleção Brasileira. Bira Valdez<sup>167</sup>, diretor geral do Grupo Bandeirantes no Rio Grande do Sul, na época, ficou entusiasmado com a narração de Daniel Oliveira, conforme relembra. A chegada oficial do narrador na Bandeirantes aconteceu no ano 2000, onde permanece dividindo a narração com José Aldo Pinheiro e Marcos Couto.

Um das principais características do estilo de narração de Daniel Oliveira é a fala rápida, ágil. E uma de suas principais inspirações foi o narrador Haroldo de Souza, de quem foi colega de emissora em 2010, pouco tempo depois de Souza ter trocado a Guaíba pela BAND. Porém, Oliveira afirma que tem dificuldade em definir quais são os narradores em que se espelhou, por um motivo: a sua voz. Segundo ele, o seu timbre de voz é “diferente”. Para Oliveira, o narrador com a voz “mais bonita” do rádio, com o melhor grito de gol, e com o comando de jornada, segundo afirma, “espetacular”, foi Armindo Antônio Ranzolin.

Eu me criei ouvindo o Ranzolin. E, é claro, ouvia por tabela o Haroldo, junto, e gostava do estilo do Haroldo de Souza. Só que aí, eu me espelhei em qual aspecto, comando de jornada. Eu busquei conhecer um pouco mais o comando de jornada, e nisso o Ranzolin era imbatível, né? Hoje, o Pedro Ernesto é um baita comandante de jornada também. Então, eu acho que eu fui mais nessa linha, assim, pegando esses caras que tinham no forte, não só a narração, mas comando de jornada e, neles, eu me passei a espelhar um pouco mais (OLIVEIRA, 2015).

Sobre a questão da sua voz, Daniel Oliveira avalia que não teria a mínima chance de se tornar narrador, caso tivesse sido contemporâneo de outros profissionais, durante os anos 1970, por exemplo.

Eu não tenho um vozeirão, e eu estou bem consciente quanto a isso. Eu sei que se fosse antigamente, eu não teria a menor chance de trabalhar em rádio. Como hoje mudou um pouco a questão da voz, tu não precisas mais ter aquele vozeirão, algumas coisas facilitam, como a dicção, a clareza naquilo que tu falas, uma voz mais limpa, e uma narração que eu busco, é que falar do seu próprio trabalho é meio complicado (OLIVEIRA, 2015).

Daniel Oliveira se considera um narrador criativo. E algumas passagens de sua trajetória indicam realmente isso. Oliveira cita, por exemplo, o primeiro título

---

<sup>167</sup> Ubirajara Leme Valdez, conhecido como Bira Valdez, nasceu no Rio de Janeiro, em 14 de janeiro de 1953, e faleceu em São Paulo, no dia 23 de junho de 2005, devido a um enfarte. Foi jornalista e apresentador de televisão. Atuou nas rádios Gaúcha, Difusora e Guaíba. Apresentou o Jornal do Almoço, da RBS, durante 12 anos. Foi proprietário de empresa. Versus Comunicação. Fonte: Vozes do Rádio (2002).

importante que narrou em sua carreira, que foi o tetracampeonato da Copa do Brasil, conquistado pelo Grêmio, contra o Corinthians, em pleno Morumbi, em 17 de junho de 2001. Nesse dia, o meio campista do Grêmio Zinho, tetracampeão do mundo com a Seleção Brasileira, nos Estados Unidos, marcou um dos gols da vitória por 3 a 1, completados por Marcelinho Paraíba. E o detalhe importante também disso, é que Zinho estava comemorando 34 anos. Durante a narração do gol, Daniel cantou “parabéns a você”, em homenagem ao atleta tricolor.

Apesar de toda a descontração e criatividade, com altas doses de emoção, Daniel Oliveira nunca se preocupou em criar bordões, pois, segundo ele, não é sua característica e, inclusive, “odeia” jargões, não lhe agrada uma jornada que tenha muitos bordões, pois considera que “poluem” demais uma transmissão esportiva. Para Oliveira, “cada jogo é um jogo” e cada partida tem uma história, então, não se poderia narrar um duelo pelo rádio “sempre com a mesma característica”. Daniel afirma que “pô, tu vais narrar uma final de campeonato, não pode ter bordão, cara. Não pode transformar um jogo do campeonato estadual igual a um jogo do campeonato mundial, por exemplo” (OLIVEIRA, 2015). Para ele, o que realmente importa é a técnica e a descrição do lance, com emoção. Daniel Oliveira, inclusive, conhece muito bem o seu tipo de narração, tem a capacidade de traçar seu próprio perfil com detalhes.

Localizar bem a bola. Eu acho que essa é a principal técnica do narrador. Embora hoje, tu tenhas o jogo na televisão, tu tens sempre que pensar que estás trabalhando para o cara que não tem a imagem da TV. Então, o cuidado que eu tenho é procurar localizar a bola, prender o ouvinte com a entonação da voz. Tu vais na lenta, e vais crescendo conforme a bola vai evoluindo do meio para o ataque, e, isso aí, eu vou, mais ou menos, buscando do José Silvério, de São Paulo, que ele faz isso, o Ulisses Costa faz bastante isso. Então, a minha principal preocupação é localizar a bola, e mudar um pouco a entonação do texto comercial. O texto comercial é uma coisa mais pausada, mais leve, me ajuda a respirar também, então, são questões técnicas assim que eu pego deles e uso bastante do trabalho deles, e procuro adaptar ao meu (OLIVEIRA, 2015).

Quantos ao uso de vinhetas, Daniel Oliveira já tem uma opinião diferente, em relação aos bordões, porque as vinhetas, segundo ele, são recursos da emissora que o narrador pode trabalhar “em cima”, enquanto o bordão é algo muito individual, da característica própria do locutor. Oliveira relembra, por exemplo, da cobertura da Copa do Mundo de 2014, quando participou da Rede Verde Amarela do Grupo Bandeirantes, pelo Brasil. Luiz Carlos Reche, Alexandre Praetzel, repórter que atuou durante bom tempo em Porto Alegre, na época atuando em São Paulo, e ele, transmitiram o jogo

entre Holanda e Austrália, no dia 18 de junho, no Beira-Rio<sup>168</sup>. Diferentemente do costumeiro formato de transmissão gaúcho, praticamente “seco”, Oliveira narrou na rede da BAND, acompanhado de diferentes vinhetas e efeitos, típicos do rádio de São Paulo. E para ele não foi nada de tão “absurdo”. A criatividade nas jornadas já rendeu alguns episódios curiosos na carreira de Daniel Oliveira.

Teve aquela questão do “elimination”, do jogo do Grêmio e Santos, que foi uma brincadeira. No dia em que, infelizmente, faleceu o Luciano do Valle, eu já estava até n o estádio, lá no Beira-Rio, na abertura do campeonato do ano passado, e aí eu fiquei pensando, digo, pô, tenho que arrumar uma forma de homenagear o Luciano do Valle, o que eu vou fazer? Aí liguei para cá. João Praetzel, que hoje está na Guaíba, era o produtor aqui. Eu disse, João, separa um gol do Inter narrado pelo Luciano do Valle. Só que é o seguinte, tu pega o grito de gol do Luciano do Valle, e edita até a parte que ele disser “é gol do Inter”. E aí o Inter fez o gol, o Aránguiz fez o gol, e aí eu pá, narrei o lance e tal, e não gritei o gol. Eu disse, “grita o gol daí de cima, Luciano do Valle”, e aí entrou a narração dele, o grito de gol dele, e daí, quando ele disse “é do Inter”, e eu voltei e descrevi a jogada e passei para o repórter (OLIVEIRA, 2015).

Em 2010, Daniel Oliveira perdeu, provisoriamente, o posto de narrador titular da Bandeirantes, com a contratação de Haroldo de Souza, que foi escalado para narrar os jogos do Internacional no mundial dos Emirados Árabes. Mas foi em 2006, no título que o Inter conquistou, contra o Barcelona de Ronaldinho Gaúcho, que, no dia 17 de dezembro daquele ano, Daniel Oliveira narrou um dos gols mais importantes e vibrantes de sua carreira, e um detalhe, fazendo a locução por *off-tube*, já que a BAND não esteve presente com narradores, naquela ocasião. Segundo Oliveira, ele ainda recebe cumprimentos pela narração daquele jogo, lembranças de ouvintes, em detalhes, daquele momento que Oliveira transmitiu ao torcedor do Internacional.

Eu não estive lá no estádio, e muita gente me fala, até hoje, do gol. Eu fui numa festa aí, com uns amigos e tal, bah, e um cara parou do meu lado, e o cara já estava numa “água” já, e o cara chegou e começou a conversar comigo, brincando e tu ali, e o cara simplesmente começou a dizer tudo que eu falei no gol do Gabiru. Um troço impressionante, o cara decorou o gol, decorou o gol. E aquele foi um momento que, pô, me deu uma baita emoção. Eu gritei uma duas, três vezes o gol. Na hora que o Gabiru estava entrando no jogo, foi muito legal, porque, naquele momento, estava saindo o Fernandão do Inter. E aí, entrando o Gabiru, depois de tudo o que o Gabiru passou, pensei, foi rápido assim, instantâneo, eu digo, os caras jogaram a toalha, vai entrar o Gabiru, e eu vou ter que fazer um negócio diferente. E aí o Gabiru estava aquecendo e eu digo “lá vai o Gabiru. Calma, Gabiru, respira fundo...”, isso na jornada, né, “tenha consciência que, no primeiro passo que tu der em campo, tu vai entrar para a história. Esse é o jogo da tua vida, pensa

<sup>168</sup> O curioso dessa jornada, é que Reche e Oliveira viajaram para São Paulo, onde transmitiram por “tubo” uma partida que aconteceu em Porto Alegre.

nisso...”. E ele foi lá, e fez o gol. Foi um “rabo” impressionante, né? E aí usei aquilo ali na hora do gol, e foi uma emoção, porque São Paulo, cara, pegou o gol e começou a reproduzir, porque não é um estilo que eles fazem. E aí o Boechat botou, no programa dele lá na Bandnews, o Milton Neves acabou utilizando. Os caras utilizaram o gol lá. E trataram assim, “uma forma diferente de um gol” (OLIVEIRA, 2015).

Em 2015, Daniel Oliveira viveu outro momento de grande emoção durante a transmissão de um jogo. Ainda fragilizado pela perda de seu pai, justamente, em um dia dos pais, Daniel Oliveira abriu a jornada esportiva do clássico Gre-Nal, do dia 8 de agosto de 2015, homenageando a data, em função do seu significado. Emocionado, Oliveira foi aos prantos e precisou recuperar o controle para poder transmitir a partida, que acabou vencida pelo Grêmio como uma goleada de 5 a 0, na Arena. Foi um jogo marcante para Oliveira, além do sentido futebolístico. As aberturas de jornadas de Daniel Oliveira se caracterizam pelo improviso. Não há produção de texto escrito e, geralmente, a tática é falar sobre os acontecimentos do jogo e, se há algo ou acontecimento de muita relevância, Oliveira, procura estar bem informado para construir, no exato momento que inicia a transmissão, o andamento do primeiro contato com o ouvinte que, justamente, acontece na abertura da jornada.

**Figura 29** – Daniel Oliveira (2015)



Fonte: OLIVEIRA (2015).

Conforme Daniel Oliveira, o narrador é mais versátil, porque hoje ele narra tudo. É um profissional que tem que estar bem mais informado e ele tem muito mais acesso à informação do que se tinha antes. Segundo ele, a demanda é enorme, pois há jogos o dia inteiro, há internet, inclusive pelo celular. Oliveira entende que essa versatilidade dos narradores que estão surgindo hoje, ainda vai abrir um bom espaço no mercado,

embora, com algumas restrições de dificuldades que o próprio mercado oferece, principalmente financeiros. Para Daniel Oliveira, a “safra aí, ela é boa”.

Apesar de jovem, Daniel Oliveira já possui um estilo bem definido. É técnico, ágil, bem informado e tem uma narração que junta, eficazmente, o improvisado com a emoção. Para analisar a evolução do estilo narrativo de Oliveira, o capítulo 5 apresenta dois momentos de sua trajetória: Internacional e Barcelona, em 2006, e Grêmio e Santos, pelo Campeonato Brasileiro de 2015.

O próximo e penúltimo narrador estudado talvez represente uma nova fase da narração de futebol no rádio de Porto Alegre, mais no sentido de mercado, do que propriamente de forma. Oficializado como um dos narradores da Rádio Gaúcha, André Silva, repórter por natureza, foi confirmado na cobertura da Gaúcha dos Jogos Olímpicos do Rio, em 2016. Além da sua capacidade de imprimir descrição e emoção, possui uma outra virtude, a versatilidade.

#### 4.8 André Silva: o narrador repórter

André Silva começou a sua carreira em 1993, na Bandeirantes, como estagiário, e permaneceu durante um ano e meio na emissora. Em 1996, começou a trabalhar na RBS, pela Rádio CBN, onde atuou até o mês de maio de 1999. Mais tarde, Silva se transferiu para a rádio Pampa, que passou a ter uma programação de futebol. Lá, permaneceu até fevereiro de 2002, quando recebeu um convite para trabalhar na Rádio Guaíba. Atuou na Guaíba até dezembro de 2004 e, em janeiro de 2005, retornou à Rádio Gaúcha, onde está, nos últimos 11 anos.

Foi produtor de jornalismo geral, de jornalismo esportivo, e, paralelamente, participou de alguns programas, fazendo pequenos boletins, até efetivamente, tempo mais tarde, se tornar repórter. Segundo ele, diante de algumas circunstâncias, também narrou futebol, não apenas na Gaúcha, mas nas outras emissoras pelas quais passou. Inicialmente, revela André Silva, a sua meta profissional e pessoal não era narrar futebol.

Em um primeiro momento, digamos assim, nunca foi projeto. Mas, aos poucos, começou a ganhar forma, começou a ganhar ideia, e neste produto todo sempre que chamado, narrei futsal na CBN, vôlei quando tinha, e depois, tanto na Pampa, quanto na Guaíba, quando tinha a necessidade de colocar alguém mais, por ter a facilidade conseguir fazer, eu acabei fazendo. E aqui, quando eu entrei, era a mesma coisa, cobrir quando faltava alguém, algo não

muito específico. Mas, de um tempo para cá, aí não vou dizer que é imposição porque não foi imposto, mas uma conversa com a empresa, enfim, uma espécie de um projeto para trabalhar, num tempo que não está determinado ainda, eu venha me tornar, quem sabe, um dos narradores da rádio, por isso aos poucos eu passei a narrar mais porque está dentro da atividade de um projeto que está feito (SILVA, 2015).

André Silva garante que não se espelha em nenhum narrador. Ele está tentando criar a sua forma própria de fazer futebol. Mas, admite, que sempre admirou, principalmente, Armindo Antônio Ranzolin, “cresci ouvindo Ranzolin, tanto na Rádio Guaíba quanto depois, quando ele entrou na Gaúcha, em 84” (SILVA, 2015). Segundo conta, ouviu também muito a narração de Mário Lima, principalmente na época da Bandeirantes dos anos 1990. Na televisão, André Silva admirava a narração de Luciano do Valle, “sempre fui fã do Luciano do Valle, para mim, não só como narrador, mas como jornalista esportivo, um espelho assim por dar atenção a tudo que é modalidade” (SILVA, 2015).

André Silva também reconhece Pedro Ernesto Denardin, pelo estilo, pelo profissional, e pela condução de jornada, “porque ser narrador não é só narrar a bola rodando, não são só 90 minutos, o cara tem que ter noção jornalística do que está acontecendo no estádio, no entorno do estádio, até fora dele” (SILVA, 2015).

Acho que isso é importante e acho que nisso o Pedro é insuperável, acho que nisso eu tento buscar nele, sempre converso com ele assim que é possível. Agora, sempre tive exemplos de ouvir muito, acho que alguma coisa eu aprendi ouvindo e tento fazer uma mescla, ver com que que eu vou me transformar (SILVA, 2015).

André Silva considera que a narração de futebol no rádio deve ser “limpa”, pode ter o bordão, ter a brincadeira, mas tudo dentro de um limite e não ultrapassar isso.

Deixa eu citar uma pessoa mais que eu gostava muito quando eu narrava na rádio e na televisão também, seu Milton Jung, tive oportunidade de trabalhar com o Seu Milton na Guaíba, e é um cara que eu sempre admirei também pela postura e como narrador, gostava muito como narrava em TV, nos anos 80. Bom, voltando a isso, você pode brincar, criar bordões, mas ter determinados limites para não ultrapassar, não ficar jocoso demais, e essa questão que eu falei anteriormente do comando de jornada, uma coisa que está acontecendo que é a hora específica de chamar o repórter, de ler o comercial, são coisas que diferenciam e que são coisas importantes, porque o cara que tá pagando, tá pagando e quer ouvir, e não adianta eu atirar o nome dele, ah, o abraço pro fulano de tal, essa é outra coisa, eu não tenho que dar abraço pro amigo na jornada, porque o patrocinador eu tenho que citar, a transmissão de futebol é uma coisa comercial, na TV ninguém vê o cara dar um abraço pro amigo dele, por mais amigo que seja, então é uma coisa que a gente tem que ter também, é ser extremamente jornalista, é uma

questão jornalística, tu tá atrás do futebol, tem o teu público específico, mas acima de tudo tem que ser jornalisticamente o mais perto de algo que nem fosse esporte. Tu estás transmitindo esporte, tem que ter a emoção do esporte, mas, tu tens que te ater aos fatos que estão acontecendo, para ele não ter exagero que não vai resolver muita coisa (SILVA, 2015).

A vivência como repórter, segundo André Silva, o auxilia na narração de futebol no rádio. Silva cita Pedro Ernesto como exemplo, de quando foi repórter de campo. Afirma que só o repórter sabe da dificuldade que se tem para conseguir uma entrevista na hora, no campo. Vale muito para o narrador ter a noção de comandar a hora que vai chamar o repórter, “porque daqui a pouco, não é o momento correto porque o repórter acaba se estendendo um pouquinho mais, e isso é normal” (SILVA, 2015).

É importante, destaca André Silva, o narrador ter a visão de quem está “lá embaixo”, de saber mais ou menos o que está acontecendo, até porque lá de cima, da cabine, onde a visão é privilegiada, “tu sentes isso, observando lá de cima, ah, ali naquele lugar faz tal coisa, ou eu fiz tal coisa, então tu sabes se aquele é um momento ou não de estar acionando o próprio repórter” (SILVA, 2015).

**Figura 30 – André Silva (2013)**



Fonte: Coletiva.net

Conforme André Silva, a função do narrador de futebol, pelo menos na RBS, está mudando. Na verdade, como verificado anteriormente, antigos narradores como

Pedro Carneiro Pereira e Mendes Ribeiro tinham outras funções. No passar do tempo, ambos se tornaram coordenadores de equipes, apresentadores, sem contar, as outras profissões que exerciam fora do jornalismo. Mas, no caso da segunda década do século XXI, o profissional da reportagem estaria sendo preparado, tanto para a função de setorista, por exemplo, quanto para a necessidade de narrar uma partida de futebol, o chamado narrador-repórter.

Que que era o narrador do rádio com raras exceções? Era o cara que narrava o futebol, ia para casa e não fazia mais nada. E até pela questão da modernidade e as coisas que acontecem, já não é mais assim ou ao menos tende a não ser mais assim, então acho que ainda não é uma categoria mas vai se transformar, acho que isso vai acabar sendo uma tendência do cara ter mais de uma atividade, está o produtor que as vezes faz a reportagem, claro que nem todo repórter vai narrar e nem todo narrador vai fazer reportagem, mas aos poucos isso vai se transformar, o cara que tiver habilidade para fazer as duas coisas vai ter, não sei se vantagem, mas vai acabar tendo mais oportunidades de se colocar (SILVA, 2015).

Apesar da experiência que teve como narrador em outras oportunidades, somente, neste momento, que André Silva está recebendo sequência para obtenção de ritmo. Há o ritmo de condução de partida, que se relaciona à forma, ao estilo e às técnicas. O ritmo de sequência é o costume de lidar com situações absolutamente presentes em uma narração, como o improvisado, por exemplo, que o narrador vai conseguindo melhorar com o passar do tempo e com a experiência. Por esse motivo, André Silva ressalta que ainda não houve “caminhada” suficiente para criar algo diferente, ou tempo de surgir algum tipo de bordão. Como visto, anteriormente, boa parte dos bordões dos narradores, como citou o próprio Pedro Ernesto, e até Mário Lima, que tem, por natureza, uma narração mais voltada ao “show”, surgiram espontaneamente. André Silva, até pela trajetória de narração, entende que ainda não alcançou esse nível. Mesmo assim, ele ainda é cauteloso e prefere seguir um estilo de narração mais descritivo, “confortável”, por enquanto.

Gosto, acho legal, mas, é aquilo que eu falei antes. Não dá para ter exagero. Acho que tu podes ter no grito de gol, acho que tu podes ter em algum outro movimento do lance, tipo o “que beleza”, do Milton Leite, por exemplo. Agora, não dá para ser qualquer momento do jogo, e também acho que não pode, o que eu me prendo muito é não ter exageros, por que hoje tu tens imagem, então eu não posso brigar lá com a imagem, daquilo que o cara está vendo no “sofazinho” confortável, me ouvindo, então eu tenho que descrever, mais ou menos, o que ele está vendo. Claro que prender a atenção dele, porque o rádio é diferente, é dinâmico e tudo mais, e tem as outras coisas que colaboram paralelas, como a informação de um plantão esportivo, não é a bolinha que pinta e que o cara fica na expectativa, ou outro jogo paralelo, que

são coisas que só o rádio pode oferecer. Mas dá para ter alguns bordões. Não muitos, mas dá para ter (SILVA, 2015).

André Silva não se recorda de um momento inesquecível que tenha o marcado como narrador de futebol no rádio. Obviamente, se deve pelo pouco tempo de experiência, que, por consequência, ainda não lhe trouxe experimentações de episódios decisivos, por exemplo, como uma narração de final de Copa do Mundo. Mas há um fato, não necessariamente ligado ao futebol, mas que foi através de uma narração, que marcou na sua trajetória.

Assim, mais forte de puxar assim, e aí, até entra a questão de que tu podes torcer, foi na Olimpíada de Londres, no jogo que o Brasil ganhou da Rússia, no vôlei feminino, 3 a 2, a Rússia teve como fechar em 5 ou 6 oportunidades, naquele jogo sim. Digamos assim que, começou em um ritmo, subiu um pouquinho. Depois o Brasil começou a ir mal, ficou num ritmo normal a transmissão, mas, com o tamanho do jogo, e o tamanho da emoção que o jogo estava transmitindo, ali sim, as coisas correram muito em paralelo, quase em um limite, de que era a narração de um jogo e a torcida pela Seleção Brasileira, e aquela coisa assim do “vamo que vamo mesmo”. Já não era muito a descrição do jogo. Era uma coisa muito mais quase que entrando na quadra junto e torcendo para que o resultado fosse, e até acabou sendo de vitória do Brasil (SILVA, 2015)

Além de Armindo Antônio Ranzolin, Milton Jung e Pedro Ernesto, o narrador Pedro Carneiro Pereira, segundo Silva, pode ser considerado um dos grandes nomes da narração de futebol no rádio de Porto Alegre. E a história de Pereira, por si só, já remete a isso, segundo entende.

Um que eu gostaria muito de ter ouvido é o Pedro Carneiro Pereira. Eu conheço a história dele. Li o livro sobre a vida dele, e tudo mais. Ouvi alguma coisa de arquivo, mas não adianta. Eu ouvi o gol, mas não ouvi o jogo. Mas dizem, e pelo que eu ouvi, era fenômeno. Não tem por que não acreditar, até porque tive o privilégio de trabalhar com muitas pessoas que com ele trabalharam. Todas que eu citei aqui trabalharam com ele, então, imagino que tenha sido, realmente, algo sensacional e que, aliás, quero continuar crendo que foi. Então, gostaria de ter ouvido, porque, de repente, podia até ter aproveitado alguma coisa. Hoje, para mim, o Pedro está na frente de todos, acho que é um cara que narra muito, e não só na questão de narrar. Entra nos outros aspectos do comunicador também. Acho que nisso aí ele está na frente (SILVA, 2015).

Este estudo avalia dois jogos da trajetória recente de André Silva como narrador da Rádio Gaúcha. Primeiramente, um confronto entre Ituano e Internacional, pela Copa do Brasil, em 2015. Comando de jornada, estilo, e técnicas, também são estudados a partir do jogo Cruzeiro e Grêmio, também de 2015. André Silva é repórter de “criação”, mas, pela capacidade que a RBS entende e apoio de Pedro Ernesto

Denardin, há um projeto para que Silva se torne um profissional que tenha as ferramentas que o habilitem tanto para cobrir um evento de forma jornalística, quanto transmitir com emoção durante uma partida de futebol ou outra modalidade. Exemplo recente do projeto que está em andamento, foi durante a abertura da Eliminatória para a Copa da Rússia de 2018. Para o jogo entre Brasil e Venezuela, que aconteceu no Estádio Castelão, no dia 13 de outubro de 2015, Silva atuou como repórter. De Fortaleza, capital do Ceará, Silva “desceu” direto para Belo Horizonte, onde, no dia seguinte, narrou a derrota do Internacional para o Atlético Mineiro, por 2 a 1, pelo Campeonato Brasileiro.

A situação que envolve o projeto de André Silva, na Rádio Gaúcha, por enquanto, não é uma exigência de mercado definida, mas uma tendência explorada pela RBS. Isso porque ainda existem os narradores de origem, como o último personagem deste trabalho, Angelo Afonso, que, por suas características, se assemelha muito com os narradores de gerações passadas, apesar da juventude. E é essa história que fecha o capítulo *Os Narradores Contemporâneos*.

#### 4.9 Angelo Afonso: o futuro da narração esportiva

Angelo Afonso, de 20 anos, estudante de jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), é um dos mais jovens narradores de futebol da atualidade em Porto Alegre. É natural do município de Lajeado, que fica distante pouco mais de 100 quilômetros de Porto Alegre. O narrador iniciou sua carreira como narrador de futebol na Rádio Emoção FM, emissora sediada na cidade de Arroio do Meio, próxima a Lajeado, no Vale do Rio Taquari. Em 2013, foi contratado para o quadro de locutores da Rádio Grenal, que, na época, apresentava os narradores Haroldo de Souza, Ciro Götz e Thiago Suman. Além de narrador, Angelo Afonso também cumpre as funções de apresentador de variados programas na emissora da Rede Pampa de Comunicação.

Afonso viveu boa parte de sua vida em Encantado. Foi no Vale do Taquari, segundo ele, que aprendeu a “amar o rádio”. Além disso, o fato de ser filho de um radialista e narrador, Rudimar Piccinini, atualmente profissional das rádios Independente e Tropical FM, do Grupo Independente de Lajeado, foi fundamental também na sua paixão.

[...] e acho que, o que eu trouxe do Vale do Taquari, o que eu trouxe do meu povo, é a vontade de trabalhar, aprendi, sem dúvida alguma, dentro de casa, né, como lidar com o dia a dia, com uma mãe muito batalhadora, muito trabalhadora que trabalha com contabilidade, é de uma família trabalhadora. O meu avô era agricultor, então, eu sempre, desde cedo, notei que a vida não ia ser mole. Então, precisaria dar um duro à beça, precisaria lutar bastante. Sem dúvida nenhuma, eu trouxe essa vontade de trabalhar e, claro, aprendi, dentro de casa, os valores da honestidade, do caráter, de ser uma pessoa correta, para tentar vencer na vida (AFONSO, 2015).

**Figura 31 – Angelo Afonso (2015)**



Fonte: AFONSO (2015)

Angelo Afonso tem as suas influências, porém, afirma que tenta fazer uma narração sem pensar nos outros, sem pensar nos narradores que tem como ídolos. Apesar disso, não deixa de reconhecer, além de seu pai, profissionais como Haroldo de Souza, Luiz Penido<sup>169</sup>, José Carlos Araújo<sup>170</sup>, Nilson César<sup>171</sup>, Osmar Santos, e até

<sup>169</sup> “Natural de Juiz de Fora, Minas Gerais, nasceu em 5 de maio de 1955. Aos 15 anos, começou a trabalhar na Rádio Globo, do Rio, em 1969. Em 1988, foi para a Rádio Tupi. Teve passagens pelas rádios Eldorado e Mundial. É conhecido como o “Garotão da Galera”. É um criador de bordões como ‘barato bom é da barata’. Depois da saída de José Carlos Araújo da Globo, em 2012, assumiu a titularidade da emissora, após 24 anos fora da rádio”. Fonte: ENCICLOPÉDIA DO RÁDIO ESPORTIVO BRASILEIRO, (2012).

<sup>170</sup> “Nasceu em 7 de maio de 1940, no Rio de Janeiro. Começou a carreira na Roquette Pinto, como apenas 14 anos. É formado em geografia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), e foi professor durante 14 anos. É conhecido como o ‘Garotinho’. Em 1960, iniciou sua carreira na Rádio Globo, de onde saiu em 2012 para um novo projeto, a Rádio Bradesco Band Sports. Porém, em 2015 assinou com a Rádio Tupi, onde narra atualmente”. Fonte: ENCICLOPÉDIA DO RÁDIO ESPORTIVO BRASILEIRO, (2012).

<sup>171</sup> Nilson Cesar Piccini Favára, o locutor esportivo Nilson Cesar, começou no rádio esportivo de Sorocaba, onde nasceu. No início da década de 1980 chegou à Jovem Pan, onde trabalha até hoje como titular da equipe de esportes. Fonte: TERCEIRO TEMPO (2015).

Fiori Gigliotti. Além desses narradores, Afonso também tem um especial interesse no tipo de narração que se faz nas emissoras da região do Prata, tanto no Uruguai, quanto na Argentina, como a *Radio Mitre*, e nomes do perfil de Victor Hugo Morales.

Eu gosto muito de buscar isso, a história do rádio, gosto de ouvir estilos diferentes, sotaques diferentes, mas, na hora, eu não tento copiar ou fazer algo parecido a esses narradores. Tento fazer aquilo que estou imaginando, aquilo que eu acho que é certo, relato aquilo que estou vendo, passando a emoção que estou sentindo, sem, necessariamente, pensar em uma narração clássica de algum desses narradores que eu acabei de citar. Sem dúvida, são exemplos, são espelhos, mais pelas carreiras que tiveram, as carreiras em grandes rádios, emocionando grandes torcidas, contando grandes partidas, grandes eventos (AFONSO, 2015)

Uma das maiores satisfações de Angelo Afonso é de dividir o microfone com Haroldo de Souza. Segundo ele, é uma honra e orgulho dizer que Haroldo é seu colega, que trabalha com ele, que faz “duplex” com ele em jogos de Grêmio e Inter. É “fantástico” para ele estar ao lado de um profissional, segundo ressalta, que mais narrou Gre-Nais (160), “e, o que mais importa, além de clássicos Gre-Nais para os gaúchos?” (AFONSO, 2015).

É um exemplo de carreira, no que diz respeito à longevidade, no que diz respeito à condição que ele teve de ser um narrador top, um narrador que esteve em todas as grandes conquistas, tanto do Internacional, como do Grêmio, eu acho isso fantástico, e o Haroldo chegou quebrando paradigmas também, com aquela linguagem do povo, com aquela linguagem do malandro, aquela linguagem do “numa boa”, e por aí vai, e acho isso fantástico (AFONSO, 2015).

Entre Haroldo Souza e Angelo Afonso, há uma história de mais de 50 anos que os separa, mas, que ao mesmo tempo, os une na Rádio Grenal, apelidada por Haroldo de a “caçulinha” do rádio gaúcho. Na hierarquia de narradores, Angelo Afonso é o terceiro, em relação a Haroldo de Souza e, na sequência, Thiago Suman.

Angelo Afonso considera que possui um ritmo de narração “que não é dos mais acelerados”. Ele admite que vem tentando fazer com que a sua narração apresente um “ritmo adequado”, para o momento certo da partida, de acordo com as emoções do jogo. Afonso admira muito as transmissões que apresentam vinhetas, uma roupagem, como ele define, “que muitas pessoas chamam de ‘perfumaria’ na jornada esportiva, coisa que a gente tem pouco em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul” (AFONSO, 2015). Na sua avaliação, de modo geral, a transmissão do rádio de Porto Alegre é um pouco mais “antiga”, mais clássica, com poucos efeitos sonoros, poucas

vinhetas. Angelo Afonso, apesar de jovem, já possui algumas frases que ele considera seus primeiros bordões:

Então têm frases como o recuo de bola para o goleiro, que é aquela coisa chata que, geralmente, aquele momento que o torcedor reclama “ah, para que voltar para o goleiro?”, né, “mas que pena esse recuo, mas que desnecessário”. Aí eu pensei, vou marcar melhor esse recuo de bola. E aí, começo a soltar “começa tudo novo, de novo”, para marcar, que bom, vai começar daí uma nova jogada, né. Está voltando do zero a jogada para a equipe que tem a posse de bola. Eu gosto muito do narrador que se envolve com a torcida. Eu sei que têm algumas restrições, algumas pessoas acham errado, acham que o narrador deveria se manter, vamos dizer assim, mais imparcial, mas, até porque, evidentemente, não são só ouvintes de um time que estão ouvindo a rádio, e numa questão com a de Porto Alegre, se você narrar o jogo do Internacional, também vai haver gremista ouvindo e secando. Está narrando o jogo do Grêmio, haverá colorado interessado querendo o Grêmio perca. Mas ainda assim, eu acho que a aceitação do público foi grande quando eu comecei a me envolver mais com a torcida, usando frases como “vai com raça para vencer, Inter!”, nos jogos do Internacional, ou “vai com amor, Tricolor!”, nos jogos do Grêmio, e por aí vai (AFONSO, 2015).

Foi através das redes sociais, principalmente, que Afonso percebeu a aceitação de suas frases. Angelo Afonso explica que já possui algumas particularidades narrativas e que seu estilo está se desenvolvendo. Sempre, na hora do gol, informa, primeiro, o nome do time que acabou de marcar.

[...] até porque, às vezes, eu penso muito naquele torcedor, naquele ouvinte que não está prestando atenção totalmente na transmissão, daqui a pouco está trabalhando, com o fone baixinho, está fazendo alguma outra tarefa, e às vezes dá aquele grito de gol, e o torcedor fica aflito até ouvir, realmente, para confirmar que o gol é do time dele. Então, já de início, eu já digo “Atirou, é gol do Inter! É gol do Grêmio!”, já para deixar, bem ciente, aquele que poderia estar um pouco desligado, um pouco desatento, de quem é o gol. Mas nada realmente que seja uma lei, eu não vejo problema em fazer citações diferentes, não é uma grande preocupação minha, a de ficar marcado por um jargão, pelas palavras corriqueiras utilizadas numa jornada (AFONSO, 2015).

No momento do gol, para Afonso, são imprescindíveis o grito de gol e quem fez o gol, de forma a deixar o gol ainda “mais bonito”, para marcar, realmente, que chegou a hora tão esperada, a hora de um gol. E para isso, Afonso é favorável ao uso de efeitos sonoros, que podem ser, desde o hino da equipe, até em uma versão mais animada, *rock and roll*, ou outro tipo de estilo musical. Tudo, segundo ele, depende do momento. Uma música, ou algo que lembre o autor do gol, por exemplo, é algo interessante, na sua avaliação.

Se tiver o canto da torcida, se tiver uma música realmente como a gente já viu, né, vários jogadores serem lembrados em músicas realmente, né, feitas para rodar em rádios, enfim, para serem rodadas em festas, e por aí vai. Acho que têm inúmeras formas de marcar uma transmissão com efeitos sonoros. Eu gosto muito também de, por exemplo, depoimentos gravados de ouvintes, sejam eles famosos ou não. Eu acho muito bacana dar essa valorização. Eu tive isso, a oportunidade de ter depoimentos gravados de ouvintes em Arroio do Meio, na Rádio Emoção FM. Quando eu comecei, a gente usava muito isso (AFONSO, 2015).

Para Angelo Afonso, efeitos e *jingles* têm tudo a ver com rádio e futebol, pois, segundo ele, o esporte tem essa essência. O futebol é o “entretenimento do povo”, então, o cidadão não vai querer ouvir futebol para ficar chateado, para ficar cabisbaixo, para ficar bravo, segundo ele. Se pode exagerar, se for o caso, mas o narrador deve buscar, sempre, levar alegria, emoção, coisas boas para quem está ouvindo. Deve melhorar a vida de quem está ligado do outro lado do rádio.

Eu vejo que *jingles*, ou outros recursos que possam deixar a transmissão mais alegre, sem tirar a seriedade do que está acontecendo. Não estou dizendo para fazer uma transmissão de balela, de brincadeira, de piada, mas, só levando alegria, acho que isso muito interessante, como a gente vê no Rio de Janeiro, por exemplo. Entra, daqui a pouco, um fã que, para determinado jogador, entra o grito de uma torcida, e por aí vai. Eu acho muito bacana, eu acho que deixa a jornada ainda mais interessante, porque você fica na expectativa também para ouvir aquele *jingle*, né. Ah, aquele *jingle* só sai quando dá gol de determinado clube. Aí você fica esperando tocar aquela música que você acha engraçada, que você acha bacana, e fica uma marca, né? Quantas vezes a gente lembra de algumas músicas que foram eternizadas, justamente, em jornadas esportivas, em transmissões esportivas. Isso seria muito importante, por mim, eu faria sempre (AFONSO, 2015).

Porém, na Rádio Grenal, conforme Afonso, existem algumas restrições quanto ao uso de efeitos. Segundo explica, na emissora a jornada se faz com vinhetas apenas no tempo e placar, uma vinheta básica, uma vinheta com o nome da rádio. Não há nenhuma outra ferramenta durante a jornada. Porém, informa, é algo que está se aperfeiçoando.

Mas eu entendo também a preocupação da rádio. Sei que não são todos os narradores que gostam de tantos efeitos, de tantas vinhetas, de tanta roupagem em uma jornada esportiva, e, daqui a pouco, seria estranho uma transmissão do narrador A não ter os efeitos e, do narrador B, ter, ainda mais, em dia de transmissões ao mesmo tempo, chamado duplex, aqui no Rio Grande do Sul. Ah, como assim, uma narração tem efeito e a outra não? O jogo do time B tem, e do time A não? Então, entendo a preocupação e acho que dá para fazer uma boa transmissão, claro, sem os efeitos. Para mim, é um complemento que deixa a transmissão ainda melhor, mas, se não tiver, OK, tudo bem, e a gente faz do jeito que dá, porque o mais importante, ainda, numa transmissão, é o narrador, e não os efeitos (AFONSO, 2015).

**Figura 32 - Equipe de narradores da Rádio Grenal**



Fonte: Rádio Grenal (2015)

Por enquanto, o momento mais importante de sua carreira foi a primeira transmissão como narrador de futebol no rádio, no FM, segundo Angelo Afonso, no rádio “de verdade”, na Rádio Emoção FM. Foi no ano de 2011, pelo Campeonato Gaúcho, um duelo entre Caxias e São José, jogo válido por um dos turnos, no mata-mata, conforme a regra da época, que acabou sendo decidido nos pênaltis.

Durante a decisão nos pênaltis teve um goleiro que era meu amigo, e é meu amigo, de muito tempo, por ser encantadense, o André Sangalli, então no Caxias, pegando quatro pênaltis. Quando você vê um goleiro pegar quatro pênaltis em uma decisão de cinco cobranças? Isso é raríssimo, raríssimo mesmo. Na história do futebol, isso, provavelmente, não tenha acontecido, talvez, 10 vezes. E, vendo um amigo meu, uma pessoa para que você já tinha um carinho a mais, né, até pelo fato de ser um conhecido, se destacando, sendo o principal personagem de um jogo que já era o principal da minha carreira, por ser o primeiro, justamente por estar naquele dia realizando um sonho, foi uma emoção que não deu para segurar (AFONSO, 2015).

Pela Rádio Grenal, houve duas transmissões inesquecíveis, por exemplo, Grêmio e Lajeadense, em 2015, na Arena, com o time de sua cidade, o time que o acompanhou, desde pequeno. E foi, justamente, nesse jogo, que surgiu outro bordão, “que homem, esse Giuliano!”, em função do desempenho do meio campista do Grêmio, naquela oportunidade.

E Angelo Afonso também destaca a narração da goleada de 4 a 0 do Inter sobre a Universidad, do Chile, na Copa Libertadores, também de 2015. Para ele, foi uma vitória incrível, uma goleada fora de casa, pela Libertadores, algo muito raro, que permitiu muita emoção forte, naquele momento.

O melhor presente para mim, pós narração, é você poder abrir o *Twitter* ou o *Facebook*, olhar as mensagens no celular, no *Whatsapp*, e ver muitas pessoas contentes, felizes com a narração. Para mim, é a sensação e o sentido de que o dever foi cumprido (AFONSO, 2015).

No âmbito do rádio de Porto Alegre, além de Haroldo de Souza, Angelo Afonso destaca a importância de outros narradores como Pedro Ernesto que, segundo ele, é o principal nome da narração da emissora que, nos últimos anos, “tem sido a emissora com mais condições de fazer grandes coberturas, que é a Rádio Gaúcha, e tem estado na frente nas pesquisas de audiência” (AFONSO, 2015). Afonso cita também Roberto Brauner, responsável por narrar Fórmula 1, “coisa que é muito difícil e é um dos objetivos que tenho na carreira, narrar Fórmula 1, até porque acho que abre um mercado interessante no Brasil” (AFONSO, 2015). Pedro Carneiro Pereira é outro narrador que vem à memória de Afonso, tão “monstro” quanto Haroldo de Souza, e, ainda, Armindo Antônio Ranzolin, segundo ele, uma voz importante e marcante de grandes conquistas.

[...] são nomes que estiveram nas grandes conquistas e que acabam marcando, porque, o narrador vai ser lembrado por isso, pelos grandes momentos. Daqui 50 anos, reproduzindo títulos, que estarão completando décadas de existência. Aniversário de 20, 30, 40, 80, 90 anos. Então, acho que você também tem que ter também essa sorte de poder estar narrando e pegando momentos bons das equipes, porque, ninguém vai reproduzir um gol que não vale nada. Agora, todo mundo vai lembrar, o resto da vida, dos gols que contaram grandes histórias, grandes conquistas, de clubes que têm torcidas tão apaixonadas, que são o nosso público, a nossa audiência nas transmissões esportivas (AFONSO, 2015).

Será analisado um jogo narrado por Angelo Afonso neste trabalho: Atlético Mineiro e Internacional, em 2015, pelo Campeonato Brasileiro. Se percebe que Angelo Afonso está em plena fase de construção de uma identidade própria de narração. Por enquanto, seu desempenho remete ao modo clássico de se narrar futebol pelo rádio, em princípio, descritivo, com o uso de algumas figuras de linguagem, e emoção. Inclusive, o timbre de voz de Angelo Afonso, em comparação com o timbre do narrador Daniel Oliveira, possui uma característica muito mais próxima do estilo de voz que, nos anos 1970, por exemplo, foi uma exigência.

Outro ponto a favor de Afonso, é o apoio e a opinião de narradores como Haroldo de Souza, seu atual colega de emissora, e de outros que não possuem convívio, mas, que já o reconhecem como um nome da nova “safra”, como, por exemplo, Mário Lima, da Rádio Guaíba.

Angelo Afonso foi o último narrador apresentado neste capítulo, *Os Narradores Contemporâneos*. Da mesma forma como ressaltado nos capítulos anteriores, haveria, sem dúvida alguma, espaço para o estudo ampliado de outros nomes que estão dando prosseguimento ao processo evolutivo da narração de futebol no Rádio de Porto

Alegre. Marcos Couto, narrador da Bandeirantes, o “Gigante do Vale”, locutor que passou pela Caldas Júnior, recentemente, Marcelo Cardoso, que, da Rádio Independente de Lajeado, se tornou uma aposta do chefe de esportes da Rádio Guaíba, Nando Gross. Luiz Augusto Alano, que, contratado pela Rádio Gaúcha, vindo de Santa Catarina, fez sucesso recentemente e foi contratado como locutor oficial dos canais Sportv, entre outros.

O que, neste momento, pode-se afirmar, observando toda a história contida nos capítulos *Os Narradores Desbravadores*, *Os Narradores Paradigmáticos* e *Os Narradores Contemporâneos*, é a existência de uma riqueza de estilos, vozes, técnicas e histórias que fazem parte da grande trajetória evolutiva, que começou em 1931, com uma narração improvisada de Ernani Ruschel, passou pela Suécia, com Mendes Ribeiro, ganhou o mundo com Armindo Antônio Ranzolin e Haroldo de Souza, e continua acompanhando a centenária história de Grêmio e Internacional. E percebe-se, principalmente, que a narração de rádio feita em Porto Alegre não é uma escola definida por um jeito único de narrar futebol, mas por estilos variados que surgiram ao longo do tempo. O Capítulo 5, *Estilos e Técnicas da Locução de Futebol no Rádio Porto-Alegrense de 1931 a 2015*, aprofunda ainda mais essa questão e ajuda a compreender a narração, além do âmbito histórico proposto, inicialmente, neste estudo. Através do olhar de Castillo, Klöckner, Schinner e César, abordados no Capítulo 1, *A Narração de Futebol como Expressão Linguística*, busca-se classificar estilos, técnicas e capacidade retórica dos personagens abordados até este momento. O que mudou, o que continua, o que acontecerá daqui para frente? São perguntas que serão respondidas na sequência final deste estudo. A intenção é se aprofundar naquilo que cada um deles oferece, em um primeiro momento, de forma individual, mas, logo após, traçar, de forma geral, quais são as características que identificam a narração de futebol no rádio de Porto Alegre.

## 5 ESTILOS E TÉCNICAS DA LOCUÇÃO DE FUTEBOL NO RÁDIO PORTO-ALEGRENSE

Neste último capítulo, se apresenta a avaliação da evolução da narração de futebol no rádio de Porto Alegre, da década de 1930 até 2015. Destacam-se quais características, estilos, técnicas e estratégias retóricas que se perpetuaram ou não até este momento. Ao final do capítulo, também é apresentada a Árvore de Referências, que se trata de um diagrama que, graficamente, representa as influências entre os narradores dos períodos *Desbravador*, *Paradigmático* e *Contemporâneo*.

Trechos de jogos, gols, técnicas e estilos são avaliados, conforme autores já destacados no Capítulo 1 *A narração de futebol como expressão linguística*. Todos os materiais são analisados sob o ponto de vista do estudo da retórica, com Daniel Prietto Castillo (1994;1989) e Luciano Klöckner (2011), enquanto que, os estilos e as técnicas, serão classificados conforme Carlos Fernando Schinner (2004). Condições de voz são observados através de Cyro César (2009). A metodologia de análise está explicada no tópico 1.5, *Narração de Futebol no rádio porto-alegrense: Esquema de Análise*.

### 5.1 Narradores Desbravadores

Foi a partir de 1930 que a narração de futebol no rádio de Porto Alegre, efetivamente, começou. Após a contextualização histórica do período dos *Desbravadores*, no Capítulo 2, cabe, agora, compreender, apesar da ausência de materiais significativos, principalmente em formato de áudios, quais as características desse momento. Para tanto, foi necessário classificar o tipo de narração que era produzido naquele período. Este foi, certamente, um dos maiores desafios deste estudo, justamente, pelas limitações já referidas. Porém, considera-se possível traçar um perfil individual de cada um dos narradores estudados, dada a ampla fonte de autores que, neste momento, passam a ser explorados e utilizados para a descrição dos perfis que se seguem. E a avaliação começa com Ernani Ruschel, considerado o primeiro narrador de futebol da história do rádio de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul.

### 5.1.1 Ernani Ruschel

Não há, segundo Ernani Ruschel Filho (2015), registros sonoros de narrações de futebol protagonizadas pelo seu pai, o que impede uma análise criteriosa a respeito de quais seriam as possíveis técnicas utilizadas pelo locutor, no jogo que narrou entre Grêmio e Seleção do Paraná, em 19 de novembro de 1931, no Moinhos de Vento, no Estádio da Baixada.

Contudo, a narração descritiva e improvisada, cercada de muitas dificuldades técnicas, em comparação com a atualidade, não foi privilégio de Ruschel, pois é fundamental enfatizar que a locução de futebol no rádio, não só gaúcho, mas brasileiro, era absolutamente embrionária. Portanto, levando-se em consideração os poucos dados existentes sobre o tipo de narração de Ruschel, o locutor poderia ser analisado da seguinte forma: em 1931, a voz era um dos fatores principais para a locução naquele período. E conforme Ernani Ruschel Filho (2015) ressalta, a voz de seu pai e a sua “presença de espírito” eram os atributos que mais se destacavam no locutor. Porém, durante a primeira transmissão, entre Grêmio e Seleção do Paraná, até pelo fato de não gostar de futebol e de desconhecer os nomes de cada um dos atletas em campo, Ruschel precisou de auxílio, na oportunidade, de Ary Lund, que “soprou” os nomes para que o narrador pudesse descrever a partida.

Apesar do auxílio que recebeu para identificar os atletas em campo, se presume que a transmissão pioneira do jogo na Baixada do Moinhos de Vento aconteceu sem nenhuma cartilha ou determinações.

As principais características da narração de Ernani Ruschel, portanto, levando em conta todas as limitações descritas, seriam de uma narração descritiva e improvisada, sem a presença de um estilo ou de técnica de locução específica para a narração de futebol no rádio. O grande mérito, a grande importância, foi, justamente, o pioneirismo.

### 5.1.2 Cândido Norberto

A primeira excursão do Grêmio pela América Central iniciou-se após o amistoso o dia 14 de maio de 1949, há 66 anos, entre Grêmio e Nacional, no Estádio Centenário de Montevideu, no Uruguai. Este jogo marcou os 50 anos de existência do Nacional. Mas também foi um marco histórico para a imprensa do Rio Grande do Sul, pois, como

descrito no Capítulo 2, significou a primeira transmissão internacional de um jogo de futebol, realizada por Cândido Norberto.

Basicamente, o time do Grêmio<sup>172</sup> era formado por Sérgio; Clarel e Joni; Hugo, Adams e Alegretti; Teotônio, Hermes, Geada, Álvaro e Detefon. Técnico, Otto Pedro Bumbel. Após o encerramento da primeira excursão do Grêmio para a América Central, que acabou de forma invicta, os jogadores foram recepcionados, em Porto Alegre, por uma multidão de torcedores entusiasmados, na Rua da Praia.

#### 5.1.2.1 1949: Grêmio 3 X 1 El Salvador

Do arquivo histórico da Rádio Gaúcha, foi obtido um “raro” áudio de um dos duelos na América Central, vencido pelo Grêmio, por 3 a 1, contra a Seleção de El Salvador. Em função da falta de informações mais precisas, não há a confirmação exata da data de realização desse jogo, somente que teria sido a primeira transmissão de rádio, de uma partida de futebol, além da América do Sul. No lance, Cândido Norberto se prepara para narrar a cobrança de uma falta favorável ao time do Grêmio. E assim ele descreve:

Dentro da meia lua, uma falta contra a equipe salvadorenha./ Vamos ver quem vai cobrar./ São diversos jogadores do Grêmio em condições de bater a falta./ Álvaro é que deve chegar./ Ele que vai bater, pois que é, como foi chamado, na Guatemala, pelo demolidor./ Feita uma barreira./ Feita a barreira entre os jogadores salvadorenhos, vai cobrar Álvaro./ Correu para a pelota./ Atenção!./ Deixou para Hugo, chutou, a bola bateu na barreira, gô!./ Gol para a equipe porto-alegrense, terceiro da tarde, para a equipe porto-alegrense./ Com o gol, Hugo, quando Álvaro passou por cima da pelota, deixando para que ele batesse.// (NORBERTO, 1949).

Este lance de Cândido Norberto é o único disponível, de uma narração, no arquivo da Rádio Gaúcha. Se torna, portanto, limitado, por exemplo, no que tange à análise de um momento de jogo que tenha a bola em movimento. Além de ser exclusivo, o lance também descreve uma jogada de bola parada, que, mesmo hoje, não permite ao narrador uma grande variedade de ações. Mesmo assim, é possível observar alguns fatores importantes. Começa pela denominação do instrumento de disputa, a bola. Apesar de curto, o trecho narrativo apresenta duas alternativas de

---

<sup>172</sup> Escalação baseada na equipe gremista que derrotou o Nacional por 3 a 1, no Estádio Centenário, no dia 14 de maio de 1949. Ver: <http://gremio1983.blogspot.com.br/2014/02/1949-nacional-1x3-gremio.html>.

substantivos em relação ao objeto: *pelota*, que é completamente baseado no rádio do Prata, de *la pelota*, e *bola*, termo aportuguesado de *ball*, do inglês. No curto grito de gol, Cândido Norberto pronuncia a vogal O, como se houvesse um acento circunflexo. Dessa forma, se torna idêntico à pronúncia hispânica.

Há outro detalhe importante no gol de Hugo, narrado por Norberto. No momento de expectativa da cobrança da falta, Cândido Norberto recorda que Álvaro, o candidato inicial para a cobrança para o Grêmio, passou a ser conhecido, na Guatemala, como “demolidor”. É uma narração totalmente descritiva e sem emoção. O gol narrado se assemelha a um sentimento de rápida surpresa. Mesmo que essa não tenha sido a sua intenção, a denominação de Álvaro como um “demolidor”, pode ocasionar uma série de perguntas, por exemplo: Álvaro é demolidor porque chuta muito forte e rompe as barreiras adversárias? Álvaro “demoliu” a seleção guatemalteca? Os guatemaltecos passaram a respeitar Álvaro, por isso, os salvadorenhos também precisam prestar atenção nele? Nesses poucos segundos, perguntas como essas podem ser feitas, entre outras. No final das contas, Álvaro deu um toque e outro jogador acabou marcando o gol. Só aí, nesse caso, já se abre uma outra discussão, por exemplo, sobre o esquema tático do Grêmio, do efeito “surpresa”, das jogadas ensaiadas. No lance, Cândido alertou que eram “diversos jogadores do Grêmio em condições de bater a falta”. Talvez, o esperado seria que Álvaro batesse, mas, quem marcou, foi Hugo.

Levando em conta a classificação de recursos expressivos formulada por Castillo (1989), todo o comunicador é influente, por natureza, inclusive Cândido Norberto. Porém, talvez, durante a transmissão do jogo do Grêmio, ele não tenha tido a intenção de criar um personagem, mas, ao descrever o atleta Álvaro como um “demolidor”, mesmo que tenha sido apelidado por terceiros, na sua narração isso foi relatado. E há nesse critério um caráter emotivo, não apenas a necessidade de informar. A transmissão, por mais descritiva que tenha sido, foi feita com a intenção de informar a torcida do Grêmio sobre o rendimento de sua equipe. E entre clube e torcida, existe um forte laço sentimental que Cândido Norberto tratou de construir com uma espécie de elo entre distâncias, de um ouvinte em Porto Alegre e de um time que atua na América Central. Ao se referir ao jogador Álvaro como um “demolidor”, Cândido Norberto também poderia estar dizendo que o atleta possuía a virtude de um chute forte. Porém, isso ficou nas entrelinhas de seu discurso. Apesar de objetivo, Cândido Norberto descreve o simples fato de uma cobrança de falta, o que se

caracteriza, conforme Castillo (1989), em divisão, isto é, o que em poucas palavras poderia ser dito, se incluem, se ampliam as dimensões da ideia.

Percebeu-se que, apesar de descritiva e sem a presença de emoção, a narração de Norberto possui muitos elementos. Levando em conta a tabela de análise retórica de Klöckner (2011), com base em Leach, em princípio, não haveria uma motivação forte o suficiente para provocar um processo persuasivo. Mas há um encaixe em gênero, por exemplo, quando Norberto realça os fatos e organiza o discurso. Como ressaltou Castillo, anteriormente, não se trata de intenção, em alguns momentos, pois a persuasão, de alguma forma, se apresenta e causa influência de diferentes formas. Se o gênero estilístico é apenas descritivo, não importa se a narração do gol de Hugo foi organizada no discurso do cânone de disposição. A própria lembrança de Álvaro, um “demolidor”, segundo os guatemaltecos, é uma referência que Norberto poderia ter guardado para si, porém, tornou a ideia pública.

Conforme Schinner (2004), a narração de Cândido Norberto pode ser caracterizada como sendo ancorada, isto é, apenas com a presença de um narrador, como de fato ocorreu, com o Estilo Orientado, que significa ser discreto, descritivo, dinâmico e com emoção contextual. Percebe-se que o gol causou um efeito em Cândido Norberto, há uma alteração em sua narração linear, mas é por curto espaço de tempo. A emoção não toma conta de sua narração. Nessa época, não havia ainda uma preocupação como a que se tem hoje com questões que envolvem o uso de recursos e elementos na jornada de futebol. Portanto, desse ponto de vista, não se avalia essa questão, até porque a maior preocupação de Cândido Norberto era de ter certeza que informou, um dos maiores desafios das transmissões, naquele momento.

## 5.2 Narradores Paradigmáticos

Com o desenvolvimento tecnológico e, a partir da gradual popularização do rádio, a qualidade das transmissões de futebol, apesar de ainda complicadíssimas entre as décadas de 1940 e 1960, melhoraram. Foi com o desenvolvimento de novos sistemas de transmissão, como o SSB, que o rádio de Porto Alegre pôde, a exemplo da Copa de 1958, com a Rádio Guaíba, levar da Europa ao Brasil, as emoções da primeira conquista brasileira em mundiais. Porém, esse fato já era legado de uma época em evolução, como abordou amplamente o capítulo 3, *Os Narradores Paradigmáticos*. Se não fosse Cândido Norberto, talvez Mendes Ribeiro nunca tivesse

se tornou um narrador de futebol e, na sequência, um profissional de sucesso. E Ribeiro ainda se consagrou como narrador, em meio ao desenvolvimento de novas tecnologias, que permitiram o pioneirismo, de transmissões “impossíveis” até pouco tempo antes de sua ascensão. O fato é que, com as gravações, se pode avaliar com mais propriedade qual era o tipo de narração daquele momento, como os narradores se portavam no ar, que tipo de voz predominava, que sensações os locutores exploravam, fatos que, na era dos *Narradores Desbravadores*, ficam por conta, praticamente, da história oral, de lembranças.

### 5.2.1 Mendes Ribeiro

A Rádio Guaíba possui um vasto acervo histórico. São incontáveis gravações que, atualmente, estão passando por um processo de catalogação. Há gravações em vinis, fitas *cassette*, *compact discs*, *mini discs* e outras tecnologias de captação e de mídias que se confundem com a história, tanto quanto com os materiais que armazenam. Boa parte desse acervo já foi digitalizado. São entrevistas, programas completos, transmissões esportivas, desde a fundação da emissora, em 1957. Existem, portanto, relíquias de variados tipos e de variadas épocas, do final dos anos 1950 até a atualidade.

José Moacir Bittencourt, que é o “guardião” do acervo, profissional que, há pelo menos duas décadas, se dedica às questões técnicas da empresa, tendo sido chefe da central técnica da Rádio Guaíba até pouco tempo, disponibilizou alguns dos áudios analisados neste estudo. O primeiro deles, é a gravação completa, em vinil, de um jogo da Seleção Brasileira de 1958, contra a França, na Suécia. O Brasil, que seria campeão pela primeira vez, logo em seguida, enfrentava umas das equipes mais difíceis daquela oportunidade. Um dos principais jogadores do *Les Bleus*, era Just Fontaine, autor de 13 gols em uma mesma edição de Copa, fato até hoje não superado. Segundo edição da Revista Placar de 1994, ao lado do Brasil, “a França era a melhor equipe” daquela Copa do Mundo.

#### 5.2.1.1 1958: Brasil 5 x 2 França

Para o jogo contra a França, que tinha um time muito forte, com Just Fontaine, Kopa, Jonquet e Piantoni, a Seleção do Brasil teria a volta de Vavá, para o ataque.

Segundo Napoleão (2012), o jogo no estádio Rasunda, em Estocolmo, no dia 24 de junho, era considerado uma final antecipada. Logo no início, Garrincha lançou para Vavá, que marcou 1 a 0 para o Brasil. Porém, Fontaine empatou para a França, cinco minutos depois. Aos 14, Zagallo teve um gol anulado. Mas, aos 39 minutos do primeiro tempo, Didi, com sua “folha seca”, marcou um golaço de desempate. Vavá e Robert Jonquet haviam dividido uma jogada, anteriormente, e o zagueiro francês fraturou a perna. Como naquele tempo não havia substituições, o Brasil abriu vantagem com três gols de Pelé, na etapa final.

Tanto que os próprios franceses não tardaram a chamá-lo de “Rei do Futebol”. O próprio Just Fontaine, surpreso com a atuação de Pelé, foi ao encontro ao brasileiro para cumprimentá-lo depois do último gol. Já Kopa, parecendo não acreditar na goleada, previu que ninguém tiraria a taça da nossa Seleção. No final das contas, os franceses acabaram reconhecendo a superioridade do time de Feola, enterrando a teoria de que nossos craques eram emocionalmente vulneráveis, despreparados psicologicamente para disputar um Mundial, como pregara a France Football. A vitória de 5x2 pôs o Brasil na decisão, diante da Suécia (NAPOLEÃO, 2012).

Pela Rádio Guaíba, no Mundial de 1958, estavam na Suécia, o narrador Mendes Ribeiro e o repórter Flávio Alcaraz Gomes. A gravação desta partida integra o acervo histórico da emissora, sendo que alguns trechos deste jogo foram digitalizados do original, que faz parte de um dos discos de vinil de toda a campanha brasileira naquele mundial. Para a análise, neste estudo, foram destacados os primeiros 11 minutos de jogo. O som apresenta uma grande quantidade de chiados e interferências, obviamente, em função da qualidade da transmissão da época. Porém, é possível compreender, claramente, a narração de Mendes Ribeiro, e boa parte do som ambiental do Estádio Rasunda.

Logo que a partida começa, Mendes Ribeiro narra os primeiros lances de forma descritiva, sem apresentar uma diferença muito grande entre as diversas faixas do campo, que podem ser separadas em três: defesa, meio e ataque. É uma narração descritiva, com aceleração, principalmente, em momentos de perigo, como nas oportunidades de gol. Ribeiro é eficiente na descrição dos atletas em campo e, já nos primeiros instantes, chama atenção algo observado por Ferraretto (2007), referido no Capítulo 3, a forma da pronúncia da palavra Pelé. Ao invés de utilizar um acento agudo na letra E, Ribeiro finaliza o apelido de Edson Arantes do Nascimento com um acento circunflexo na última letra, pronunciando, portanto, Pelê.

O que ninguém saberia explicar era a insistência na Copa de Mendes pronunciar Pelê e não Pelé. Óbvio que ninguém se importou muito em meio à festa<sup>173</sup> que tomou conta de Porto Alegre, do Sul do país, do país inteiro. Uma das tantas conquistas do futebol brasileiro e da Guaíba. Sabor especial para a primeira delas. Guaíba que completava, então apenas um ano e já mudava a história do rádio do Rio Grande do Sul. Mudança, é claro, com a colaboração forte do seu diretor de broadcasting, seu principal narrador esportivo, de Jorge Alberto Mendes Ribeiro (FERRARETTO, 2007).

Nesse caso, existe uma hipótese. A principal base de Mendes Ribeiro foi Cândido Norberto, e, conforme seu filho Lauro Santos (2015), “a influência do meu pai era do rádio fronteiriço, do rádio castelhano, com as narrações das rádios argentinas e uruguaias”. Assim como Norberto, Ribeiro também se referiu à bola como pelota. No espanhol, Pelé se pronuncia Pelê, portanto, até mesmo sem intenção, Mendes Ribeiro pronunciava dessa forma. Há também o fato de que, naquele momento, Pelé tinha apenas 17 anos, e foi, justamente nesse mundial, que ficou conhecido. Diferentemente da atualidade, não existia, em 1958, a “badalação” e o assédio de empresários a jogadores. Como a primeira marcação de tempo de jogo ocorre a um minuto, exatamente, oportunidade em que Mendes Ribeiro identifica o patrocinador exclusivo da Rádio Guaíba, naquele Mundial: “Placar Ipiranga, 1 minuto de jogo, Brasil zero, França zero”. “Automobilistas fizeram a prova decisiva, e o resultado é um só. A nova gasolina pura Ipiranga rende mais, dá mais potência ao motor, economiza bateria e muito mais gasolina” (RIBEIRO, 1958).

Ao todo, foram contabilizados 5 giros de tempo, a “marcha do tempo”, e 5 inserções comerciais, lidas por Ribeiro, entre um período de 12 minutos. Na sequência, após jogada de ataque com Garrincha, Mendes Ribeiro narra o primeiro gol do duelo, conferido por Vavá. E os giros de tempo são absolutamente úteis para isso, pois ocorrem, justamente, em um momento de expectativa pela informação, pois o tempo é importante no universo criado pelo narrador. O locutor permite que o ouvinte entre nesse universo, porém, as regras temporais são estabelecidas pelo narrador.

[...] volta bola para a defesa da França, a corrida é de Pelê./ Mas a bola é.../ Vai Jonquet./ Perdeu, no entanto, para Garrincha./ Corta Jonquet./ Aí o Zito, atirou para Vavá, pode marcar!/ Gool, gool do Brasil, Vavá!/ Vavá, para o Brasil!/ Gool de Vavá, para o Brasil!/ Dois minutos de jogo!/ Nós avisamos que Vavá ia marcar!/ Recebeu de maneira excepcional e atirou no gol de Kaelbel<sup>174</sup>./ Ali ficou, e isto, debaixo dos paus./ Kaelbel despencou na corrida,

<sup>173</sup> Ferraretto (2007) se refere à festa do título, conta a Suécia.

<sup>174</sup> Na narração do gol de Vavá, Mendes Ribeiro se refere a Kaelbel em duas oportunidades. Se tem a impressão que Ribeiro se referiu a Kaelbel como o goleiro, por engano, já que, enquanto este era zagueiro, o guarda-metas francês, naquele jogo, foi Abbas.

e o Brasil marcou./ Vavá, Brasil 1 a 0! Volta o Brasil no ataque, bola com Pelê, Pelê para Vavá, para Pelê, Pelê para Zagallo./ Corta Marcel...// (RIBEIRO, 1958).

E foi dessa forma, como descrito acima, que Mendes Ribeiro narrou o gol de Vavá, aos 2 minutos, e, sem descrição de reportagem, sem nenhum comentário, continuou a narração do jogo. Já é perceptível a capacidade de colocar emoção no lance, pelo gol de Vavá, diferentemente da narração absolutamente descritiva de Cândido Norberto. A primeira diferença, absolutamente notável entre ambos, é a intensidade do grito de gol. Enquanto Norberto apenas registrou de forma enfática, mas sem exageros, o terceiro gol do Grêmio, contra El Salvador, Mendes Ribeiro, além de gritar o gol de Vavá, ainda declarou “saber que o jogador marcaria”.

Em raros momentos da partida, Mendes Ribeiro comenta alguns aspectos técnicos, em relação ao adversário. Naquela altura do jogo, por volta dos 6 minutos do primeiro tempo, com vitória parcial por 1 a 0, Ribeiro sentia que a partida havia chegado em um estágio de equilíbrio entre as partes.

Bola com Piantoni, Piantoni para Kopa, Kopa para Piantoni, Piantoni longo para Fontaine./ Fontaine na grande área brasileira./ Corta, Bellini! É, o time francês joga bem... [..]/ o central do arranque é muito bom./ Bola com Didi, Didi para Vavá, mas os nossos estão bem.// (RIBEIRO, 1958).

O comentário de Mendes Ribeiro, apesar de exíguo, reflete exatamente o momento do duelo, tanto que, logo em seguida, aos 9 minutos do primeiro tempo, os franceses empatam o jogo, com Just Fontaine.

Bola em poder de Kopa./ Kopa passa no chão e dá a Fontaine a Kopa./ Kopa leva pela direita, vai outra vez para o Fontaine./ Está na cara! Ninguém viu! Entrou Fontaine./ Sai Gilmar.../ Gol da França.../ Gol, da França.../ Fontaine.../ estava na cara! E ninguém do Brasil viu! Entrou Kopa por aqui./ Tivemos a oportunidade de dizer que ninguém viu Fontaine do lado./ E atirou no canto direito de Gilmar./ Gol da França./ É o primeiro gol sofrido pelo Brasil./ Está empatada a partida, aos 9 minutos./ Vamos ter nova saída para o Brasil, prepara-se Vavá para movimentar o balão./ [...] está ouvindo Ipiranga, a Rede Ipiranga dos Esportes, pela de Rádio Guaíba./ Ipiranga na Copa do Mundo.// (RIBEIRO, 1958).

Diferentemente do gol marcado por Vavá, a entonação de sua voz, durante a descrição do empate francês, principalmente quando pronuncia a palavra gol, é de absoluto lamento. Essa é uma das características básicas da narração de Mendes Ribeiro, o posicionamento diante de sua audiência, no caso, a emoção e a vibração

em relação ao desempenho do Brasil. Após a nova saída de bola do Brasil, Mendes Ribeiro voltou a fazer um novo comentário, apresentando preocupação, perceptível em seu tom de voz, sobre a continuidade da partida, dizendo, “este jogo vai ser dramático”. Pouco antes, ainda, mostrou receio e esperança na melhora do rendimento, em específico, de Zito, afirmando, “mas ele vai melhorar, se Deus quiser”.

Durante o trecho de pouco mais de 11 minutos, analisado para este estudo, foram contabilizadas poucas metáforas ou figuras de linguagem, durante a narração de Mendes Ribeiro. Alguns exemplos são: “balão”, em referência, obviamente, à bola do jogo. “Tapete verde”, em substituição a gramado, e, ainda, “Canarinho do Brasil”, em alusão ao apelido da Seleção Brasileira, por causa da cor predominantemente amarela do uniforme. Foram comuns também a presença de algumas pausas, ausências de voz ou silêncio na transmissão. Pelo fato de Mendes Ribeiro estar sozinho na locução, se presume que as pausas tenham sido momentos para recuperar o fôlego, por causa da intensidade e rapidez de Ribeiro durante a partida. A voz de Mendes Ribeiro se caracteriza por estar em uma faixa média, isto é, entre timbres graves e agudos, e com impositação, principalmente, nas palavras com a presença da letra R, como “corrida”, “Garrincha”, “receber”, “corte”.

Pode-se reconhecer o gênero epídico, quando Ribeiro reconhece o potencial do time adversário, mas equilibra as forças ressaltando o potencial da Seleção Brasileira, universalizando o contexto, e a presença de alguns cânones retóricos na narração. Primeiramente, há apelo à emoção, inclusive em tom metafísico, quando Ribeiro, de forma metafórica, invoca a ajuda de Deus ao time brasileiro, através do cânone de inovação. É uma relação de fé, com a esperança pelo bom rendimento. Pois, além de estar narrando para fãs de futebol, está se dirigindo para espectadores de um país católico, o que Castillo (1989) denomina de personalização. E cabe aqui, mais uma vez, relacionar a retórica, conforme Castillo, quando Ribeiro cria uma narração em termos de dramaticidade, quando envolve religião e quando apresenta frases como “este jogo vai ser dramático”. Essas, conforme Castillo, são figuras retóricas, utilizadas para dar um maior realce nas transmissões.

Quanto a terminologias do futebol, durante o trecho analisado da jornada, foi constatado que Mendes Ribeiro utilizou termos que são atuais nas transmissões pelo rádio, tais como “escanteio” ou “tiro de canto”, “lateral”, “cabeçada”, “linha de fundo”, “tiro de gol”, “grande círculo do gramado”, “linha divisória” e “comandante de ataque”. Não houve em nenhum momento, por exemplo, a referência a quaisquer dessas

palavras citadas, através de “estrangeirismos”. Sobre o ambiental, pelo menos durante o trecho de 11 minutos e 52 segundos estudado, se referiu à torcida uma única vez, logo após o início do jogo: “O público aplaude a jogada do ataque brasileiro” (RIBEIRO, 1958).

Mendes Ribeiro é descritivo, porém, já demonstra maior capacidade de imprimir emoção, como se percebe nas narrações de seus gols. A intensidade, ou tempo de emissão dos gols, como coloca César (2009), não passam de 5 segundos, o que caracteriza parte do seu estilo de narrar. Porém a emoção está presente, critério que, conforme Schinner (2004), é fundamental nas transmissões. Além disso, Mendes Ribeiro preenche outros requisitos propostos por Schinner, tais como, cultura e conhecimento, liderança, credibilidade e valorização da palavra. É uma narração absolutamente técnica, em uma extensão de voz média, porém, conforme Cyro César (2009), com uma característica de *voice-over*, isto é, uma voz impostada, mesmo acima de uma região grave. Mendes Ribeiro é um narrador de Estilo Livre, pois enfatiza a emoção, que, além da descrição e da informação, é um dos elementos principais do seu estilo. Possui um caráter erudito na sua forma de se comunicar, com o uso da palavra com dicção muito bem trabalhada e preocupação com a localização exata da bola. Seu ritmo é médio, com acelerações quando a bola se encontra nas proximidades da área.

### 5.2.2 Milton Ferretti Jung

São também do arquivo histórico da Rádio Guaíba, os áudios de momentos da narração de Milton Ferretti Jung, analisados neste trabalho. Aliás, a história da Rádio Guaíba, pode-se dizer, é a história de Milton Jung, presente, praticamente, desde o início da emissora, em 1957. Quando chegou, um ano depois, foi, gradualmente, se consagrando em duas frentes: a primeira, indiscutivelmente, como o apresentar oficial do extinto Correspondente Renner. A outra, como uma das vozes do esporte da emissora da Caldas Júnior. Durante seus mais de 50 anos como profissional da Guaíba, Jung vivenciou uma série de fatos, como por exemplo, as grandes crises financeiras sofridas pela emissora, principalmente nos anos 1980, como já foi contado nos capítulos anteriores deste trabalho. E são dois momentos de Jung. O primeiro, pela importância histórica, foi a cobertura e a narração do milésimo gol de Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, em 1969, no Estádio do Maracanã. Milton não gosta,

nem ao menos, de ouvir a sua própria narração daquele jogo. Mas, querendo ou não, ficou o registro. E o narrador da Rádio Guaíba que esteve lá, foi Jung. Em 1969, Milton Jung já estava narrando há mais de 10 anos. Porém, com algumas diferenças. Ainda não existia seu famoso bordão “gol, gol, gol” e “bola no fundo do poço” que, como se referiu no Capítulo 3, apenas surgiria em 1973. E, por fim, 1986, última Copa do Mundo de Milton Jung. Pela Guaíba, foi o narrador que acompanhou todas as partidas da Seleção Brasileira, de seu amigo Telê Santana que, pela segunda vez consecutiva, não conseguiu levar o Brasil ao tão sonhado tetracampeonato mundial de futebol.

#### 5.2.2.1 1969: Vasco da Gama 1 x 2 Santos

Como abordado no Capítulo 3, as dificuldades naquela noite foram enormes, em função da importância daquela data, que se tornaria simbólica. Milton Jung, sem praticamente ouvir nada, dado o ruído provocado pela torcida, contava a história do gol. Se percebe também a dificuldade de Lasier Martins, que, no campo, aguardou alguns segundos para, então, descrever o lance e, na sequência, aproximar e ouvir o discurso de Pelé, após converter o gol, na meta de Andrada.

- Atenção, bola com Clodoaldo, Clodoaldo largando na área para Pelé, é derrubadoo! / Pênalti!!! / Pênalti cometido sobre Pelé, quando ele ir marcar... / Chegamos ao momento fulminante da partida! / Tomem nota do tempo! / Trinta e dois minutos. / Pelé é derrubado, é pênalti. / Lasier!!!  
 - [...] Efetivamente, é penalidade máxima. / Pelé com chances de marcar. / Foi trancado, me pareceu, daqui, por Moacir. / Se ele vencesse o adversário, teria chances de assinalar o milésimo tento. / Trancado Pelé, jogo paralisado, penalidade máxima assinalada pelo juiz. / É o momento mais emocionante. / Todo o público do Maracanã grita Pelé! Pelé! Milton!!!  
 - Os jogadores do Vasco da Gama não se conformam com o que sinalizou o árbitro. / Estão lá cercando o juiz. / Resistem, seguram a bola, lá na marca do pênalti. / Continua cercado pelos jogadores do Vasco da Gama, enquanto uma multidão de fotógrafos, cinegrafistas e o público, se desloca para a proximidade da goleira. / Todo mundo quer ver o milésimo gol de Pelé.//  
 - E o goleiro Andrada, do Vasco, está abraçado com Pelé, conversando. / Eu não sei se está pedindo para ele deixar para outro, não sei que conversa era aquele do goleiro Andrada, agarrado, abraçado, ao Rei Pelé. / E é ele mesmo que vai cobrar, Milton! / Pelé marcará? / Ou não marcará?//  
 - Uma multidão atenta para a bola. / Atenção! / Tudo pronto para a cobrança da penalidade máxima. / Renê ainda conversa com Pelé. / Agora vai se afastando ele também da pequena área. / Fotógrafos e cinegrafistas e repórteres postados atrás da goleira. / Andrada está quieto, debaixo dos paus. / Pelé, com as mãos na cintura, a um passo da risca branca da área. / O árbitro está na área pequena. / Pele prepara-se para a cobrança e para marcar o seu milésimo gol. / Demora-se ainda o árbitro. / Havia gente estranha dentro do gramado, um repórter que se adiantara. / Não pode ficar ninguém por ali. / É um momento de emoção pura no Maracanã, torcida gaúcha. / Pelé vai correr, caminha tranquilamente, atirou, goooooool, goooooool mil, é o gol mil de Pelé,

torcida gaúchaaa!/ Explode o Maracanããã, uma multidão invade o gramado, a partida está paralisada, tomem nota do tempo, 35 minutos, torcida gaúcha./ É a segunda etapa de Vasco da Gama e Santos, é o segundo gol do Santos./ Pelé é carregado por uma multidão!/ É emoção, no Maracanã./ Lá está Pelé, com a bola mil, com a bola do milésimo gol./ Ele é erguido, ele vai sendo trazido aqui para o lado do gramado, Lasier!//

- Milton Jung, o Maracanã grita, em coro, Pelé, Pelé!/ Está cumprida a façanha inédita, os mil golos do rei do futebol do mundo, Pelé./ Cobrando o tento, o Andrada chegou a tocar na bola, numa ponte sensacional, quase que defendia, mas a bola entrou no cantinho./ Os jogadores do Santos Futebol Clube, perfilados, um ao lado do outro, no centro do campo, apreciam a ovação que os cronistas, que os fotógrafos, e uma multidão extraordinária, dentro da cancha, tributam ao Rei Pelé./ Ele é carregado, com a pelota nas mãos./ É sensacional a festa!/ O público do Maracanã, aplaude, aplaude intensamente. Grita, Pelé, Pelé!! Oh, Milton!//

- Pelé continua carregado continua carregado, por aqueles que estão dentro do gramado./ Ele correu para receber o abraço de seus companheiros./ Agora, está sendo outra vez erguido, lá no alto, ele, o autor do milésimo gol./ Uma façanha inédita no futebol mundial./ É o Rei Pelé, torcida gaúcha!//

A principal característica da narração de Milton, neste jogo, sem dúvida alguma, é a emoção. E, naquele momento, foi necessário que o narrador explorasse esse artifício, dada a façanha, como Jung e Martins se referiram.

O personagem principal, claramente, é Pelé. Conforme Castillo, nesse caso, a estratégia retórica se encaixa no recurso expressivo da via de exemplo, que, segundo o autor, funciona de forma indutiva, através de exemplo de vida, supervalorizando uma personalidade ou personagem. E apesar de ter se tratado de um jogo de importância jornalística ampla, Milton Jung, em sua narração, fez questão de enfatizar que aquela foi uma transmissão para a torcida gaúcha, o que segundo Castillo (1989), se trata de personalização, que foi a forma como Jung se dirigiu aos ouvintes. Com muita descrição e atenção nos lances, Jung narrou cada um dos passos que provocaram o pênalti sobre Pelé. Não há bordões, não há metáforas. A narração do lance do gol e a descrição dos fatos, após o ocorrido, apresentam uma oratória com português correto, sem erros, com a descrição do que acontecia ao redor de Pelé e fora do campo, nas arquibancadas. Milton Jung deixa transparecer toda a sua emoção através de suas observações e pelo timbre de voz trêmulo, na hora do grito de gol e as descrições que se seguiram. Em comparação com Mendes Ribeiro, o grito de gol de Milton Jung é mais intenso, mais longo. Porém, o timbre de voz, em alguns momentos, assemelha-se ao de Ribeiro, mas com uma extensão vocal mais grave de Jung, durante a maior parte da locução. A dicção correta, o português acentuado, a entonação, quando necessários, são características marcantes. A narração de Milton

Jung, em Vasco e Santos, é, portanto, caracterizada pela valorização da palavra, pela descrição fiel, pelo improvisado, mas sem exageros, e, fundamentalmente, pela emoção.

Milton Jung também é um narrador de Estilo Livre, que se baseia, principalmente, em uma narração com altos níveis de emoção. Seu timbre de voz pertence a uma extensão vocal de média para grave, conforme César (2009), coloquial, com um ritmo de narração acelerada. Não há brilho e uso de efeitos durante a transmissão. E não há a identificação de distorções, pois Jung também se enquadra numa narração orientada, obedecendo a algumas regras, ancorando, comandando a jornada, e comentando quando necessário, principalmente em relação ao panorama do estádio, presença da torcida e movimentação no gramado.

#### 5.2.2.2 1986: Brasil 3 x 0 Irlanda do Norte

O ano de 1986 significou para Milton Jung a sua despedida das coberturas de Copa do Mundo. Nesse ano, Armino Antônio Ranzolin já havia deixado a Guaíba e encontrava-se na Rádio Gaúcha, para onde foram também muitos outros profissionais. Em 1986, os principais nomes da narração de futebol na Rádio Guaíba eram Milton Ferretti Jung e Samuel de Souza Santos. Inclusive, como já foi referido neste trabalho, ambos, em seguida, abandonariam a narração no rádio.

Na estreia da Copa de 1986, o Brasil venceu, pelo Grupo D, a Espanha e a Argélia, ambas pelo placar mínimo, 1 a 0. No terceiro jogo da primeira fase, derrotou a Irlanda do Norte com uma apresentação mais tranquila, pelo placar de 3 a 0. Com a crise da Rádio Guaíba, os próprios funcionários juntaram-se para evitar que a emissora ficasse de fora daquele mundial, inclusive, conforme Ferraretto (2007, p. 500), foi firmada uma parceria, antes do mundial, com a Rádio Clube, de Curitiba. Porém, Renato Bastos Ribeiro, que havia comprado a Empresa Jornalística Caldas Júnior, rompeu com os paranaenses e a Copa foi transmitida com recursos próprios. Conforme Rodrigo Oliveira (2011, p. 28), além de Milton Ferretti Jung e Samuel de Souza Santos, também foi escalado o narrador Carlos Moacir para aquela cobertura. Além destes, estiveram presentes também o repórter Wianey Carlet, os comentaristas Edegar Schmidt e Laerte de Francheschi, além de Luís Pirreux e Danilo Gomes, nas técnicas de externas.

O primeiro gol do jogo Brasil e Irlanda do Norte, realizado no dia 12 de junho, no Estádio Jalisco, em Guadalajara, foi marcado por Careca, aos 15 minutos do

primeiro tempo, em jogada pelo lado direito que, após cruzamento rasteiro para a área, o centroavante, de primeira, chutou e marcou. Josimar, aos 42 minutos, fez um golaço, através de um chute forte de fora da área, que alcançou o ângulo do goleiro irlandês Jennings. A gravação dos gols foi obtida por intermédio do acervo histórico da Rádio Guaíba para a análise da narração de Milton Ferretti Jung. No primeiro gol de Careca e do Brasil, Milton, em relação à 1969, apresenta uma locução muito mais veloz, como um timbre de voz muito mais marcante.

Alemão, agora, postado ao lado do grande círculo do mundo, jogou para Júnior, pelo lado esquerdo./ Júnior não chega a avançar, prefere fazer o passe lá no comando de ataque./ A bola foi para Josimar./ Josimar foi obrigado a recuar./ Recua para Elzo, Elzo para Alemão./ Josimar correu, de volta, para a ponta-direita, recebeu o passe, pode passar pela meia./ Infiltrou, tocou a bola para Müller./ Müller vai de novo sobre Donaghy./ Agora, Donaghy não procura fazer o breque./ É cercado também por mais.../ Cruzamento para Careca!/ Gol, gol, gol, gol!/ Gooooool do Brasil!/ Careca, uma jogada como manda o figurino pela, pela ponta-direita./ Dessa vez Donaghy, não foi sobre Müller, quem foi?/ Foi Stewart./ Stewart não conseguiu arrematar a bola do ponteiro, que cruzou./ Careca, colocado dentro da área grande bateu inapelavelmente para o fundo do poço./ O tempo do gol, 15 minutos, é o primeiro gol do Brasil!!! (JUNG, 1986).

No final da primeira etapa, Josimar fez um dos mais bonitos gols da história das Copas do Mundo. Com velocidade, descrição e emoção, Milton Jung contou todo o lance da seguinte forma:

Elzo tenta fugir da marcação de Donaghy, fugiu no primeiro momento, escapou, recuou a bola para Alemão, Alemão está postado no centro da intermediária irlandesa, fazendo nova abertura pela meia direita para Josimar, o Brasil troca passes de ataque, para Josimar./ Chuta!/ Gol, gol, gol! Gooooool do Brasil!/ Brasil!/ Brasil!/ Josimar!/ Pegou o grande goleiro Patrick Jennings distraído, adiantado, desatento, ele não esperava o chute de Josimar./ O Josimar, com muita clarividência, viu o que estava acontecendo e bateu forte./ A bola foi para a forquilha e, daí, para o fundo do poço./ O tempo do gol, 41 minutos./ Brasil 2, Irlanda 0, no Jalisco.// (JUNG, 1986).

Em 1986, Milton Jung estava com 51 anos. Observando o estilo de narração efetuado por Milton, naquele momento, é possível dizer que este foi o seu ápice da narração. Em relação à 1969, quando tinha 34 anos, Jung apresenta mais habilidade, dicção ainda mais ágil e algumas marcas que, a partir dos anos 1970, foram sendo desenvolvidas, na medida que o locutor foi ganhando sequência. Além do bordão “gol, gol, gol”, também surgiu, ao final da descrição da narrativa do gol, o termo “bola no fundo do poço”, em alusão ao que se pode denominar como “ a bola que vai para o

fundo do gol, ou que vai ao fundo das redes”, termos, estes, já muito comuns na narração.

Principalmente no segundo gol, percebe-se que Milton domina o ritmo, visualiza e localiza-se bem no terreno de jogo. Pouco antes do gol de Josimar, Jung retratou fielmente de que forma o Brasil estava aproximando-se da goleira da Seleção da Irlanda do Norte. Na hora do chute de Josimar, nota-se uma rápida surpresa em relação à magnitude do gol, que Jung justifica através do exemplo que usa do goleiro irlandês, que “não esperava” uma bola daquele tipo.

Mais uma vez, tem-se uma narração descritiva, com ênfase à emoção, com a diferença de que o ritmo de narração de Jung, conforme César (2009), é muito acelerado. Na verdade, mais acelerado do que em 1969, porém, adequado aos acontecimentos, sem ficar inaudível. Milton localiza a bola e descreve a movimentação dos jogadores. Não se percebe persuasão na narração, apenas, o objetivo de descrever o acontecimento, sem figuras de linguagem. Inclusive o bordão “gol, gol, gol” não se trata de metáfora ou alusão, é uma extensão, dividida em partes. Dessa forma, Milton diminuiu a extensão do gol, em relação à 1969. De 10 segundos, passou à metade, o que César (2009) chama de tempo de emissão. César também aborda o termo modulação, que é uma característica que evoluiu na narração de Milton, e se trata de harmonizar a posição da bola nos setores do campo. Pode se denominar também de variação do ritmo, quando o narrador apresenta um tom de voz no campo de defesa, diferente de quando a bola está no meio e no ataque. Geralmente, na defesa, um tom mais leve, e, na medida que a bola se aproxima do gol, o ritmo e a velocidade aumentam. Aos 42 minutos do segundo tempo, Careca fez o seu segundo, e fechou para o Brasil.

### 5.2.3 Pedro Carneiro Pereira

Em 1966, a Rádio Guaíba perdia Mendes Ribeiro e o engenheiro Homero Simon para a Rádio Gaúcha. Além disso, o patrocínio com a Ipiranga, que acompanhava a emissora, praticamente, desde a sua fundação, não foi renovado e, Flávio Alcaraz Gomes, diretor comercial na época, precisou buscar outra alternativa. Para o Mundial de 1966, a Phillips se tornou a nova patrocinadora das jornadas esportivas, e a Guaíba passaria a divulgar o barbeador elétrico *Philishave*. “O valor foi

15 milhões de cruzeiros, mais do que o dobro obtido com a Ipiranga S. A., em 1962!” (OLIVEIRA, 2011).

A FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*), em 1966, mudou seu posicionamento passado, diante da exclusividade das transmissões, e, ao negociar com a Rádio Record de São Paulo, de forma antecipada, gerou desconforto no Brasil. Flávio Alcaraz Gomes representou a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT), na sede da FIFA, na Suíça, para modificar a situação. Segundo Dalpiaz (2002, p. 113) “os canais obtidos seriam ocupados pelas dez emissoras inscritas por ordem de antiguidade na Radional e na Radiobrás”. Como as rádios Guaíba e a Gaúcha não estavam entre as primeiras, Flávio Alcaraz Gomes tomou uma medida inovadora. Enquanto alguns jogos foram transmitidos direto do Estádio, outros foram narrados por intermédio de *off tube*.

Com Mendes Ribeiro na Rádio Gaúcha, Pedro Carneiro Pereira narraria, pela primeira vez em sua carreira, uma Copa do Mundo, como titular da Rádio Guaíba. Conforme Celso Costa, em depoimento a Rodrigo Oliveira (2011, p. 23), a equipe da emissora, que acompanhou Pedro Carneiro, foi formada por: “Antônio Carlos Resende, narrador, o comentarista Ruy Carlos Ostermann, o repórter Adroaldo Streck e o próprio Celso Costa”.

#### 5.2.3.1 1966: Brasil 1 x 3 Portugal

Antes da disputa da Copa de 1966, parte dos dirigentes da Confederação Brasileira de Desportos CBD entendia que a fórmula para a conquista do tricampeonato era muito simples: bastava ter Pelé e Garrincha no time. Segundo Napoleão (2012), em 30 jogos juntos, Pelé e Garrincha ganharam 25 e empataram o restante. Porém, vários equívocos foram cometidos. Em 1963, Vicente Feola substituiu Aymoré Moreira. No Brasil, os clubes pressionavam a confederação, para que tivessem jogadores convocados. O resultado foram 47 jogadores chamados para integrar a Seleção. Dentre esses quase cinquenta, havia a presença apenas de um gaúcho, o atacante Alcindo, do Grêmio. Predominavam os jogadores do chamado eixo Rio-São Paulo.

A Seleção Brasileira foi sorteada para a Chave 3, onde enfrentaria as seleções da Bulgária, Hungria e Portugal, em Liverpool, a “terra dos Beatles”. Na primeira partida, com gols de Garrincha e Pelé, o Brasil venceu os búlgaros por 2 a 0, no dia

12 de julho, no Estádio Goodison Park. Nesse mesmo estádio, o Brasil realizaria seus próximos dois jogos. No dia 15 de julho, veio o primeiro golpe. Sem Pelé, contundido, o Brasil se perdeu no futebol-força dos húngaros, e sofreu 3 a 1. No dia 19 de julho, seria a vez do Brasil perder para Portugal. Pedro Carneiro Pereira foi mais do que um narrador descritivo. Em apenas um curto trecho de passagem, durante sua narração, já é possível identificar, pelo menos, duas estratégias retóricas, “ouvem a Guaíba de Porto Alegre, equipe local, som local, na partida do desespero”. Nessa frase, Carneiro utiliza, conforme Castillo (1989), a figura da personalização, já identifica para que a jornada está destinada. Na sequência, teatraliza, isto é, transforma um jogo de futebol em uma situação de aflição, pela necessidade de vitória do Brasil. O primeiro gol sofrido pelo Brasil, contra os portugueses, é narrado por Pedro Carneiro, da seguinte forma:

Morais no setor de campo para Graça, Graça ultrapassando a divisória pelo lado direito./ Vai ser perseguido pelas costas agora pelo jogador Silva./ Caiu Silva, Garça manobra inteligentemente para Augusto, José Augusto, para Simões, Simões é atacado pelo jogador brasileiro, Silva, não se percebe, rola para a grande área, rola para Eusébio, jogada perigosa, atenção, foi para a linha de fundo!/ Falhou Manga!/ Entrou Simões, gool!/ Gooooool de Simões, para a equipe portuguesa./ Vamos consultar o relógio, 15 minutos da primeira etapa, em Liverpool./ Portugal 1, Simões, Brasil 0, em mais uma falha lamentável do goleiro Manga.// (PEREIRA, 1966).

Neste gol, além da questão da emoção e da técnica apurada, da dicção quase perfeita, o que chama atenção são os recursos retóricos. Primeiramente, Pedro Carneiro descreve o gol e, na falha que percebe do goleiro Manga, transforma o jogador em personagem, ou, como descreve Castillo (1994), em anti-herói. Segundo o autor, figuras como essas, comuns na narração, são chamadas de figuras de apelo. Diante da situação complicada do Brasil, surge, no acaso, uma figura digna de ser utilizada como um personagem, pelo lado negativo. Um erro de Manga ocasionou o gol português. Dessa forma, abriu-se a oportunidade de discurso, que, de certa forma, Carneiro estava com o espírito preparado para tanto, devido à campanha do Brasil. Com a habilidade de um profissional que também circulava pelo meio jurídico, na própria descrição do gol, o locutor adotou um discurso judicial, isto é, acusando Manga de falha, e, por consequência, os erros da CBD como responsáveis pelo que estava acontecendo. Quando já estava 2 a 0 para Portugal, Pedro Pereira passou a criticar o momento da Seleção, cada vez que encontrava alguma oportunidade para tanto. No

primeiro gol do Brasil, se percebem outros elementos. Conforme o lance acontece, Pedro Pereira ressalta que a jornada é personalizada e antecipa-se, relatando seu inconformismo. Inclusive, o lance merece a análise por via de uma distorção. Ao declarar sua opinião, por pouco Pedro Carneiro não perde o lance. Percebe-se que o gol do Brasil, foi narrado, praticamente, com a bola dentro do gol. O discurso de revolta de Pedro Carneiro foi interrompido pelo gol de Rildo. O segundo gol foi narrado dessa forma por Pedro Carneiro (1966):

Guaíba de Porto Alegre, som local, equipe local./ Transmitindo a partida Brasil e Portugal do estádio do Everton, em Liverpool, partida que vai representar o afastamento definitivo do Brasil, na oitava Jules Rimet./ Isso que tem que dizer, o sepultamento das intenções de sermos tricampeões./ Bola com Rildo, Rildo para Jair, Jair para Rildo, pela meia esquerda, atenção!/ Atirou, goool! /Gooooool de Rildo para o Brasil./ Tabelou, pela meia esquerda recebeu, atirou do risco da área, forte, no canto esquerdo da meta portuguesa./ Dois para Portugal, um para o Brasil./ Consultem o relógio, 28 minutos, etapa complementar./ Agora, 2 a 1 para Portugal./ É a vergonha para o jogador brasileiro, se sobrepondo [...]

Quando Pedro Carneiro termina de narrar o gol do Brasil, seu discurso se altera, por poucos instantes, de judicial para epídico, pois, através da “vergonha” do jogador brasileiro, tenta realçar uma situação e elogio ao feito e busca de uma nova ordem. Porém, o Brasil não perde apenas no placar, mas no rendimento. Pelé, contundido, apenas figura dentro de campo, e o Brasil permanece, praticamente, com dez jogadores em campo. Pedro Carneiro (1966), então, narra o terceiro e decisivo gol português:

Cobrado o escanteio por Eusébio, para José Augusto, para Graça, atenção, levantou para a boca do arco./ Golpeia de cabeça, afastando o perigo, Orlando, voltou para Eusébio, atira, goool!/ Gooooool!/ Eusébio para Portugal./ Sepultando as últimas esperanças brasileiras./ Vamos consultar o relógio./ 40 minutos e 15 segundos, em Liverpool, na Inglaterra.

Pedro Carneiro utiliza a metáfora do sepultamento para dizer que o Brasil não tinha mais a mínima chance de conseguir alguma coisa no jogo, o que é verdade. Na reta final, a narração passou a tornar-se cada vez mais comentada. Aliás, uma das características da jornada de Pedro Pereira, era o comando absoluto das ações. Eram mínimas as participações do repórter Adroaldo Streck e de Ruy Carlos Ostermann. Em todo o jogo, Ostermann comentou em quatro oportunidades.

Conforme as classificações de Castillo, há mais um detalhe sobre a transmissão de Pedro Carneiro Pereira. Com a proximidade do final do jogo, Carneiro,

indignado com a situação, passou a tecer pequenas observações. Castillo (1989) denomina de hipérbato, geralmente quando o locutor discursa, tem sua sequência lógica interrompida, mas retorna ao assunto, como no caso abaixo:

O Brasil não tem coordenação./ O Brasil vale apenas pela emoção./ O Brasil vale apenas pelo espírito de luta./ Bola movimentada na direita por José Augusto, atrai a marcação de Jairzinho, chutou sobre Jairzinho, deu as costas para Jair, lateral para a equipe portuguesa./ Meus amigos, eu já começo a dizer, que esse não é o jogo do desespero, é o jogo da humilhação.// (PEREIRA, 1966).

De jogo do desespero, a partida ganhou outra denominação, de jogo da humilhação. Ao final, após a derrota, Pedro Carneiro adotou mais uma estratégia persuasiva, que, conforme Klöckner, com base em Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), denomina de ilustração, fundada por um caso em particular. Tem por intenção o narrador, incluir os ouvintes ao seu sentimento de indignação. Dessa forma, em um grande discurso final, se coloca no papel judicial, novamente, identificando e enumerando argumentos para aqueles que foram os responsáveis pela derrocada de Seleção Brasileira na Copa de 1966, a Confederação Brasileira de Desportos e seus dirigentes. Os jogadores do Brasil, até mesmo Manga, foram todos absolvidos por Pereira. O discurso final de Pedro Carneiro, enumera uma série de erros cometidos, segundo a sua opinião.

Termina o jogo em Liverpool, meus amigos./ E eu não contendo a minha indignação, e eu não contendo a minha revolta, brasileiros, contra aquilo que fizeram os homens da CBD, jogando no lixo, me permitam a expressão./ Jogando fora, as nossas pretensões./ As nossas justas pretensões de chegar ao tricampeonato./ [...] com uma política errada, com uma política facciosa./ Brincando de Copa do Mundo, como nós tivemos a oportunidade de dizer, em várias ocasiões, não definindo nunca uma equipe./ Ignorando o princípio mais elementar de futebol./ E uma equipe só pode jogar um bom futebol, se realmente tem conjunto, se tem realmente força de equipe./ Tudo isso foi ignorado, criminosamente, pelos homens responsáveis pela Seleção Brasileira./ Os portugueses são aplaudidos e os brasileiros também./ Os jogadores brasileiros merecem o nosso aplauso pela bravura./ Os portugueses pela justiça da colocação obtida nessas oitavas de final./ Agora um gesto magnífico./ Os portugueses batem palmas para a Seleção do Brasil que deixa o campo./ Os portugueses batem palma para a equipe brasileira./ Um final bonito, um final bonito de confraternização, entre portugueses e brasileiros./ O que, meus amigos, não chega de qualquer forma, a sufocar a nossa revolta!./ A sufocar tudo aquilo que nós temos dentro de nós, contra isso que foi feito./ Meus amigos, brincaram de Copa do Mundo e sepultaram, hoje, as esperanças de milhões e milhões de brasileiros.//

Com o discurso acima, Carneiro universaliza a jornada, pois passa a referir-se ao o jogo, em um âmbito geral, ao Brasil como um todo. Como pode-se perceber,

Pedro Carneiro Pereira, além de um narrador altamente técnico, com uma dicção, percepção de espaços, narração emotiva, também colocou em prática a retórica em sua narração. Narrador de Estilo Livre.

#### 5.2.4 Armindo Antônio Ranzolin

Armindo Antônio Ranzolin foi um narrador extremamente técnico, com a capacidade de visualizar muito bem o jogo e posicionar a bola em campo, através da sua locução. Ao contrário da narração destacada de Pedro Carneiro Pereira, da Copa de 1966, na transmissão da final do Campeonato Brasileiro de 1975, Ranzolin demonstra um grande poder de comando de jornada, chamando e coordenando todos os postos, organizado os passos para o decorrer da transmissão. Além da técnica e da dicção clara, Ranzolin também utilizava figuras de linguagens e, em algumas oportunidades, emitia opiniões durante as narrações. Na sequência, serão analisados dois jogos fundamentais na trajetória de Ranzolin, Internacional e Cruzeiro, de 1975, e São Paulo e Grêmio, em 1981, ambas decisões de Brasileiros.

##### 5.2.4.1 1975: Internacional 1 x 0 Cruzeiro

O Internacional conquistou, no dia 14 de dezembro de 1975, seu primeiro título do Campeonato Brasileiro. O único gol daquela tarde de decisão no Beira-Rio, foi marcado pelo zagueiro Elias Figueroa, aos 12 minutos do segundo tempo, para um público de mais de 82 mil pagantes. E foi o primeiro título nacional de um clube gaúcho narrado por Ranzolin.

Abaixo, um exemplo de narração e modulação, em três momentos. Ranzolin conseguia alterar o tom da locução, conforme a posição que a bola estivesse. No campo de defesa, um tom mais grave de voz que, na medida que a bola passa para a parte intermediária e avança em proximidade ao gol, a intensidade e o tom da voz alteram-se.

**Campo de defesa** - Uma bola de Valdir, Valdir dá, agora, para Falcão, Falcão para Valdir./ O público está sentindo, está crescendo o futebol do Colorado!// Lá vai Valdir, Valdir vai pela direita, pode suspender para a área, ainda a bola com Valdir.//

**Intermediária** - Valdir parou, na entrada da área, Valdir atrasou para Valdomiro./ Valdomiro recolheu, na frente do jogador Zé Carlos, atrasou para Caçapava./ Caçapava com a bola dominada.//

**Proximidade do gol** - Fora da área, vai tentar o tiro./ Caçapava para Falcão, de cabeça, na tabela, para Paulo César, para Caçapava, corta a defesa do Cruzeiro./ Vai o rebote para Eduardo, Eduardo ficou no vazio, Eduardo lançou em profundidade para Joãozinho, o Valdir já voltou fechando espaço, atrasou a bola para Figueroa [...]//

No gol do título do Internacional, marcado por Figueroa, Ranzolin antecipou que o zagueiro faria o gol, porque “sentiu” que isso aconteceria, pelo que percebia na torcida do Internacional. Isso tem dois lados. Conforme Castillo (1989), se trata de uma forma de inclusão, que é a maneira como o locutor se envolve em uma ação coletiva ou individual. Apesar de não se declarar torcedor do Internacional, Ranzolin, assim como foi descrito no capítulo 3, *Narradores Paradigmáticos*, sempre procurou narrar em função da equipe local, do lugar de origem, torcendo, colocando-se no lugar daquele torcedor para quem está transmitindo. Conforme Castillo, essa é uma estratégia retórica de personalização, quando, pelo rádio, o narrador tenta chamar e sensibilizar o maior número possível de simpatizantes de algo em comum. Abaixo, a narração do único gol da final de 1975, realizada por Armindo Antônio Ranzolin:

Prepara-se Valdomiro para fazer a cobrança para a equipe do Internacional./ O sinal marcou, 10 de jogo, segundo tempo, Beira-Rio, placar Ipiranga Banrisul, zero Internacional, zero Cruzeiro./ O estádio, agora, começa a ficar com uma torcida empolgante, agitando as suas bandeiras, cheio desse barulho ensurdecedor da garganta do torcedor gaúcho./ Atenção, cobrado para Figueroa, atirou de cabeça!/ Gooooool do Internacional./ O capitão Elias Figueroa, de cabeça, cumprimentou Raul./ Na bola que veio de Valdomiro./ Agora um mar vermelho no Beira-Rio!/ Pode ser o gol da Copa Brasil, pode ser um gol do coroamento de uma campanha!/ Internacional 1, Cruzeiro 0, 11 minutos de partida, segundo tempo!// (RANZOLIN, 1975).

Ranzolin é um narrador de estilo livre, conforme Schinner (2004). Desenvolveu seu comando de jornada, sem deixar de lado a emoção do acontecimento, como no trecho destacado abaixo, quando a decisão entre Inter e Cruzeiro já estava no final.

44, estamos no último minuto! Último minuto da partida, quem é que chamou?/  
É o Belmonte, para dizer que já estou no vestiário do Internacional!/  
Fica aí, Belmonte, falta só 1 minuto!/  
[...] estamos no período de descontos./ Agora, atenção!/ Lasier, Lupi, Laerte, Belmonte, com calma, vamos projetar todos os detalhes!/ O jogo está terminando./ O Rio Grande do Sul, o Internacional, vão ser coroados campeões brasileiros de futebol, em 1975./ Vai terminar o jogo no Beira-Rio.// (RANZOLIN, 1975).

Se em 1966 o goleiro Manga foi o vilão, o anti-herói, o homem que falhou em um dos gols de Portugal, segundo Pedro Carneiro Pereira, em 1975, dessa vez, o jogador tornou-se o grande nome da partida, o principal destaque, o personagem herói de Armindo Antônio Ranzolin. Como em toda a novela há a necessidade de se criar um personagem, da mesma forma acontece no futebol e Manga, dessa vez, representou uma figura positiva. Inclusive, Ranzolin ainda substituiu o nome de Manga por “Manguinha”, dado o afeto ou situação de afeto proporcionada e compartilhada com os ouvintes. Essa situação, Castillo denomina de Antonomasia, que ocorre quando se utiliza de um atributo para referir-se a uma pessoa. E pode servir para destacar algum defeito ou alguma qualidade. No caso, Manga destacou-se como um dos principais nomes do jogo por ter “salvado” o Internacional de situações de risco durante a decisão no Beira-Rio. No trecho abaixo, Ranzolin, além de ressaltar a figura de Manga, refere-se ainda ao torcedor do Internacional como um só.

A torcida não pode parar, a torcida tem 1 a 0, a torcida está ganhando o jogo com o time do Internacional./ Manga, Manga, Manga, é o torcedor, agora, saudando o goleiro do Internacional./ 1 a 0 Inter, gol de Figueroa./ Nelinho vai para a cobrança, atenção, uma bola perigosíssima, vai lá o Manga, salvou, agarrou com uma mão só!/ Dá-lhe, Manguinhaaa!//

Armindo Antônio Ranzolin foi um narrador que não marcou pelo uso de bordões em sua locução. No máximo, foram utilizadas algumas figuras de linguagem metafóricas ou alusivas, no sentido de aumento ou exagero de um determinado lance, como a análise do seguinte tópico irá mostrar, na decisão do Campeonato Brasileiro de 1981, entre Grêmio e São Paulo. Mas, uma das principais características do estilo de Ranzolin, é a liderança, que, conforme Schinner (2004), é importante para se buscar novas alternativas criativas, para alcançar os objetivos e as metas traçadas. O fato é que a Rádio Guaíba, nos anos 1970, era líder de audiência no rádio do Rio Grande do Sul, período em que Ranzolin atuou por mais tempo na emissora. Outra característica, conforme Schinner, é a valorização da palavra falada. Uma das principais preocupações de Ranzolin sempre foi com a questão do conteúdo.

#### 5.2.4.2 1981: São Paulo 0 x 1 Grêmio

Em 1981, foi a vez do Grêmio conquistar o Brasileiro. No dia 3 de maio daquele ano, com um gol do centroavante Baltazar, o clube, com 77 anos, levantava seu

primeiro troféu, em âmbito nacional. Neste lance do gol, serão analisadas as figuras de linguagem e a forma da narração de Armindo Antônio Ranzolin. O ritmo de narração do locutor durante o gol de Baltazar é, conforme denomina César (2009), acelerado, porém conveniente. Ranzolin descreve onde está a bola e utiliza algumas expressões metafóricas com mais ênfase, diferentemente da narração do gol do Internacional, de Figueroa, em 1975. Abaixo o gol de Baltazar, narrado por Ranzolin:

Paulo Isidoro arrancou no campo de ataque, prendendo a bola como convém, deixando respirar a sua meia cancha./ Entregou, agora, para Paulo Roberto./ Paulo Roberto levantou./ Chuveiro na área para Renato Sá./ Subiu para cabeçada, atrasou para Baltazar.../ Matou no peito, experimentou, uma bomba, atirou.../ Gooooool do Grêmio!/ Baltazar!/ 19 minutos e 35, no segundo tempo!/ Gol do iluminado, Baltazar!/ Gol do Chuteira de Ouro!/ O Grêmio faz 1 a 0 contra o São Paulo!/ Zero a zero serve!/ Um a zero, senhores, pode fazer do Grêmio, com 77 anos, campeão brasileiro em 1981!/ Cristalizou o Morumbi!/ Está derretendo o iceberg!/ O Grêmio está transformando o iceberg em picolé, e muito gostoso, no Morumbi!// (RANZOLIN, 1981).

Em comparação com a narração de 1975, percebe-se mais “ousadia” do narrador, em relação à locução do gol. Ao invés de só descrever o lance, fiel aos acontecimentos, Ranzolin refere-se, no início do lance, quando Paulo Isidoro arranca, deixa o meio campo “respirar”. Conforme Castillo (1989), trata-se de uma figura de comparação ou uma metáfora, quando se fala de uma situação, a partir de algum termo que chame atenção. Portanto, no caso de Isidoro, deixa a meia cancha “respirar” é específico aos seus companheiros de meio campo, como se estes se tornassem uma entidade apenas. Porém, são componentes de um todo, o que se pode relacionar a um processo de universalização, também, pois se generaliza a situação. Na sequência, Ranzolin usa o termo “chuveiro” na área. É mais uma figura retórica, com a intenção de dar “brilho” na jornada esportiva. O chuveiro, nada mais é, do que uma bola que é levantada e cai em direção à grande área, assim como a água despenca de um chuveiro ao piso de um box de banheiro, por exemplo. É comum também a relação que o futebol tem com termos bélicos, tais como, artilharia, guerra, bombas, tiros, entre outros. Ranzolin também usa essas figuras retóricas em sua narração, com a intenção de transformar a jornada em um espetáculo de batalha épica, através do seu relato. No caso da narração acima destacada, quando Baltazar recebe a bola, e mata no peito, ele “atira uma bomba” ao gol do São Paulo. É uma típica figura de metáfora, conforme Castillo (1989) classifica. Este lance de gol oferece ainda mais possibilidades de análises, no sentido de uma avaliação retórica. Baltazar, conforme

a narração, é um personagem que se torna herói, que é uma das principais características retóricas oferecidas na oratória dos narradores, como já se viu nos casos dos narradores avaliados até agora. Ocorre para Baltazar, que Ranzolin refere-se a ele, na sequência, como sendo “chuteira de ouro”, o que consiste, segundo Castillo (1989), no processo de antonomasia, quando se substitui o nome por um apelido, semelhante quando Ranzolin se referiu a Manga como “Manguinha”, em 1975.

Mas ainda no caso de Baltazar, a personificação de herói ainda se fortaleceu, pois, este mesmo, foi um dos principais personagens da primeira partida da decisão, no Estádio Olímpico. Depois que o centroavante perdeu um pênalti, afirmou em frase, que depois acabou de popularizando, “Deus está reservando algo melhor para mim”. Já havia, portanto, uma expectativa anterior ao jogo, antes mesmo que Baltazar realmente fizesse o gol do título. Ao contrário de Manga, que durante a decisão entre Inter e Cruzeiro se tornou o principal personagem, Baltazar, de vilão, passou a herói, no segundo duelo, típico do “jogo” retórico, segundo Castillo (1994).

Por fim, ainda como questão de análise retórica do gol marcado por Baltazar, Ranzolin dimensionou o jogo como um confronto entre o que seria o “bem contra o mal”, no caso, nas entrelinhas, uma batalha entre o Rio Grande do Sul contra São Paulo, carregado de rivalidade entre os dois estados, principalmente no período da Revolução de 1930, como conta o capítulo 2 deste estudo, a antítese. Conforme conforme Klöckner (2011), com base em Perelman e Olbrechts-Tyteca, os argumentos de Ranzolin, em forma de alusão e de metáforas, foram intencionalmente, apesar de um alto grau de improviso também, colocados em prática pela oralidade, primeiro, para reativar na memória do gremistas e, por consequência, do gaúcho, o orgulho do passado. Ranzolin, ao final do gol, “brinca” com a situação quando afirma que o Grêmio “cristalizou o Morumbi, derreteu um iceberg, e o transformou em um picolé muito gostoso”. Com esta estratégia retórica, Ranzolin construiu uma alusão a uma difícil batalha, com o gosto doce da vitória, mas, deixando claro, que se trata de um esporte. É uma estratégia retórica com resultados positivos, pois alcança um elo entre a razão e o sentimento.

### 5.2.5 Haroldo de Souza

Armando Ranzolin, aos poucos, foi introduzindo algumas figuras retóricas em sua narração, que serviram como estratégias eficazes, como foi descrito, principalmente, no caso do gol de Baltazar, que significou uma evolução, no sentido de ousadia na linguagem de Ranzolin, que acrescentou novas possibilidades sua narração técnica, ágil, emotiva. Por outro lado, em 1975, chegou ao Rio Grande do Sul, de Minas Gerais, Haroldo de Souza, que, na sua origem, é um narrador que tem por essência a utilização de figuras metafóricas, alusivas, entre outros recursos, como bordões. Conforme Ferraretto (2007), Haroldo de Souza pode ser considerado um dos reis das metáforas do rádio gaúcho.

Neste estilo, quem mais fez sucesso no Rio Grande do Sul nas últimas três décadas foi um paranaense aqui chegado de Minas Gerais: Haroldo de Souza, hoje na Rádio Guaíba. O radialista vai escandindo vogais na sua maneira particular de anunciar o gol – “Adiviiiiinheeee...” – para, logo em seguida, incentivar a comemoração do momento máximo do futebol – “As bandeiras estão tremuuulaaando, tremuuulaaando... torcedor do Brasil” –, fala secundada, em meados da década de 1970, por uma vinheta repetindo-a na forma de música. Quando o time local está em desvantagem, Haroldo transporta-se para as arquibancadas: “E, agora, tchê?” ou “Isto é profundamente lamentável, torcedor do Brasil”. Esta última é usada, ainda, quando alguém comete uma falta grave. Se o jogador erra em gol ou, para evitar o ataque do adversário, chuta para fora do campo de jogo, vem um “É bola pro mato que é jogo de campeonato”. Ironia do destino, ao se transferir para a Gaúcha, na sua primeira escala no estado, Haroldo de Souza chega justamente para contrapor com o seu estilo a sobriedade da concorrente, a Guaíba, sua emissora nos anos 1990 e 2000 (FERRARETTO, 2007).

No caso de Haroldo de Souza, metáforas, analogias e jargões sempre fizeram parte do seu tipo de narração, até pelas influências que teve na formação do seu estilo, conforme foi abordado no capítulo 3, *Narradores Paradigmáticos*.

#### 5.2.5.1 1976: Internacional 2 x 1 Atlético-MG

O gol de Falcão, contra o Atlético Mineiro, no 5 de dezembro de 1976, no Beira-Rio, é considerado um dos mais bonitos da história do futebol brasileiro, em função da “plástica” da jogada, isto é, da forma como o gol foi construído, que começou com uma troca de passes e acabou se complementando com um lance de toques com a bola “no ar”. Houve ainda uma triangulação entre Dario, Escurinho e, na sequência,

Falcão, que complementou, fazendo o gol do Internacional. Haroldo de Souza narrou, pela Rádio Gaúcha, em 1976, desta forma:

Descida do Inter, podes crer./ 45 minutos e 40./ Bola para Dario, Dario para Escurinho, ajeitou, para Falcão, de cabeça, para Escurinho, para Falcão, entrou, apontou, disparou, adivinheeeeeee!/ Gooooool!/ Gool do Internacional!/ Falcão, Falcão, Falcão!/ Falcão!/ É gol!/ Gooooool!/ Aos 45 minutos e 50 segundos!/ Falcão, o gol do desabafo, o gol do sufoco!/ O Filho da Dona Azise acreditou, estufou os cordéis da cidadela de Ortiz!/ Estamos na Libertadores da América!/ O Inter, já é vice de 76!/ Ruma para o bicampeonato!/ Falcão!/ 2 para o Internacional, 1 para o Atlético!// (SOUZA, 1976).

O lance do gol marcado por Falcão é ágil e apresenta uma sequência de jogadas de extrema habilidade, que resultaram no sucesso da triangulação entre os atacantes. No trecho destacado, Haroldo de Souza descreve a trajetória dos acontecimentos com fidelidade e precisão. O timbre do narrador, conforme a classificação de César (2009), em 1976, apresentava uma interpretação jovem, com inflexões e projeção sonora potentes e harmônicas. Inclusive, Haroldo utilizava, já naquele período, uma característica, conforme César, de caricatura da locução, com uma versatilidade voltada ao humor, quando, por exemplo, ele inicia o lance com a sentença “descida do Inter podes crer”, uma leitura muito mais jovial do que a tradicional de Ranzolin, por exemplo. Um dos motivos pelos quais Haroldo foi contratado pela Gaúcha, inclusive, como ressaltado no capítulo 3, foi, exatamente, o seu estilo diferenciado de tudo que se fazia no Rio Grande do Sul, até então. Haroldo trouxe um estilo de narração da “malandragem”, que ia totalmente ao encontro do padrão da Rádio Guaíba, com Ranzolin, Pedro Carneiro, Milton Jung e Mendes Ribeiro, que foi colega de RBS de Haroldo, inclusive. Haroldo, então, descreve o gol, precisamente, e quando Falcão chuta a bola e vence o goleiro atleticano, Haroldo grita, “adivinheeeeeee!”. O “adivinhe”, conforme Haroldo já explicou, serviria para causar curiosidade no ouvinte para despertar o interesse sobre o que aconteceu. Adivinhar o que, é a pergunta. Porém, o bordão conquistou tal popularidade, que se tornou sinônimo de gol.

Outra característica presente na narração de Haroldo é a acumulação de palavras, que, segundo Castillo (1989), é um critério que amplia a divisão, pois consiste em acumular quantos forem necessários adjetivos, substantivos, ou sentenças que acrescentem detalhes a um lance que, inicialmente seria simples. Acontece, por exemplo, quando Haroldo se refere à goleira. Para ele, a goleira não é

simplesmente um objeto retangular, cujo objetivo maior é que algum time o ultrapasse, significando um gol marcado. Quando algum jogador faz o gol, Haroldo vai além e descreve o lance como alguém que “estufa os cordéis da cidadela”. Ainda na década de 1970, umas das frases que se tornou popular também foi “as bandeiras estão tremulando, tremulando, tremulando, torcedor do Brasil!”. Anteriormente, ao invés de Brasil, Haroldo utilizava “torcedor gaúcho”. A intenção, na época, foi estabelecer uma relação entre os ouvintes gaúchos, por tratar-se de um narrador que veio de fora, com outros tipos de costumes. Na medida que o narrador conseguiu conquistar o respeito da audiência, despersonalizou o bordão, ampliando para “torcedor do Brasil”, sem mais um sujeito específico.

Nesse mesmo gol, Haroldo de Souza apresenta a habilidade de criar um personagem com mais de uma faceta, não apenas voltada ao futebol. Ao citar o nome da mãe de Falcão, faz uma referência direta a uma questão emocional, inclui mais uma personagem na história do gol, estabelecendo um laço mais amplo e comum, na verdade. A mãe, como símbolo, pode servir como discurso justificado para todos, para os torcedores do Internacional. Logo após a referência à mãe, Haroldo menciona as palavras desabafo e sufoco. E ao relacionar sufoco, mãe e desabafo, está definida a estratégia retórica de Haroldo de Souza, que utiliza a sinédoque do gol de Falcão para sensibilizar e aliviar o ouvinte, aflito na espera do gol da classificação. E com isso, Haroldo de Souza volta à descrição habitual, ao informar o tempo de jogo e o placar, como questão de afirmação ou de redundância, para aqueles que estavam atentos no jogo.

#### 5.2.5.2 2010: Internacional 0 x 2 Mazembe

No dia 14 de dezembro de 2010, Haroldo de Souza adotou uma estratégia retórica, na qual entendeu que, no momento em que o Internacional sofria o segundo gol da representação congoleza do Mazembe, ele não deveria narrar o lance, tradicionalmente. O locutor narrou da seguinte forma:

Eu não vou narrar./ A 40 minutos de partida Singuluma bate no canto direito de Renan e a bola entra.../ Eu não narro esse gol em Abu Dhabi, em respeito à torcida do Internacional./ A 40 minutos de partida!/ O Mazembe despacha o Internacional no campeonato mundial de 2010, nos Emirados Árabes!/ Aos 40 minutos de partida!/ Cai Renan no lado direito, e a bola entra no cantinho, e estufa os cordéis da cidadela brasileira./ Isto é profundamente lamentável!!/ (SOUZA, 2010).

Levando em conta a tabela de análise retórica de Klöckner (2011), em Leach, Haroldo de Souza assumiu um discurso judicial, em formato de narração de futebol. O fato de não narrar o gol, “em respeito à torcida do Internacional”, significa que o narrador, apesar de não se declarar torcedor colorado, colocou-se no lugar de uma multidão que estaria indignada e se sentindo ferida. O Internacional, neste caso, seria o réu, acusado de um crime, o crime de perder para o clube desconhecido, no âmbito do futebol mundial. E não foi necessário muito mais do que isso para Haroldo de Souza chamar atenção, já que seu gol ganhou repercussão nacional, justamente pelo fato inusitado de não ter sido descrito como o habitual, com o grito de gol. No restante do lance, Haroldo simplesmente completou com seus conhecidos bordões e confirmou o placar do jogo. Os seguintes cânones podem ser identificados nesse caso. Primeiro, o da invenção, pois Haroldo apelou à emoção, no caso, a partir da indignação. Segundo cânone é o da disposição. Haroldo apresentou muito bem o panorama, embora objetivo. Não foi necessária a ampliação de Castillo (1989). O gol não foi narrado, e, por si só, significa contrariedade. Segundo César (2009), Haroldo poderia ter utilizado o silêncio como alternativa, pois o silêncio no rádio, geralmente, significa que alguma coisa não está certa. O terceiro cânone, em relação ao estilo, também é claro nessa situação. Particularmente, Haroldo admite que veio para o Rio Grande do Sul, com a intenção de fazer uma narração diferente. E justamente o não gol narrado foi diferenciando. O quarto cânone é quanto à memória e este está ligado diretamente ao subconsciente do ouvinte, para quem Haroldo de Souza está transmitindo, no caso, o torcedor do Internacional, universalizado. Quis Haroldo deixar a pergunta no ar: Como um time que ganhou a Libertadores, perde para o Mazembe? E por fim, o Cânone da apresentação, quando Haroldo quer transparecer na sua oratória, um sentimento de indisposição, de revolta, com a intenção de “desenhar” na mente do ouvinte qual seria a sua aparência corporal, no momento que culminou na derrota. Este gol, por si só, apesar da simplicidade, como percebe-se, possui um alto grau de significado retórico. No grau hierárquico de retoricidade, conforme Klöckner (2011), a situação retratada apresenta um forte nível retórico, com cânones bem claros, identificados.

### 5.2.5.3 2015: Internacional 1 x 0 Joinville

Uma das características que Haroldo de Souza também implantou no Rio Grande do Sul, conforme ele diz, é um estilo de abertura de jornada produzida, na qual ele cria um texto que aborde futebol, mas, não somente isso. Em suas aberturas de jornadas esportivas, Haroldo escreve<sup>175</sup> sobre variados assuntos, desde política, meio ambiente, cultura, enfim, uma porção de cases. Na partida entre Internacional e Joinville, no dia 24 de outubro de 2015, o narrador abriu falando sobre questões que, em princípio, seriam de ordem tão somente pessoal e familiares. Deste tema, partiu para falar das condições climáticas adversas do Rio Grande do Sul e, ainda, fez uma relação com fenômenos em outras partes do mundo. Abaixo, está um trecho da abertura de jornada de Haroldo, para o confronto contra os catarinenses:

[...] nunca em lugar nenhum desse mundo caiu e caem tantos raios como aqui, sendo Santa Maria da Boca de Monte, o pedaço da Terra que mais recebe descargas elétricas, em todo o planeta./ Planeta, essa bola que gira no infinito do espaço e destino interno, ou eterno, ou que é habitado por seres humanos ou nem tão seres humanos assim, como deveriam ser./ Uma reação esta do Furacão Patricia, na costa do México, na noite passada, nunca um igual na história da humanidade, monitorada que se tem notícia, com ventos de até 380 quilômetros horários./ E isso deve refletir na mente de todos, que é preciso mais cuidado, e mais respeito como a natureza./ [...] às vezes eu esqueço que estou caminhando para, os 71 anos de idade, e faço coisas, como se tivesse 30, 40 anos./ E daí, rigorosamente, quebro a cara./ E daí cama, e daí repouso, molho./ E o cara quieto de molho, pensa mais, reflete mais, viaja mais, mas nada é definitivo, e a gente volta, teimosamente buscando essa tal felicidade [...]/ (SOUZA, 2015).

Mas a pergunta que se faz é, qual a intenção de Haroldo de Souza com esse tipo de abertura de jornada? As jornadas esportivas da Rádio Grenal iniciam uma hora antes do jogo começar. O tempo de duração desta abertura, por exemplo, foi de 4 minutos. No rádio de Porto Alegre, Haroldo de Souza é o único narrador que ainda produz aberturas de jornada desse tipo, com a intenção de atingir diferentes auditórios. E respondendo à questão anterior, as aberturas de Haroldo de Souza também são estratégias retóricas para chamar atenção do ouvinte, estabelecer um laço emotivo de aceitação. Levando em conta Castilho (1989), Haroldo de Souza estaria percorrendo vários caminhos entre as classificações dos recursos expressivos, por exemplo: Primeiramente, ao utilizar seus bordões criados nos anos 1970, estabeleceu

---

<sup>175</sup> Haroldo de Souza tem o costume de produzir seus textos de jornada escritos à mão ou em editores de textos para computadores.

uma situação de reconhecimento, o que Castillo chama de tópicos, isto é, as frases feitas, os lugares comuns, que são repetidos constantemente. No momento que se torna repetitivo, faz com que essa redundância crie marcas nos ouvintes, como o “adivinhe”. O narrador personaliza ou despersonaliza quando entende necessário, assim tem a liberdade de criar seus personagens. Nos anos 1970, buscou inclusão com os gaúchos. Depois de obtido, foi tornando-se mais específico. Exemplo disso, foi quando criou o bordão “avalanche”<sup>176</sup>, voltado à torcida do Grêmio. Mas se resguarda de possíveis ataques de colorados, pois tem o bordão “coloradooo”.

No caso da abertura de jornada entre Internacional e Joinville, Haroldo de Souza utiliza o critério da pergunta, que, segundo Castillo (1994), é quando se estabelece um diálogo que não necessite resposta. Em sua abertura de jornada, Haroldo promove assuntos, polêmicos, muitas vezes, apenas para gerar algum tipo de “desconforto” no ouvinte, atenuando para o futebol que, geralmente, encerra os seus textos.

Em um dos lances da partida entre Internacional e Joinville, o narrador mostrou indignação com o rendimento do Inter em campo, conforme abaixo:

Para vocês terem uma noção, uma bola levantada do lado esquerdo da defesa do Internacional, Ernando e Rodrigo Dourado subiram no mesmo lance para cortar de cabeça!/ O que significa isso?! Falta de orientação, de posicionamento no campo./ Não pode um lateral e um armador subir, no mesmo lance, para cortar de cabeça, um lançamento que feito pelo goleiro adversário./ Mas, por favor!/ Onze passados!/ Que bolinha tá jogando o Internacional.// (SOUZA, 2015).

Haroldo de Souza tem importância fundamental na história do rádio de Porto Alegre, por ter introduzido um estilo que utiliza muitas figuras retóricas, metáforas, bordões e frases de efeito. Em comum com narradores como Armindo Antônio Ranzolin e Pedro Carneiro Pereira, estão presentes virtudes como velocidade, descrição dos lances e a emoção como fator principal. Narrador de Estilo Livre, conforme Schinner (2004), e alto nível de criatividade. Com a presença de sua opinião em diversos momentos, Haroldo de Souza pode ser classificado por Schinner, também, como um locutor de transmissão comentada.

---

<sup>176</sup> Avalanche é uma forma de comemoração na qual torcedores descem correndo as arquibancadas, após a marcação de gol. É muito comum entre torcedores argentinos e uruguaios. Gremistas adotaram a avalanche em meados dos anos 2000. Porém, após acidente em 2013, na Arena do Grêmio, a prática foi proibida.

### 5.2.6 Samuel de Souza Santos

Samuel de Souza Santos é o último narrador analisado entre os profissionais do período *Paradigmático*. E, deste período, apenas Haroldo de Souza e ele continuam narrando futebol. Se Haroldo de Souza ainda atua em uma rádio do sistema tradicional hertziano, Samuel de Souza Santos segue na Rádio Galera, que aposta, entre outras coisas, na confirmação de seu slogan, “a rádio do futuro, hoje”. Conforme conta no capítulo 3, Samuel segue, praticamente, com o mesmo estilo de narração, com ênfase na descrição e na emoção. A diferença que sente em narrar na Galera, segundo ele, é a liberdade, em relação ao seu início, durante os anos 1960, passando pelas décadas de 1970 e 1980. E a análise retórica e estilística deste capítulo começa em 1983, na Bolívia, com Grêmio e Bolívar, pela Libertadores da América, ano do primeiro título do clube na competição. Na sequência, são avaliados trechos da narração de Santos na final do Campeonato Gaúcho de 2015, vencido pelo Internacional.

#### 5.2.6.1 1983: Bolívar 1 x 2 Grêmio

O lance obtido através do arquivo histórico da Rádio Guaíba, apresenta a narração de Samuel de Souza Santos de um dos gols da vitória do Grêmio, por 2 a 1, de virada, contra o Bolívar, no dia 25 de março de 1983. Neste jogo, Santos trabalhou com o repórter João Carlos Belmonte. A qualidade do som é clara e é possível conferir a narração de Samuel, baseado em uma construção de dicção ágil, segundo César (2009), com um ataque vocal e ritmo acelerado e adequado, pois o narrador não se equivoca na projeção das palavras. Samuel de Souza Santos possui um timbre de voz com um registro grave para médio, conseguindo modular harmonicamente durante a narração. Dessa forma, o locutor começa a descrever o gol de China, que, segundo conta no capítulo 3, é uma de suas narrações mais importantes. O lance acontece logo após a confirmação do tempo e placar, característico de Santos, como descrito no lance do gol abaixo:

Marque aí o tempo de jogo aqui, 36 minutos, 40 segundos, etapa final./ Um para o Grêmio, um para o Bolívar, na Copa Libertadores da América./ O Grêmio joga como time experiente, e é assim que tem que fazer./ Bola para Tita, Tita recolheu lá pelo grande círculo, preparou, retardou para China, China ajeitando, vai olhar para quem soltar./ Entra Osvaldo na jogada,

desarma Borja, retarda o jogo entregando para Tita./ Tita prende a jogada, solta a bola para onde está posicionado Casemiro, Casemiro para Tita./ É o toque de bola do Grêmio Porto-Alegrense./ Bola sobrando de Casemiro, sobrou para Osvaldo./ Osvaldo vai levando para a entrada de Tita./ Tita carregou para cima de seu marcador./ Passou bem pelo Navarro./ Vai tentar abrir na esquerda, tem colocado Renato./ Prende a jogada, além da intermediária contrária./ Retarda para China, lá vai o Grêmio./ Ainda carregando China./ Vai experimentar, preparou, vai bater direto!/ Gooooool, goooooool, sensacional para o Grêmio!/ 37 minutos 30 segundos, etapa final!/ China!/ 2 para o Grêmio, um chute forte, inapelável no canto direito da meta do goleiro Elso!/ Se um era bom, se o empate já servia, imagine agora, que o Grêmio salta à frente do placar!// (SANTOS, 1983).

Exceto o giro do tempo e placar, que se tornou clássico da narração de Samuel de Souza Santos, a sua locução é extremamente descritiva. Santos narra “em cima da bola” e constrói uma leitura bastante precisa da trajetória dos jogadores, até a bola chegar para China. Não há neste gol algum tipo de estratégia retórica com potencial de persuasão, em que haja alguma referência a, por exemplo, uma construção de um personagem diferenciado, como o próprio Armindo Antônio Ranzolin que, apesar de sua locução descritiva, criou com Manga e Baltazar, ou o próprio exemplo de Haroldo de Souza. E vai além, Mendes Ribeiro, Milton Jung e Pedro Carneiro Pereira e até Cândido Norberto, de alguma forma, criaram personagens no jogo. De fato, Samuel de Souza Santos é o primeiro narrador analisado que não se preocupou em criar metáforas, alusões e outras figuras retóricas para chamar atenção do ouvinte. A sua narração de Grêmio e Bolívar, apesar do caráter emotivo, é completamente informativa. Pode-se dizer que a narração do locutor resgata a essência de Cândido Norberto, porém, com velocidade de narração e emoção.

Inclusive, há uma observação que se pode fazer, levando em conta o bordão “marque aí o tempo de jogo aqui”. Ao contrário de Haroldo de Souza, por exemplo, que busca uma situação de personalização, um elo emotivo entre o torcedor ouvinte e ele, Samuel, por sua vez, não. Ao solicitar para o ouvinte conferir o tempo “aí”, ele está separando muito bem quem é quem no quadro da relação que apresenta de um lado o narrador, no meio o rádio, e, do outro, o ouvinte. Samuel procura narrar o mais universalizado possível, o mais imparcial que se permitir. O papel de Samuel de Souza Santos é transmitir o jogo, com a emoção que o jogo merece. Mas é a emoção do jogo, não além dela. Levando em conta a classificação de narração de Schinner (2004), pode-se afirmar que Samuel de Souza Santos, em 1983, foi um narrador que poderia encaixar-se tanto no estilo livre, quanto orientado. Em 1983, apesar de algumas liberdades narrativas que o próprio Armindo Antônio Ranzolin se permitia, havia na

Guaíba um padrão a ser seguido, por exemplo, nas aberturas de jornadas. Cada narrador deveria citar, no início da jornada, a frase: “Esta característica identifica a equipe de esportes da Rádio Guaíba”, para, na sequência, descrever o restante do texto produzido.

#### 5.2.6.2 2015: Internacional 2 x 1 Grêmio

Samuel de Souza Santos diz que se sente mais à vontade narrando futebol na Rádio Galera. Porém, como é possível notar na narração do gol de Giuliano, no clássico decisivo, pelo Gauchão de 2015, no dia 3 de maio, que diminuiu a desvantagem do Grêmio para o Internacional, a narração de Santos, 32 anos depois, segue, praticamente, um mesmo padrão estilístico, como descrito abaixo:

46 minutos e meio, quem cobra, é Douglas./ Prepara-se, ajeitou ali, vai bater de perna esquerda./ Está colocando a bola, quase sobre a linha intermediária, no campo do Internacional, que ganha por 2 de 0./ O Grêmio perde de 2 a 0, atenção, botou na área, a cabeçada, espalma o goleiro, atenção, bateu, é gol!! Gooooool, goooooool, Giuliano, para o Grêmio./ Numa jogada, ao final, do primeiro tempo, já terminando nos acréscimos./ O Giuliano no Grêmio chega à marcação do seu primeiro gol./ Dá uma chance de tentar virar, na segunda etapa./ A quarenta e sete minutos!!! (SANTOS, 2015).

Semelhante ao gol narrado em 1983, não há a presença de personagens, de metáforas, bordões, frases de efeitos ou recursos sonoros. A narração apresenta, somente, a voz de Samuel de Souza, com menos intensidade de ataque vocal<sup>177</sup> de 30 anos, com o som ambiental do estádio, captado pelo microfone. O gol é narrado com agilidade e dicção praticamente perfeita, completamente informativo.

Já no segundo gol do Internacional, Samuel de Souza Santos apresenta um pequeno indício do seu sentimento de liberdade na Rádio Galera. Mais uma vez, como apresenta o trecho abaixo, o gol narrado é descrito com precisão, com observação fiel da bola e dos jogadores:

Bola retardada onde está aproximado William, William prepara o arremesso, acabou desarmado./ Olha!/ Lá vai o Colorado para contra defensiva, atenção, recolheu Valdívica, bateu o marcador, entrou na área, a bola escapou, saiu Marcelão, a bola, é goooooool!! Valdívicaaaa para o Internacional./ Numa avançada rápida do time colorado./ A bola escapou pelo alto, a defesa do Grêmio ainda tentava soltar./ Tava fora da pequena área./ Mas a bola foi no

<sup>177</sup> Segundo explica César (2009), pode acontecer de três formas: brusco, aspirado ou suave. São formas de locução que têm muito a ver com o tipo de rádio em que se atua. Por exemplo nas rádios jovens, conta o autor, os locutores apresentam um tom de voz mais elevado, mais alegre.

fundo das redes, quando atingíamos oito minutos de partida, etapa inicial, no Beira-Rio!/ Inaugura o marcador!/ Um passo decisivo que o Internacional está dando para a conquista do título!// (SANTOS, 2015).

Há nessa narração acima um princípio de personalização, por parte de Samuel de Souza, primeiramente, quando se refere ao Internacional como Colorado, o que, conforme Castilho (1989), pode ser observado como um recurso expressivo de tópico, isto é, um termo constante do lugar comum, observado tanto entre os torcedores, como na mídia.

Samuel de Souza Santos continua seguindo uma “cartilha” da narração de futebol no rádio, com uma locução que se localiza entre os estilos livre e orientado. Santos segue imprimindo emoção como o fator principal de seu estilo, com ênfase, também, no dinamismo e na descrição dos lances. Em consideração ao gol de China, na Bolívia, Santos é ainda mais imparcial na narração do clássico Gre-Nal, inclusive, não explora a possibilidade do uso de figuras de antítese, que qualificariam o duelo como uma disputa entre rivais.

### 5.3 Narradores Contemporâneos

A partir deste tópico, é apresentada a última parte do estudo de análise retórica e da classificação de estilos da narração de futebol no rádio porto-alegrense. Como se pôde perceber, anteriormente, a narração, de 1931 até o final da década de 1950, foi ganhando o incremento de algumas particularidades, durante o processo evolutivo.

De uma narração descritiva, lenta, sem preocupação com emoção, este trabalho considera que, com a Copa de 1958, na Suécia, transmitida por Mendes Ribeiro, a emoção, definitivamente, foi adotada na narração de futebol, que passou a ser emocionante e descritiva. Mas era possível mais. Em seguida, nos anos 1970, a narração tornou-se mais veloz, além de emocionante e descritiva, e criativa, quando se popularizaram, principalmente com a chegada de Haroldo de Souza, as frases prontas, os bordões e o rádio popular no Rio Grande do Sul. Para finalizar este estudo, foram avaliados os narradores Marco Antônio Pereira, Mário Lima, José Aldo Pinheiro, Orestes de Andrade, Pedro Ernesto Denardin, Daniel Oliveira, André Silva e Angelo Afonso.

### 5.3.1 Marco Antônio Pereira

Marco Antônio Pereira destaca que o improviso é fundamental na sua narração, até mesmo na hora de preparar a jornada esportiva. “Sempre que eu tinha que improvisar para anotar, até para pegar os times e essa coisa toda, era uma coisa que saía muito melhor, sem me preocupar muito”, (PEREIRA, 2015). E isso inclui a sua abertura de jornada esportiva. Inicialmente, o locutor revela que produzia um texto. Porém, na medida que foi ganhando mais experiência como improvisador, prefere, agora, sintetizar e fazer frases curtas, dimensionando, tão somente, os acontecimentos do jogo, quem está jogando, quando, onde e por quê? Com um estilo descontraído, narração descritiva, em cima dos lances, e um timbre de voz grave, Marco Antônio, como descrito anteriormente na reportagem do Correio do Povo, possui alguns bordões que marcaram. Alguns pensados, como no caso do “Mestre Jonas”, e outros espontâneos, como no exemplo do “É do Goiááás...”. Aliás, este último é um bordão que, revela, não lhe agrada.

Isso “encheu meu saco” já. “É do Goiááás...”, os caras falam comigo na rua. Mas é mais ou menos por aí, sabe? Tem outras coisas por exemplo, o “mestre Jonas”, por exemplo, é um negócio que ficou legal, porque eu curtia muito o Sá e Guarabyra, isso dos meus tempos e guri, e a í eu “pô, Jonas, e tal”. E foi muito legal, que a família dele estava ouvindo em São Paulo e acharam maravilhoso. (PEREIRA, 2015).

Emoção e improviso são palavras-chave na narração de Marco Antônio Pereira. Na sequência, dois momentos destacados para esta análise, e dois jogos de Copas do Mundo, o primeiro, em 24 de junho de 1990, entre argentinos e brasileiros e, por último, a decisão da Copa do Mundo, no dia 13 de julho de 2014, também envolvendo a Argentina, porém, diante da Alemanha.

#### 5.3.1.1 1990: Brasil 0 x 1 Argentina

Neste gol, que, como descrito no capítulo 3, foi inclusive utilizado como ilustração no filme oficial da Copa da Itália, de 1990, Marco Antônio Pereira, pela Rádio Guaíba, apresenta uma narração com base na velocidade, observação fiel dos acontecimentos no campo de jogo, e comando de jornada. Nesta jornada esportiva, está acompanhado de Wianey Carlet e Edegar Schmidt. No lance destacado a seguir,

Marco Antônio Pereira dá amostras da capacidade de detalhar ainda mais o lance, com o uso de diversas palavras para descrever um mesmo lance, o que Castillo (1989) denomina de divisão. No lance abaixo, a movimentação inicia-se no campo de defesa do Brasil, em tom de voz mais grave, e, na medida que se aproxima do meio campo, Pereira realiza a modulação de voz:

O rebote volta para o Brasil, no campo de defesa pelo setor esquerdo, bola do Ricardo Gomes, recolhe para a seleção do Brasil, protege bem, a bola no recomeço com Galvão, Galvão de perna direita à frente do círculo central meteu a bola, outra vez, com Dunga, Dunga tem Careca e Müller se mandando para o comando, tentou o toque na frente, deu errado, vem para cortar Troglio./ Troglio para Maradona, que toque do Maradona!// (PEREIRA, 1990).

No gol da Seleção da Argentina, Marco Antônio Pereira descreve o lance com velocidade e precisão do momento em que Maradona pegou a bola e visualizou a passagem de Caniggia, entre os zagueiros do Brasil:

Grande jogada do Maradona./ Para lá, pra cá./ Tocou, Caniggia, vai tocar pro gol, driblou Taffarell, vai meter pro gol, a bola entrando, é goool./ Gol, gol!// Gooooooooo da Argentina!/ Caniggia, Caniggia, o número 8, da Seleção da Argentina, mete para o fundo da Rede!// (PEREIRA, 1990).

Nesse período, como se pode perceber, a narração de Marco Antônio Pereira é, basicamente, formada em três aspectos: Velocidade, descrição e emoção. Em especial, na narração do gol, não há presença de figuras retóricas, de metáforas, de bordões, porém, no encerramento da partida, quando se decretou a eliminação do Brasil e, por consequência, a classificação da Argentina, Marco Antônio Pereira abre mão da universalização e posiciona-se como um torcedor brasileiro frustrado com a derrota, através da personalização. E dessa forma, apresenta figuras retóricas de hipérbole e, nas entrelinhas, de antítese. Antítese porque Brasil e Argentina é um confronto de caráter rival, assim como Internacional e Grêmio. Quanto à figura da hipérbole, acontece no momento em que Pereira declara que a derrota para a Argentina foi “uma injustiça muito grande”, semelhante ao ano de 1982. É um dimensionamento exagerado que se coloca em evidência, em relação a um jogo de futebol:

Vitória da Argentina!// 1 para a Argentina, 0 para o Brasil, uma injustiça muito grande no futebol, assim como o Brasil foi eliminado em 1982 [...].// (PEREIRA, 1990)

Marco Antônio Pereira já apresentava, nos anos 1990, algumas características que utiliza ainda hoje. Uma delas é a frase que criou para o tempo e placar das transmissões: “a Guaíba dá um tempo para a bola e confere o tempo e o placar” (PEREIRA, 1990).

### 5.3.1.2 2014: Alemanha 1 x 0 Argentina

Em 2014, Marco Antônio Pereira narrou a final da Copa do Mundo, entre Alemanha e Argentina, no Maracanã, pela Rádio Gaúcha. Passadas seis Copas do Mundo, Pereira mostra uma narração muito mais personalizada, pelo menos no aspecto comparativo entre os gols analisados neste estudo. Na partida entre alemães e argentinos, o locutor declarou total apoio aos europeus, durante toda a transmissão. No texto abaixo, Pereira narra o gol de Götze, que deu o título aos germânicos:

Lá vai a Alemanha, 7 minutos de jogo./ Etapa complementar da prorrogação./ Bola do Schürle, Schürle carregou pela ponta-esquerda, escapa bem, vai cruzar, meteu pra Müller, vai marcar, meteu, é goooool!!/ Gooooool da Alemanha, Mário Götze!!/ Gol do títulooo, é o gol do tetracampeonato alemãooo!!/ Numa arrancada rápida, da esquerda, a bola foi enfiada na cara do gol!!/ E apareceu, o menino de ouro do futebol alemão, Mário Götze!!/ E ele meteu a bola, para o fundo da rede do goleiro!!/ 7 minutos, segundo tempo da prorrogação!!/ É festa alemã!!/ É festa no Maracanã!!/ O menino de Ouro, Mário Götze!!/ Mete a bola para o fundo da rede, e a festa é alemã, a festa é germânica, da Alemanha./ Está perto do tetracampeonato mundial, aqui no Brasil!!/ Um lindo gol, um lindo lance, Mário Götze, número 19, 1 para a Alemanha, 0 para a Argentina./ E a festa é total, total dos brasileiros, e dos alemães!!/ (PEREIRA, 2014).

O gol é descrito em detalhes, porém, em comparação a 1990, com um ritmo menos acentuado. O ataque vocal, conforme César (2009), não é brusco, com a presença de inflexões. O registro de voz de Pereira, em relação a 1990, é mais grave e a narração mais pontuada. Talvez, por ter narrado o gol alemão, na prorrogação, além de questões emocionais de uma partida tensa, o narrador pode ter sofrido desgaste nas pregas vocais. O jogador Götze, ao fazer o gol da vitória, se torna o personagem principal. Marco Antônio Pereira, por sua vez, utiliza o recurso retórico, conforme Castillo (1989), da antonomasia, e passa a chamar o jogador de “o menino de ouro”. Neste momento, Pereira já efetivou a personalização de sua jornada esportiva.

Na sequência, o narrador amplia o uso de recursos retóricos em sua locução, quando alterna entre recursos de personalização, o uso de figuras retóricas como a

comparação, metáfora, a antítese e, novamente a antonomásia. No lance abaixo, Marco Antônio Pereira utiliza um discurso persuasivo judicial, isto é, apresentando argumentos que, segundo ele, justamente foram julgados, em resumo, com a derrota argentina:

A gente passou a Copa do Mundo inteirinha ouvindo o mesmo canto./ Hoje, indo para cá os argentinos, cantaram o tempo todo para os brasileiros. Aquela musiquinha, que Maradona é melhor do que Pelé./ *Mas grande que Pelé!*/ Então, o seguinte: *Argentino, dice lo que siente, perdiendo en el Maraca para su papá! Lloro, llora, Argentina!*/ *Götze es mas grand que Messi y la fiesta es alemán, y la fiesta es brasileña!*/ *Chora, Argentina!* //

Conforme a análise retórica proposta por Klöckner (2011), com base em Leach, pode-se entender que Marco Antônio Pereira compreendeu a provocação argentina, através da música “*Maradona mas grande que Pelé!*” como uma provocação, que deveria ser julgada, justamente, por ter ferido o orgulho brasileiro. Pleitear o justo, nesse caso, seria a derrota da Argentina. Satisfeito, Marco Antônio Pereira devolveu, de forma provocativa, uma cantoria para os argentinos, como forma de punição. Dessa forma, teatralizou uma situação em que Messi, o personagem, o vilão, foi derrotado, e a Alemanha teria vingado o Brasil. No lance abaixo, Marco Antônio Pereira, percebendo o final do jogo próximo, amplia a utilização das figuras retóricas e acrescenta ainda mais um personagem no universo por ele criado:

É o último lance no Maracanã./ Choram os argentinos!/ Festejam os alemães./ E os brasileiros também, por sua vez, estão do lado dos alemães nessa festa!/ Neuer, Neuer./ É a muralha, é a muralha de *Gelsenkirchen*, é o grande goleiro da Alemanha./ Manuel Neuer./ Tá na bola o Messi, o Schweinsteiger tá ali no gramado./ Vai terminar, é o último lance./ 17 e meio./ O Sabella não quer nem olhar./ Atenção, Messi vai para a bola, é o último lance, a Alemanha ganha por 1 a 0./ O coração tá batendo apertado, tá batendo acelerado./ Messi na bola, uma grande vaia no “Maraca” para ele./ É o último lance do jogo no Maracanã./ Se ele não empatar, a Alemanha é campeã!/ Vai para a bola, Messi!/ Haja coração!/ Messi bateu pra fora!/ Pra fora!/ Pra fora!/ Disse lo que siente, Messi!/ O Brasil é penta!/ E a Alemanha é tetra!// (PEREIRA).

Primeiramente, a metáfora aparece na definição do goleiro Neuer. Conforme o narrador, o personagem da história seria a “muralha de *Gelsenkirchen*”. Muralha, certamente, pela dificuldade de ser vencido pelos adversários. Götze o salvador, Neuer a representação do bem e Messi a representação do mal. Na verdade, a antítese real desse confronto é Brasil e Argentina, não alemães e argentinos. Nesse sentido, Marco Antônio Pereira se identifica com um dos gêneros canônicos do

discurso retórico de Klöckner (2011), que é justamente o da memória. O narrador personaliza sua preferência pela Alemanha, mas sinaliza uma necessidade de vingança contra a provocação Argentina, e, ao mesmo tempo, ressaltando que os alemães estão no Maracanã para defender os brasileiros da possibilidade de a Argentina conquistar a Copa em solo do Brasil. O ponto chave de tudo é, justamente esse fato. O Brasil, sem a possibilidade de defender-se, contou com a ajuda de seus “heróis”, para evitar o que seria a “catástrofe”. Porém, a situação é irônica, tendo em vista que o Brasil foi eliminado pela própria Alemanha, sofrendo a maior derrota de sua história, por 7 a 1, nas semifinais. É como se a situação se encaixasse no que Castillo (1989) chama de recurso expressivo de tópico, isto é, o senso comum, tudo aquilo que se naturaliza como, por exemplo, os ditados populares. No caso de Brasil e Alemanha, o sentimento que se tem é de “se não pode com eles, junte-se a eles”. O recurso do cânone da memória foi acessado, porém, abordado de forma parcial, para, justamente, provocar antítese entre Brasil e Argentina. Marco Antônio Pereira é um narrador, conforme a classificação de Schinner (2004), de Estilo Livre, que tem como principais características a descrição, criatividade e emoção.

### 5.3.2 Mário Lima

Ao lado de Haroldo de Souza, Mário Lima é o narrador que mais se preocupa em transformar a sua jornada esportiva em um “show” de transmissão, pois é adepto de frases, de bordões e de bom humor, como foi descrito no capítulo 4 deste estudo. E assim como Souza, Lima teve a oportunidade de narrar em outros estados, para outras torcidas, e ter acesso a diferentes tipos de formatos de narração, como da região nordeste, como em Salvador, na Bahia, e, principalmente, em Santa Catarina, onde narra na Rádio Eldorado, em Criciúma, além da Rádio Guaíba. É interessante que Mário Lima, de um lado, é totalmente personalizado, quando narra em Santa Catarina, pois, pela Eldorado, só são transmitidos jogos do Criciúma, que é o único time da cidade, de mesmo nome. Em Porto Alegre, a situação é diferente, em função da antítese, da rivalidade entre Grêmio e Internacional. Mário Lima, necessariamente, universaliza, principalmente quando há uma disputa de clássico Gre-Nal, e, personaliza, quando narra um jogo de um ou de outro, separadamente. É o caso analisado a seguir. Por tratar-se de um trabalho sobre o rádio de Porto Alegre, este estudo não entrou em mais detalhes, no que diz respeito à narração de Lima em

Criciúma. O que importa, na verdade, é o rádio porto-alegrense, de fato. Para tanto, são avaliados dois jogos: o clássico Gre-Nal do dia 8 de maio de 2011, e um duelo entre Internacional e Corinthians, dia 16 de setembro de 2015, ambos no Beira-Rio.

#### 5.3.2.1 2011: Internacional 2 x 3 Grêmio

Mário Lima constrói a descrição do gol do Internacional através de uma narração veloz, com modulações de tons que crescem, de acordo com a posição da bola. No lance do gol, descrito abaixo, é possível perceber a evolução crescente do ataque do Inter, na medida que a bola se aproxima do gol. Quanto mais próxima a bola do objetivo, mais tensa se torna a narração de Lima.

**Campo de defesa e meio campo** - Leandro Damiano recua a bola pra Bolatti, Bolatti toca a bola curta, para D´alessandro, desceu pela canhota [...]

**Intermediária e ataque** - Kléber, preparou, ajeitou jogou para o fundo de campo, pra D´ale, vai cruzar, cruzou na boca do gol pra Sobis, recuou para Andrezinho, disparou, nasceuuuuuu! Gooooool do Inter! Eu vi tudo, sim senhor, claro que vi, meu senhor! Andrezinho, o 17 brilhando na camisa vermelha do Beira-Rio! Jogadaça pela canhota, no contra-ataque vermelho, a bola foi para D´alessandro, ele leva para o fundo de campo, consciente, rolou para o meio da zona perigosa para o Rafael Sobis. Ele recuou para o Andrezinho que, de frente para o crime, e na marca de 8 minutos, para explodir a torcida vermelha, aqui no Beira-Rio! Inter 1, Grêmio, 0! (LIMA, 2011).

Percebe-se que o gol narrado por Mário Lima respeita os critérios de universalização retórica, conforme Castillo (2011). Neste caso específico, em função da rivalidade, o gol é praticamente todo descritivo, sem ressaltar a importância do Internacional, em relação ao Grêmio. Lima apresenta algumas figuras retóricas, tais como, tópicos, que se trata de seus bordões, como o “nasceu”, e “eu vi tudo, sim senhor, claro que vi, meu senhor”, que são as frases prontas. O nasceu ainda tem a particularidade ser um bordão metafórico, pois refere-se a um nascimento, no caso, de um gol. Nessa época, era reproduzida uma vinheta de um bebê chorando, toda a vez que Lima proferia o bordão, que segundo Silva (1999), notabilizaria a narração de Lima, construindo imagens na mente dos ouvintes, com maior amplitude, através da oratória. Outras metáforas como “o 17 brilhando na camisa”, “boca do gol” e “explosão da torcida”, apenas são termos corriqueiros do estilo de Mário Lima. A narração de Lima, dessa forma, apresenta uma estrutura básica, que é preenchida pela descrição, emoção e improvisado. A estrutura dessa locução constituiu-se, justamente, de frases

prontas e bordões, que servem como elementos de identificação do seu estilo. No gol do Grêmio, marcado por Leandro, abaixo, a situação apenas se inverte, pelo fato de que, dessa vez, é o lado gremista que chega à marcação. A estrutura do gol é a mesma, descrição do lance, modulação da palavra, uso de bordões e figuras retóricas. Inclusive, Mário Lima teve o cuidado necessário até no seu grito de gol. Tanto pelo lado do Internacional, quanto pelo do Grêmio, a duração do grito de gol foi de 10 segundos, o que Cyro César (2009) denomina de tempo de emissão.

Rola a bola pra Fernando, Fernando pra Fábio, é o capitão tricolor, tá marcado pelo Bolatti, empurra a bola para Leandro, o garoto Leandro, ainda não apareceu no jogo, tocou a bola no comando, agora sim, pra Viçosa, pra Leandro, ficou na cara do goleiro, disparou, nasceuuu!// Gooooool!// Ééé tricoloooo!// Eu vi tudo, sim senhor, claro que vi, meu senhor, menino Leandrooo!// Eu dizia que ele não tinha aparecido no jogo ainda, na primeira que ele apareceu, ele tabelou, na entrada da área, na saída de André, aí o 21 brilhou na camisa do tricolão, tricolor, tricolaço!// Leandrooo!// Na marca de 1 minutos e 20 segundos, o gol aconteceu há 40 segundos do tempo de complemento, vira-vira o tricolor, aqui no Beira-Rio!// Estremece a torcida do Grêmio Porto-Alegrense./ Cala-se a torcida do Internacional./ O Inter repete a última quinta-feira aqui quando ganhava e deixou o Peñarol virar./ E aqui é Grêmio quem vira./ 1 e 45, 2 a 1!//

No gol do Grêmio, Lima utiliza alguns recursos diferentes do Inter, porém, mantendo a imparcialidade da universalização. Durante o trecho, Lima utiliza uma antonomasia para se referir ao Grêmio como, “tricolor, tricolão, tricolaço”. E para equilibrar, apresenta um breve discurso judicial, utilizando-se de um cânone de memória, ao recordar que o Internacional estava, naquela altura, cometendo um erro semelhante de uma partida recente pela Libertadores, contra o Peñarol, disputada antes do clássico. Dessa forma, deixa clara sua atenção para os fatos, ressaltando a felicidade momentânea do Grêmio, induzindo à memória dos torcedores do Inter, por outro lado, argumentos que enriqueçam o debate sobre os motivos do gol sofrido. Porém, nesse caso, a narração apenas cita a derrota para os uruguaios, sem mais detalhes. Em uma hierarquia retórica, o assunto foi tratado de forma parcialmente forte.

#### 5.3.2.2 2015: Internacional 2 x 1 Corinthians

O giro do tempo e placar de Mário Lima possui algumas particularidades que podem ser analisadas. A primeira frase, por exemplo, já apresenta, pelo menos, duas

características que podem ser classificadas como figuras retóricas, conforme Castillo (1989). E começa por “nas maravilhas mil, que o sul maravilha tem”.

O termo “maravilhas mil” caracteriza-se como uma hipérbole, pois, por mais maravilhas que o Rio Grande do Sul possua, o termo é condicionado ao exagero, que não deixa de ser comum na narração de futebol. E segundo, “sul maravilha”, nada mais é do que uma figura de antonomasia, que é um apelido de Mário, que denota um laço emotivo com o Rio Grande do Sul. E há outro detalhe, como admitiu, no capítulo 4, essa é uma estratégia que foi pensada, produzida, com a intenção de persuadir o público ouvinte, mas, principalmente empresas do setor turístico para comprarem a ideia, e, por consequência, patrocinar o espaço. Como no trecho abaixo, primeiramente Lima destaca alguma região, de forma elogiosa, e, na sequência, confirma os detalhes do tempo e do placar, como costumeiro:

Nas maravilhas mil, que o sul maravilha tem, Cambará, do cânions do Itaimbézinho, do Fortaleza, e da Cachoeira da Tigre, pelos campos de cima da serra, também é uma delas, anotem!// Meu cronômetro marcando!// Decorridos 10 minutos, 10 minutos passados, tempo de complemento, Beira-Rio!// Placar do Campeonato Brasileiro aponta, 1 para o Inter, 1 também para o Corinthians, é clássico do futebol brasileiro!// (LIMA, 2015).

Em relação ao clássico Gre-Nal estudado anteriormente, Mário Lima assume uma posição personalizada com a torcida do Inter. Exemplo disso é o fato de acessar, através do cânone da memória, a lembrança de um jogador de sucesso no Internacional, dos anos 1970, Valdomiro. Inclusive, o zagueiro Paulão, conforme a narração de Lima, torna-se ator e atua no papel, justamente, de Valdomiro. É a forma como Mário Lima induz o torcedor do Inter a unir a sensação do gol ocorrido, naquele momento, com uma figura de referência do passado. Além disso, Mário Lima também utiliza a figura retórica da antonomasia, ao chamar o autor do gol de “Valdívica da cabeleira”, claramente em referência ao comprimento dos cabelos do jogador, que é facilmente identificável de qualquer distância do estádio. Essa, inclusive, é uma técnica relatada por Mário Lima, no capítulo 4, isto é, a identificação dos jogadores, através dos atributos físicos como cor de pele, trejeitos, cabelo, cor de chuteira, entre outros. No gol de Valdívica, também há a presença de algumas figuras retóricas metafóricas, como a “blitz do Internacional”, e o “choro do nenê”, no caso o gol. No trecho abaixo, a descrição do gol de Valdívica ilustra as estratégias de Lima:

Vem o Internacional, aperta o nó da gravata, vem a blitz do Internacional./ Está na hora do segundo gol vermelho, 27 e 50, levantamento fechado, Nilton subiu, tentou o cabeceio, cortou o zagueiro./ Voltou, boa bola, respondeu aqui pela direita, Paulão, tá no campo de ataque, segue no campo de ataque, Paulão, o Inter é todo pressão, tá todo na frente, Paulão, de meia lua!/ Ganhou, invadiu a área, vai cruzar, cruzou para trás, passou a bola, Valdívia, disparou, nasceuuu!/ Gooooool.../ Explode o Beira-Rio!/ É do Inter!/ Eu vi tudo, sim senhor, claro que vi, meu senhor!/ O menino Valdívia da cabeleira!/ Valdívia!/ O 21 brilhando na camisa vermelha do Gigante da Beira-Rio!/ Paulão faz uma jogada maravilhosa pela direita, à moda antiga, com o drible do rabo da vaca como se ponteiro fosse./ E como se ponteiro fosse, *a la* Valdomiro, ele cruzou pra trás, rasante!/ Valdívia, de chapa de pé, de forma inapelável para sacudir a rede pelo lado de dentro./ Chorou o nenê, na marca de 29!/ De virada, o Internacional Valdívia, 29 na camisa, explode o Beira-Rio, Inter 2, Corinthians 1!// (LIMA, 2015).

O bom humor é umas das principais características da narração de Mário Lima. No trecho abaixo, o narrador utiliza do recurso expressivo da amplificação para aumentar o sentido de algo que poderia ser dito em poucas palavras. No caso, o fato, simplesmente, era a cobrança de um escanteio. Porém, Lima construiu toda uma história com a presença de metáforas e, inclusive, com onomatopeias como “rififi” e “vucovuco”.

Há um boqueirão no meio de campo das duas equipes./ Vem para a cobrança do escanteio Edílson, para o Corinthians, placar de 2 a 1 para o Internacional./ Pega essa, Alisson./ Vai para a bola o time do Corinthians./ No escurinho do cinema, embaixo da aba do chapéu, rififi, no vucovuco, no ronco da cuíca, ali, todo mundo na área [...]/

Todos os termos acima, “no escurinho do cinema”, “embaixo da aba do chapéu”, “no ronco da cuíca”, além de “rififi” e “vucovuco”, são metáforas transformadas por Mário Lima em bordões e que significam a mesma coisa e justificam o exagero de sua narração esportiva. Mário Lima também pode ser classificado por Schinner (2004) como um narrador do Estilo Livre, enfatizando a sedução nas palavras, como um mestre de cerimônias.

### 5.3.3 José Aldo Pinheiro

José Aldo Pinheiro é um narrador completamente diferente do estilo de Mário Lima, o narrador anteriormente estudado. Não é um locutor que possua bordões e, inclusive, é o tipo de característica da narração que não lhe agrada, pois prefere uma locução “mais limpa”. Zé Aldo caracteriza-se por um tipo de narração rápida, com um timbre de voz médio, com alcance em regiões mais agudas, com um brilho suave, e

alto poder de alcance, segundo César (2009), uma locução jovem. Possui também uma inflexão e modulação absolutamente perceptíveis em seu estilo e forma de narrar futebol. É possível diferenciar bem quando o locutor está narrando uma jogada no campo defensivo, e outra no ofensivo, pois o ataque vocal modula de suave para brusco, com facilidade, o que César denomina de variação interpretativa dos recursos.

José Aldo Pinheiro também faz um tipo de narração, na qual a dicção é clara. Na sequência, são avaliados dois momentos de Pinheiro, o primeiro pela Rádio Guaíba, um duelo entre Flamengo e Internacional, no Maracanã, no dia 6 de novembro de 1994, e, por fim, em 2015, a narração de um jogo da Seleção Brasileira, contra a Venezuela, em 13 de outubro de 2015, por *off tube*, de um dos estúdios da Bandeirantes, em Porto Alegre.

#### 5.3.3.1 1994: Flamengo 1 x 2 Internacional

Avaliando a narração de José Aldo Pinheiro no primeiro gol da partida, o lance é descrito com velocidade e descrição exata dos lances. O grito de gol do narrador é potente, porém não se alonga. No tom de voz, José Aldo demonstra insatisfação com o ocorrido e, dessa forma, seu timbre determina-se como uma figura retórica, através do sentimento. Não é necessário que utilize de algum artifício retórico em forma de palavra ou frase, para que se perceba que a narração dessa partida é destinada ao torcedor do Internacional. Assemelha-se muito com o tipo de narração de Samuel de Souza Santos, como no caso do gol de China e do Gre-Nal de 2015, descritos anteriormente. Mas a diferença entre ambos, é que, de um lado, Santos separa, nitidamente, o narrador do torcedor, enquanto José Aldo Pinheiro personaliza-se. No final da narração do gol de Paulo Nunes, o locutor utiliza da metáfora “festa no Maracanã” para se referir à comemoração do torcedor do Flamengo, e o faz com um tom de voz em que interpreta com sucesso a situação negativa do jogo para o Inter, como descrito no trecho abaixo:

Se antecipou lá o Fabinho./ Na ponta direita, agora tem perigo!./ É pra Sávio, chegou na área, vai cruzar, foi ao fundo, bateu e gol!./ Gooooool do Flamengo./ Sávio, foi ao fundo, cruzou para Paulo Nunes, e a defesa do Internacional ficou em desvantagem com menos jogadores que o ataque do Flamengo, e Paulo Nunes, colocou para o fundo da rede./ Oito minutos e meio de partida, no segundo tempo./ A bola balança a rede e a rede balança a bola, e o Maracanã tá em festa./ O Flamengo faz 1 a 0.//

É possível pensar em “festa no Maracanã” também como uma figura de gradação, isto é, quando ocorre numa sequência de fatos, segundo explica Castillo (1989). José Aldo Pinheiro poderia ter optado por apenas descrever o lance do gol, porém, preferiu dar amplitude, indo além, comentando o que gol ocasionou, que, no caso, foi a comemoração no estádio. Há também outro detalhe sobre o gol anterior e, inclusive, a respeito do próximo. Apesar de não ter como característica de sua narração o uso de bordões, José Aldo Pinheiro possui uma frase que, já naquele tempo, utilizava após a descrição do gol e que se transformou em uma marca, ou, como classifica Castillo, em tópico, a frase que acaba tornando-se senso comum, “a bola balança a rede, a rede balança a bola, essa emoção, balança o torcedor”. Ele, inclusive, declarou, no capítulo 4, que não gosta dessa frase, porém, como será abordado na sequência, o narrador continua utilizando esse recurso retórico. No gol que significou a virada do Internacional na partida, José Aldo Pinheiro personaliza ainda mais a sua narração, pois, no meio da descrição, promove um diálogo com o torcedor do Inter. O locutor narra o gol dessa forma:

Argel ganhou o lance do Marquinhos, vai para o contragolpe do Internacional, avança pela meia-direita./ Já tocou a bola pelo meio, para Luiz Fernando Gomes, que meteu para Loyola, desceu Loyola, na ponta é só tocar para Leandro, olhou, cruzou, vai fazer, atirou, goooooool do Internacional, Leandro!/ Adivinhe de que jeito?/ De cabeça!/ Na boa jogada de Argel, lançamento na ponta direita, no fundo do campo, o cruzamento do Loyola./ Quando vai bem, dá pra ele!/ Leandro, de cabeça, faz para o internacional 24 minutos e 30 de jogo, etapa final!/ Empata o jogo o Colorado!/ A bola balança a rede, a rede balança a bola, e essa emoção, balança a torcida do Inter!/ O craque da camisa 9 do Internacional, o garoto promessa Leandro, empata mais uma vez o jogo!// (PINHEIRO, 1994).

No gol marcado por Leandro, em primeiro lugar, José Aldo Pinheiro apresenta o surgimento de uma figura retórica de antonomasia, ao se referir ao centroavante do Internacional como o “garoto promessa”, o “craque da camisa 9”. O narrador promove um discurso epdítico em que ornamenta os fatos, e realça o motivo, segundo ele, pelo qual o Internacional obteve sucesso naquele instante, que foi, justamente, o rendimento de Leandro, o personagem da história relatada. Nesta partida, Pinheiro atuou com Luiz Carlos Reche, nas reportagens, Edegar Schmidt, nos comentários e Antônio Augusto, no plantão.

### 5.3.3.2 2015: Brasil 3 x 1 Venezuela

Em 2015, o timbre de voz e o formato da narração de José Aldo Pinheiro se assemelham ao seu próprio rendimento em 1994. A diferença que se tem em relação à qualidade do áudio, é que a gravação dos gols obtidos no arquivo da Rádio Guaíba, foram transmitidos por intermédio de linha telefônica, portanto, não possuem a mesma qualidade de som de estúdio, como da narração analisada, a seguir, de Brasil e Venezuela. Porém, apesar desse detalhe, é possível ter uma ideia de que a narração de José Aldo Pinheiro, conforme o próprio admite, no capítulo 4, não se alterou significativamente, nos últimos 21 anos. Brasil e Venezuela foi transmitido por *off tube*. Neste jogo, José Aldo trabalhou acompanhado de Luiz Carlos Reche mais uma vez, porém, nos comentários, Saimon Bianchini, nas reportagens, e Paulo Pires, no plantão. Duas décadas depois, a base da narração de José Aldo Pinheiro segue fundada em descrição, emoção e valorização da palavra. A abertura de jornada, conforme trecho destacado abaixo, é totalmente descritiva. Apenas refere-se ao jogo como história, porém, é narrada, tão somente, com a intenção de informar o que está para ser transmitido:

A Rádio Bandeirantes abre os seus microfones para contar a história do segundo jogo eliminatório para a Copa da Rússia, no confronto que acontece, em território brasileiro, na cidade de Fortaleza, no Estádio Castelão, entre Brasil e Seleção da Venezuela./ Estamos colocando o nosso time em campo, colocando a rede Band Sat Sul de rádios, através da Bandeirantes FM 94,9 e AM 640, seguidas que são, pela rede Band Sat Sul, que via satélite, nos liga com Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso.//

No trecho a seguir, um exemplo claro da capacidade de variação interpretativa do narrador. No lance 1, com a bola posicionada no campo de defesa, José Aldo narra em um ritmo de voz mais grave, porém veloz. No lance 2, o ritmo se intensifica e o tom de voz atinge uma região média e natural da voz do narrador. No lance 3, com iminência de gol, José Aldo (2015) altera para um tom mais agudo, com ataque vocal e projeção forte:

**Lance 1** - Retoma a posse de bola a defesa do Brasil, ganha a jogada./ Lá atrás movimentada a jogada Filipe Luís, no lado esquerdo toca para Douglas Costas, na devolução, pela passagem de corredor...//

**Lance 2** - Ele jogou a bola no Filipe Luís, que, agora, está mais na frente que o Douglas, volta a bola para o Douglas, que atrasa para a jogada do Luiz Gustavo, na meia esquerda, recuou a bola para a intermediária./ Atrasa a bola para a meia-direita para o zagueiro Miranda, toca para Daniel Alves, no meio de campo para a jogada rápida, agora, com Willian, Willian fez uma

tabela de passagem com o volante brasileiro Luiz Gustavo, que voltou a bola para Willian.//

**Lance 3** - Jogou, nas costas da zaga, que boa bola para Ricardo Oliveira, vai fazer, o goleiro salvou!/ Salvou o goleiro da Venezuela!/ Que jogadaça do Brasil!//

O gol do Brasil ocorreu logo no início da partida. E, nesse momento, mais uma vez é possível conferir a plasticidade da narração de José Aldo Pinheiro, na sua descrição. Da mesma forma como no trecho anterior, o gol do Brasil também é construído em três etapas de tons alternados, com ênfase de ataque no momento da conclusão.

Bola no centro do gramado, apita o árbitro, está rolando!/ Começa o confronto Brasil e Venezuela!/ Na saída de bola pela Seleção Brasileira, recuada para frente da grande área, o movimento pela defesa do Brasil é com Miranda, que toca para Marquinhos, que rola pela meia-esquerda, já se aproximando do gramado, com bola dominada, Filipe Luís, ele toca para a jogada do Douglas Costa, recua a bola para Filipe Luís, atrasa na frente da grande área para Marquinhos./ Atravessa a bola pelo lado direito para Daniel Alves nas proximidades do meio campo, tocou sobre o meio do gramado./ Willian tocou a bola na ponta para a jogada na velocidade do Elias, tentava devolver a passagem por dentro, não deu certo. Voltou a bola, roubou, ganhou o Brasil, Willian invadiu a grande área, vai fazer, bateu, é goool!/ Gooooool brasileiro!/ Um gol acontece na pressão, a 40 segundos de bola rolando, o Brasil rolou a bola de um lado para o outro, no lado direito./ Houve um erro inicial na jogada do Elias./ Aí, no toque do calcanhar, a bola foi passada para ele, ele tentou a devolução para Willian, não deu certo, veio Luiz Gustavo, de trás, roubando a bola, e o Brasil meteu com o próprio Willian para o fundo da rede!/ Que bela jogada de pressão na largada do jogo!// (PINHEIRO, 2015).

É um gol completamente descritivo, porém, fundamentalmente, construído na base da exploração da emoção. Por esse motivo, José Aldo Pinheiro também pode ser classificado, conforme Schinner (2004), como um narrador de Estilo Livre, pois não mede esforços para que o jogo transmitido seja emocionante para os ouvintes.

#### 5.3.4 Orestes de Andrade

Orestes de Andrade, o “Galo Missioneiro”, tem um dos gritos de gol mais longos do rádio esportivo do Rio Grande do Sul. Como abordou no capítulo 4, sua narração caracteriza-se pela exploração da velocidade e tem, na emoção, uma de suas bases, como boa parte dos narradores estudados, até agora. É um narrador que também não comenta fatos do jogo, pois é descritivo e separa, conforme ele, cada função no seu lugar. Seu papel, conforme conta, é especificamente narrar o jogo, ou “espetáculo” como refere-se. Diz não ser um narrador de bordões, porém, como se verá a seguir,

possui algumas frases prontas e alguns termos que foram identificados, em dois períodos estudados, em 25 de abril de 1995, em uma partida do Grêmio, pela Libertadores, ano que foi contratado pela Rádio Guaíba, e 2015, dia 13 de outubro, em jogo da Seleção Brasileira.

#### 5.3.4.1 1995: Olimpia 0 x 3 Grêmio

No trecho do segundo gol do Grêmio, na partida contra o Olimpia, marcado pelo centroavante Jardel, a primeira observação que pode ser feita é sobre a frase que foi adotada por Orestes de Andrade de um lugar comum, conforme Castillo (1989), um recurso expressivo de tópico. A frase “aqui Guaíba, comando da grande rede Guaíba dos esportes”, tornou-se midiaticamente e socialmente popular, desde a década de 1970. É uma frase útil, tanto para o preenchimento de espaços da oratória, como para identificar a emissora ao ouvinte “desatento”. Com um timbre de voz de registro médio para agudo, Orestes narra em grande velocidade, com emoção exagerada e com alto grau de expectativa o gol gremista:

Aqui Guaíba, comando da grande rede Guaíba dos esportes, Arce toca na bola, outra vez, movimentada pelo Arce, recolhe pelo setor direito, tem colocado ao seu lado o seu companheiro que era o Carlos Miguel, tocou outra vez, movimentou para o Paulo Nunes, rápido para Jardel, chegou, driblou o goleiro, é só marcar correr para o abraço!/ Atirou!/ Gooooool do Grêmio, Jardel!/ Driblou o goleiro, 12 minutos e meteu para o fundo do gol, de Arbiza, e faz 2 a 0 no Estádio Defensores del Chaco, diante do Olimpia!// (ANDRADE, 1995).

A narração do gol é descritiva e tem um tempo de emissão que chega aos 12 segundos. Orestes de Andrade possui o que César (2009) chama de locução coloquial, que é quando o profissional tem a capacidade de usar variadas inflexões, de forma natural. A voz de Orestes localiza-se em uma região grave para média, porém, suas pregas vocais e sua capacidade de modulação e ataque, permitem que alcance regiões mais agudas. Quanto à descrição do gol de Jardel, Orestes realiza uma narração personalizada em que articula uma inflexão de sorriso e, na sequência, quando Jardel está a poucos metros de colocar a bola para o fundo do gol, gera expectativa típica de um torcedor dizendo “driblou o goleiro, é só marcar e correr para o abraço!”.

#### 5.3.4.2 2015: Brasil 3 x 1 Venezuela

Como pode-se perceber, os narradores José Aldo Pinheiro e Orestes de Andrade foram estudados, em parte, levando em consideração uma mesma partida. Em relação à abertura de jornada de Pinheiro, Andrade apresenta um texto com muito mais detalhes, aprofundando-se na expectativa da realização do jogo. Porém, Orestes optou por um discurso epdítico, conforme Klöckner (2001). Andrade, primeiramente, faz a saudação, como que conversando com os ouvintes, o que já se trata de um processo de personalização, e depois apresenta uma série de argumentos em que podem ser identificados diferentes cânones do discurso retórico. O primeiro deles é a memória. Orestes lembra do fato de que este é o segundo jogo do Brasil, que vem de derrota para os chilenos, no primeiro compromisso. E, nesse sentido, Orestes é firme em seu discurso, apresenta os fatos com conhecimento, o que já se classifica como o segundo cânone, da disposição. O ritmo de Orestes é mais pausado, com a inflexão de um noticiário, levemente acelerado, que preenche os requisitos do cânone de apresentação.

Na frase, utiliza a figura retórica da sinédoque quando declara que a “Seleção sob pressão, precisa, mais do que nunca, de uma vitória convincente para voltar a ter crédito com a galera brasileira”. Com essa colocação, define-se o estilo, que é mais um cânone da estrutura do discurso identificado na abertura de jornada de Orestes de Andrade, conforme abertura de jornada abaixo:

Esta característica, a mais tradicional do rádio esportivo do sul do Brasil, identifica a equipe de esportes da Rádio Guaíba, de Porto Alegre, no comando da grande rede Guaíba dos esportes./ Noite de futebol internacional./ Noite de Seleção Brasileira./ Terça-feira, 18 de outubro de 2015, segunda rodada das Eliminatórias Sul Americanas./ Depois da derrota para o Chile, na estreia das eliminatórias, neste ano, o Brasil vota a campo hoje./ Joga em casa./ Castelão com a presença fantástica de torcedores, é o palco do espetáculo, desta noite, que reúne, daqui a pouquinho, Brasil e Venezuela./ Seleção sob pressão, precisa, mais do que nunca, de uma vitória convincente, para voltar a ter crédito com a galera brasileira./ Brasil conta com o apoio da torcida, que comparece em bom número, dá seu apoio, seu incentivo, para que o time de Dunga consiga uma vitória importante, e a reabilitação nestas eliminatórias para continuar pensando, em continuar sendo a única seleção que participou, e vai continuar participando de todas as Copas do Mundo./ Grande espetáculo de futebol./ Seleção Brasileira e Venezuela, é o que você vai curtir, no futebol internacional da Guaíba./ Trabalhando, como sempre, em nome do mais valorizado time de anunciantes, do rádio esportivo brasileiro./ Em nome de Nando Gross, o homem que comanda a mais completa, mais vibrante equipe esportiva do sul do Brasil, líder de audiência do futebol do Rio Grande do Sul, Orestes de

Andrade lhes agradece, antecipadamente pela companhia./ Muito boa noite público esportivo brasileiro!// (ANDRADE, 2015).

Com as fases retóricas do discurso identificadas, os níveis de argumentação de Orestes de Andrade podem ser classificados, conforme base em tabela elaborada por Klöckner (2011), em um nível hierarquicamente forte, pois todos os cânones puderam ser explicitados. No caso, Orestes foi descritivo e usou o fator emocional durante a leitura de seu texto, porém, sem superficialidade, a ideia tornou-se completamente clara. Em resumo, o narrador conseguiu dizer tudo aquilo que tinha intenção de transmitir.

Assim como José Aldo Pinheiro, Orestes de Andrade também transmitiu o jogo pelo tubo. Porém, referiu-se à sua posição, como se estivesse presente em uma das cabines de locução do Estádio Castelão. Andrade não tem como intenção enganar o ouvinte, muito menos Pinheiro. Nesse caso, se trata do que Júlia Silva (1999) chama de “construir imagens através da oralidade”. Ao invés de simplesmente admitir que está transmitindo na frente um aparelho de televisão, Orestes e todo e qualquer narrador, pelo menos, grande parte dos que foram estudados neste trabalho, querem passar as emoções do jogo para os ouvintes. E, para tanto, precisam emular o ambiente. Conforme Silva (1999, p. 76), “tanto o ruído quanto o silêncio” podem originar sugestões na mente de quem está ouvindo. Não haveria sentido, portanto, utilizar efeitos com sons de torcida, admitindo que a transmissão ocorre por *off tube*. E mesmo que o ouvinte perceba que o jogo é irradiado por tubo, se quer “desenhar” imagens, através da oratória. Orestes de Andrade narra o gol do Brasil da seguinte forma:

À direita da nossa cabine, a equipe da Seleção Brasileira./ À esquerda, a representação da Venezuela, tudo pronto, torcedor de todo o Brasil./ Vai começar mais um compromisso brasileiro pelas eliminatórias./ O árbitro consulta o seu relógio, consultamos o nosso, ele vai autorizar./ Tudo pronto, torcedor de todo Brasil./ Vai começar, no Castelão, Brasil e Venezuela, ele autoriza, e a bola está rolando, torcedor de todo o Brasil./ Saída pertencendo à Seleção Brasileira./ Bola entregue pelo meio para Miranda, abre para Marquinhos, domina pelo setor de defesa da seleção do Brasil, abre a jogada pelo lado./ Filipe Luís vem buscar o jogo ali pelo setor esquerdo, procurou botar via Douglas Costa, abriu a jogada para Filipe./ Filipe Luís ainda joga no sistema de defesa da Seleção do Brasil, Marquinhos abre a jogada lá pelo setor direito, Daniel Alves joga para a ponta, procurando Willian, abriu a jogada lá pelo setor direito, lá vem o Brasil que era com o jogador.../ o... camisa número oito, o Elias, bota a bola pelo meio, corta a defesa./ Volta outra vez para o Willian, engatilhou, preparou, pode bater, disparou!/ Gooooool do Brasil, 34 segundos de partida, no Castelão./ Começa vencendo a Seleção Brasileira./ Não deu tempo da Venezuela se organizar em campo./ Willian, recolheu, fuzilou, passou no meio das mãos do Baroja, e foi para o

fundo do gol!/ Brasil 1, Venezuela 0, o detalhe porque todo o Brasil quer ouvi-lo, e é no futebol da Guaíba, conta aí, Rafael Pfeiffer.// (ANDRADE, 2015).

Durante a transmissão de Orestes de Andrade, ainda foram identificados alguns de seus bordões ou tópicos, frases feitas, conforme a classificação retórica de Castillo (1989), tais como: “Fazendo para você o melhor rádio esportivo do Rio Grande do Sul”, “Esta é a Guaíba, 100 quilowatts de potência a serviço do futebol brasileiro”, “Espaaalmaa!”, “Demorou demaaais!”, “Que coisa danada!”, “Aqui Guaíba, e você!”, “O tempo passa” e “Tem gol onde? Informe para a galera brasileira”. No seu giro do tempo e placar, que também se tornou tradicional em sua narração, Orestes ainda utiliza mais uma figura retórica, com um misto de metáfora e sinédoque, principalmente na frase “Futebol, paixão maior do povo brasileiro”:

Rádio Guaíba, a emoção que ninguém segura, informaaa, oooooolha o tempo do primeiro tempooo!/ Futebol, paixão maior do povo brasileiro, meu relógio marca, 17 minutos, com 30 segundos de partida, primeiro tempo de jogo no Estádio Castelão./ No placar das Eliminatórias, 1 para o Brasil, 0 para a Venezuela.// (ANDRADE, 2015).

Sendo assim, Orestes de Andrade, pela velocidade na narração, pelos bordões, pelas frases feitas, pela emoção e pela criatividade, pode ser classificado como um narrador, conforme Schinner (2004), do Estilo Livre, que não segue completamente uma cartilha ou determinações.

### 5.3.5 Pedro Ernesto Denardin

Pedro Ernesto é o narrador que substituiu Armindo Antônio Ranzolin como o principal locutor de futebol da Rádio Gaúcha. Conforme declarou no capítulo 3, suas principais influências foram Mendes Ribeiro e Pedro Carneiro Pereira. Possui um timbre de narração que se localiza em uma região que privilegia um som de grave para médio e a velocidade de sua narração é de média para lenta. Entre os setores do gramado, observa-se que a variação interpretativa acontece, principalmente no ataque, enquanto o ritmo de sua narração entre a defesa e o meio campo assemelha-se, fundamentalmente. Consegue colocar projeção sonora em lances de iminência de gol e tem, como principal característica, a emoção. Segundo conta, também é um narrador que busca por conteúdo, mesmo que suas aberturas de jornadas sejam objetivas, referentes ao jogo, tão somente. Em alguns momentos, Pedro Ernesto

utiliza do humor para referir-se ou construir algum acontecimento, com o uso de metáforas e alusões, durante a transmissão, principalmente para exaltar algum fato. Conforme conta, não é o tipo de narrador que cria ou se preocupa com a criação de bordões, porém, utiliza o termo “é demais!” como parte de sua descrição de gol, desde 2006, porque, segundo ele, o termo popularizou-se. O improviso também é umas das tônicas de seu estilo narrativo.

#### 5.3.5.1 2002: Grêmio 3 x 2 Oriente Petrolero

No dia 28 de fevereiro de 2002, Pedro Ernesto, admirado com o lance que originou um dos gols do Grêmio, contra o Oriente Petrolero, da Bolívia, construiu um discurso em relação ao lance do jogador Fábio Baiano, que pode ser classificado, conforme Castillo (1989), como uma hipérbole, quando uma linguagem se orienta ao exagero. Abaixo, a narração de Pedro Ernesto:

Fábio Baiano, apareceu lá pela ponta direita, no fundo do campo, dominou, tentou, olha o balãozinho de charleston, passou por mais um, que loucura, pro Rodrigo! Gol! Gol! Gol! Gol! Show! Show, Espetáculo! Bienal! Espetáculo cinematográfico! Uma coisa indescritível, aqui no Estádio Olímpico! Poucas vezes, uma obra de arte tão estupenda! Poucas vezes, um lance de tamanho brilho! De tamanha feitura se viu nesse estádio! Neste, e em todos os outros estádios do mundo! De charleston, por trás, um balãozinho, do Fábio Baiano no adversário, foi qualquer coisa, de humilhar o adversário./ Depois a finta e depois o toque, para Rodrigo da América marcar o gol./ Senhoras e senhores, respeitável público do Brasil e do Rio Grande do Sul, não temos um apenas, um gol de futebol, aqui no Estádio Olímpico./ Nós temos uma obra de arte./ Spielberg! Spielberg! Chamo-te outra vez, venha aqui, no Estádio Olímpico, ver o que Fábio Baiano fez, e eu sei que daí tu farás uma produção cinematográfica que fará sucesso mundial, quebrará todos os recordes de bilheteria, Fábio Baiano, e a obra de arte exemplar no Estádio Olímpico, com o gol marcado, depois, de tudo o que o Fábio Baiano fez, por Rodrigo da América, o Rodrigo da Libertadores, que é o nome do gol, 40 minutos, primeiro tempo, Grêmio 2 a 0.//

Neste gol, há uma série de elementos retóricos que podem ser avaliados. Primeiramente, há o fato do exagero. Sem dúvidas, o gol foi inusitado, pela plástica do lance, em que Fábio fez uma jogada que, raramente, é vista em jogos de futebol. Pedro Ernesto, então, sentiu que deveria valorizar esse gol e, de alguma forma, desenhar na mente dos ouvintes algo próximo do que ele e os presentes no estádio testemunharam. O lance, em princípio, é despretensioso, porém, na medida que Fábio Baiano começa a jogada, o ritmo de narração e a inflexão de Pedro Ernesto se moldam à expectativa do que virá. Ao se concluir o lance, o narrador passou a criar e

a inserir uma série de referências. Primeiramente, foi a inserção de personagens. Fábio Baiano se tornou o astro de cinema. E para atender a demanda de um gol tão impressionante, segundo o narrador, apenas um diretor de cinema como Steven Spielberg teria a capacidade de produzir um filme, dada a grandiosidade do evento. O autor do gol, Rodrigo Mendes, que recebeu o papel de Rodrigo da América (antonomasia), foi apenas o coadjuvante, tanto que Pedro Ernesto nem ao menos gritou gol, mas repetiu “gol, gol, gol, gol, show, show, espetáculo!”, que foi a forma que entendeu mais adequada para aquele momento. Conforme Castillo, todos esses elementos da narração do gol de Fábio Baiano podem ser classificados como um processo de gradação, quando um ator é responsável por um lance que gere uma sequência de acontecimentos relatados. E nesse mesmo momento, o lance de Baiano ganha outros “coloridos”, com figuras sucessivas de comparação com “show”, “espetáculo” e “Bienal”, o “lance de Fábio Baiano é um show”.

O lance também oferece uma outra leitura retórica, conforme Castillo. Inicialmente, Pedro Ernesto Denardin personalizou sua narração. Porém, ao relatar “senhoras e senhores, respeitável público do Brasil e do Rio Grande do Sul, não temos um apenas, um gol de futebol, aqui no Estádio Olímpico. Nós temos uma obra de arte”, o narrador despersonalizou o jogo, e transpôs o acontecimento a um panorama geral, em que “todos deveriam ver o que o Fábio Baiano fez”.

#### 5.3.5.2 2006: São Paulo 1 x 2 Internacional

Em 9 de agosto de 2006, mais uma vez, e, por coincidência, com o São Paulo, a exemplo de 1981, com o Grêmio, se reviveu a rivalidade história entre paulistas e gaúchos, através de antítese. E foi nesse jogo onde surgiu o bordão “é demais”. Pedro Ernesto narra o segundo gol do Internacional da seguinte forma:

Wagner dominou, entregou para Alex, abriu pela ponta-esquerda, o Fabão saiu da marcação, pé canhoto na bola, levantou para o Fernandão, de cabeça no Tinga, no poste, voltou pro Sóbis, atirou, gool!// Gooooool!// É demais, é demais, é demais!// 16 minutos, etapa complementar!// O Inter liquida o São Paulo, o Inter rasga a camisa do São Paulo e pisa em cima dela!// O Inter humilha o campeão do mundo, um campeão do mundo destroçado pelo futebol do Internacional./ Um campeão do mundo que começa a morrer, definitivamente, nas cores vermelha e branca do time colorado, da gauchada de vermelho, no gol de Sobis, o menino de Erechim, cara de gaúcho, pinta de gaúcho, roupa de gaúcho, parece gaúcho, e o Inter é gaúcho!//

Talvez, por esse jogo, Pedro Ernesto se considere mais audacioso do que Armindo Antônio Ranzolin, no que diz respeito ao uso de figuras de linguagem. E o narrador foi muito além da narração de Ranzolin, estudada anteriormente. No gol de Rafael Sobis, a presença da antítese é frequente. Primeiramente, Pedro Ernesto exalta o gol e, improvisadamente, através de uma figura de antonomasia, declara que o Internacional é “demais!”. Na sequência, recria, oralmente, o personagem Rafael Sobis “com pinta de gaúcho, roupa de gaúcho” que invade o Estádio do Morumbi e, sem perdão e nem piedade, “rasga a camisa do São Paulo e pisa em cima dela”. Conforme Castillo, nem sempre a retórica serve para informar alguma coisa, e, no caso do gol de Sobis, nem mesmo para persuadir, mas para impactar. A intenção de Pedro Ernesto foi causar sensação de impacto, que se aproxima, até mesmo, de um episódio metafórico em que um personagem, no caso o São Paulo, se rende ao seu conquistador, no caso, o Internacional. Em uma tentativa de avaliar o discurso do gol de Sobis em uma perspectiva judicial, por exemplo, não se encontra argumentos necessários que justifiquem e pleiteiem o justo. Como descrito anteriormente, a intenção foi de impacto no ouvinte.

#### 5.3.5.3 2015: Grêmio 1 x 0 Santos

No gol de Bressan, marcado em favor do Grêmio, no dia 15 de outubro de 2015, diferentemente do caso do Internacional, compreende-se avaliar o discurso em um âmbito de gênero judicial, pleiteando alguma situação. Conforme Pedro Ernesto Denardin descreve no gol abaixo, o Grêmio “fazia por merecer” o gol da vitória contra o Santos, o que remete à campanha do time no Campeonato Brasileiro. O contexto, portanto, é o fato de o Grêmio merecer ou não o resultado positivo. Pedro Ernesto narrou o gol desta forma:

São cinco escanteios para o Grêmio./ E o gol, será que é agora?/ É cobrança de escanteio, é a oportunidade, a expectativa do torcedor, aqui na Arena./ Colocado Douglas para a cobrança, pé canhoto, levantou.../ Gool de Bressan!/ Gol de Bressan para o Grêmio!/ 26 minutos, primeiro tempo!/ Eu tava dizendo, será que é agora?/ E era agora!/ Parece que eu já sabia!/ Bressan tava lá para aparar o escanteio de cabeça para meter lá na forquilha, vencendo o goleiro Vanderlei!/ O Grêmio fazia por merecer, o Grêmio tá somando nove pontos na frente do Santos!/ O Grêmio tá muito perto da vaga direta para a Libertadores!/ A consequência desse gol é, simplesmente, demaaais!!! (ERNESTO, 2015).

A disposição dos argumentos foi apresentada por Pedro Ernesto, após o gol. Inclusive, ele “sentia” que o gol sairia, porque, devido à situação, aquilo era o justo de acontecer. Com o cânone da disposição, bastou a Pedro Ernesto complementar a estrutura do discurso, através do cânone da memória, enfatizando a vantagem do Grêmio em número de pontos, em relação ao Santos, apelando à emoção, através da voz e do conteúdo da palavra. Dessa forma, Ernesto preencheu o discurso retórico, conforme indica Klöckner (2011). Além disso, Pedro Ernesto quer convencer que o Grêmio, realmente, merece a vaga para a Libertadores, e, ligando as causas às consequências, através do seu domínio do conteúdo, baseado na estrutura do real, oferece sua observação, a sua opinião, com fundamentos.

Pedro Ernesto não possui a mesma velocidade da narração de Pedro Carneiro Pereira, Armindo Antônio Ranzolin e, até mesmo, Mendes Ribeiro. Porém, em comum, há alguns fatores, ou, pelo menos dois que são claros: emoção e comando de jornada. Na classificação de Schinner (2004), Pedro Ernesto é um narrador do Estilo Livre que, além dos aspectos citados acima, também usa a criatividade para criar e persuadir o ouvinte a segui-lo na sua audiência

### 5.3.6 Daniel Oliveira

Daniel Oliveira é um narrador que possui uma locução, conforme a classificação de Schinner (2004), no estilo jovem, modulada em registros médios-agudos, aceleração e projeção forte. Percebe-se que, no que condiz à capacidade de variação interpretativa dos recursos, o narrador modula e posiciona a sua voz com mais naturalidade quando a bola está no campo defensivo e intermediário, e a projeta bruscamente na hora em que acontece uma jogada de ataque que resulta ou pode terminar em gol. O narrador possui um tempo de emissão do gol longo e vibrante e sua narração é improvisada, com aspectos humorísticos, casualmente, criativa, veloz e, principalmente emotiva.

#### 5.3.6.1 2006: Internacional 1 x 0 Barcelona

O gol de Adriano Gabiru, na final do Mundial de Clubes, em 17 de dezembro de 2006, foi um dos mais importantes, se não, o mais importante da carreira de Daniel Oliveira, e que foi narrado em *off tube*, como este trabalho já descreveu, anteriormente.

É uma narração que apresenta uma série de elementos retóricos e, de início, percebe-se o posicionamento personalizado de Oliveira. Este gol, pode-se dizer, foi construído por Daniel Oliveira, pelo acaso. Durante o jogo, ao visualizar que Adriano Gabiru entraria, o narrador apostou na potencialidade que tinha para desenvolver um personagem que rendesse uma história dramática. Oliveira foi audacioso em apostar em Gabiru, que, justamente, entrou no jogo para fazer o gol. Porém, esse tipo de fato não é nenhuma novidade no esporte, inclusive, Castillo (1989) classifica essa figura retórica de gradação. E o fato de “adivinhar” ou “pressentir” que o jogador marcaria o gol, faz parte da “magia” teatral que a jornada esportiva pode proporcionar ao ouvinte. Daniel Oliveira fez o seu papel de criar uma situação, e narrou o gol da seguinte forma:

Vai para o Adriano, escorou de cabeça Luiz Adriano para o larley, dois contra um, alguém tem que chegar!/ larley passou pelo Puyol!/ Olha o Internacional chegando!/ Olha o larley, botou no meio, tá pintando o gol, vai ser campeão do mundo, é gol!/ Gol!/ Gol!/ Eu disse que era o jogo da tua vida!/ Eu disse que era o jogo da tua vida!/ Adriano!/ Gooooooooo!/ Eu grito para o mundo ouvir!/ Gooooooooo!/ Que Barcelona?/ Que Ronaldinho?/ Que melhor do mundo?/ Que tradição?/ Tu não és um gigante, porque o gigante é nascido em Porto Alegre!/ Tem 97 anos e jamais, jamais, perdeu a esperança, ninguém tem o direito, ninguém vai surgir no mundo, para acabar com a esperança, para acabar com todo e qualquer fé./ Ninguém surgiu até agora, ninguém vai surgir!/ O Internacional faz um a zero em cima do Barcelona, 37 minutos do segundo tempo!/ Um gol que ecoa ao mundo, que pinta o planeta de vermelho./ 1 Inter, 0, Barcelona, Adriano Gabiru, eu disse que era o jogo da vida dele!// (OLIVEIRA, 2006).

O contexto narrado por Oliveira apresenta diferentes personagens. O protagonista é Adriano Gabiru, que sai desacreditado do banco de reservas para entrar no jogo, fazer o gol do título mundial e, ainda, salvar o Internacional e conquistar o mundo. E há ainda uma outra figura retórica presente nas entrelinhas da narrativa de Oliveira. Há uma situação de antítese subentendida. Em um trecho da narração, Daniel Oliveira faz menção a Ronaldinho Gaúcho: “Que Barcelona? Que Ronaldinho? Que melhor do mundo? Que tradição?”. Mais uma vez, como ressalta Castillo, mesmo que não queira, o locutor acaba, de alguma forma, persuadindo. É possível que, para o ouvinte colorado, o fato de o Internacional ganhar de Ronaldinho, seria como estar derrotando um gremista. Seria como, refazendo as palavras de Oliveira, dizer: “Que Grêmio? Que Ronaldinho?”. Ainda na narração, Daniel Oliveira faz uso de figura retórica da hipérbole, quando diz que o gol de Gabiru é tão importante que “ecoa ao mundo e pinta o planeta de vermelho”. São os claros termos do exagero, comuns na locução, conforme Castillo.

Ainda no gol de Gabiru, identifica-se o uso do cânone da memória, por parte de Oliveira. Seu discurso se torna judicial, porque, segundo ele, o correto, o justo, é que um clube de 97 ganhe o mundial e ninguém teria o direito de retirar esse título do Inter, porque, entre este e o Barcelona, entre Inter e Ronaldinho, quem tem tradição é o nascido em Porto Alegre.

#### 5.3.6.2 2015: Grêmio 1 x 0 Santos

Todos os narradores, exceto Cândido Norberto e Ernani Ruschel, pelas razões óbvias da falta de elementos para análise, de alguma forma, possuem algum bordão ou alguma frase característica. Mesmo aqueles que “odeiam” bordões, como o caso de Daniel Oliveira, têm alguma coisa que os identifique, de forma exclusiva. É o caso do tempo e placar de Oliveira. No jogo entre Grêmio e Santos, na Arena, no 15 de outubro de 2015, diferentemente de Pedro Ernesto, por exemplo, que é absolutamente descritivo na sua ordem de chamada e confirmação do tempo, Daniel Oliveira usou, mais uma vez, a metáfora “mundo da bola”, como descrito abaixo: “Vamos conferir os números do mundo da bola! 32 minutos do primeiro tempo aqui na Arena do Grêmio, placar da Bandeirantes marca: 1 para o Grêmio, gol de Bressan, 0 para o Peixe!//” (OLIVEIRA, 2015).

No texto do tempo e placar, acima descrito, percebe-se um outro elemento presente e pronunciado por Oliveira, a palavra peixe, símbolo e mascote relacionado ao Santos. De fato, por si só, um substantivo, porém trata-se de uma figura retórica. Em princípio, relatado por Oliveira, seria apenas um recurso de tópico, isto é, originário do senso comum. Porém, com criatividade, Oliveira narra o gol de Bressan da seguinte forma:

O Grêmio tenta de bola parada a abertura do placar aqui na Arena. 26 minutos de partida, zero a zero./ Vai para bola Douglas, levantoooo, veio no desvio de cabeça, Bressan, gol!/ Gooooool do Grêmio!/ No levantamento da bola parada, na insistência, que nem uma pescaria./ Para pescar um peixe, é preciso ter paciência!/ Você prepara um caniço, você prepara a isca, porque não é fácil./ Você tem que ter paciência, para pescar um peixe assim./ Para ganhar do peixe, não pode ser diferente./ Através da paciência, o Grêmio veio na bola parada, com a frieza, o levantamento perfeito de pé esquerdo do Douglas encontrando Bressan na área, torneou de cabeça, indefensável! 26 minutos, o tempo do gol!/ Se para pescar tem que ter paciência, pra pescar o Santos, no futebol, também!/ 1 para o Grêmio, Bressan, o nome do pescador, 0 para o peixe, aqui na Arena do Grêmio!// (OLIVEIRA, 2015).

Oliveira constrói uma história, levando em consideração o apelido, ou o recurso de antonomasia “peixe”, como o Santos é conhecido no senso comum também, para, com bom humor, colocar o zagueiro Bressan no papel de um pescador que, com paciência, “prepara um caniço, você prepara a isca, porque não é fácil./ Você tem que ter paciência, para pescar um peixe assim./ Para ganhar do peixe, não pode ser diferente.//”. Nesse sentido, habilmente, Daniel usa a palavra paciência como uma figura retórica de comparação para relacionar uma situação por ele imaginada, com o fato real, que se trata do jogo, do gol de Bressan em um duelo difícil, contra uma equipe competitiva como o Santos. A comparação, conforme Castillo, consiste no uso de uma figura de fácil compreensão que serve para dar maior realce ao um sujeito ou, no caso, a um protagonista, no caso, o Grêmio. Assim como se deve ter paciência para pescar um peixe, é preciso aplicação para chegar ao gol de um time qualificado do calibre santista. Daniel Oliveira também integra o grupo dos narradores do Estilo Livre, principalmente, pela sua capacidade criativa na narração, além da emoção que imprime durante o jogo.

### 5.3.7 André Silva

André Silva é o penúltimo narrador estudado neste trabalho de resgate histórico e de compreensão do estilo dos narradores de Porto Alegre. Como descrito no capítulo 4, Silva integra um projeto da Rádio Gaúcha que possui, logo atrás de Pedro Ernesto Denardin, dois narradores no quadro de locutores de futebol que são repórteres de origem, o próprio Silva e Sérgio Boaz. André Silva ainda está buscando firmar um estilo narrativo. Por enquanto, está numa espécie de fase de experimentação. São avaliados dois momentos de sua narração, em jogos de Grêmio e Internacional. Do Inter, um confronto pela Copa do Brasil, no dia 27 de agosto de 2015, e, pelo lado gremista, uma transmissão do Campeonato Brasileiro, em duelo contra o Cruzeiro, em Minas Gerais, no dia 4 de outubro de 2015.

#### 5.3.7.1 2015: Ituano 1 x 2 Internacional

Neste jogo, André Silva tentou estabelecer um contato de identificação direto com a torcida do Internacional. No primeiro gol marcado pelo Inter, por intermédio de Sasha, Silva utilizou uma figura de personalização, através da repetição da palavra

“Colorado, colorado!”. Desta forma, Silva aplicou o cânone de memória como estratégia retórica de reconhecimento por parte do torcedor do Inter, acostumado com cânticos comuns nas arquibancadas, em que a palavra “colorado” aparece repetidas vezes. Porém, como questão de originalidade, a palavra talvez se torne uma mera figura de tópicos, isto é, oriunda do senso comum, e que não sirva para, de fato, consagrar alguma originalidade na narração de Silva. O locutor descreve o gol do Inter da seguinte forma:

Sacha abriu aqui na esquerda, dominou, espiou a entrada do Valdívia, olha o gol! Gooooool!/ Colorado, Coloradooo!/ Vaaaldívia, aos 5 minutos e meio, pra selar a classificação do Internacional para às quartas de final da Copa do Brasil!/ Vítinho roubou aqui na esquerda, olhou na área, cruzou na medida, com perfeição, Valdívia, entre os zagueiros, um testão à direita do goleiro Fábio./ O Internacional cedo, cedo, 5 e meio, em Itu, com gol de Valdívia, está abrindo o marcador e está garantindo vaga para a próxima fase da Copa do Brasil!!! (SILVA, 2015).

É um gol praticamente descritivo, com a presença de emoção, e uma velocidade média, e, ainda, com um tempo de emissão do gol curto, com 5 segundos de duração. Ainda no gol, Silva utiliza a palavra “testão” que, como figura de linguagem, se classifica, conforme Castillo, como uma amplificação. No segundo gol do Internacional, marcado por Valdívia, novamente Silva utilizou o recurso da personalização, com a repetição da palavra “colorado”, duas vezes. Ainda utilizou mais uma figura de ampliação, ao se referir ao gol como sendo um “golaço”.

Dourado para Sasha, fintou, pintou um golaço!/ Gooooool!/ Colorado, coloradooo!/ Gool de Eduardo Sasha, um golaço, aqui em Itu./ 29 do segundo tempo!/ Dourando fez a assistência, Sasha driblou dois marcadores, esperou a saída do goleiro Fábio, e rolou, mansamente, no canto esquerdo!/ Sasha, Inter 2, Ituano, 1!/ Inter, mais do que confirmado nas quartas de final da Copa do Brasil!!! (SILVA, 2015).

Percebe-se que a principal preocupação de André Silva, neste jogo, foi de garantir que o ouvinte pudesse conferir as emoções e a descrição do jogo, praticamente da forma como aconteceu. Silva narrou procurando detalhar o máximo possível, mas, respeitando as terminologias do futebol, sem teatralizar o jogo, sem criar personagens, sem exagerar.

### 5.3.7.2 2015: Cruzeiro 0 x 0 Grêmio

Na jornada esportiva entre Cruzeiro e Grêmio, André Silva utiliza figuras retóricas em sua narração. E, entre outras coisas, o narrador também, em alguns momentos, comentou sobre aspectos técnicos da partida. No trecho abaixo, o narrador descreve um dos lances do duelo no Estádio do Mineirão, e, no momento que se expressa em relação ao desempenho de Fernandinho, personaliza sua narração, mas muito próximo do ponto de vista do torcedor do Grêmio:

Que atuação horrorosa, hein, Fernandinho!! Vem o Cruzeiro, disparou Ariel Cabral pelo meio campo, em altíssima velocidade, pra Arrascaeta, dominou, abriu na esquerda, pra Fabrício, pode ser o último lance do jogo, são 47 e meio! Fabrício atrás, pra Cabral, pra Arrascaeta, pisou, pinto o marcador pra Cabral, pra Arrascaeta, entrou na grande área, afasta Edinho!! (SILVA, 2015).

No trecho seguinte, se avaliam questões como variação interpretativa dos recursos e ritmo. A narração de André Silva, a exemplo do jogo do Internacional, é lenta, com alguns episódios de aceleração. Nos lances 1 e 2, a modulação, ou o movimento da narração, é bastante semelhante. Enquanto no lance 3, quando a bola se aproxima ainda mais da área, ocorre uma modulação mais alta, em tom mais agudo:

**Lance 1:** Cabral domina, Cabral faz o passe para De Arrascaeta, lá na esquerda, pra Fabrício, de primeira, rasante, passou pelo Geromel, sobrou para Willian, fintou o marcador, bateu, explodiu no corpo, afasta Erazo, a bola bateu no Marcelo Oliveira, e Erazo tirou o perigo! Voltou pro Cruzeiro, pressão na direita com Fabiano, Fabiano pra Willians, fez a finta no Wallace, fez a finta no segundo marcador, que é o Erazo...//

**Lance 2:** Ai, Edinho, Edinho é outra história, Willians, Edinho recuperou para o Grêmio, jogou para Wallace, Wallace para Douglas...//

**Lance 3:** Giuliano disparou, passe milimétrico pra ele, Bobô entrou pelo meio, dominou Giuliano, ainda ele, avanço, fez a finta no Bruno Rodrigo, pra Bobô, na grande área, cruzou, não tem ninguém do Grêmio, o Grêmio desperdiçou contra ataque...// (SILVA, 2015).

Quanto a outros aspectos, como a abertura de jornada, por exemplo, apesar do pouco tempo, o que também é uma normativa da Rádio Gaúcha, isto é, as aberturas devem ser objetivas, mesmo assim, o narrador está buscando colocar o seu próprio estilo em evidência:

Alô, você, ligado no futebol da Gaúcha, são 3 horas, mais 34 minutos./ Falamos aqui do Estádio Mineirão, em Belo Horizonte, onde, dentro de instantes, a bola vai rolar para mais um jogo do Campeonato Brasileiro, e um

jogo importantíssimo para o Grêmio na sua retomada de busca por vaga na Libertadores da América, ou, por que não, para sonhar com o título brasileiro de 2015, mesmo com a diferença que tem hoje o Corinthians e que tem o próprio Atlético Mineiro na primeira e segunda colocações, respectivamente./ O Grêmio vem de eliminação na Copa do Brasil e, por isso, precisa, imediatamente, trocar o chip, mudar a chave, enfim, precisa voltar ao ritmo do Campeonato Brasileiro, como demonstrou, neste mesmo Mineirão, quando, simplesmente, não tomou conhecimento do Atlético Mineiro, e venceu por 2 a 0./ O Grêmio do Roger, diante do Cruzeiro, do Mano Menezes, que ainda tenta juntar pedaços, juntar cacos, o atual bicampeão do Brasil, que não está num grande momento e que ainda luta, inclusive, para fugir do rebaixamento à Série B./ Tem uma situação razoável, em relação às quatro últimas posições da competição. Pois é este o jogo que você vai acompanhar conosco, a partir de agora.// (SILVA, 2015).

A estratégia retórica de André Silva, a partir da observação da sua abertura de jornada, indica para o ouvinte, uma narração descritiva, com emoção e deliberativa. Há no texto a utilização do recurso retórico da metáfora, mas que também pode ganhar sentido de tópico, frase feita oriunda do senso comum, que é o “trocar o chip”. Durante a narração do jogo, houve apenas dois momentos em que André Silva, de fato, utilizou algum recurso retórico com a intenção de dar brilho para a jornada. Primeiro, foi quando usou uma antonomasia para referir-se a um atributo físico do árbitro do jogo Héber Roberto Lopes: “ o careca Héber Roberto”. Em outro, utilizou de uma metáfora, ao relacionar o jogador Cabral do Cruzeiro com o navegador português Pedro Álvares Cabral.

A narração de André Silva é emotiva e, essencialmente descritiva, talvez fruto de sua origem como repórter de campo. Porém, percebe-se que o profissional está buscando uma identidade própria, sem basear-se ou copiar até mesmo o estilo de outros profissionais. Na classificação de Schinner (2004), Silva é um narrador de Estilo Orientado, pois, como está sendo preparado pela Rádio Gaúcha, segue, principalmente, o formato estabelecido pela empresa.

### 5.3.8 Angelo Afonso

Este estudo chega no último narrador avaliado. Angelo Afonso é um dos mais jovens narradores do mercado e que atua ao lado de Haroldo de Souza, na Rádio Grenal. Angelo Afonso possui um timbre de voz que se situa, fundamentalmente, em uma região grave e média. Porém, sua extensão vocal permite algumas modulações mais altas, úteis, principalmente, para conferir emoção aos lances decisivos. Quanto à velocidade, admitida pelo próprio, no capítulo 4, é lenta e aproxima-se do ritmo de

narração de TV, porém, com muito mais descrição e valorização da palavra. Percebe-se que sua locução ainda está sendo “lapidada” e Afonso está buscando a afirmação de um estilo exclusivo de narrar futebol. Apesar da juventude, pois apenas tem 20 anos, Angelo Afonso, ao narrar, assemelha-se ao estilo de narração menos acelerado, como por exemplo, do pouco que se pode ouvir de Cândido Norberto, mas, com uma diferença, que é a aplicação da emoção. Basicamente, a narração de Afonso é fundada em emoção. Sua dicção é clara e o tempo de emissão é do grito de gol é um dos mais longos de todos os gols analisados neste trabalho. Porém, Afonso tem a capacidade de personalizar, pois, enquanto o gol do Inter que será destacado a seguir, tem uma duração de 12 segundos, um dos gols do Atlético Mineiro tem a duração de 5 segundos.

#### 5.3.8.1 2015: Atlético-MG 2 x 1 Internacional

A Rádio Grenal é a única emissora de Porto Alegre em que a jornada esportiva abre com uma hora de diferença do início dos jogos. Em emissoras como Guaíba, Gaúcha e Bandeirantes, as jornadas abrem entre 30 a 40 minutos antes. Dessa forma, os narradores da Grenal têm mais tempo para produzir uma abertura de jornada esportiva. Enquanto a abertura de Haroldo de Souza, destacada anteriormente, apresentou 4 minutos de duração, o texto de Angelo Afonso, abaixo, tem pouco mais de 2 minutos.

Quarta-feira, dia 18 de outubro de 2015!/ Nós somos a Rádio Grenal, uma emissora da Rede Pampa, chegando com as emoções do futebol nas ondas seu rádio!/ No FM 95.9, no AM 1020, pela OI TV, no canal 974, pelos aplicativos pra smartphone, pro sistema windowsphone, android, pra iphone, e também pelo site, do rdgrenal.com.br./ A bola volta a rolar, pelo campeonato nacional de futebol, trigésima rodada do Brasileirão 2015, um clássico do futebol brasileiro, dois times que figuram na primeira página, um que está no G4 e sonha com o título, um que está fora, mas que sonha com o acesso, com a vaga na Copa Libertadores./ Clube Atlético Mineiro, e Sport Club Internacional./ É o jogo do seu rádio, é o jogo da sua rádio, às sete e meia da noite a bola rola, no Estádio independência, no Horto, em Belo Horizonte, Minas Gerais./ Internacional do Argel Fucks, sem o goleiro, agora titular da Seleção Brasileira, sem Alisson, também não tem Willian, não tem D'alessandro, muda o ataque, mas o Internacional vai em busca de pelo menos um ponto, nesta noite, diante do Clube Atlético Mineiro, que tem nove rodadas para tentar caçar o até agora líder Sport Club Corinthians Paulista!//

Percebe-se que a única figura retórica, de fato, que Afonso utiliza na sua abertura, é o recurso expressivo de tópico, com o uso do termo “caça ao líder”, em

uma estrutura epdítica. É uma frase que tem origem no termo “caça à raposa”, originária do senso comum, mas adaptada, mesmo que inconscientemente pelo narrador. No mais, Angelo convida o torcedor do Inter para acompanhar o jogo, com as diversas opções de plataformas oferecidas pela Grenal. Sua apresentação já é um indicativo de personalização, querendo dizer que a jornada será transmitida para a torcida do Internacional. O gol de empate do Internacional, feito por Paulão, apresenta um alto grau de emoção e descrição de todo o lance, com completa fidelidade, porém, sem o uso de brilhos ou figuras retóricas:

Atenção, autorizou o árbitro, Anderson de cabeça, Paulão, gol do Inteeer!/  
Gooooool, do In-ter-na-cio-naaaaaa!// Paulão, Paulão, Paulão, camisa 25,  
aos 38 minutos do primeiro tempo, na bola aérea, na jogada de bola parada,  
Anderson aberto na segunda trave, e o cabeceio do Paulão, indefensável, no  
lado esquerdo do goleiro Victor, que busca a bola, no fundo das redes do  
Independência!// Empata o Colorado, entra pro jogo, de novo, o Inter!// 1 para  
o Internacional, 1 para o Atlético Mineiro!//

Durante boa parte do jogo, o narrador Angelo Afonso reitera a frase do slogan da emissora “Rádio Grenal, apaixonada por futebol” que é, eventualmente, repetida, tanto pelos narradores, como pelos apresentadores. Mas, diferentemente de André Silva, Angelo Afonso é narrador por natureza, tendo iniciado a sua carreira nesta ocupação. Mas, em função do próprio tempo de experiência, está buscando uma sequência para que possa ir, com o tempo, moldando o seu próprio estilo narrativo. Levando em consideração a classificação de Schinner (2004), Angelo Afonso é um narrador de Estilo Livre, pois não segue uma cartilha narrativa da empresa onde atua e tem como características a simpatia, a descrição e a emoção.

## 5.4 Síntese da retoricidade e estilos da narração de futebol no rádio de Porto Alegre

### 5.4.1 Narradores Desbravadores (1931 a 1958): Ernani Ruschel e Cândido Norberto

#### A - Ernani Ruschel: Grêmio 3 x 1 Seleção do Paraná (1931)

**Principais Influências:** Não há registros

**Estilo de Narração - Schinner (2004):** Narrador de Estilo Orientado, discreto e descritivo.

#### B - Cândido Norberto: Grêmio 3 x 1 El Salvador (1949)

**Principais Influências:** Narração da região do Prata (Argentina e Uruguai)

**Retórica - Castillo (1989,1994):** Utilização do recurso expressivo de personalização e da figura retórica da metáfora.

**Retórica - Klöckner (2011):** Discurso Epdítico. Nível hierárquico parcialmente forte.

**Estilo de Narração - Schinner (2004):** Narração descritiva, sem presença da emoção. Narrador de Estilo Orientado. Narração Ancorada (apenas o narrador no comando da jornada).

**Elementos vocais – César (2009):** Tipo de voz impostada (*voice-over*), sem variação de ritmo e tempo de emissão de gol curto.

### 5.4.2 Narradores Paradigmáticos (1958 a 1984): Mendes Ribeiro, Milton Jung, Pedro Carneiro Pereira, Armindo Antônio Ranzolin, Haroldo de Souza e Samuel de Souza Santos.

#### A - Mendes Ribeiro: Brasil 5 x 2 França (1958)

**Principal Influência:** Cândido Norberto.

**Retórica - Castillo (1989,1994):** Recurso expressivo da personalização e figuras retóricas de metáfora.

**Retórica - Klöckner (2011):** Utiliza discursos nos gêneros epdítico e deliberativo, cânones da disposição e estilo, com uso de metáforas. Nível hierárquico parcialmente forte.

**Estilo de Narração - Schinner (2004):** Estilo Livre, com presença de comando de jornada e emoção. Valorização da palavra falada.

**Elementos vocais – César (2009):** Apresenta ritmo de narração acelerado, registro de voz médio e impostado (*voice-over*) e tempo de emissão de gol médio. Boa dicção.

**B - Milton Jung: Vasco da Gama 1 x 2 Santos (1969) e Brasil 3 x 0 Irlanda do Norte (1986)**

**Principais Influências:** Não identificadas.

**Retórica - Castillo (1989,1994):** Em 1969, é identificado o uso do recurso expressivo de personalização (torcida gaúcha), sem utilização de metáforas. Em 1986, Jung adota metáforas como (fundo do poço) e alusões como “gol, gol, gol”, seu principal bordão.

**Retórica - Klöckner (2011):** Narração descritiva, com ênfase na emoção. Discurso que remete ao gênero epdítico. Nível hierárquico parcialmente forte.

**Estilo de Narração - Schinner (2004):** Estilo de Narração Livre.

**Elementos vocais – César (2009):** Impostação de voz nas regiões médias e graves, mas com ataque vocal atingindo regiões de médias a agudas. Variação interpretativa dos recursos, conforme posição da bola no campo. Ritmo acelerado e lento. Tempo de emissão do gol, de média a longo. Dicção clara.

**C - Pedro Carneiro Pereira: Brasil 1 x 3 Portugal (1966)**

**Principais Influências:** Mendes Ribeiro e Milton Jung.

**Retórica - Castillo (1989,1994):** Utiliza figuras metafóricas e de apelo. Ilustra a jornada com uso de sinédoque. Aplica recursos expressivo de personalização e universalização. Bordão: “Vamos consultar o relógio”.

**Retórica - Klöckner (2011):** Identificados os discursos judicial e epdítico. Nível hierárquico forte.

**Estilo de Narração - Schinner (2004):** Estilo de narração Livre, com ênfase na emoção e criatividade. Valorização da palavra falada.

**Elementos vocais – César (2009):** Dicção clara. Voz média com forte poder de ataque e ritmo acelerado, com emissão de gol médio.

**D - Armindo Antônio Ranzolin: Internacional 1 x 0 Cruzeiro (1975) e São Paulo 0 x 1 Grêmio (1981)**

**Principal Influência:** Jorge Curi.

**Retórica - Castillo (1989,1994):** Em 1975, utiliza de recursos expressivos de inclusão, personalização e anotonomasia. Em 1981, utiliza personalização, metáforas e antonomasia.

**Retórica - Klöckner (2011):** Níveis de discurso deliberativo e epdítico, com níveis hierárquicos fraco e parcialmente forte.

**Estilo de Narração - Schinner (2004):** Coordenação de jornada e narração de Estilo Livre, com ênfase na descrição, improviso e emoção. Valorização da palavra.

**Elementos vocais – César (2009):** Dicção clara. Forte ataque vocal e tempo de emissão de gol média. Velocidade de narração acelerada.

**E - Haroldo de Souza: Internacional 2 x 1 Atlético MG (1976), Internacional 0 x 2 Mazembe (2010) e Internacional 1 x 0 Joinville (2015).**

**Principais Influências:** Fiori Gigliotti e Pedro Luiz.

**Retórica - Castillo (1989,1994):** Em 1976, denomina Falcão como personagem heroico do jogo. Utiliza recursos de personalização, e figuras metafóricas. Em 1976,

2010 e 2015, são identificadas as figuras de tópicos (frases feitas e senso comum) e personalização. Principais bordões: “Adivinhe”, “as bandeiras estão tremulando”, “branca parada, e os ponteiros girando, girando, torcedor do Brasil”, “E, agora, tchê?” e “Isto é profundamente lamentável, torcedor do Brasil”.

**Retórica - Klöckner (2011):** Em 2010, utiliza discurso de ordem judicial. Estratégias de nível hierárquico forte e parcialmente forte. Identificam-se os cânones de invenção, estilo, memória e apresentação.

**Estilo de Narração - Schinner (2004):** Narrador de Estilo Livre, com descrição, comando, emoção, improviso e criatividade, e tipo de narração comentada.

**Elementos vocais – César (2009):** Possui modulação harmônica, timbre médio para agudo, narração jovem (1976) com desgaste do tempo de emissão do grito de gol que é longo. Narração de média a acelerada.

**F - Samuel de Souza Santos: Bolívar 1 x 2 Grêmio (1983) e Internacional 2 x 1 Grêmio (2015).**

**Principais Influências:** Paulo Flores, Euclides Prado, Pedro Luiz, Edson Leite e Pedro Carneiro Pereira.

**Retórica - Castillo (1989,1994):** Evita utilizar figuras retóricas e realiza narração praticamente descritiva. Nível de personalização média, com ênfase à universalização, com posição imparcial. Principal bordão: “Marque aí o tempo de jogo aqui”.

**Retórica - Klöckner (2011):** Não há identificação de discurso retórico persuasivo nas narrações avaliadas.

**Estilo de Narração - Schinner (2004):** Estilo Livre e Orientado, com ênfase à emoção e descrição dos lances. Valorização da palavra falada.

**Elementos vocais – César (2009):** Timbre de voz médio para grave, com modulações agudas. Tempo de emissão do grito de gol, médio. Narração acelerada.

**5.4.3 Narradores Contemporâneos (1984 à atualidade):** Marco Antônio Pereira, Mário Lima, José Aldo Pinheiro, Orestes de Andrade, Pedro Ernesto Denardin, Daniel Oliveira, André Silva e Angelo Afonso.

**A - Marco Antônio Pereira: Brasil 0 x 1 Argentina (1990) e Alemanha 1 x 0 Argentina (2014).**

**Principais Influências:** Osmar Santos, Osvaldo Maciel, Antônio Édson, Reinaldo Costa e Carlos Muñoz.

**Retórica - Castillo (1989,1994):** Abre mão da universalização e personaliza para incluir-se entre os “torcedores insatisfeitos com a eliminação do Brasil”, em 1990. Utiliza figuras retóricas da hipérbole e da antítese. Em 2014, utiliza a antonomasia e cria personagens. Götze, o “menino de ouro” Neuer, ‘ a muralha de Gelsenkirchen”, que denota metáfora, e Messi, um anti-herói.

**Retórica - Klöckner (2011):** Adota discurso judicial e utiliza cânone de memória. Nível hierárquico parcialmente forte.

**Estilo de Narração - Schinner (2004):** Narrador de Estilo Livre, descritivo, criativo e emotivo.

**Elementos vocais – César (2009):** Timbre de voz grave e médio, com modulação a ataque vocal forte. Tempo de emissão de gol de médio a longo. Possui capacidade de inflexão do ritmo, conforme posição da bola no campo. Velocidade de narração de média a acelerada, em 1990, e média, em 2014.

**B - Mário Lima: Internacional 2 x 3 Grêmio (2011) e Internacional 2 x 1 Corinthians (2015).**

**Principais Influências:** Oduvaldo Cozzi, Fiori Gigliotti, Joseval Peixoto, Doalceu Bueno de Camargo, Waldir Amaral Sérgio Moraes, Antônio Carlos Resende, e rádios do Prata.

**Retórica - Castillo (1989,1994):** Em 2011, evita a figura da antítese e, como recurso expressivo, universalização. Apresenta figuras retóricas metafóricas, de tópico e

antonomasia. Em 2015, cria um personagem e utiliza antonomasia e metáforas como “Valdívia, cabeleira” e “Valdívia, Valdomiro”. Utiliza onomatopeias como “rififi”, “vucovuco”. Principais bordões: “roda de samba”, “eu vi tudo, sim senhor, claro que vi, meu senhor”, “deitaram a moça branca” e “nasceu!”.

**Retórica - Klöckner (2011):** Em 2011, relembra derrota do Internacional para o Peñarol, e adota discurso judicial, com o cânone de memória. Hierarquia parcialmente forte e forte.

**Estilo de Narração - Schinner (2004):** Narrador de Estilo Livre, com ênfase na descrição, emoção e improvisação.

**Elementos vocais – César (2009):** Apresenta inflexão para bom humor, e tempo de emissão de gol de média a longo. Velocidade de narração de média a acelerada.

### **C - José Aldo Pinheiro: Flamengo 1 x 2 Internacional (1994) e Brasil 3 x 1 Venezuela (2015)**

**Principais Influências:** Jose Maria Moraes, Victor Hugo Morales, Armino Antônio Ranzolin, Willy Gonser e Osmar Santos, Mendes Ribeiro e Pedro Carneiro Pereira.

**Retórica - Castillo (1989,1994):** Utiliza figuras retóricas de personalização e antonomasia. Em 1994, denomina o atacante Leandro de “garoto promessa” e “craque”. Principal bordão: “a bola balança a rede, a rede balança a bola, essa emoção, balança a rede”.

**Retórica - Klöckner (2011):** Em 2015, adota discurso epdítico, de nível retórico fraco.

**Estilo de Narração - Schinner (2004):** Estilo Livre de narração. Emoção, descrição. Valorização da palavra falada.

**Elementos vocais – César (2009):** Velocidade de narração acelerada. Timbre de voz jovem, de médio para agudo, com inflexões e harmonia. Dicção clara. Tempo de emissão de gol de médio para longo.

**D - Orestes de Andrade: Olimpia 0 x 3 Grêmio (1995) e Brasil 3 x 1 Venezuela (2015).**

**Principais Influências:** Cláudio Wilmar Schroeder e Pedro Carneiro Pereira.

**Retórica - Castillo (1989,1994):** Adota, tanto em 1995, como em 2015, a figura retórica de tópico “aqui Guaíba”. Principais bordões: “minha Nossa Senhora”, “Fazendo para você o melhor rádio esportivo do Rio Grande do Sul”, “Espalmaa!”

**Retórica - Klöckner (2011):** Em 2015, adota estratégia de discurso deliberativo na abertura de jornada, com a identificação de 5 cânones: invenção, disposição, apresentação, memória, estilo, com utilização da sinédoque “galera brasileira”. Nível hierárquico forte.

**Estilo de Narração - Schinner (2004):** Estilo Livre.

**Elementos vocais – César (2009):** Velocidade acelerada de narração, tempo de emissão do gol longo, emoção exagerada e descrição. Capacidade de modular. Registro de voz grave, média e aguda.

**E - Pedro Ernesto Denardin: Grêmio 3 x 2 Oriente Petrolero (2002), São Paulo 1 x 2 Internacional (2006) e Grêmio 1 x 0 Santos (2015).**

**Principais Influências:** Pedro Carneiro Pereira e Mendes Ribeiro.

**Retórica - Castillo (1989,1994):** Em 2002, utilizou recursos retóricos da gradação, metáfora, a anotonomasia. Despersonalizou o jogo para uso do recurso expressivo de universalização. Em 2006, utilizou antítese e metáfora. Estratégia de Impacto. Principal bordão: “É demais!”.

**Retórica - Klöckner (2011):** Em 2015, utiliza discurso judicial, com a identificação de cânones de disposição e memória. Nível hierárquico forte.

**Estilo de Narração - Schinner (2004):** Estilo Livre de narração, com ênfase na emoção. Valorização do conteúdo da palavra.

**Elementos vocais – César (2009):** Timbre de narração na região grave com média. Velocidade lenta e média, e tempo de emissão de gol de média a longo. Utiliza recurso do humor, casualmente.

**F - Daniel Oliveira: Internacional 1 x 0 Barcelona (2006) e Grêmio 1 x 0 Santos (2015).**

**Principais Influências:** Armindo Antônio Ranzolin e Haroldo de Souza e Pedro Ernesto Denardin.

**Retórica - Castillo (1989,1994):** Em 2006, utiliza as figuras retóricas da gradação e hipérbole. Em 2015, utiliza a figura retórica de metáfora e personalização e antonomasia. Bordão: “Vamos conferir os números do mundo da bola”.

**Retórica - Klöckner (2011):** Em 2006, adota discurso judicial, com ênfase no cânone da memória. Nível hierárquico parcialmente forte. Em 2015, nível parcialmente forte.

**Estilo de Narração - Schinner (2004):** Narrador de Estilo Livre.

**Elementos vocais – César (2009):** Apresenta registros médios e agudos, estilo de voz jovem, com aceleração de narração e projeção forte. Há variação interpretativa, modulação e projeção brusca. Emissão de gol longa e vibrante, com humor causal, criatividade, descrição e emoção.

**G - André Silva: Ituano 1 x 2 Internacional (2015) e Cruzeiro 0 x 0 Grêmio (2015).**

**Principais Influências:** Armindo Antônio Ranzolin, Milton Jung, Mário Lima e Luciano do Valle.

**Retórica - Castillo (1989,1994):** Utiliza as figuras retóricas de personalização, tópico e ampliação “golaço”, em Ituano e Inter. Em Grêmio e Cruzeiro, são identificadas as figuras de metáfora, antonomasia, tópico e personalização. Nível hierárquico parcialmente forte. Não possui bordões.

**Retórica - Klöckner (2011):** Apenas a abertura de jornada apresenta um estilo epdítico, com ênfase no cânone de memória. Nível hierárquico fraco.

**Estilo de Narração - Schinner (2004):** Estilo de narração Livre e Orientada. Valoriza a palavra falada.

**Elementos vocais – César (2009):** Velocidade de narração média, com modulação aguda e tempo de emissão de gol médio. Emoção e descrição são os principais fatores de sua narração.

## H - Angelo Afonso: Atlético Mineiro 2 x 1 Internacional (2015)

**Principais Influências:** Rudimar Piccinini e Haroldo de Souza.

**Retórica - Castillo (1989,1994):** Apresenta figuras retóricas de personalização e tópico. Principais bordões: “começa tudo novo, de novo”, “vai com raça para vencer, Inter!” e “vai com amor, Tricolor!”.

**Retórica - Klöckner (2011):** Estilo de abertura de jornada se encaixa no gênero epdítico. Nível hierárquico parcialmente forte.

**Estilo de Narração - Schinner (2004):** Possui narração de Estilo Livre, com descrição e emoção. Valorização da palavra falada.

**Elementos vocais – César (2009):** Velocidade de narração lenta. Timbre de voz se concentra nas regiões médias e agudas. Possui tempo de emissão de gol longo.

Levando-se em conta a análise do período *Desbravador*, constatou-se a presença apenas de figuras retóricas de personalização e metáfora, conforme a classificação de Castillo (1989). Essas figuras passaram a ser amplamente utilizadas a partir do período *Paradigmático*. Tornaram-se comuns também as figuras retóricas de universalização, inclusão, antonomasia, tópicos, hipérbole, hipérbato, gradação e ampliação, que, no período *Contemporâneo*, continuam fazendo parte da narração de futebol no rádio. Percebeu-se que foi, a partir da fase paradigmática, que narradores de futebol do rádio de Porto Alegre começaram a criar personagens durante as transmissões, como estratégia retórica. Essa tática teve sequência na fase contemporânea.

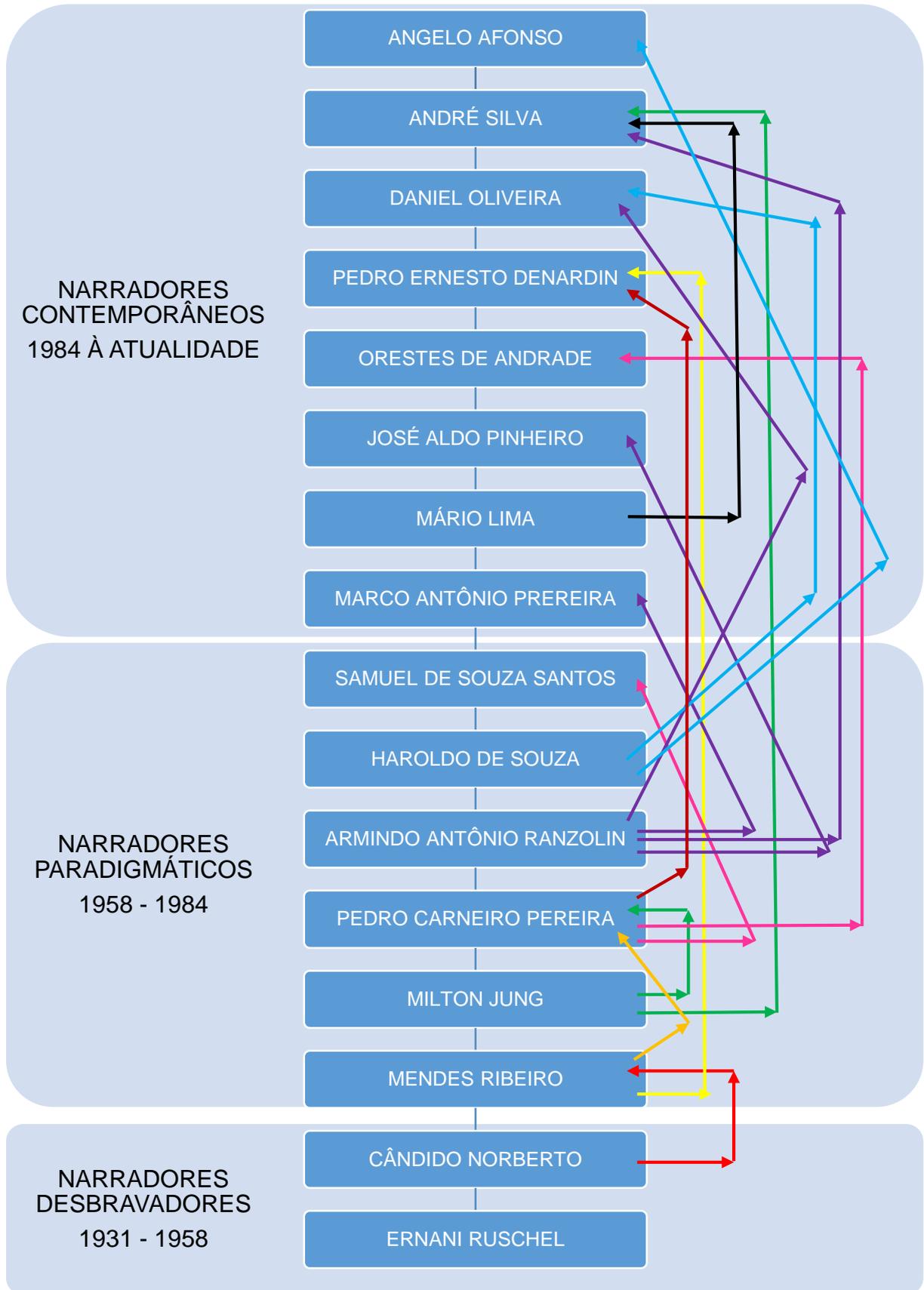
Quanto aos gêneros de discurso, de acordo com Klöckner (2011), predominou o tipo epdítico entre os três períodos estudados. Em poucos momentos, houve a identificação completa dos cinco cânones retóricos. Por consequência, apenas Pedro Carneiro Pereira e Haroldo de Souza, da fase paradigmática, e Pedro Ernesto Denardin, Mário Lima e Orestes de Andrade, da fase contemporânea, se encaixaram em uma hierarquia retórica de característica forte. Em poucos momentos, identificou-se uma estratégia deliberativa. Em contrapartida, alguns narradores dos períodos *Paradigmático* e *Contemporâneo*, adotaram o discurso judicial. Houve, inclusive, um

momento em que não se identificou um gênero específico de discurso, no caso da avaliação do narrador Samuel de Souza Santos.

No que diz respeito à voz, conforme César (2009), o primeiro período caracterizou-se por timbres impostados (*voice-over*), dicção clara e tempo de emissão de gol curto. No período *Paradigmático*, o tempo de emissão do gol variou entre curto, médio e longo, com a presença de dicção clara, impositação, timbres de voz graves, médios e agudos, com velocidade de narração rápida. Essas características seguiram-se no período *Contemporâneo*, principalmente, até a primeira década dos anos 2000. Constatou-se que a velocidade da narração se tornou lenta, com timbres de voz mais agudos. Há, porém, timbres de voz graves e impostados, semelhantes aos tipos de vozes do período *Desbravador* e, início do *Paradigmático*.

Por fim, quanto ao estilo, conforme Schinner (2004) na fase desbravadora, constatou-se a presença do estilo ancorado, sem emoção, com narração descritiva. A partir do período seguinte, que segue até a contemporaneidade, passou a predominar o Estilo Livre, com descrição, emoção e criatividade. Constatou-se que o período de maior inventividade, de exploração das possibilidades da narração de Estilo Livre, ocorreu na década de 1970. Foi neste período, por exemplo, que surgiram as aberturas de jornadas produzidas, que se intensificou o uso de bordões e que se criaram frases. Foi o momento que a emissão do grito de gol também se tornou mais longa. Percebeu-se que, atualmente, as aberturas de jornadas esportivas são objetivas e o único narrador que ainda redige textos amplos é Haroldo de Souza, da Rádio Grenal, locutor, originalmente, da fase paradigmática. A narração segue boa parte das características desenvolvidas no período *Paradigmático*, com ênfase na emoção e descrição, porém, com velocidade de narração lenta e criatividade inferior.

5.5 Árvore de referências da narração de futebol no rádio de Porto Alegre



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em cinco capítulos, *Narradores de Futebol, dos desbravadores aos contemporâneos: estilo e técnica da locução no rádio porto-alegrense (de 1931 a 2015)*, buscou reconstruir parte da história desses profissionais. Como aborda Marialva Carlos Barbosa (2009), contar a história não significa apenas descrever os fatos, conforme uma sequência cronológica, mas é contar a história dos homens e das mulheres que construíram um passado que pode ser revisitado e reinterpretado, de forma que se avalie a condição presente e se projete o futuro. E esta obra teve como uma de suas metas, justamente, a busca desse caminho, de entender como a narração desenvolveu-se, e de que forma ela pode ser reinterpretada.

Ao longo deste estudo, constatou-se que o improviso sempre esteve presente durante o processo evolutivo da narração de futebol em Porto Alegre. Apesar de não existirem gravações que deem amostras, por exemplo, de locuções de Ernani Ruschel, como narrador de futebol especificamente, sem dúvida, o improviso foi uma das primeiras técnicas empregadas, pois, sem conhecer os nomes dos jogadores de Grêmio e da Seleção do Paraná, e contando com o auxílio de Ary Lund, que lhe soprava os nomes dos atletas, Ruschel narrou o jogo. E, talvez, na época, Ruschel não teria noção da importância que, atualmente, esse fato tem na história, tanto, que está sendo repercutido. Tudo na narração, principalmente no início, era improvisado, inclusive, a tecnologia que, graças ao futebol, desenvolveu-se muito, principalmente, em relação às transmissões externas. Foi com esse espírito “aventureiro” que Cândido Norberto narrou, do Estádio Centenário de Montevideu, o primeiro jogo internacional da história do rádio de Porto Alegre, pela Rádio Sociedade Gaúcha, em 1949, tão importante já era o futebol, naquela época. Foi lá, sozinho, com equipamentos, na época avançados, que narrou o duelo de Grêmio e Nacional. Além do improviso, Cândido Norberto representa também um tipo de narração descritiva, que, para o momento, era o estilo que existia.

Este trabalho dividiu a história da narração de futebol no rádio de Porto Alegre em três períodos. De 1931 a 1958, é a fase embrionária da narração, chamada de período dos *Narradores Desbravadores*. A segunda fase, foi dos *Narradores Paradigmáticos*, que tomou como marco histórico a Copa do Mundo da Suécia, em 1958, quando, pela primeira vez, uma equipe formada inteiramente por gaúchos, transmitiu um campeonato mundial e, inclusive, cobriu o primeiro título da Seleção

Brasileira. E o primeiro narrador do período paradigmático é Mendes Ribeiro, que, segundo este estudo, foi o símbolo da introdução da terceira característica básica da narração de futebol: a emoção. Influenciado por Cândido Norberto, Mendes Ribeiro emocionou os gaúchos em 1958 e, depois, ainda narrou o bicampeonato no Chile, em outra Copa marcante, antes de transferir-se para a Rádio Gaúcha. Nesse mesmo período, surgiu uma das mais importantes vozes da história do rádio do Rio Grande do Sul, que tornou-se referência como apresentador oficial do Correspondente Renner, Milton Ferretti Jung, criador de um dos primeiros bordões de futebol no rádio porto-alegrense, o “gol,gol,gol – bola no fundo do poço”, e responsável por introduzir, na sequência, na Rádio Guaíba, Pedro Carneiro Pereira, sinônimo de uma narração veloz e emotiva, e que faleceu precocemente, deixando um legado importantíssimo.

Armando Antônio Ranzolin estabeleceu uma forma de comando de jornada diferenciado, aliado a uma narração técnica, precisa e emotiva. Ao mesmo tempo, em 1975, chegava ao Rio Grande do Sul, de Belo Horizonte, o narrador Haroldo de Souza, trazendo consigo, um estilo completamente diferente daquilo que o gaúcho estava acostumado, com bordões e frases que, até hoje, são lembradas, como o “adivinha”. E ainda o período paradigmático apresentou, conforme este estudo, a narração técnica de Samuel de Souza Santos, que se consolidou como um dos grandes nomes da Rádio Guaíba, nos anos 1970, e que, atualmente, é narrador de futebol na Rádio Galera, uma rádio de internet que o próprio Samuel ressalta como sendo a rádio que substituirá os atuais padrões existentes de AM e FM.

Estes narradores estiveram presentes em eventos marcantes também na história da evolução e do crescimento de Grêmio e Internacional como clubes de futebol. Foi durante o período paradigmático, que o Internacional conquistou seus três primeiros títulos nacionais, em 1975, 1976 e 1979. Foi nessa fase também que o Grêmio venceu o Campeonato Brasileiro, em 1981, a Libertadores da América e o Mundial Interclubes, em 1983. Foi nesse período, ainda, que a rivalidade Gaúcha x Guaíba cresceu, na disputa pela audiência entre Armando Antônio Ranzolin e Haroldo de Souza, que seguiu até meados dos anos 1990.

O período paradigmático tem fim em 1984, com a transferência de Ranzolin da Rádio Guaíba para a Rádio Gaúcha, que significou uma grande mudança, no que diz respeito aos índices de audiência no rádio do Rio Grande do Sul. É quando a Gaúcha começa a virar o jogo ao seu favor, em relação à supremacia da Guaíba na década de 1970.

Em 1984, portanto, iniciou o período dos *Narradores Contemporâneos*, que segue até a atualidade, e de onde surgiram nomes como Marco Antônio Pereira, que narrou sua primeira Copa do Mundo, pela Rádio Guaíba, em 1990, com um estilo de narração baseado na emoção, com timbre de voz potente. Enquanto isso, Mário Lima, profissional de narração “show”, percorria o Brasil, quando encontrou seu mais importante bordão, justamente no palco do “maior do mundo” o Maracanã, e, quando teve a oportunidade, consagrou também o “nasceu” em Porto Alegre, por emissoras como a Bandeirantes e a Rádio Guaíba. Da Argentina para o Brasil, surgiu a voz limpa e potente de José Aldo Pinheiro, um “catedrático” da narração de futebol, que, através da valorização da palavra, com uma dicção clara, transmite com emoção toda a vez que a “bola balança a rede e a rede balança a bola”. E o destino quis que Orestes de Andrade fosse seu padrinho de nascimento, o “Galo Missioneiro”, que se transformou em um narrador de grande importância e respeito pela sua velocidade e técnica, com um dos gritos de gol mais potentes que a história do rádio já apresentou.

Pedro Ernesto Denardin teve a missão de substituir Armino Antônio Ranzolin no comando da narração de futebol da Rádio Gaúcha e, com uma narração carregada de emoção, criou o termo “é demais”, que se tornou um símbolo que ficou na mente de grande parte dos ouvintes de futebol do rádio gaúcho. Logo em seguida, surgiu o narrador Daniel Oliveira, que não consegue esconder a emoção em sua narração de futebol e, com criatividade e bom humor, se afirmou como o principal locutor da Bandeirantes. André Silva é uma recente aposta da Rádio Gaúcha, que o trouxe das reportagens para a cabine de rádio, e que, futuramente, pode ser o indicativo de uma tendência de mercado. Silva segue na função de repórter, porém, já está programado para os jogos Olímpicos de 2016, quando, além da cobertura jornalística, também será responsável pelas emoções de jogos que estiver escalado. A Rádio Gaúcha ainda encerrou 2015 com duas contratações, Gustavo Manhago e Marcelo De Bona, ambos com experiência dentro do próprio Grupo RBS. Mas ainda existem os narradores de “raiz”, como o caso de Angelo Afonso, tão jovem quanto a própria emissora em que atua, a Rádio Grenal, que transmite futebol durante 24 horas por dia.

Este estudo constatou que, de 1931 até 1958, houve uma crescente evolução nos estilos e nas técnicas dos narradores, principalmente a partir do momento em que o rádio se tornou um instrumento de comunicação popular. Dessa forma, os narradores que surgiram nesse período, começaram a ter acesso aos estilos de narração, principalmente, de países da região do Prata, como Argentina e Uruguai.

Essas foram as primeiras influências na formação do estilo de narração de futebol no rádio de Porto Alegre. A primeira fase da narração caracterizou-se como uma locução descritiva, sem a utilização da emoção. Porém, observou-se que, principalmente a partir dos anos 1950, quando houve também a captação de transmissões paulistas e cariocas no Rio Grande do Sul, começaram a ser utilizadas, aos poucos, algumas figuras retóricas como estratégias para chamar a atenção dos ouvintes para as transmissões. Em 1958, na transmissão da Copa do Mundo, a emoção se estabelece como uma das ferramentas de persuasão e a velocidade da narração também, gradativamente, aumenta.

Em 1975, a narração de rádio em Porto Alegre tem, como características básicas, a velocidade, a descrição e a emoção. Com a chegada de Haroldo de Souza, nesse mesmo ano, se introduz, com mais força, o uso de figuras retóricas como metáforas, frases feitas, ditados populares, de um estilo de narração mais popular, com uma linguagem mais acessível. Este estudo considerou que o momento de maior desenvolvimento criativo da narração e de maior inserção de diferentes influências, aconteceu no período paradigmático. Após o ano de 1984, avaliou-se que houve uma manutenção dos estilos dos anos 1970, que se ramificaram entre os novos profissionais que foram surgindo no mercado, com o passar dos anos seguintes. Além disso, foram constatados outros fatores, tais como, a questão da voz. Atualmente, não se exige mais que o narrador possua um timbre de voz impostado. Exige-se clareza e conteúdo do profissional. A velocidade da narração também foi diminuindo gradualmente, e, hoje, está próxima do ritmo de narração que é feita na televisão, a diferença básica fica apenas por conta do número de palavras que são expressadas em cada meio de comunicação. O ritmo está cada vez mais próximo. Percebe-se também que a renovação está ocorrendo de forma lenta. Na Rádio Gaúcha, Pedro Ernesto Denardin continua narrando futebol. Na Rádio Guaíba, da nova geração, somente há um narrador contratado, Marcelo Cardoso, enquanto o quadro apresenta os experientes Orestes de Andrade, Mário Lima e Marco Antônio Pereira. Inclusive a Rádio Galera, que tem como slogan a “rádio do futuro” hoje, eventualmente, conta com a narração de Samuel de Souza Santos, apesar de que é um dos espaços em que os novos profissionais mais encontram as portas abertas para começar uma carreira na mídia. Na Rádio Bandeirantes, o quadro de narradores também tem se mantido com nomes experientes, como o próprio Daniel Oliveira, José Aldo Pinheiro e Marcos Couto. E, por fim, a Rádio Grenal que, se de um lado possui como titular o

narrador Haroldo de Souza, tem também a presença de jovens como Thiago Suman e Angelo Afonso. Conclui-se, por fim, que não existe em Porto Alegre uma escola de narração definida. Esta, na verdade, apresenta uma série de ramificações, com estilos dos mais conservadores aos mais liberais na forma de se narrar futebol.

*Narradores de Futebol, dos desbravadores aos contemporâneos: estilo e técnica da locução no rádio porto-alegrense (de 1931 a 2015)* não é um trabalho finalizado, pelo contrário, revela uma história em permanente construção. O objetivo deste estudo foi de valorizar, na medida do possível, tudo aquilo que foi produzido sobre a narração. Procurou-se expor o assunto de uma forma mais ampla, linear e organizada e que, de alguma forma, torne-se útil tanto para a academia, quanto para os leitores e ouvintes do esporte mais popular do Brasil. Entende-se que havia a necessidade de produzir um trabalho de pesquisa desta envergadura, que levasse em consideração nomes que foram e continuam sendo fundamentais para a evolução de uma trajetória que iniciou em 1931.

## REFERÊNCIAS

### 1. Livros

- ATHAYDES, Andréia, STOSCH, Sérgio. (Org). **A história do rádio porto-alegrense contada por quem a fez**. Canoas: ULBRA, 2008.
- BARBEIRO, Heródoto, RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalista esportivo**. São Paulo: Contexto, 2013.
- BARBOSA, Marialva. **História da comunicação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BLOCH, Marc. **Introdução à história**. Lisboa: Europa-América, 1965.
- BRIGGS, Asa, BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: De Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- BUENO, Eduardo. **História do Brasil**. Porto Alegre: Zero Hora, 1998.
- CASTILLO, Daniel Prieto. **Retórica y manipulación masiva**. México: Coyoacán, 1979.
- CÉSAR, Cyro. **Como falar em rádio: prática de locução AM e FM**. São Paulo: Summus, 2009.
- DEL BIANCO, Nélia R. (Org.). **O Rádio Brasileiro na Era da Convergência**. São Paulo: INTERCOM, 2012.
- DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.
- DUARTE, Jorge, BARROS, Antônio. (Org). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008.
- FEPLAM. **Rádiodifusão no RS. História e Estórias. Vol. 1**. Porto Alegre: FEPLAM, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Rádiodifusão no RS. História e Estórias. Vol. 2**. Porto Alegre: FEPLAM, 1992.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40): dos pioneiros às emissoras comerciais**. Canoas: Ulbra, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Rádio e capitalismo no rio Grande do Sul: as emissoras comerciais e suas estratégias de programação na segunda metade do século 20**. Canoas: ULBRA, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.
- FERNÁNDEZ, Maria do Carmo Leite de Oliveira. **Futebol fenômeno linguístico: análise linguística da imprensa esportiva**. Rio de Janeiro, Documentário, 1974.

GOODE, William Josiah, HATT, Paul Kitchener. **Métodos em Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Nacional, 1977

GOMES, Flávio Alcaraz. **O diário de um repórter**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

HERNANDES, Nilton. **A Mídia e seus Truques. Ao que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público**. São Paulo: Contexto, 2006.

KLÖCKNER, Luciano, ENDLER, Sergio Francisco. **Radioativo: o passado, o presente e o futuro do rádio**. Porto Alegre: Evangraf, 2005.

\_\_\_\_\_, Luciano. **Nova retórica e rádio informativo: estudo das programações das emissoras TSF-Portugal e CBN-Brasil**. Porto Alegre: Evangraf, 2011.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAGNONI, Antônio Francisco, CARVALHO, Juliano Maurício de. **O novo rádio: cenários da radiodifusão na era digital**. São Paulo: Senac, 2010.

MARANHAO FILHO, Luiz. **Rádio em todas as ondas**. Recife: UFPE, 1998.

MATA, María Cristina, SACARAFÍA, Silvia. **Lo que dicen las rádios: uns propuesta para analizar el discurso radiofónico**. Quito: Aler, 1993.

MOREIRA, Sandra Virgínia. **O rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.

NAPOLEÃO, Antônio Carlos. **O Brasil de todas as Copas 1930 – 2010**. Brasília: Ministério do Esporte, 2012.

NEUBERGER, Lotário. (Org). **Radiodifusão no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Plátano, 1997.

NUNES, Bibiana Paiva, COTTA, Luiz, OLIVEIRA, Mário José Pinto de. **Os jornalistas e os fatos que construíram a história do rádio no RS**. 2. Ed. Porto Alegre: Alternativa, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy, SANTOS, Nádia Mara Weber, ROSSINI, Miriam de Souza. (Org.). **Narrativas, imagens e práticas: percursos em história cultural**. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **RS: a economia e o poder nos anos 30**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

\_\_\_\_\_. História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

PRATA, Nair, Santos, Cláudia. **Enciclopédia do rádio esportivo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2014.

\_\_\_\_\_. **Enciclopédia do rádio esportivo mineiro**. Florianópolis: Insular, 2014.

QUADROS, Lauro. **Olha, gente! As histórias de Lauro Quadros**. Porto Alegre: AGE, 2015.

RANGEL, Patrícia, GUERRA, Márcio. (Org.). **O Rádio e as Copas do Mundo**. Juiz de Fora: Juizforana, 2012.

ROSA, José. **Manual do locutor. Guia para os profissionais e para os aspirantes à carreira de locutor**. São Paulo: Prelúdio, [s.d]

SCHINNER, Carlos Fernando. **Manual dos locutores esportivos: como narrar futebol e outros esportes no rádio e na televisão**. São Paulo: Panda, 2004.

SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano da. **Rádio: oralidade mediatizada: o spot e os elementos da linguagem radiofônica**. São Paulo: Annablume, 1999.

SOARES, Edileuza. **A bola no ar: O rádio Esportivo em São Paulo**. São Paulo: Summus, 1994.

STEFFEN, César, POZENATO, Kenia. (Org.). **Mídia, cultura e contemporaneidade: análises e angulações**. Caxias do Sul: Educs, 2010.

STREB, Eduarda, MEDITSCH, Rafaela. **Que lance! Celestino Valenzuela abre o jogo e revela história surpreendentes**. Porto Alegre: L Comunicação, 2014.

TAVARES, Reynaldo C. **Histórias que o rádio não contou. Do galena ao digital, desvendando a radiodifusão no Brasil e no mundo**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2014.

TEIXEIRA COELHO, José, Netto. **Semiótica, informação e comunicação: diagrama da teoria do signo**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

THIOLLENT, Michel, J. M. **Crítica metodológica, Investigação social e enquete operária**. 4. ed. São Paulo: Polis, 1985.

VAMPRE, Octavio Augusto. **Raízes e evolução do rádio e da televisão**. Porto Alegre: FEPLAM – RBS, 1979.

VILAS BOAS, Sérgio. (Org.). **Formação e informação esportiva: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2005

## 2. Capítulos de livros

BEDENDO, Ricardo. **O desafio de uma nova reinvenção: vitórias e histórias do rádio na Copa do Mundo de 1982.** In: RANGEL, Patrícia, GUERRA, Márcio. (Org.). O Rádio e as Copas do Mundo. p. 147 – 169. Juiz de Fora: Juizforana, 2012. In: DEL BIANCO, Nélia R. (Org.). O Rádio Brasileiro na Era da Convergência. São Paulo: INTERCOM, 2012.

BELEI, Renata Aparecida, GIMENIZ-PASCHOAL, Sandra Regina, NASCIMENTO, Edinalva Neves, MATSUMOTO, Patrícia Helena Vivian Ribeiro. **O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa.** Cadernos de Educação (UFPEL), v. 30, p. 187-199, 2008.

DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas.** Curitiba: UFPR. Educar, n. 24, p. 213-225, 2004.

ENDLER, Sergio. **Copa do Mundo de 78: Gaúcha desafia Guaíba.** In: RANGEL, Patrícia, GUERRA, Márcio. (Org.). O Rádio e as Copas do Mundo. p. 135 – 146. Juiz de Fora: Juizforana, 2012.

FLICK, Uwe. **Entrevista Episódica.** In: BAUER, Martin. W., GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. p. 64-89. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

GASKELL, George. **Entrevistas Individuais e grupais.** In: BAUER, Martin. W., GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. p. 64-89. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

GUERRA, Márcio de Oliveira. **Copa de 70: craques em campo na transmissão radiofônica – inovações nas regras da competição, novidades na cobertura esportiva.** In: RANGEL, Patrícia, GUERRA, Márcio. (Org.). O Rádio e as Copas do Mundo. p. 111 – 122. Juiz de Fora: Juizforana, 2012.

LOPEZ, Debora Cristina, FREIRE, Marcelo, ABREU, Karen Kraemer, SANTOS, Ébida Rosa dos, CORBARI, Marcos Antonio, CATTANI, Maurício Emanuel. **Rádio em bits: um panorama da presença das emissoras de Porto Alegre na Internet.** In:

OLEGÁRIO, Leandro. **A última Copa do Mundo do Século XX: o Rádio Gaúcho na França.** In: RANGEL, Patrícia, GUERRA, Márcio. (Org.). O Rádio e as Copas do Mundo. p. 207 – 221. Juiz de Fora: Juizforana, 2012.

KOCH, Rodrigo. **Copa do Mundo de 2006: a consolidação do novo formato para as coberturas de megaeventos esportivo e o exemplo da Guaíba.** In: RANGEL, Patrícia, GUERRA, Márcio. (Org.). O Rádio e as Copas do Mundo. p. 237 – 254. Juiz de Fora: Juizforana, 2012.

VAZ FILHO, Pedro Serico. **1990: A Copa do Mundo não é nossa! Com brasileiro há quem possa!** In: RANGEL, Patrícia, GUERRA, Márcio. (Org.). O Rádio e as Copas do Mundo. p. 185 – 194. Juiz de Fora: Juizforana, 2012.

VIANA, Graziella Mello, FIALHO, Waldiane de Ávila. **Rádio digital entre montanhas: os testes em Minas Gerais.** In: KLÖCKNER, Luciano, PRATA, Nair. (org.). A história da mídia sonora – experiências, memórias e afetos de norte a sul do Brasil. P. 445 – 558. Porto Alegre: Edipucrs, 2009.

### 3. Monografias, dissertações e teses

CHAGAS, Maycon Firmino. **O Papel do rádio esportivo na construção do ídolo.** Monografia. Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2007.

CECHIN, Rafael Suertegaray. **Jornalistas nas Copas do Mundo de 1998 e 2002: Estudo de caso da Rádio Gaúcha.** Monografia. Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Porto Alegre, 2002.

DALPIAZ, Jamile Gamba. **O futebol no rádio de Porto alegre: um resgate histórico (dos anos 30 à atualidade).** Dissertação. Mestrado em Comunicação e Informação. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2002.

FILHO, Agnelo Juchem. Cobertura Esportiva: **Um estudo sobre as semelhanças e diferenças entre o rádio e a tv.** Monografia. Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Porto Alegre, 2006.

GRECELLÉ, Ricardo Andrade. **A narração de futebol na tv e no rádio: semelhanças e diferenças.** Monografia. Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Porto Alegre, 2003.

GROSS, Luís Nando Moretti. **O Radiojornalismo Esportivo em Porto Alegre.** Monografia. Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Porto Alegre, 1992.

KUHN, João Carlos. **Universo Feminino no jornalismo Esportivo.** Monografia. Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Porto Alegre, 2010.

MADRIGAL, Baptista Daniel. **Futebol narrado no rádio e na televisão: As Vozes da Paixão Brasileira.** Dissertação. Mestrado em Comunicação, área de concentração em Comunicação Contemporânea. Universidade Anhembi Morumbi. São Paulo, 2009.

MARTINS, Nair Prata Moreira. **Webradio: novos gêneros, novas formas de interação.** Tese. Doutorado em Lingüística Aplicada. Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, 2008.

MÉRCIO, Cláudio Costa. **Uma voz a serviço do rio grande: Fragmentos identitários do gaúcho na programação da rádio Guaíba AM de Porto Alegre.**

Tese. Doutorado. Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Porto Alegre, 2008.

NARDI, Maurício Ferronato Nardi. **A recriação da na narrativa do futebol no rádio.** Monografia. Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Porto Alegre, 2004.

OLIVEIRA, Rodrigo Martins de. Rádio e Copa do Mundo através das décadas: **Análise das coberturas da Rádio Guaíba dos mundiais de 1982 e 2010.** Monografia. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2011.

PEREIRA, Eduardo Vitelo. **A jornada esportiva no rádio e na televisão: Um estudo comparativo a partir da transmissão de um jogo de futebol.** Monografia. Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). São Leopoldo, 2006.

PINTO, Vanessa Costa. **Nas ondas do rádio e da televisão: a cobertura esportiva levando emoção ao torcedor.** Monografia. Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Porto Alegre, 2008.

PRAETZEL, Alexandre Dias. Plantão Gaúcha: **Jornalismo e esporte no fim de cada noite.** Monografia. Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Porto Alegre, 1992.

RIBEIRO, Thiago Xavier. **O narrador esportivo no rádio de Porto Alegre: Histórico, escolas e recursos.** Monografia. Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Porto Alegre, 2001.

SILVEIRA, Ana Paula Soares Lopes da. **Rádio e futebol: linguagem popular.** Monografia. Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Porto Alegre, 2006.

SILVEIRA, Nathália Ely. **Jornalismo esportivo: conceitos e práticas.** Monografia. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2011.

TEIXEIRA, Ricardo Lay Barros. **A programação esportiva de futebol nos finais de semana: O caso das rádios Gaúcha, Guaíba, Bandeirantes e Pampa.** Monografia. Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Porto Alegre, 2004.

VALLS, Eduardo Erdmann. **Transmissão de futebol pelo rádio de Porto Alegre: Paralelo entre as coberturas das décadas de 50 e 60 com a atualidade.** Monografia. Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Porto Alegre, 2000.

VELLAME, Igor Alencar. **Projeto: História do Rádio.** Instrumentação para ensino. Relatório Final 1. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). [s.d.].

#### 4. Artigos Científicos

CASTILLO, Daniel Prieto. **La expresión verbal en la radio**. Repositorio Digital Ciespal. 1989. Disponível em: < <http://186.5.95.155:8080/jspui/123456789/201>>. Acesso em: ago. 2014.

GUERRA, Márcio de Oliveira. **Rádio x TV: o jogo da narração. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor**. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1438-1.pdf>>. Acesso em: mai. 2014.

GÖTZ, Ciro Augusto Francisconi. **Radiojornalismo Esportivo Gaúcho: a nova fase da Rádio Guaíba**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Foz do Iguaçu, 2014.

\_\_\_\_\_. **Variadas técnicas de entrevistas para a construção de uma investigação qualitativa em Comunicação Social**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

HELAL, Ronaldo, AMARO, Fausto. **Das ondas do rádio à tela da TV: notas sobre a evolução da narração esportiva**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Fortaleza, 2012.

MONTEIRO, Emmanuel Grubisich. **A Experiência do Rádio na Formação do Narrador de Futebol Televisivo**. Universidade Norte do Paraná – Unopar. Trabalho apresentado no II Altercom – Jornada de Inovações Midiáticas e Alternativas Comunicacionais. Santos, 2007.

PRATA, Nair. **Webradio: novos gêneros, novas formas de interação**. Jornalismo do Centro Universitário de Belo Horizonte (Uni-BH). Trabalho apresentado ao NP Rádio e Mídia Sonora do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal, 2008.

#### 5. Artigos de periódicos

BARBOSA, Marialva Carlos. **Comunicação e história: presente e passado em atos narrativos**. Comunicação, Mídia e Consumo. São Paulo, vol. 6, n. 16, p. 11 – 27, jul. 2009.

\_\_\_\_\_. **Múltiplas formas de contar uma história...** ALCEU - v. 10 - n.20 - p. 25 a 40 - jan./jun. 2010.

GÖTZ, Ciro Augusto Francisconi. **Radiojornalismo Esportivo Gaúcho: a nova fase da Rádio Guaíba**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Rádio Leituras. Ano V, Num 02. Edição Julho – Dezembro 2014

KOILLER, Belita. **A arquitetura da matéria**. Instituto de Física, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Física na Escola, v. 6, n. 1, 2005.

MOURA, Ranielle Leal. **Marialva Barbosa, entre a história e o jornalismo**. Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional, Ano 14 n.14, p. 143-155 jan/dez. 2010.

MELLO VIANNA, Graziela Valadares Gomes de. **Elementos sonoros da linguagem radiofônica: a sugestão de sentido ao ouvinte-modelo**. Galaxia (São Paulo, Online), n. 27, p. 227-240, jun. 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542014115683>>. Acesso em: mai. 2015.

## 6. Entrevistas e depoimentos

AFONSO, Angelo. Narrador da Rádio Grenal. Entrevista pessoal em 15 de setembro de 2015.

ALIARDI, Rodrigo. Fundador da Rádio Galera Web. Entrevista pessoal em 15 de junho de 2015.

ANDRADE, Orestes. Narrador da Rádio Guaíba. Entrevista pessoal em 8 de outubro de 2015.

DENARDIN, Pedro Ernesto. Narrador da Rádio Gaúcha. Entrevista pessoal em 25 de setembro de 2015.

FIORIN, Flávio. Ex-plantão esportivo da Rádio Gaúcha e Rádio Guaíba. Depoimento concedido em 27 de julho de 2014.

GROSS, Nando. Chefe de Esportes de Rádio Guaíba. Depoimento concedido, via telefone, em 28 de julho de 2014.

JUNG, Milton Ferretti. Ex-narrador da Rádio Guaíba. Entrevista pessoal em 15 de outubro de 2015.

LIMA, Mário. Narrador da Rádio Guaíba. Entrevista pessoal em 18 de setembro de 2015.

MARÇAL, Fábio. Repórter da Rádio Guaíba. Depoimento via e-mail, concedido em 1 de outubro de 2015.

OLIVEIRA, Daniel. Narrador da Rádio Bandeirantes. Entrevista pessoal em 18 de setembro de 2015.

PEREIRA, Marco Antônio. Narrador da Rádio Guaíba. Entrevista pessoal em 28 de setembro de 2015 (ainda como narrador da Rádio Gaúcha).

PINHEIRO, José Aldo. Narrador da Rádio Bandeirantes. Entrevista pessoal em 16 de setembro de 2015.

ROCHA, Elizabeth Mendes Ribeiro da. Filha de Mendes Ribeiro. Entrevista pessoal em 7 de outubro de 2015.

RUSCHEL, Filho Ernani. Filho de Ernani Ruschel. Entrevista pessoal em 23 de setembro de 2015.

SANTOS, Lauro. Filho de Cândido Norberto. Entrevista pessoal, via *whatsapp*, em 30 de setembro de 2015.

SANTOS, Samuel de Souza. Narrador da Rádio Galera WEB. Entrevista pessoal em 6 de outubro de 2015.

SCHMIDT, Edegar. O comentarista está temporariamente afastado por questões de saúde. Depoimento concedido na redação da Rádio Guaíba, em 17 de abril de 2012.

SILVA, André – Repórter e narrador da Rádio Gaúcha. Entrevista pessoal em 24 de setembro de 2015.

SOUZA, Haroldo de. Narrador da Rádio Grenal. Entrevista pessoal em 2 de outubro de 2015.

## 7. Documentos sonoros e audiovisuais

BRAUNER, Roberto. **Roberto Brauner**. Projeto Vozes do Rádio. Famecos/PUCRS. Disponível em: < <http://eusoufamecos.uni5.net/vozesdoradio/vozes/vozes/r/roberto-brauner/>>. Acesso em: abr. 2015.

CENTRO DE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL DA UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL (2004) - **Pedrinho Morreu na Primavera**. Produção: Cristiane Viegas, Juliana Sembranelli, Marcelo Steffen e Marcus Reis. Imagens: Adelmo Prestes, Daniel Fernandes e Sérgio Cabral. Edição: Marcus Reis. Pós-produção/Computação gráfica. Programação visual: Daniel Fernandes. Sonoplastia: João Blattner e Otto Bede. Professor responsável: Luiz Artur Ferraretto. Jornalista responsável: Vera Méndez. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=EYHNx0T41wc>>. Acesso em: abr. 2015.

COSTA, Celso. **Celso Costa**. Projeto Vozes do Rádio. Famecos/PUCRS. 2002. Disponível em: < [http://eusoufamecos.uni5.net/vozesdoradio/entrevista\\_celso-costa/](http://eusoufamecos.uni5.net/vozesdoradio/entrevista_celso-costa/)>. Acesso em: mai 2015.

DENARDIN, Pedro Ernesto. **Pedro Ernesto Denardin**. Projeto Vozes do Rádio. Famecos/PUCRS. 2001. Disponível em: < <http://eusoufamecos.uni5.net/vozesdoradio/entrevista-completa-91/>>.

JUNG, **Milton Ferretti**. Projeto Vozes do Rádio. Milton Ferretti Jung. Famecos/PUCRS. 2002. Disponível em: < <http://eusoufamecos.uni5.net/vozesdoradio/entrevista-completa-75/>>. Acesso em: abr. 2015.

LIMA, Mário. **Mário Lima**. Projeto Vozes do Rádio. Famecos/PUCRS. 2011. Disponível em: < <http://eusoufamecos.uni5.net/vozesdoradio/mario-lima-entrevista-completa/>>. Acesso em: mar. 2015.

MEROLILLO, Rafael. **Rafael Merolillo**. Projeto Vozes do Rádio. Famecos/PUCRS. Disponível em: < <http://eusoufamecos.uni5.net/vozesdoradio/vozes/vozes/r/rafael-merolillo/>>. Acesso em: abr. 2015.

OLIVEIRA, Daniel. **Daniel Oliveira**. Projeto Vozes do Rádio. Famecos/PUCRS. 2014. Disponível em: < <http://eusoufamecos.uni5.net/vozesdoradio/entrevista-com-daniel-oliveira/>>. Acesso em: abr. 2015.

PEREIRA, Marco Antônio. **Marco Antônio Pereira**. Projeto Vozes do Rádio. Famecos/PUCRS. 2005. Disponível em: < <http://eusoufamecos.uni5.net/vozesdoradio/entrevista-completa-63/>>. Acesso em: abr. 2015.

RANZOLIN, Armindo Antônio. **Armindo Antônio Ranzolin**. Projeto Vozes do Rádio. Famecos/PUCRS. Disponível em: <<http://eusoufamecos.uni5.net/vozesdoradio/vozes/vozes/a/armindo-antonio-ranzolin/>>. Acesso em: mar. 2015.

RUSCHEL, Nilo. **Nilo Ruschel por Adriana Ruschel Duval**. Projeto Vozes do Rádio. 2006. Famecos/PUCRS. Disponível em: <http://eusoufamecos.uni5.net/vozesdoradio/vozes/vozes/n/nilo-ruschel/>. Acesso em: abr. 2015.

SANTOS, de Souza **Santos. Samuel de Souza Santos**. Projeto Vozes do Rádio. Famecos/PUCRS. 2006. Disponível em: < <http://eusoufamecos.uni5.net/vozesdoradio/entrevista-completa-13/>>. SOUZA, Haroldo. **Haroldo de Souza**. Projeto Vozes do Rádio. Famecos/PUCRS. 2001. Disponível em: < <http://eusoufamecos.uni5.net/vozesdoradio/entrevista-completa-34/>>. Acesso em: abr. 2015.

## 8. Reportagens e matérias *online*

MOMBACH, Hiltor. **Orestes de Andrade, o gooooooooooooooooool mais longo do Brasil**. Correio do Povo, 2010. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/blogs/hiltormombach/?p=4008>>. Acesso em: dez. 2014.

HIGA, Paulo. **Quando a TV analógica será desligada na sua cidade**. TECNOBLOG. 2015. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/158674/data-desligamento-sinal-tv-analogica/>>. Acesso em: jun. 2015.

OLHAR DIGITAL. **Rádio digital não sai do papel e deve ser atropelada pelas emissoras online**. 2015. Disponível em: < <http://olhardigital.uol.com.br/video/radio-digital-nao-sai-do-papel-e-deve-ser-atropelada-pelas-emissoras-online/48444>>. Acesso em: mar. 2015.

PRADO, Magaly. **Ondas Curtas, quem ouve?** Folha Online. 2002. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/ult514u79.shtml>>. Acesso em: mar. 2015.

SILVA, Jones Lopes da, OLIVEIRA, Leonardo. **Do táxi até virar o Homem Gre-Nal: Pedro Ernesto narra o 76º clássico de sua carreira.** 2015. Disponível em: < <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2015/11/do-taxi-ate-virar-o-homem-gre-nal-pedro-ernesto-narra-o-76-classico-de-sua-carreira-4911851.html>>. Acesso em: jan. 2016.

VASCONCELLOS, FêCris. **O Brasil S2 a internet: os 20 anos da rede no país.** 2015. Disponível em: < <http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/noticia/2015/05/o-brasil-s2-a-internet-os-20-anos-da-rede-no-pais-4771268.html>>. Acesso em: mar. 2015.

ZERO HORA. **Morre o radialista e ex-deputado Cândido Norberto.** 2009. Disponível em: < <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticia/2009/02/morre-o-radialista-e-ex-deputado-candido-norberto-2389939.html>>. Acesso em: jan. 2015.

\_\_\_\_\_. **Farid Germano é enterrado na Capital.** 2012. Disponível em: < <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2012/04/farid-germano-e-enterrado-na-capital-3720758.html>>. Acesso em: jan. 2015.

\_\_\_\_\_. **Gaúcha apresenta dois novos narradores no Sala de Redação.** 2015. Disponível em: < <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2015/12/gaucha-apresenta-dois-novos-narradores-no-sala-de-redacao-4927492.html>>. Acesso em: jan. 2016.

## 9. Blogs e sites informativos

BRAGA, Newton C. **Como Funciona um Rádio Valvulado (V010).** Disponível em: < <http://www.newtoncbraga.com.br/index.php/mundo-das-valvulas/651-como-funciona-um-radio-valvulado-v010>>.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Os Ganzo, o rádio gaúcho e o telefone no sul do Brasil.** 2006. Disponível em: < <http://www.radionors.jor.br/2013/04/os-ganzo-o-radio-gaucha-e-o-telefone-no.html>>.

SANTOS, Rodrigo. **Como funciona uma transmissão de futebol no rádio.** 2014. Disponível em: < <http://www.blogdorodrigo.org/2014/02/como-funciona-uma-transmissao-de.html>>.

TUDO RÁDIO. **O Rádio.** Disponível em: < <http://tudoradio.com/conteudo/ver/11-O-Radio-Historia>>.

PROJETO PASSO FUNDO. **Dados Biográficos de Ary Lund - Ary Simões Lund.** Disponível em: < [http://www.projetopassofundo.com.br/principal.php?modulo=texto&tipo=texto&con\\_codigo=52476](http://www.projetopassofundo.com.br/principal.php?modulo=texto&tipo=texto&con_codigo=52476)>.

## **10. Sites Internet**

Confederação Sul Americana de Futebol (Conmebol) – [www.conmebol.com](http://www.conmebol.com).

Federação Gaúcha de Futebol - [www.fgf.com.br](http://www.fgf.com.br).

FIFA – [www.fifa.com](http://www.fifa.com)

Grêmio Football Portoalegrense – [www.gremio.net](http://www.gremio.net).

Rádio Gaúcha - [gaucha.clicrbs.com.br/](http://gaucha.clicrbs.com.br/).

Rádio Grenal - [www.pampa.com.br/rdgrenal/](http://www.pampa.com.br/rdgrenal/).

Rádio Guaíba - [www.radioguaiba.com.br](http://www.radioguaiba.com.br).

Sport Club Internacional – [www.internacional.com.br](http://www.internacional.com.br).

YouPix - [www.youpix.com.br](http://www.youpix.com.br).

**ANEXO CD**

## Conteúdo do CD: Entrevistas

**AFONSO, Angelo.** Narrador da Rádio Grenal. Entrevista pessoal em 15 de setembro de 2015.

**ANDRADE, Orestes.** Narrador da Rádio Guaíba. Entrevista pessoal em 8 de outubro de 2015.

**DENARDIN, Pedro Ernesto.** Narrador da Rádio Gaúcha. Entrevista pessoal em 25 de setembro de 2015.

**JUNG, Milton Ferretti.** Ex-narrador da Rádio Guaíba. Entrevista pessoal em 15 de outubro de 2015.

**LIMA, Mário.** Narrador da Rádio Guaíba. Entrevista pessoal em 18 de setembro de 2015.

**MARÇAL, Fábio.** Repórter da Rádio Guaíba. Depoimento via e-mail, concedido em 1 de outubro de 2015.

**OLIVEIRA, Daniel.** Narrador da Rádio Bandeirantes. Entrevista pessoal em 18 de setembro de 2015.

**PEREIRA, Marco Antônio.** Narrador da Rádio Guaíba. Entrevista pessoal em 28 de setembro de 2015 (ainda como narrador da Rádio Gaúcha).

**PINHEIRO, José Aldo.** Narrador da Rádio Bandeirantes. Entrevista pessoal em 16 de setembro de 2015.

**ROCHA, Elizabeth Mendes Ribeiro da.** Filha de Mendes Ribeiro. Entrevista pessoal em 7 de outubro de 2015.

**RUSCHEL, Filho Ernani.** Filho de Ernani Ruschel. Entrevista pessoal em 23 de setembro de 2015.

**SANTOS, Lauro.** Filho de Cândido Norberto. Entrevista pessoal, via *whatsapp*, em 30 de setembro de 2015.

**SANTOS, Samuel de Souza.** Narrador da Rádio Galera WEB. Entrevista pessoal em 6 de outubro de 2015.

**SILVA, André.** Repórter e narrador da Rádio Gaúcha. Entrevista pessoal em 24 de setembro de 2015.

**SOUZA, Haroldo de.** Narrador da Rádio Grenal. Entrevista pessoal em 2 de outubro de 2015.